Agradecimentos

A Deus pela capacidade de ter conseguido alcançar este objectivo.

À minha mãe pela força e condições que me deu de terminar a minha formação académica, bem como ao meu irmão que ajudou no dia a dia nas mais pequenas barreiras.

À minha noiva Dayane, pelo apoio pronto dia a dia.

Ao meu orientador Ricardo Figueiredo que com o seu vasto conhecimento sobre o assunto e pela cedência de alguma da sua pesquisa iconográfica ajudou-me a estruturar e fundamentar está prova.

Quero agradecer também ao Grupo “B2” pelo apoio académico e emocional que deram em especial à Patrícia Gomes.

Por fim agradeço às entidades e pessoas responsáveis pela facilidade em puder tirar fotos e consultar documentação própria.

G.H.P. - Dr. Marta Henriques

Capela das Almas – Padre Alexandrino Brochado

Augusto Gil – Dr. Paula Miguel e conselho directivo

Pensão do castelo – Dr. João Manuel Vieira Brás

Índice

Resumo / Abstract

0.1 Rua com História 4

Capitulo I
Enquadramentos

1.1 Breve enquadramento histórico da cidade.
1.1.1 Cidade comercial. 6

1.2 Breve enquadramento da freguesia
1.2.1 Origem e sua conformação. 11
1.2.2 Estrato social dos moradores e suas residências. 16

1.3 Almadas e o plano para uma nova cidade
1.3.1 Breve descrição do plano. 26
1.3.2 Ruas próximas. 29

1.4 Breve história da origem da rua. 34

Capitulo II
Analise de plantas

2.1 A dobra da rua. 41
2.2 O inicio da rua. 47
2.3 Abertura das transversais. 54

Capitulo III
Casos Particulares

3.1 Capela das Almas
3.1.1 Azulejaria em Portugal. 60
3.1.2 A Capela. 63

3.2 Casa do Castelo
3.2.1 A imigração "*Brasileira*". 74
3.2.2 Pensão Castelo de Santa Catarina. 75

3.3 Grande Hotel do Porto 89

3.4 Colégio Estrela/Colégio João de Deus/Escola Augusto Gil 101

3.5 Loja Reis & Filhos 114
Arte do ferro

3.6 Café Majestic 120

3.7 Armazéns Nascimento 124

3.8 Outros casos

3.8.1 A rua e seus fotógrafos – Casa Alvão, Fotografia Guedes e Teófilo Rego. 128
3.8.2 Liceu Portuense 130
3.8.3 Casa Ingleza 131
3.8.4 Eléctrico 9 e 15 132
3.8.6 Casa de Saúde de Santa Catarina 135
3.8.7 Livraria Latina 136
3.8.8 Externato de Nossa Senhora da Paz 138
3.8.9 O primeiro de Janeiro 139

Capitulo IV
Levantamento

4.1 Levantamento fotográfico
4.1.1 Edifícios 142
4.1.2 Virados a Sul 146
4.1.3 Acrescentos 147
4.1.4 Montras 149
4.1.5 Mobiliário urbano 156

4.2 Levantamento de usos 157

Anexos

Plantas Gerais do Porto 159

Índice de Imagens 166
Bibliografia 171

Resumo

Rua Santa Catarina e suas Arquitecturas

0.1 Rua com História

A História é um reflexo do presente; ou seja, ao documentarmos o passado inserimos nessa análise os pensamentos e visões actuais sobre o tema. Estamos então a contar duas histórias numa só. Duas histórias únicas.

Para mim fazer uma pequena síntese de parte da história desta rua, do ponto de vista arquitectónico, foi motivador não só pelo facto de ter ligações pessoais à mesma, mas também pela oportunidade de estudar a criação e composição de uma rua portuense em si.

Estudar a arquitectura vai muito além de analisar plantas, cortes e alçados. Na maioria dos casos estes elementos gráficos são um mero resultado de tendências, gostos, possibilidades e funcionalidades. Mesmo a parte que apelidamos de artística está condicionada a factores externos à arte de fazer arquitectura.

Rua onde Reis portugueses e estrangeiros passaram e pernoitaram no seu Grande Hotel; Rua onde nasceram e casaram poetas; Rua onde pensadores se envolviam em tertúlias no seu famoso Café Masgestic; Rua onde se instalaram varias publicações e revistas regionais e nacionais; Rua onde foi filmado o primeiro filme português; Rua onde Instituições e Associações várias da sociedade se instalaram; Rua onde Estabelecimentos de ensino funcionaram e funcionam; Rua onde viveram Barões e Viscondes; Rua onde políticos pernoitaram; Rua que nenhum político despensa hoje em dia na sua campanha; Rua de livrarias pioneiras; Rua de shopping e de comercio intenso. Está é a Rua de Santa Catarina do passado e do presente.

Verifiquei que muitas das “lutas” actuais pelas quais a arquitectura e o urbanismo passam já tinham sido superadas no passado, quer seja pela força do poder institucional quer seja pelo engenho progressista. Trata-se aqui de entender um plano e seu contexto social, resultando numa forma arquitectural. Dizia em 1856 Alexandre Herculano que “*O destino dessa terra, que deu o nome ao país, parece ser o de dar o primeiro impulso a tudo o que é grande, liberal, sincera e verdadeiramente progressivo.*”

Do projecto progressista dos Almadas pouco resta a um primeiro olhar, mas a base, o grande plano da construção da Rua e os traços orientadores são cumpridos a seu tempo. Das edificações primeiramente desenhadas para a rua pouco fora edificado e do que fora edificado está já modificado pelas necessidades de adaptações das edificações aos tempos sucessivamente. Do rés-do-chão da rua pouco resta do passado, a transfiguração que a montra impõe não permite manter na maioria dos casos a configuração original. A rua há noite transfigura-se novamente e ganha outra vida através dos anúncios e placares publicitários bem como das montras que em conjunto abafam, na maioria, o perfil rico em diversidade da rua criando um outro perfil, o nocturno.

Hoje em dia na disciplina de urbanismo fala-se de um fenómeno sobre a perda dos limites do urbano e da cidade, porem como podemos verificar pela cidade do Porto, esta noção de limite afirmado e linear (através de muralhas) já se perdeu há muito tempo. Naquela altura houve um plano para controlar essa situação. Temos de ter em conta que o poder absoluto do sistema de então permitia tal sem margem de erro.

Abstract

Santa Catarina street and its Architectures

0.1 Street with History

The story is a reflection of the present, namely, while we are documenting the past we are also including in this analysis the current thoughts and views on the topic. We have two stories in one. Two single stories.

For me, to make a small summary of the architectural history of this street, was motivator not only by personal connections to the street but also for the opportunity to study the creation and composition of one of the most important streets of Oporto.

Studying architecture goes far beyond examine plants, cutts and elevations. In most cases these graphics are a simple result of trends, tastes, possibilities and functionalities. Even the part that we call “artistic” is conditioned by external factors of the architecture art of making.

Street where Kings Portuguese and foreign passed and stayed in his Great Hotel; Street where were poets born and married; Street where thinkers were involved in gatherings on his famous Coffee Masgestic; Street where several publications, regional and national, and magazines are published; Street where it was filmed the first Portuguese film; Street where various Associations and Institutions of society have settled; Street where schools have act until today; Street where lived Barons and Viscounts; Street where politicians overnight; Street that no politician can’t ignore on his campaign; Pioneering Bookstore Street; Shopping Street with intense trade. This is the Santa Catarina Street of the past and present.

I noticed that many of the actual "struggles" in which the current architecture and urban planning are imerged, had been already overcomed in the past, either by virtue of institutional power either by progressive initiative. We must understand a plan and its social context to know the resulting architectural form. Alexandre Herculano said in 1856 that *"The fate of this land, which gave its name to the country, seems to give the first impulse to all the great, liberal, sincere and truly progressive."*

Of the progressive project of Almadas in a first glance remains little, but the core of the building great plan of the street guiding lines were completed until dead lines. Of the first buildings designed for the street few had been built, of the ones that were built are already modified by the need for adjustments along the times. Of the street ground floor little remains from the past. The transfiguration that showcase require does not allow, in most cases, to keep the original configuration. The street, at night, transfigures once more, and gain another life through the ads and advertising placars as well through the storefronts, that together almost neutralize the rich diversity profile of the street, creating another profile, the night one.

Nowadays in the discipline of urbanism we talk about a phenomenon that were the lost of the limits of urban in the city, but we can see the city of Oporto, this notion of limit stated and linear – through city walls - had been lost long time ago. At that time there was a plan to control the situation. We must take into account that the absolute power of the system then allowed no such mistake margin.

Capitulo I

Enquadramentos



Figura 1 - Vista parcial da cidade do Porto no século XX – Fotografia Alvão

1.1 Breve enquadramento histórico da cidade.

Cidade comercial

"*Guardador de três províncias e tendo nas suas mãos as chaves dos haveres delas, o seu aspecto é severo e altivo… Mas não o julgueis antes de o tratar familiarmente. Não façais cabedal de certo modo áspero é rude que lhes haveis de notar. Trazei-o à prova, e achar-lhes-eis um coração bom, generoso e leal. Rudeza e virtude são muitas vezes companheiras; e… entre nós talvez seja quem guarda ainda a maior porção da desbaratada herança do antigo carácter português…*"[1]

Este é um dos inúmeros retratos que poetas, escritores e pensadores, como Alexandre Herculano, fizeram sobre a cidade do Porto e suas gentes, bem como seu ambiente do qual faz parte a arquitectura. Há em vários escritos uma forte adjectivação, emblemática, no que diz respeito à cidade. Assim, os adjectivos: característico e único, estão intimamente ligados à cidade. Desta mesma forma podemos associar a Rua de Santa Catarina a tais adjectivações.

Nesta brevíssima introdução histórica da cidade há um enfoque na questão comercial visto ter sido um dos principais motivadores do desenvolvimento urbano da Cidade. Igualmente se torna interessante a vertente mercantil da cidade para esta dissertação, pois a rua em estudo é hoje considerada a *"rua comercial"* mais importante da cidade e trazendo consigo esse renome.

Actualmente esta comprovada, através de vestígios do paleolítico, a passagem pela região de seres humanos associando assim este território aos primórdios da História humana.

1 Alexandre Herculano, 1861, Citado in: RAMOS, L. Oliveira (coord.) - História da cidade do Porto, Porto, Porto Editora, 1994, pag. 19.

Dando um grande salto temporal até à alta idade media importa referir que a cidade do Porto era então uma *urbe* amuralhada, sendo ela um ponto de convergência de várias vias que funcionavam como elo com as demais terras e regiões. A sua localização estratégica no território e sua dinâmica seria fundamental para o desenvolvimento do então burgo através da actividade mercantil.



Figura 2 – Gravura da Cidade do Porto no ano de 1791. Neste ano a rua de Santa Catarina já tinha começado a ser rasgada por entre campos e quintas.

Na Idade Media, as feiras eram os principais locais para troca de bens, contribuindo estas para a afirmação da cidade a nível regional. Na primeira carta régia de D. Sancho I, datada de 1186, o monarca determina que se faça um Mercado junto ao actual Largo da Sé.

Em 1123, passados três 3 anos da entrega ao bispo do porto, D. Hugo, por parte da rainha D. Teresa de vastos terrenos que ficariam ao seu encargo, o Porto (seus moradores) recebe a sua carta de foral. Está, crê-se, é de tal forma generosa que o Porto teve um afluxo de habitantes enorme. O teor desta carta foral fora inspirado na de Sahagún que é liberal, revelando-se também inovadora no que diz respeito ao incremento comercial.

Em 1147 o Porto era ainda uma cidade *mínima*, nesta altura Santo Ildefonso, que é o nome da actual freguesia a que pertence a rua de Santa Catarina, *"era uma ermidinha num cerro"* já visível por detrás da cividade, como afirma [M. L. REAL, 1984].

Já no século XIII o Porto avança e galga para fora da cerca velha. Na Europa já havia sido comum este fenómeno urbano, porém em Portugal só mais tarde se concretiza devido, em grande medida, a

Portugal e Castela estarem empenhados na Reconquista Cristã da Península Ibérica e consequentemente este esforço e instabilidade social não permitiu o crescimento da população assim como vencer o medo de viver fora dos limites amuralhados.

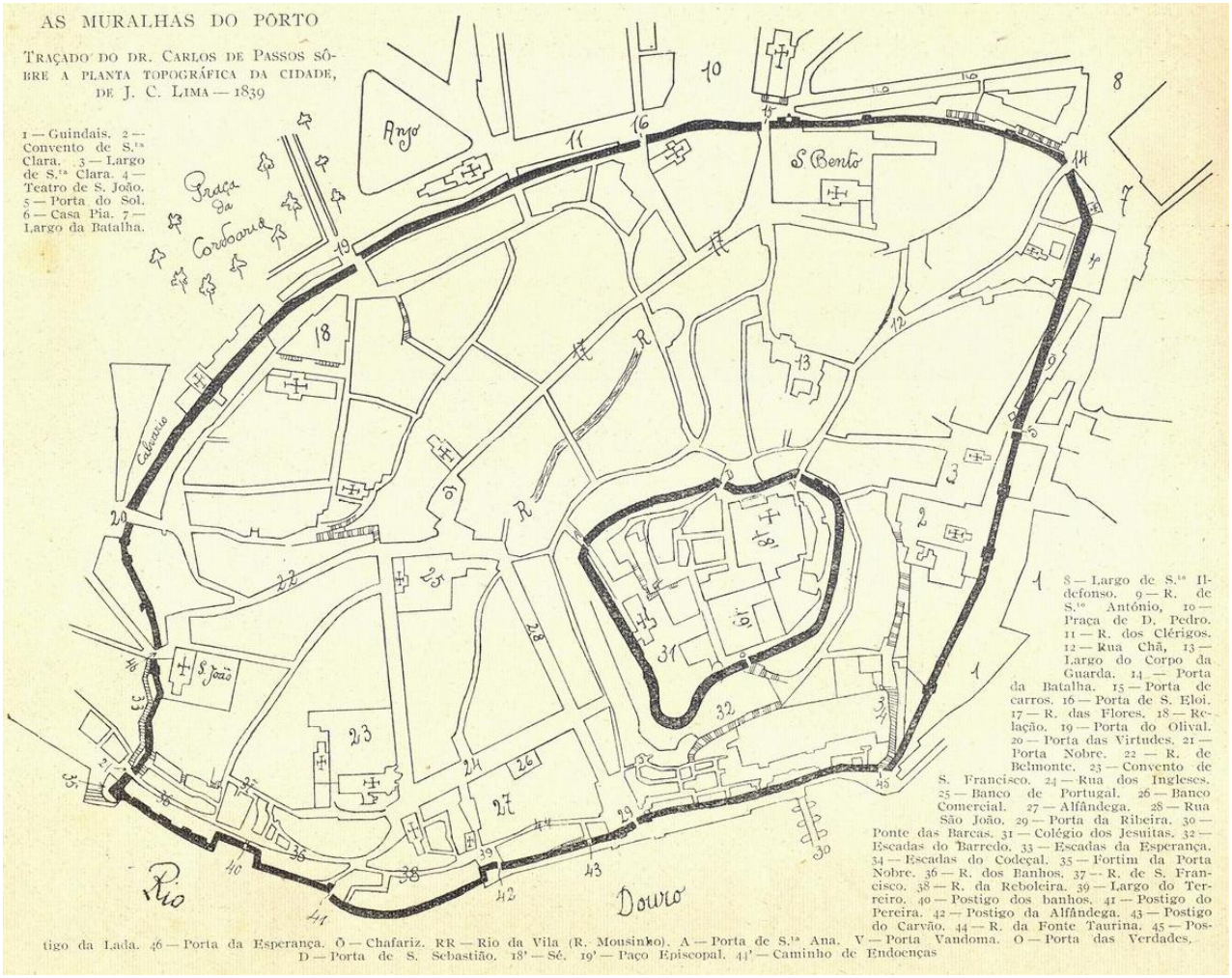


Figura 3 - A cidade e suas muralhas demonstrando o expandir em camadas concêntricas.

A Historia urbana do Porto é, à semelhança de algumas cidades, um constante expandir em volta de um núcleo central – neste caso o paço episcopal – extravasando os limites físicos das muralhas entretanto erguidas. Podemos afirmar que é num destes contextos de extravasamento que surge o Plano do Almadas na qual está incluída a rua em estudo. A cidade alta, dominada pela catedral, contraponha-se à cidade baixa, burguesa e comerciante. Da "Rua Fermosa" aberta em 1385 podia-se avistar, bem alinhada, a pena ventosa onde se encontrava a Sé.

Hoje em dia esta artéria da cidade está intimamente conotada com a actividade comercial dita tradicional. O Porto desde as origens do burgo tem vindo a ser conotado como uma região de difícil habitação por parte de burgueses, afirmando os portuenses, em carta ao Rei em 1470, que o lugar era muito estéril como nenhuma outra cidade. Os mesmos caracterizavam a cidade pela palavra fraga criando deste modo um argumento político para a manutenção de privilégios antigos assim como a obtenção de novos.



Figura 4 – Vista da cidade e Ponte Pênsil em 1878 realizada por Isidore Deroy (1797-1886)

Numa citação de 1466 diz (AHMP, L.º B) que "*a cidade não são os muros nem as casas, mas a gente*" notoriamente aqui o autor quer chamar a atenção que o porto não vale pelo edificado somente, mas também pelo comércio e indústria e consequentemente por que exerce as actividades.

No meio do século XVII, assiste-se no Porto a casamentos entre estes dois estratos (burguesia e nobreza) da sociedade de então.

De igual modo Júlio Dinis instrui que se passa algo semelhante com famílias estrangeiras a residir na cidade e as famílias locais. No entanto esta união entre fidalgos, alta burguesia e proprietários rurais, verifica-se um pouco por todo o Pais bem como pela Europa.

Júlio Dinis, em meados de 1800, referindo-se ao velho burgo, indica-nos que predomina a "*loja, o balcão, o escritório, a casa de muitas janelas e extensas varandas em ruas estreitas, (…) aquelas onde mais se compra e vende, onde mais se trabalha de dia, onde mais se dorme na noite*"[2]. Uma vez mais entendemos nesta citação a importância urbana do comércio aliada a uma vertente arquitectónica.

Noutra citação, esta já recente e sobre a história da cidade afirma-se que "*a grandeza vitícola, negociante e libertária da cidade, em articulação com os habitantes de outros bairros da cidade, lar apetecido de ingleses ou moradia de antigos comerciantes portugueses no Brasil, testemunhos vivos do comércio portuense com a Europa e o Atlântico Sul*"[3] demonstrando assim a dimensão internacional que

2 DINIS, Júlio – Uma Família Inglesa (cenas da vida do Porto), Porto, 1868.
3 RAMOS, L. Oliveira (coord.) - História da cidade do Porto, Porto, Porto Editora, 1994, pag. 20.

atingira a cidade através do seu lado mercante. Esta internacionalização leva a uma importação e troca de influências arquitectónicas para a cidade.

É de facto interessante notar a presença forte da actividade comercial na cidade. Tal parece dominar a sociedade a ponto de Rebelo da Costa, citado no livro de Ricardo Jorge, em fins de Oitocentos afirmar: "*filhos de mercador tripeiro são por estirpe destinados ao negócio (…) O comércio terrestre e marítimo é de tal modo paixão dominante dos habitantes, que os filhos-família que por ordem dos pais seguem carreiras escolares (…) desistem dos seus talentos académicos, revertendo-se à profissão atávica. De casos desta propensão poderíamos citar em nossos tempos fartos e significativos exemplos: o próprio magistério deu no Porto pessoas de monta ao tráfico, aos bancos às indústrias*"[4]



Figura 5 – Vendedor de Aves em 1800


Figura 6 – Cais de Gaia com o Porto ao fundo. Gravura de 1817 mostrando o desembarque das pipas do Vinho do Porto. Num segundo plano vemos ainda a Ponte das Barcas.

No século XIX a cidade liderava o comércio, as finanças e a indústria nacionais. Esse apogeu é acompanhado por um forte movimento associativo e por um significativo progresso artístico e científico, sendo fundadas diversas associações como a Escola Médico-Cirúrgica, a Academia Politécnica e a Escola de Belas-Artes. Viveram-se tempos de intensa actividade cultural e artística. Nas Letras mereçam destaque o facto de entre 1820 e 1877 terem sido editados na cidade mais de trezentos boletins, revistas e jornais. Nessa época a cidade foi dotada de grandes equipamentos públicos e de novas estruturas viárias.

Para rematar esta síntese histórica ainda apraz mencionar que a aristocracia e a nobreza do século XIX continuam ligadas à cidade mas não mais dentro dos limites da cidade. Desta feita preferem morar em quintas nos arrabaldes que outrora foram usadas como residências daqueles que tinham o privilégio de ter férias. Seria, segundo Alberto Pimentel (em 1893), este um dos motivos pelo qual não existem "antigos palácios do Porto".

4 JORGE, Ricardo Demographia e Higiene da Cidade do Porto, Porto, 1899.

1.2 Breve enquadramento da freguesia.

1.2.1 Origem e sua conformação.

Com mais de 350 anos de história a freguesia de Santo Ildefonso hoje situa-se no "coração" da cidade numa área onde acontece grande parte da fenomenologia urbana. Apesar do seu fluxo dinâmico os seus moradores são, em percentagem, menores do que no resto da cidade. No entanto e na freguesia que hoje que se encontra das maiores actividades comerciais e um numero elevado de serviços.

Devido a um grande incêndio, nos finais do século XIX numa noite de Santo António, no edifício que albergava então a Escola Paroquial e a secretaria da Junta a informação histórica sobre a freguesia não é muito ampla.

Sobre a sua criação aparece uma referência num exemplar da revista "*O Tripeiro*" n.º 19 (1º Ano), de 1 de Janeiro de 1909. Na página 14, sob o título "*VÁRIA*" a terceira referência é: "Freguezia de Santo Ildefonso – A Freguezia de Santo Ildefonso no Porto formou-se a 24 de Junho de 1634". Continuando a leitura da publicação, desta feita o n.º 22, de 1 de Fevereiro de 1909, encontra-se a seguinte informação: "*ainda naquela data (11/9/1759), a freguesia de santo Ildefonso descia ate ao douro e compreendia tudo o que e hoje d'esta freguesia de são Nicolau, desde os muros dos guindaes ate aos limites de Campanhá".*

Noutra publicação da mesma revista, datada de Dezembro de 1909, num texto assinado por Ricardo Jorge, informava que "*ate 1836 consta o porto propriamente de sete freguesias, se, Victória, S. Nicolau, Santo Ildefonso, Miragaia, Massarelos e Cedofeita (…) Pelo decreto de 26/11/1836 foram-lhe anexadas Lordelo do Ouro, Campanhã e S. João da Foz; e por carta de lei de 27/8/1837, nova anexação, a de Paranhos. A desigual distribuição destas freguesias pedia reforma das suas circunscrições; deste plano tomou a iniciativa o bispo eleito, e aprovado superiormente o seu projecto de portaria de 13/2/1838, procedeu-se a nova demarcação, fixada por uma comissão onde entrava o bispo, a câmara e delegados das juntas de paróquia. Santo Ildefonso, de uma área enorme, foi desmembrada, creando-se à sua custa uma nova freguesia, a do Senhor do Bonfim. O arredondamento paroquial de 1838 só foi sancionado pelo decreto de 11/12/1841, sob o referendo de Costa Cabral (…)".*

Perante tais dados podemos entender que a repartição administrativa da cidade se alterou desde a criação da freguesia e em consequência a influência de puderes sobre o património edificado.

Creio ser consensual defender que Santo Ildefonso era inicialmente um arrabalde, extramuros, assim como a paroquia mais extensa. "Tocando" na muralha Fernandina teria os seus limite a nascente no Senhor do Bonfim, a poente nos assentos das Virtudes e a norte era limitada pela Igreja da Lapa, fazendo a freguesia fronteira com Campanhã, Paranhos, Cedofeita e Miragaia. Mas os limites da freguesia foram sendo modificados. Mas não foi em 1838 que houve mudanças nos limites das freguesias da cidade, de facto o espectro destas foi alterado inúmeras vezes nos seus limites de forma confusa. Tantas foram as mudanças que muitas das vezes as mesmas eram consecutivamente postas em causa. Esta confusão só veio a terminar por um decreto assinado a 8 de Fevereiro de 1956 por Francisco Lopes e António de Oliveira Salazar, respectivamente Presidente da República e Presidente do Conselho de Ministros, entre outros signatários.



Figura 7 – Limites da Freguesia de Santo Ildefonso em 1956 desenhadas sobre a planta do Porto de 1892.

No texto desse decreto a sua delimitação era esta: *"Santo Ildefonso – Com início na Avenida de Rodrigues de Freitas, no cruzamento com a Rua de S. Vitor (vértice comum às três freguesias: Santo Ildefonso, Bonfim e Sé), segue pela Rua de D. João IV até à Rua da Firmeza, Rua da Firmeza, para poente, até à Rua da Alegria, Rua da Alegria, para norte, até à Rua da Escola Normal. Rua da Escola Normal, Rua de Santa Catarina para norte, arruamento nascente da Praça do Marquês de Pombal. Rua da*

Constituição, para poente, até à Rua de S. Brás e por esta rua, para sul, até à Rua do Paraíso, Rua da Regeneração, arruamento nascente da Praça da República. Rua do Almada até à Rua de Ricardo Jorge, onde fica o vértice comum às três freguesias: Cedofeita, Santo Ildefonso e Vitória. Rua do Almada, para sul, até à Rua dos Clérigos, onde fica o vértice comum às três freguesias: Vitória, Santo Ildefonso e Sé, seguindo, para nascente, pelo arruamento sul da Praça da Liberdade. Praça de Almeida Garrett, Rua da Madeira até à Praça da Batalha e deste ponto até à parede divisória dos prédios n.^{os} 19 e 20 da Praça da Batalha e daqui, contornando a propriedade do Teatro Águia de Ouro, até junto ao cunha sudoeste do prédio n.^{0} 1 da Rua de Entreparedes. Rua de Entreparedes, para nordeste, e Avenida de Rodrigues de Freitas até à Rua de S. Vitor."

Salvo, algumas excepções de grosso modo são estes os limites que vigoram até os dias de hoje.

Sobre a data de criação da freguesia parece necessário referir a data de 1623 onde D. Rodrigo da Cunha faz um quantitativo ao que chamou "*Santo Ildefonso*" onde referia a existência de 1150 habitantes dos quais 150 eram de menor idade. Mas as referencias a Santo Ildefonso não se limitam a estes anos. Numa certidão da Câmara Municipal, a pedido do Juiz e Mesários da Confraria do Santíssimo Sacramento e Senhor Jesus da freguesia de Santo Ildefonso, a Câmara indicava que em 1551 já havia referencias. Na certidão constava que "*Rodrigo Freire de Andrade Pinto de Sousa, escrivão da illustrissima câmara desta cidade do Porto e seu termo por sua Magestade Fidelissima que Deos guarde, faço certo que do livro das vereaçoens do anno de mil e quinhentos e sincoenta e hum, a folhas sete verso, consta ser a parrochia da Sé a unica em toda a cidade dando motivo a esta declaração tomada em Camara em Congresso de povo se sim ou não deverião haver confrarias do santíssimo sacramento nos conventos de Sam Francisco e Sam Domingos para o povo poder assistir as procissões dos domingos terceiros, visto que não cabia na Sé nesses dias e não havia outra parrochia ou confraria no anno de mil e quinhentos e secenta e hum em huma sentença no livro segundo dellas a folhas cento e quarenta consta haver freguezia em santo ildefonso arrabalde da cidade assim como o haverem já as novas igrejas na cidade no anno de mil e quinhentos e oitenta e quatro e nellas estabellecidas as confrarias do santissimo sacramento para as quaes pertendia o senhor bispo concorresse a confraria do santissimo sacramento da Sé com quatro tochas para cada huma ao que se opozerão em camara negando-se aquella requezição".*

Domingos Moreira situa, num dos seus estudos, o nascimento desta freguesia entre 1623 e 1687. Será o mais sensato limite temporal a afirmar tendo em vista os dados e a variedade de datas afirmando a sua criação, tendo no entanto a consciência que há já intenções (de 1561) da sua criação antes da data em que ocorreu. Um dos dados que parece constante é o número de pessoas a residir nesse espaço que anda entre mil a dois mil "almas".

Resumidamente refiro aqui vários números no que diz respeito a densidade e urbanidade da freguesia ao longo dos anos. Constamos então que em 1623 ela conta com 1150 pessoas, em 1706 com 2134 pessoas e 589 fogos, em 1732 teria 4747 pessoas e em 1788 teria 18814 pessoas e 4390 fogos. Nesta pequena amostra repara-se o enorme salto quantitativo da população devido aos planos, concretizados em grande parte, dos Almadas. Comparando a freguesia com as demais da cidade, como

vemos neste mapa[5] demográfico de 1786, podemos entender a importância que esta ganha num contexto de expansão e urbanização da cidade.

	Nascimentos				Falecimentos		
Freguesias	Casam.	Meninos	Meninas	Total	Homens	Mulheres	Total
SÉ	102	712	676	1388	458	382	840
S. NICOLAU	35	75	87	162	68	31	99
VITÓRIA	38	79	70	149	69	42	111
STO. ILDEFONSO	128	258	228	486	188	235	423
CAMPANHÃ	18	39	47	86	24	29	53
MIRAGAIA	24	33	35	68	16	26	42
MASSARELOS	14	22	25	47	12	17	29
CEDOFEITA	35	55	63	118	53	31	84
S. MARINHA	50	84	90	174	86	99	185
S.CRISTÓVÃO	10	32	26	58	15	23	38
TOTAL	454	1389	1347	2736	989	915	1904

Mapa demográfico de 1786.

Neste outro quadro[6] sobre dados de 1787 vemos a densidade da cidade e rendimentos das freguesias. Santo Ildefonso destaca-se por ser a mais habitada e a que mais rendimento dá às autoridades da cidade, embora em proporção dos rendimentos totais da cidade sobre número de pessoas a freguesia paga relativamente menos que o resto da cidade. Temos de ter em conta, como já vimos anteriormente, que os limites da freguesia neste ano nada tem haver com os actuais.

Freguesias	Padroeiros	Fogos	Homens	Mulheres	Total	Rendimento
SÉ	Mitra	3185	6838	7054	13892	600$
S. NICOLAU	Mitra	1374	2524	2765	5289	600$
VITÓRIA	Mitra	1281	2980	2672	5652	480$
STO. ILDEFONSO	Tesouro Mór da Sé	4390	9896	8918	18814	1200$
CAMPANHÃ	Ordinário	868	1530	1654	3184	400$
MIRAGAIA	Mitra	661	1359	1398	2757	400$
MASSARELOS	Prior de Cedofeita	324	737	808	1545	80$
CEDOFEITA	Prior de Cedofeita	805	2389	1672	4061	250$
S. MARINHA	Cabido do Pôrto	1692	3082	3203	6285	600$
S.CRISTÓVÃO	Papa e Convento da Serra	558	1035	991	2026	1000$
TOTAL		15138	32370	31135	63505	5610$

Rendimentos das freguesias no ano de 1787.

5 - DA COSTA, Padre Agostinho Rebelo, Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto, Edições Porgredior, Gaia, 2ª edição, 1945, Pag 51.
6 - DA COSTA, Padre Agostinho Rebelo, Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto, Edições Porgredior, Gaia, 2ª edição, 1945, Pag 49.

A rua de Santa Catarina irá ser uma das primeiras a ser abertas nesta freguesia. A igreja de Santo Ildefonso que se encontra junto ao início da rua, vem mencionada num documento do século treze e ainda em 1560 se erguia no meio de um campo junto de um souto de Carvalheiras.

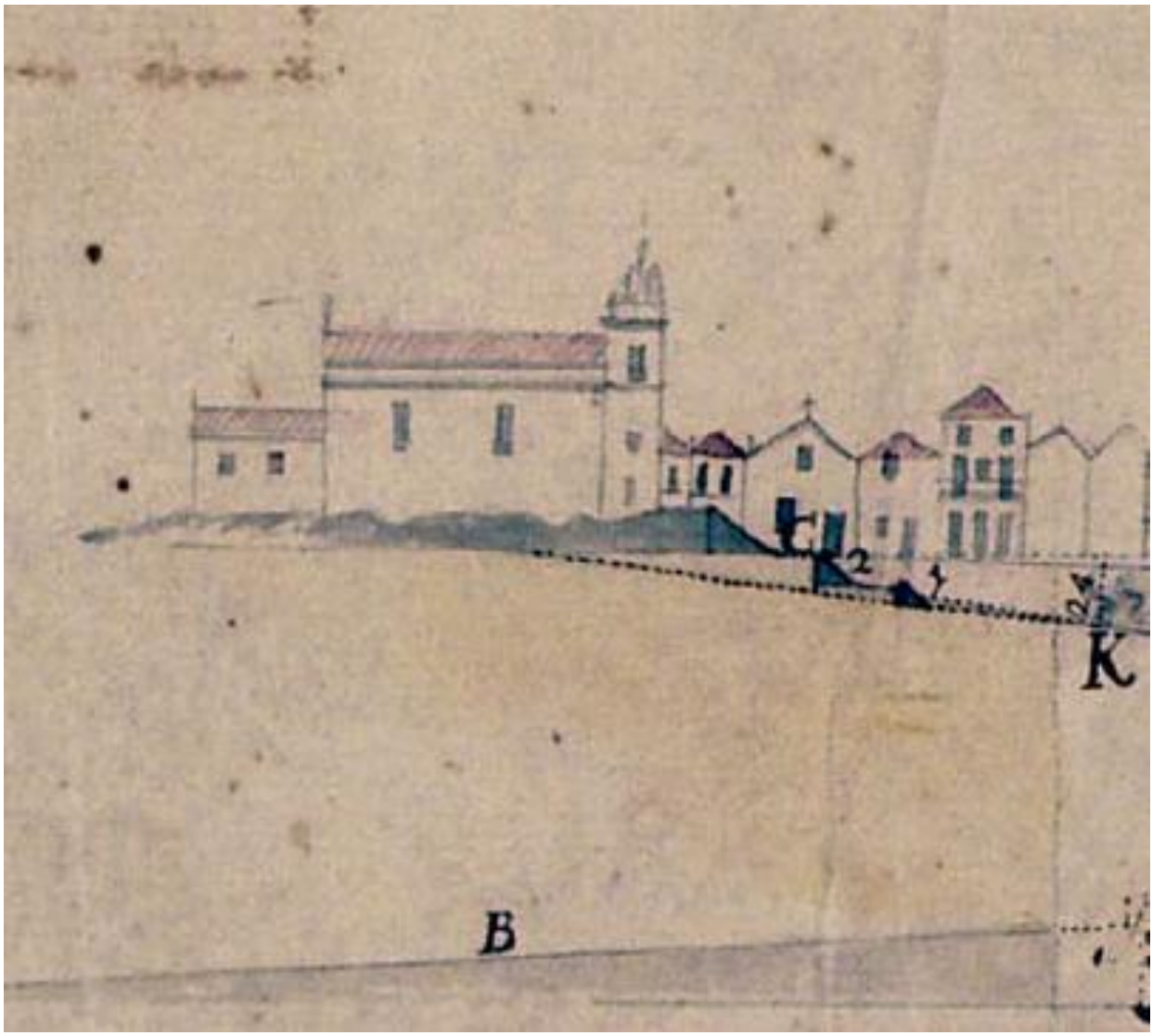


Figura 8 – Pormenor de um perfil de 1793 no qual vemos o perfil da Igreja de Santo Ildefonso.

1.2.2 Estrato social dos moradores e suas residências

Antes de entrar em considerações puramente urbanísticas e arquitectónicas à que entender o contexto social e económico da cidade, em particular desta freguesia, que se materializará numa forma que hoje conhecemos, parcialmente, da rua e da sua envolvente. Para tal este item irá debruça-se sobre a segunda metade do século XIX e apoia-se num estudo realizado por Maria Antonieta Cruz. [7]

"*Na segunda metade do século passado, o Porto parece ter sido uma cidade de imagens múltiplas. A zona mais populosa, mais rica e mais culta era dominada pela burguesia comercial residindo no centro da urbe. Este espaço foi-se ampliando no decurso do período analisado, e nele cresceu o peso dos patrões industriais. Existia também uma "cidade rural", limítrofe, em vias de extinção, dando lugar a uma "cidade periférica", igualmente pobre e inculta, lar privilegiado dos trabalhadores braçais.*"[8] Este pequeno parágrafo resume bem a situação social e urbana da cidade na segunda metade do século XIX.

Um estudo realizado por Maria Antonieta Cruz sobre os eleitores recenseados em 1847, 1860 e 1880 permitiu ter noções da distribuição dos mesmos na cidade. Logo numa primeira análise se constatou uma clivagem entre os rendimentos dos eleitores (22 626) abrangidos neste estudo. Os eleitores de maiores posses encontravam-se nas ruas centrais da cidade. Através dos rendimentos apresentados dos eleitores das ruas centrais pode-se afirmar que estes seriam negociantes, funcionários públicos, alguns oficiais generais e superiores e muito poucos empregados públicos, quadros superiores de empresas privadas e alguns profissionais liberais bem como proprietários. Excepcionalmente, encontrámos, nas mesmas condições económicas, membros do clero, oficiais subalternos, agricultores e empregados de escritório. Tais dados, que permitem esta conclusão, não se alteram nos sensos de 1860 e 1880. Há no entanto uma quebra assinalada de bons rendimentos nas freguesias de Miragaia e Massarelos e um crescimento relativo nas de Santo Ildefonso e Bonfim. Não quer dizer que houve uma fuga do Porto antigo para as freguesias limítrofes das pessoas de maiores posses.
Segundo Maria Antonieta Cruz, em 1880 acentua-se uma clivagem entre o centro e a periferia, sendo notório que às freguesias com menor percentagem de altos rendimentos corresponde a uma franja da população classificados como "trabalhadores manuais e operários urbanos".

A análise dos recenseados prova a existência de um centro urbano dominado pelo patronato na sua maioria comerciante, bem como de uma periferia onde era grande o número de operários urbanos. No entanto, a sua opção residencial era variada em função da sua actividade desenvolvida.

Este estudo do domicílio dos eleitores portuenses não permite dizer que existam zonas na cidade onde os de maior rendimento se encontram isolados dos de menor rendimento, no entanto verifica-se uma maior coabitação entre estes no Porto antigo do que nas freguesias limítrofes, visto que, a burguesia se recusava em grande medida a viver na periferia que estava conotada, em grande medida, com a "*transformação dos rurais em operários urbanos, decorrente do inegável incremento industrial, num*

7 CRUZ, Maria Antonieta – *Os Burgueses do Porto Na Segunda Metade do Século XIX*. Fundação Eng. António de Almeida. Porto, Março 1999.
8 CRUZ, Maria Antonieta – *Os Burgueses do Porto Na Segunda Metade do Século XIX*. Fundação Eng. António de Almeida. Porto, Março 1999. Pag. 558.

contexto de alargamento da cidade, que foi abarcando nos seus limites freguesias anteriormente dominadas pelas actividades do sector primário (...)"[9]

Os trabalhadores da indústria, dentro do leque de trabalhadores braçais, foram aqueles que mais se dispersaram pela cidade. A sua presença é mais significativa, em 1880, em algumas ruas da cidade, entre as quais Santa Catarina que conta com 39 moradores desta categoria socioprofissional.
Notando que há uma diversidade profissional, económica e cultural nas diversas áreas da cidade é interessante pelo menos notar que em 1847, 1860 e 1880 os "agricultores" moravam maioritariamente nas freguesias de Cedofeita, Lordelo, Bonfim, Campanhã e Paranhos. Em 1880 as freguesias de Santo Ildefonso, Paranhos e sobretudo Sé, Bonfim, Campanhã e Cedofeita tem o maior número de "trabalhadores manuais e operários urbanos" recenseados. A maioria dos empregados ao serviço de empresas privadas optava por habitar na freguesia da Vitoria e Sé, porem muitos escolhiam também Santo Ildefonso, S Nicolau e Cedofeita.

Esta opção clara, deste último grupo profissional, está já ligada a uma questão funcional. Tratava-se de habitar perto do local de trabalho fomentando igualmente a convivência entre seus pares.



Figura 9 - Homem e mulher dos arrabaldes do Porto, vindo da romaria do Sr. de Matosinhos.



Figura 9a - Galinheira no Porto.



Figura 10 – Mercado do Bolhão, inaugurado a 9 de Julho de 1862, no seu topo norte vendo-se em cima a coluna em memória do rei D. Pedro V. A coluna era de granito e tinha sete metros de altura com a sua base num pedestal.

A freguesia de Santo Ildefonso, juntamente com as demais freguesias limítrofes do Porto, quer a ocidente quer a oriente, eram procurada para habitação de pessoal subalterno da administração pública. Numa consequência do desenvolvimento do sector secundário os donos de oficinas procuram o centro da Cidade, mas também, por certo, seria um reflexo de um desejo dos mais bem sucedidos coabitarem com os mais prestigiados, abandonando assim a periferia onde a presença de tais actividades permanecerá.

Através de pedidos feitos à autarquia, para construção de novos edifícios verifica-se que Santo Ildefonso é uma das freguesias que regista um número maior de pedidos.

Santo Ildefonso é também conhecido por ser uma das freguesias que os emigrantes portugueses escolhiam para edificar a sua morada após o retorno da sua "aventura", como diz Maria Antonieta Cruz: "Os capitalistas, que só assumem relevância quantitativa em 1880, residiam sobretudo em Santo Ildefonso e Bonfim, freguesias do Bairro Oriental que Júlio Dinis afirmava ser "*principalmente brasileiro, por mais procurado pelos capitalistas, que recoh[iam] da América", para desfrutarem dos rendimentos*

9 CRUZ, Maria Antonieta – *Os Burgueses do Porto Na Segunda Metade do Século XIX*. Fundação Eng. António de Almeida. Porto, Março 1999. Pag. 355.

acumulados."[10] É portanto uma parte da cidade onde se juntam dois tipos de exibicionismo arquitectural, quer seja por parte daqueles que conquistam um novo patamar económico na sociedade dentro da cidade, quer por aqueles que retornam á cidade vindos de fora.

Uma das constatações da investigadora Maria Antonieta Cruz é que o número de elegíveis, percentualmente, para o parlamento nacional, era mais alto na freguesia de Santo Ildefonso em 1880. Os elegíveis, durante toda a monarquia constitucional, tinham de comprovar a posse de rendimentos colectáveis muito superior aos restantes eleitores. Esta imposição era apenas dispensável para alguns detentores de graus académicos previstos na legislação eleitoral. O estudo revela também já ser em 1847 e 1860 uma das freguesias com melhores percentagens. Analisando ainda outros dados conclui-se que entre 1850 e 1890 Santo Ildefonso é a freguesia que mais elege vereadores, entre 15 a 20, para a Câmara Municipal. Parece evidente que a freguesia era já nesta época portadora de um status para quem nela habitasse.

Atendendo a estes dados podemos entender que a freguesia, onde pertence a rua Santa Catarina, era uma freguesia de contrastes e de convivência entre eles. Nisso a meu entender poderemos ver no segundo segmento da rua (a bela da princesa) com a diversidade da qualidade de habitações edificadas vendo quase lado a lado casas de piso térreo e primeiro piso e casas de "tipo nobre".

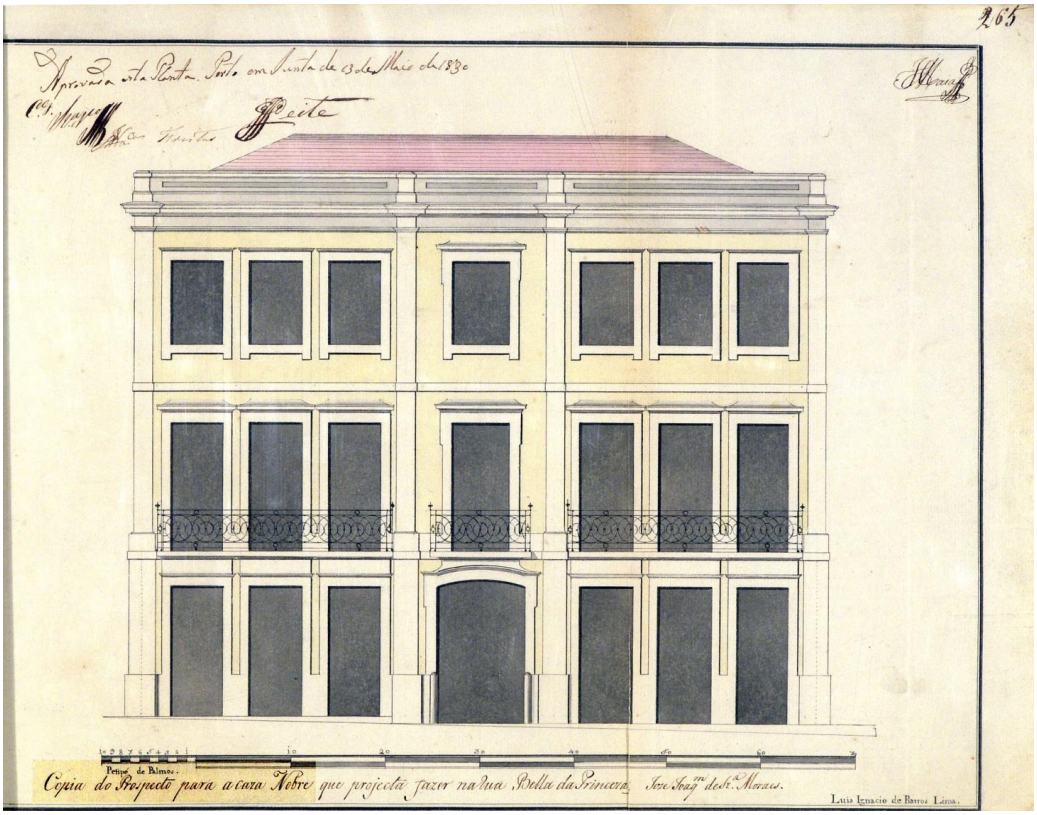


Figura 11 – Casa projectada para a Rua "Bella da Princeza" em 1830.

10 CRUZ, Maria Antonieta – *Os Burgueses do Porto Na Segunda Metade do Século XIX*. Fundação Eng. António de Almeida. Porto, Março 1999. Pag. 351.

Visto o panorama sociocultural e profissional da cidade passamos a analisar os edifícios da cidade.

A habitação portuense do século XIX foi descrita por alguns literários oitocentistas dentre os quais Alberto Pimentel que descreveu assim, em 1878,a casa portuense: "*… é independente, confortável, clara, arejada; tem o seu quintalinho com as suas roseiras, os seus alecrins, os seus lilazes. Das janellas que dão para o quintal vê-se, atravez das taboinhas… verdejar a côma do arvoredo, florejar sobre elle a mão da primavera. Entram pela casa dentro os chilidos dos pássaros. A luz dos aposentos, coada pelo arvoredo e pelas taboinhas, tem uns doces tons d'esmeralda. Há uma grande placidez honesta em tudo aquillo, e, sem sair d'ali para fora, tudo se encontra dentro de casa, o campo e a cidade*."[11] Há que mencionar que Pimentel esqueceu-se de referir as mais de mil ilhas da cidade onde cerca de onze mil habitações se encontravam. A cidade de então contrastava com a cidade limpa e salubre dos Almadas projectada na segunda metade do século XVIII. A peste bubonica, de 1899, atingiu a cidade. Aparentemente a freguesia de Santo Ildefonso não teria sido grandemente afectada, concentrando a peste mais na Ribeira, Bonfim, em volta do mercado do pão e Bairro Alto e nas ilhas da cidade. A canalização e esgotos só aparecerem representados nas plantas das casas a partir do fim do século XIX revelando este cuidado projectual a história passada.



Figura 12 – "Ilha" na rua de Santa Catarina nº 957 no ano de 2010.

11 PIMENTEL, Alberto, *O Porto por Fóra e por Dentro*, Porto, Ernesto Chardron, 1878, pp. 212-213

O Porto, segunda metade do século XIX, tinha-se transformado urbanisticamente, tinha-se alargado para as então periferias e "subiu para o céu" nas freguesias mais antigas devido a escassez do solo no centro. Novas ruas se abriam ou melhoravam e em algumas delas as fachadas dos edifícios teriam de obedecer aos traçados imposto pela autarquia. Independentemente de crises ou progressos o espaço urbano do Porto alargou-se.

Nesta época há um número substancial de acréscimos de andares ou águas furtadas. Assim em 1850 "*Santo Ildefonso foi a freguesia de maior número de modificações deste tipo, decorrentes da iniciativa de: um procurador na Rua do "Bonjardim", um empregado da alfândega na Rua de "Malmerendas", um alfaiate na Rua de "Santo António", um proprietário da Rua "Santa Catarina", um subscritor do pedido sem identificação profissional na mesma rua (…)* "[12] quiseram mais um andar nos seus edifícios, demonstrando assim o crescimento em altura desta freguesia. Em 1860, continuam a ser pedidos acréscimos em edifícios já existentes, sobre tudo, por donos de oficinas e negociantes. Esta situação permanece quase inalterável até 1876.



Figura 13 - Exemplos de acrescentos de um piso na Rua (nº 1200, 1998, 1996). Localização dos edifícios na Planta da Cidade de 1892.

A cidade acolhia um número vasto de profissões que se repercutiam no tipo de casas edificadas. Os novos residentes, fossem eles emigrantes retornados do Brasil ou rurais atraídos pelo crescimento industrial procuravam, entre outros, um lugar para habitar compatível com a actividade que desejavam desenvolver, bem como com a sua posição social. Deste modo, as casas edificadas pelos donos de oficinas tinham muitas das vezes no pátio interior ou no fundo do quintal as suas instalações laborais. Os retalhistas, muitas das vezes, usavam o rés-do-chão como área para o seu comércio e por vezes, quando

12 CRUZ, Maria Antonieta – *Os Burgueses do Porto Na Segunda Metade do Século XIX*. Fundação Eng. António de Almeida. Porto, Março 1999. Pag. 367.

a dimensão do negócio necessitava, ocupavam o primeiro andar com o escritório da mesma actividade. A casa era, em simultâneo um investimento e indício de maior ou menor bem-estar económico. A sua posse revela a existência de poupança.



Figura 14 – Exemplo do que poderá ter sido umas instalações laborais no fundo do quintal.

O mercado imobiliário da altura crê-se não ser dominado por uns pouco e sim por um disperso e logicamente mais difícil de uniformizar num grupo. Assim revelam as licenças de construção, alteração ou reconstrução da época, onde as solicitações não tinham uma repetição acentuada dos seus signatários. A presença de um número considerável de "brasileiros", bem como, nas zonas de maior impacto industrial a construção de novas moradias pode ser um sintoma da existência de rotação na propriedade imobiliária.
Não existe documentação que permita provar que a taxa de ocupação do parque habitacional portuense era completa, mas o que podemos ler através da opinião de Ramalho Ortigão é que em 1883 as novas ruas da cidade estavam "*quase inteiramente guarnecidas de prédios e todos os prédios habitados.*"[13]

Ramalho Ortigão escrevia que "*o Porto está em casa, e Lisboa está na rua*"[14]. Nesta frase síntese, apreendemos que as pessoas do Porto viviam mais o espaço privado, o seu lar. Nesse sentido a

13 Cf. ORTIGÃO, Ramalho, *As Farpas – O país e a sociedade portuguesa*, Tomo I, Lisboa, XI volumes, 1942, p. 141.
14 Cf. ORTIGÃO, Ramalho, *As Farpas – O país e a sociedade portuguesa*, Tomo I, Lisboa, XI volumes, 1942, p. 230.

importância de posse de habitação ganha um maior significado na sociedade portuense. Há um viver em casa, dentro de portas.

A maioria das habitações portuenses, constantes dos inventários orfanológicos, assinalava a presença de hortas e jardins nos prédios descritos. Quer isto dizer que apesar da voracidade da crescente urbanização da cidade ter reduzido de forma notória o espaço verde existente nas últimas décadas do século XIX, as espécies exóticas e vulgares misturavam-se nas casas de particulares, aproveitando estes a abundância de água que a cidade desfrutava. Este dado colabora para a aceitação da afirmação acima descrita de Alberto Pimentel, vocacionando as casas portuenses para o seu mini cosmos social onde se pode dispor de convívio num jardim ao ar livre sem sair de casa.

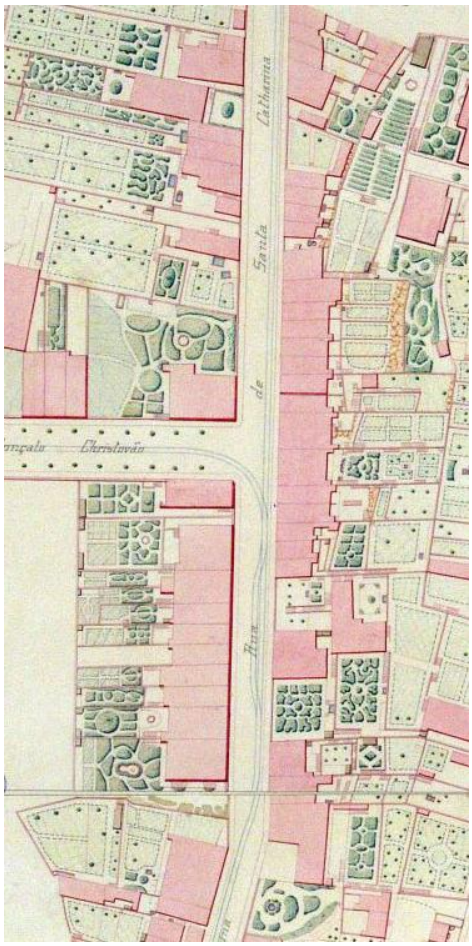


Figura 15 – Presença, na Planta do Porto de Vidal (1892), de hortas e jardins nas traseiras dos prédios.

José Augusto França afirma que seriam as moradias da alta burguesia, tanto do Porto como de Lisboa, a dar o tom à arquitectura das mesmas cidades neste período referido. Afirma também que os palacetes da segunda metade do Oitocentos eram não só mais pequenos que os palácios do Antigo Regime, e eram construídos de forma menos sólida evidenciando assim um gosto "superficial" e "hesitante"[15]. São palacetes e casas ricas edificadas na cidade com seus jardins cuidados com o seu labirinto e torre no centro do lago.

15 Cf. FRANÇA, José Augusto, *A Arte em Portugal no século XIX*, Lisboa, I volume, Bertrand, 2 volumes, 1966, pp. 346-347.

Existe em registo de um edifício deste tipo em 1830 para edificação na Rua da Bela da Princesa. Em 1850 há outro registo, trata-se de uma *casa rica,* edificada a mando de um negociante, destinada a habitação do próprio na rua da Restauração.

Já em 1860 a habitação mais luxuosa, designada pela câmara como sendo do "tipo nobre", ergue-se na Rua Bela da Princesa para ser habitada pelo signatário do pedido.

O mesmo tipo de habitação vai emergindo na cidade do Porto e esta quase sempre associado a pedidos realizados por negociantes e proprietários. Não se detecta, segundo Maria Antonieta Cruz, a preponderância das edificações de luxo promovidas pelo "brasileiros" no Bairro Oriental, como afirmava também Júlio Dinis, apesar de haver referências frequência ao facto.

Passando aos elementos que se destacam dos imóveis e fazendo um breve apanhado dos mesmos pode-se referir que mesmo nas mais modestas existiam sempre azilares de granito nas portas e janelas, sendo por vezes trabalhados dando em "*simultâneo, robustez, sobriedade, quase rudeza.*"[16] Nas varandas e beirais os cachorros estão presentes com mais ou menos detalhe. Os vãos, que rasgam as paredes, ficando pouco espaço opaco na fachada, são preenchidos por uma caixilharia de madeira formando quadrados e rectângulos. Muitas das vezes os tradicionais azulejos não encontram lugar na fachada repleta de aberturas e varandas. A necessidade de busca de luz, numa cidade de nevoeiros frequentes, através de fachadas quase dominadas pelos seus vãos pode ser uma das justificações desta característica da arquitectura portuense. As platibandas nos telhados, por vezes intensamente trabalhadas com decoração geométrica nos edifícios de maiores dimensões, são uma forte presença na arquitectura. Por vezes taças de granito e mesmo louça se encontravam acima da platibanda estando destinadas a conter plantas. Em menor numero, surgiram esculturas acima da platibanda.

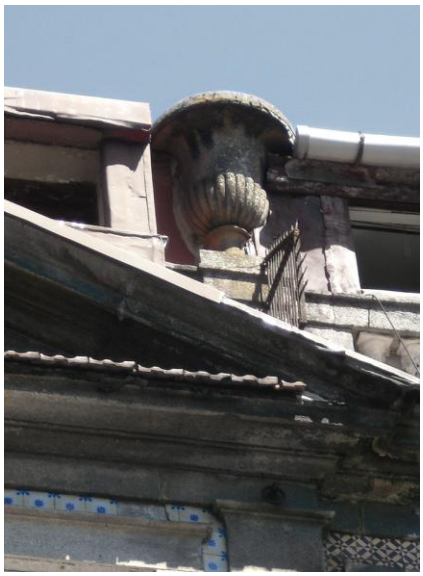


Figura 16 – Pormenor do vaso em granito.



Figura 16a – Pormenor da platibanda.

Nas casas mais cuidadas e com terrenos de maiores dimensões aparecem mirantes por vezes acrescentados á posteriori. Havia uma grande proliferação da presença de ferro nas varandas, nas bandeiras das portas e janelas bem como em parapeitos das mesmas. Uma vez mais aqui os negociantes

16 CRUZ, Maria Antonieta – *Os Burgueses do Porto Na Segunda Metade do Século XIX*. Fundação Eng. António de Almeida. Porto, Março 1999. Pag. 355.

e proprietários se destacam com um desenho geométrico mais elaborado, e portanto mais caro, das suas guardas em ferro.



Figura 17 – A proliferação da presença de ferro nas fachadas.



Figura 17a – A proliferação da presença de ferro nas fachadas.

Habitações mais pequenas e humildes quase só de uma porta e janela eram habitadas por famílias mais pobres "*tendo sido comprovado também que delas fez residência um número considerável de donos de oficinas de parcos recursos económicos*."[17] Estas " *tinham um peso importante no contexto da actividade construtora das freguesias de Bonfim, Campanhã, Lordelo, Massarelos, Santo Ildefonso, Cedofeita e Paranhos, isto é, as de mais elevados índices de industrialização ou habitadas pela população mais pobre.*"[18]



Figura 18 – Casas de pequeno porte e possíveis oficinas.



Figura 18a – Casa de pequeno porte.

Apesar de haver poucos registos do interior das habitações dos mais abastados, pode-se afirmar, sem querer generalizar, através dos inventários orfanológicos, que teriam uma sala de visitas com um piano e por vezes com mesas de jogos. Existia uma sala de espera e os quartos eram mobilados de madeira com lavatório e escrivaninha. Nas aguas furtadas aparecem as camas de ferro e mobiliário

17 CRUZ, Maria Antonieta – *Os Burgueses do Porto Na Segunda Metade do Século XIX*. Fundação Eng. António de Almeida. Porto, Março 1999, pp. 371.
18 CRUZ, Maria Antonieta – *Os Burgueses do Porto Na Segunda Metade do Século XIX*. Fundação Eng. António de Almeida. Porto, Março 1999, pp. 371

modesto o que aponta claramente para que fosse o sitio dos servidores da casa. Os quartos de banho com banheira aparecem apenas em três registos, desses dois eram de negociantes regressados do Brasil. José António Ferreira de Sousa e José Joaquim Leite Guimarães, Barão de Nova Sintra, possuindo este ainda um cilindro e “tina de banho de chuva”. Por ultimo Domingos do Espírito Santo Magalhães. Ainda há a referir que apesar de inúmeros ícones de imagens religiosas e santuários, um espaço exclusivo para a oração parece ser símbolo de um luxo excepcional.

1.3 Almadas e o Plano para uma nova cidade.



Figura 19 – Brasão da Família Almada.



Figura 20 - Alegoria ao Marquês de Pombal realizada em Paris entre 1762 e 1769 por António Fernandes Roiz (1727 1807).

1.3.1 Breve descrição do plano

Para entender com surge a hoje chamada rua de Santa Catarina, temos antes que entender o contexto em que ela teve origem bem como os esforços para a abertura da mesma. Por este motivo torna-se essencial abordar o Plano maior para a cidade na qual ela tem lugar.

Após o terramoto de Lisboa em 1755 o Marquês de Pombal exercendo o seu cargo pretende uma refundação urbanística para a então arrasada Lisboa. Tarefa da qual se incumbe até a ver realizada. João de Almada, primo do Marques de Pombal, chega ao Porto em 1757 na qualidade de Governador das Armas do Porto. Sua primordial missão é controlar a revolta popular bem como administrar a Companhia das Vinhas do Alto Douro. A intensa actividade militar que então ocorria no Porto impede João de Almada de dar de imediato atenção a uma actividade edificatória. Em 17 de Dezembro de 1764 João de Almada é nomeado Governador das Justiças da Relação e Casa do Porto. Esta tomada de posse coincide com o início de um "longo vazio" no registo das decisões sobre as obras públicas na cidade. Serão precisos oito anos para que seja registada uma ordem, no entanto o plano urbanístico, de requalificação e reestruturação, de João de Almada terá iniciado entre os anos de 1759 e 1760 e contou com a colaboração de engenheiros militares.

Em carta, datada de 1761, ao rei D. José o senado da cidade, expondo a necessidade urgente de obras, alertava o Rei para a não existência de um plano que exigisse nos bairros novos, contíguos à cidade, alguma regularidade em vez do "capricho" dos proprietários que edificavam suas casas. Na mesma carta pede, o senado, autorização para uma futura urbanização do terreno situado entre as ruas

do Bonjardim e Santo Ovídio. Dois anos mais tarde novamente o senado envia uma carta, desta feita comunica a abertura e terraplanagem da Rua do Almada, lembrando da necessidade de pavimentar as novas ruas recentemente edificadas.

O plano não passa só por desenhar a expansão da cidade, mas também resolver alguns de problemas da mesma intramuros, "*a Junta promove um planeamento urbanístico integrado, desenvolvido de modo contínuo, gradual e progressivo, através de sucessivas intervenções (de adaptação, acrescento, reparação e demolição) que, no seu conjunto, configuram uma acção consciente e deliberada de transformação urbana*."[19] Este plano concertado de expansão controlada e renovação da cidade existente é complexo. O plano mestre multiplica-se em vários planos de pormenor o que aponta para a ideia de uma cidade apreendida como constituída por *fragmentos coerentes e interligados.*

Na área compreendida entre o Bairro do Bonjardim e o arrabalde de Santo Ildefonso foi criado um novo eixo Norte/Sul, a actual rua de Santa Catarina, que estabelecia comunicação entre a Porta de Cimo de Vila e o sítio de Aguardente, a actual Praça do Marquês. Este novo eixo, composto por dois tramos fazia a ligação da cidade velha com a então estrada para Guimarães.

As três transversais que dela derivam serão o garante das ligações Nascente/Poente. A Rua de Santo António liga a Porta de Cimo de Vila à dos Carros, as restantes duas ligações, as actuais Rua Formosa e Fernandes Tomás, destinam-se a comunicar entre si as ruas de saída norte – Santa Catarina e Bonjardim – à saída a Nascente pela Rua de Santo Ildefonso.



Figura 21 – Planta da Cidade do Porto e vista da Torre da Marca em 1833.

19 NONELL, Anni Gunther, Porto, 1763 / 1852. A Construção da Cidade entre Despotismo e Liberalismo. Faup, 1998. pp. 369

Este processo de urbanização não foi pacífico e em 1777 dois problemas surgem. Questiona-se a distribuição e o exercício do poder no âmbito da gestão urbana e questiona-se também o próprio entendimento do espaço físico da cidade. João de Almada rompe com a forma tradicional de exercício de poderes quando nega ao Procurador da Cidade o recurso aos dinheiros do cofre das obras públicas para reparação de calçadas. Perante os conflitos provocados, intencionalmente por um período de treze anos, João de Almada, que representava o Rei, cria uma nova forma de gestão urbanística contra o Senado que representava a cidade. Como se constata a centralização da decisão quanto ao urbanismo, apesar de ter um representante na cidade, torna-se política em Portugal desde cedo.

De grosso modo podemos dizer que o plano de expansão da cidade consistia em abrir cinco novas vias de prolongamento e melhoria de caminhos existentes. Poderíamos de apelidar de plano dos cinco dedos da mão uma vez que as mesmas saíam das portas da cidade velha – a palma da mão – e se estendem pelo território de forma radiante em relação á cidade velha. Este Plano foi como afirma Anni Gunther no seu livro, era "*um plano para a refundação da Cidade*" inserido num espírito progressista.

1.3.2 Ruas Próximas

Antes de focalizar somente na rua de Santa Catarina, e indo na lógica de aproximação à mesma, faço aqui um breve apanhado das ruas que cruzam a antiga rua de Santa Catarina. Seguindo de Sul para Norte fica aqui uma breve enquadramento histórico das origens das artérias que cruzam a rua no primeiro troço da rua que era a original Rua Nova de Santa "Catharina". Faço notar que no segundo troço, a antiga Rua da Bela da Princesa, excepcionando uma rua, nenhuma cruza a rua acabando ou começando somente nela.

Rua Passos de Manuel.

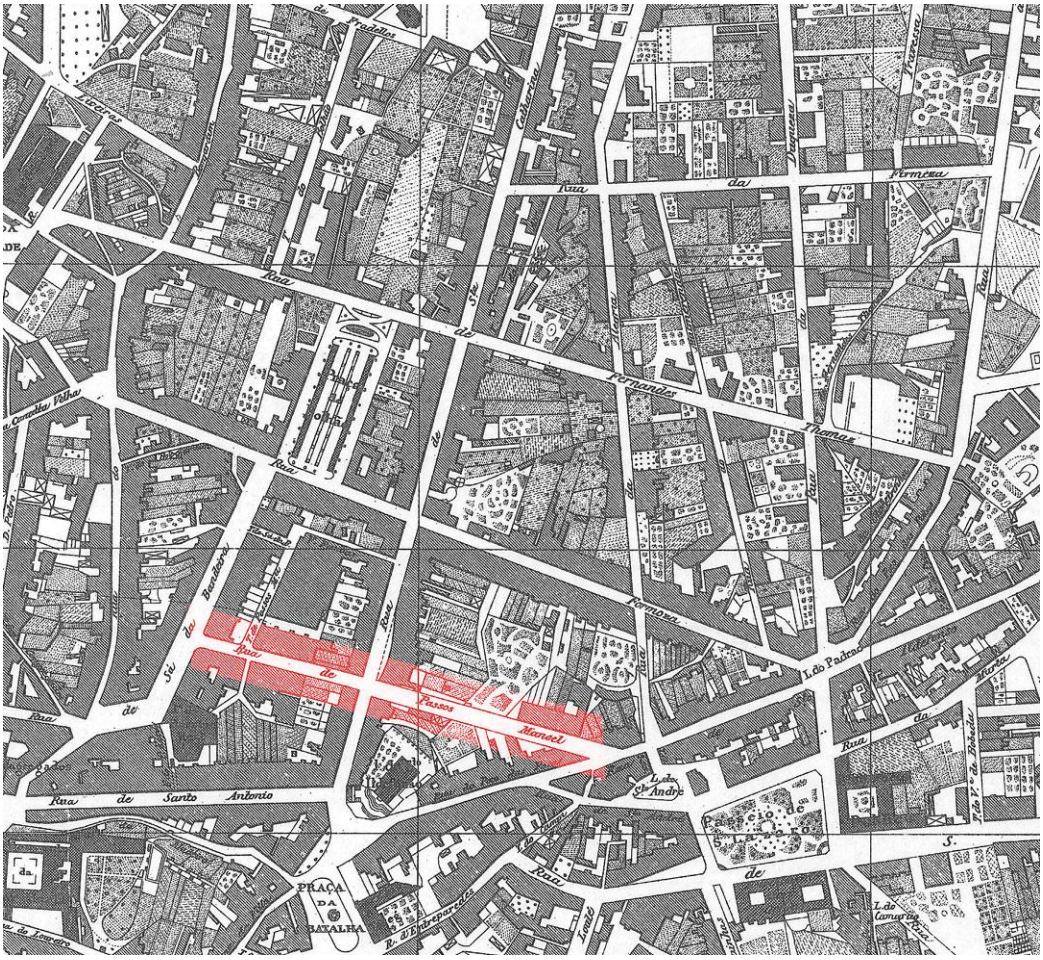


Figura 22 – Planta da Cidade do Porto de 1892 com a Rua Passos Manuel assinalada.

Corria o ano de 1874 e o estudo da abertura das Ruas de Sá da Bandeira e de Passos Manuel estava em fase final. Elas seriam abertas em terrenos pertencentes a D. Antónia Adelaide Ferreira, a

Ferreirinha bem como em terrenos de outros proprietários que para tal fim os ofereceram. Tudo é visível sem grande dúvida numa planta do local, levantada em 1875.

O primeiro tramo compreendido entre a Rua Sá da Bandeira e Santa Catarina já vem desenhado, embora sem denominação, na planta de Mangeon. A rua recebe este nome por conta de um tribuno a Manuel da Silva Passos (Passos Manuel), em Abril de 1877. Curioso notar que este político nada tinha que ver com a nova rua, mas que o seu irmão José da Silva Passos (Passos José) foi aí morador. Ainda por aqueles campos cedidos para a abertura corria uma linha de água que desaparece com a abertura da Travessa de Passos Manuel.

No tramo mais a nascente da rua compreendida entre Santa Catarina e o Largo dos Poveiros, foi rasgada mais tarde, em terrenos da grande *Quintas de Lamelas*, de que são restos alguns quintais da Rua Formosa e de Santo Ildefonso. Esta já figura na planta da cidade, de 1892.

Rua Formosa

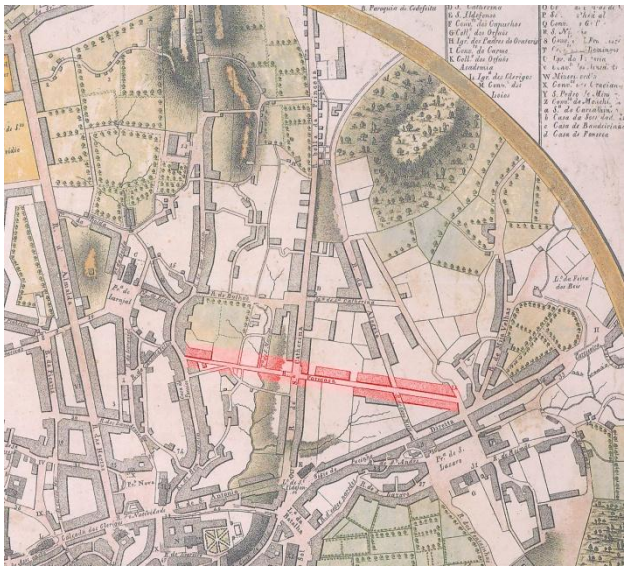


Figura 23 – Planta da Cidade do Porto de 1813 com a Rua Formosa assinalada.

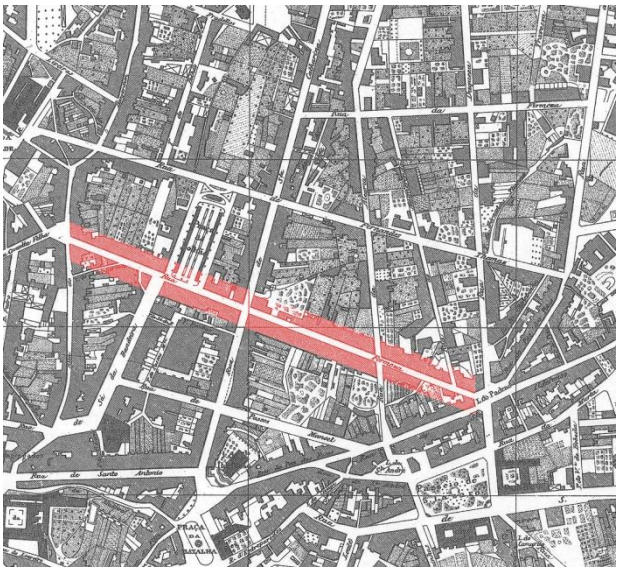


Figura 23a – Planta da Cidade do Porto de 1892 com a Rua Formosa assinalada.

A artéria hoje conhecida por Rua Formosa não foi a primeira no Porto a ter essa designação. Havia sido mandada rasgar pelo Rei D. João I, nos últimos anos do século XIV, uma Rua Formosa que posteriormente se veio a denominar de Rua Nova, Rua Nova dos Ingleses e Rua do Infante D. Henrique sucessivamente, sendo está ultima a actual. A crer Eugénio Freitas[20] não foi "*plenamente justificada"* pela formosura do local ou a da rua que esta ganhou tal nome. No final do Século XVIII, excluindo a Rua de Santa Catarina a norte da Rua de Santo Ildefonso tudo eram vastas quintas, hortas e campos férteis regados pelas muitas águas que os cruzavam. Era uma paisagem rústica que, em pouco tempo, iria

20 FREITAS, Eugénio Andrea da Cunha e; Toponímia Portuense. Contemporânea. Porto, 1999

transformar num dos Bairros mais movimentados e populosos da cidade. O primeiro projecto da rua crê-se estar presente numa das deliberações do Plano de Melhoramentos de João de Almada e Melo de 1774.

Efectivamente é neste documento que existe a determinação de abrir uma rua pela Cancela Velha a desembocar na Rua de Santa Catarina, em frente da viela chamada de Quinta e que desta Viela da Quinta se rasgasse outra rua, desde Santa Catarina até ao Padrão das Almas, fazendo esquina com a de Santo Ildefonso, defronte da capela de Santo André. Encontrámo-la já com a sua denominação actual em 1813, na planta redonda de Balck. Na vista do Porto, de Sousa e Vasconcelos de1840, ainda poucas edificações tinha a ladear a rua. Na Rua Formosa, terminava a famigerada Viela da Neta, da qual resta hoje apenas um pequeno troço que corresponde à Travessa da Rua Formosa, que corresponde a parte final da velha serventia setecentista.

Rua de Fernandes Tomás.

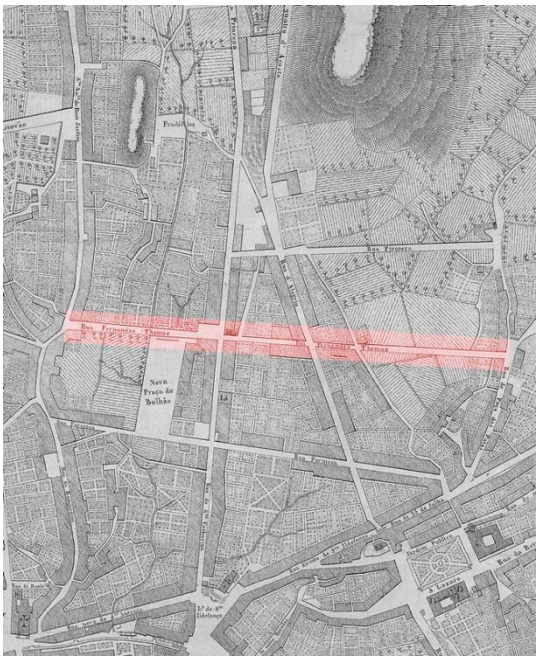


Figura 24 – Planta da Cidade do Porto de 1839 com a Rua Fernandes Tomás assinalada.

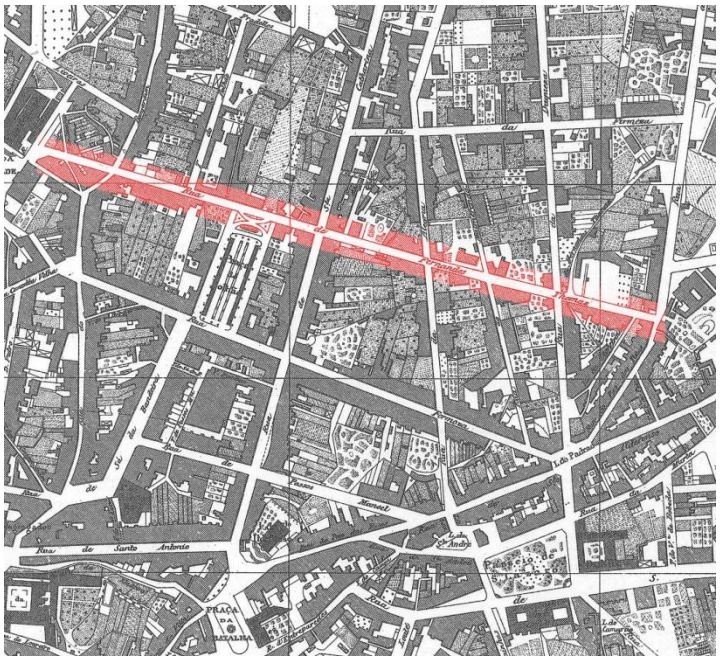


Figura 24a – Planta da Cidade do Porto de 1892 com a Rua Fernandes Tomás assinalada.

A Manuel Fernandes Tomás – o principal promotor da revolução de 1820 – foi dado o nome desta artéria em 1835. Foi uma das primeiras vezes que se impôs a uma rua o nome da pessoa que nada tinha a ver com ela o mesmo caso se passa com o Campo 24 de Agosto onde a rua começa Embora os dois nomes se relacionem com a revolução de 1820. Curioso notar que ao longo deste trabalho verificar que a política e consequentemente o poder vem estreitando a sua relação com o urbanismo, quer seja na hora de decidir quer seja na hora de honrar e perpetuar o seu nome. Se relembramo-nos o poder dos comerciantes na cidade em séculos passados poderemos afirmar que o poder vai lentamente mudando de

maus no que diz respeito a decisões. O troço primitivo situava-se entre as ruas de Santa Catarina e de Malmerendas, a actual rua Alves da Veiga.

Em seguida projectou-se a abertura até ao Bonjardim figurando já figura na planta de Costa Lima, de 1839.

A ligação com o Largo da Trindade foi resolvida em 1882 e o troço oposto, até ao Campo 24 de Agosto, é mais recente. Em 1902 a rua Fernandes Tomás ainda terminava nas ruas do Poço das Patas (Coelho Neto) e de S. Jerónimo a actual Rua de Santos Pousada.

Rua Firmeza



Figura 25 – Planta da Cidade do Porto de 1824 com a Rua Firmeza assinalada.

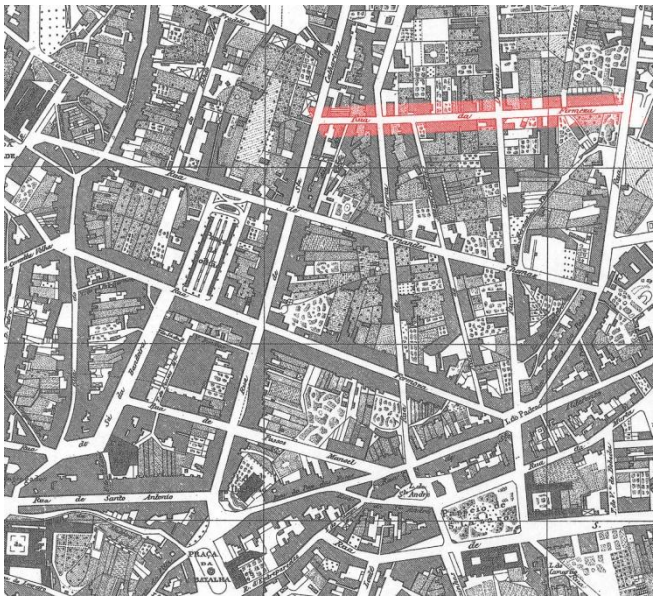


Figura 25a – Planta da Cidade do Porto de 1892 com a Rua Firmeza assinalada.

A Rua Firmeza é resultado da junção das antigas Travessa da Alegria e Rua de S. Jerónimo que principia em Santos Pousada e termina na Rua do Bolhão, resultou da junção das antigas Travessa da Alegria e Rua de S. Jerónimo. Assim o determinou o edital camarário de 13 de Junho de 1838, explicando o significado da nova denominação: "*… devendo a firmeza, denovo e resignação com que os portuenses valorosamente resistiram ao apertado sítio de 1832 e 1833, ter uma inscrição que, além da que lhe consagra o historiador, trasmita à posteridade tantos feitos e sofrimentos dos portuenses*». A rua só ficou concluída com a configuração que hoje apresenta depois de 1866 a crer pelas plantas encontradas no arquivo histórico do Porto.

Travessa das Almas

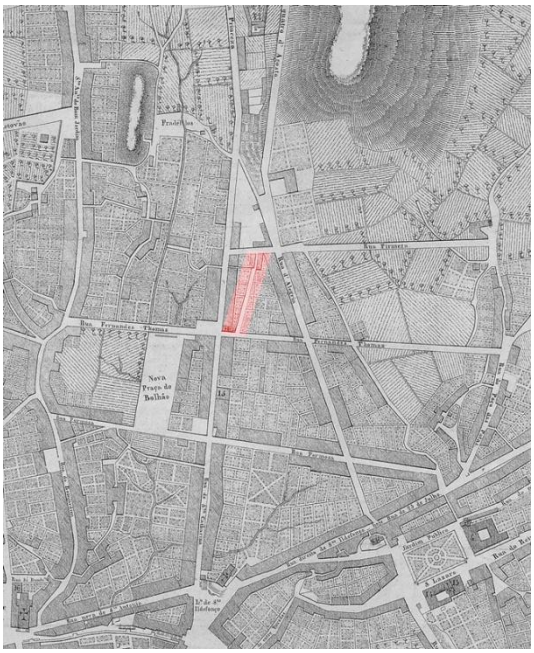


Figura 26 – Planta da Cidade do Porto de 1839 com a Travessa das Almas assinalada.

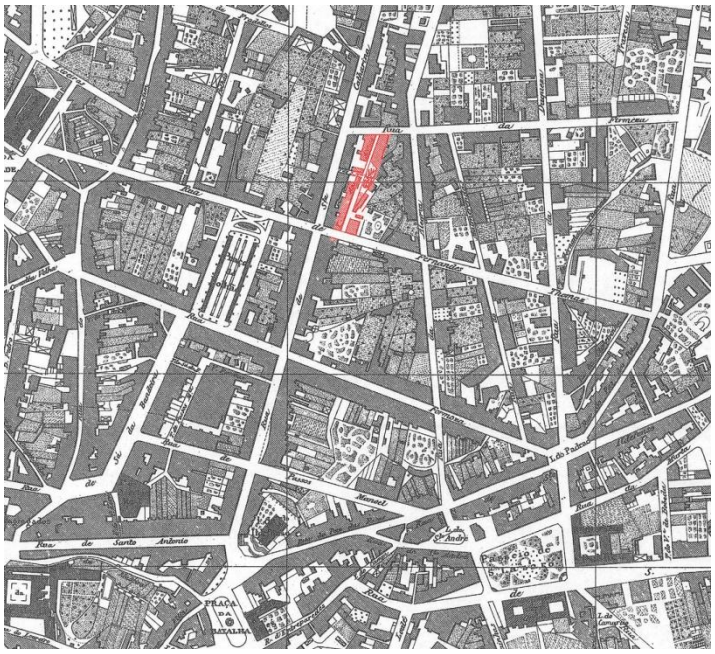


Figura 26a – Planta da Cidade do Porto de 1892 com a Travessa das Almas assinalada.

Apesar desta via na cruzar com a Rua em estudo vale a pena aqui referir que em meados do século XVII existia um caminho que vai de Fradelos para a Porta de Cimo de Vila, junto do qual havia uma capela dedicada a Santa Catarina Mártir, e que este caminho era o mais remoto antepassado do que conhecíamos da actual Rua de Santa Catarina.

Parece que a Travessa das Almas – assim chamada porque corre pelas traseiras da bem conhecida capela – é vestígio subsistente desse antigo caminho. Inicialmente chamava-se Viela dos Matos e depois Viela do Adro. Não se sabe a data a denominação de Travessa das Almas, mas já figura assim numa planta de 1838. Para além do cunhal da Travessa de S. Marcos, tinha o nome de Viela do Preto, delimitando a quinta dos padres congregados que antes eram os campos montados da Feiteira, e seguia em direcção à Povoa de Cima. Resta dizer que a actual Travessa de S. Marcos que esquina com esta das Almas, se denominava, antes, da Laranjeira. Tais ruas parecem funcionar como "*pequenas serventias citadinas.*"[21]

21 FREITAS, Eugénio Andrea da Cunha e; Toponímia Portuense. Contemporânea. Porto, 1999

1.4 Breve história da origem da rua

Catarina de Alexandria, mundialmente venerada, tem a sua festa no dia 25 de Novembro. Representada como "*jovem formosa, em vestes e coroas reais, segurando o livro, símbolo de uma elevada cultura, trazendo a seu lado uma roda quebrada com pontas afiadas e uma palma, sinal de martírio*"[22]. Esta roda "*quebrada de pontas afiadas*" do martírio vai ser posteriormente associada à roda do leme e à roda das costureiras.



Figura 27 – Estatua de Santa Catarina presente na sacristia da Capela das Almas.



Figura 27a – Estatua de Santa Catarina presente no cruzamento da Rua de Santa Catarina com a Rua Passos Manuel.

Santa Catarina viveu e foi martirizada no Egipto no ano de 305 aquando a perseguição de Diocleciano. Sobre esta história foi escrita no século VI uma *Passio* (história de martírio). Nesta versão conta-se que Santa Catarina foi elevada aos céus, semelhantemente há duas figuras bíblicas, pelos anjos no Monte Sinai – Monte de Deus – onde desde o século IX já existe um mosteiro ainda hoje isolado. Há registos que por volta do ano 1000 parte das relíquias da Santa foram levadas para um convento beneditino perto de Rouen, na França, e que estas se tornaram famosas pelo seu poder taumatúrgico. Por toda a Europa foram se levantando igrejas em louvor da Santa. A literatura e a arte celebravam e imortalizavam esta pessoa que era símbolo de pureza, beleza, sabedoria e graça. A Universidade de Paris

22 BROCHADO, Padre Alexandrino – Santa *Catarina – Historia de uma Rua,* Livraria Telos Editora, Porto, 1996. pp. 43.

escolhe Santa Catarina como Padroeira e torna-se invocada como protectora dos estudantes e filósofos. No Brasil português recebe a honra de ser a protectora de um Estado que recebe o seu nome.

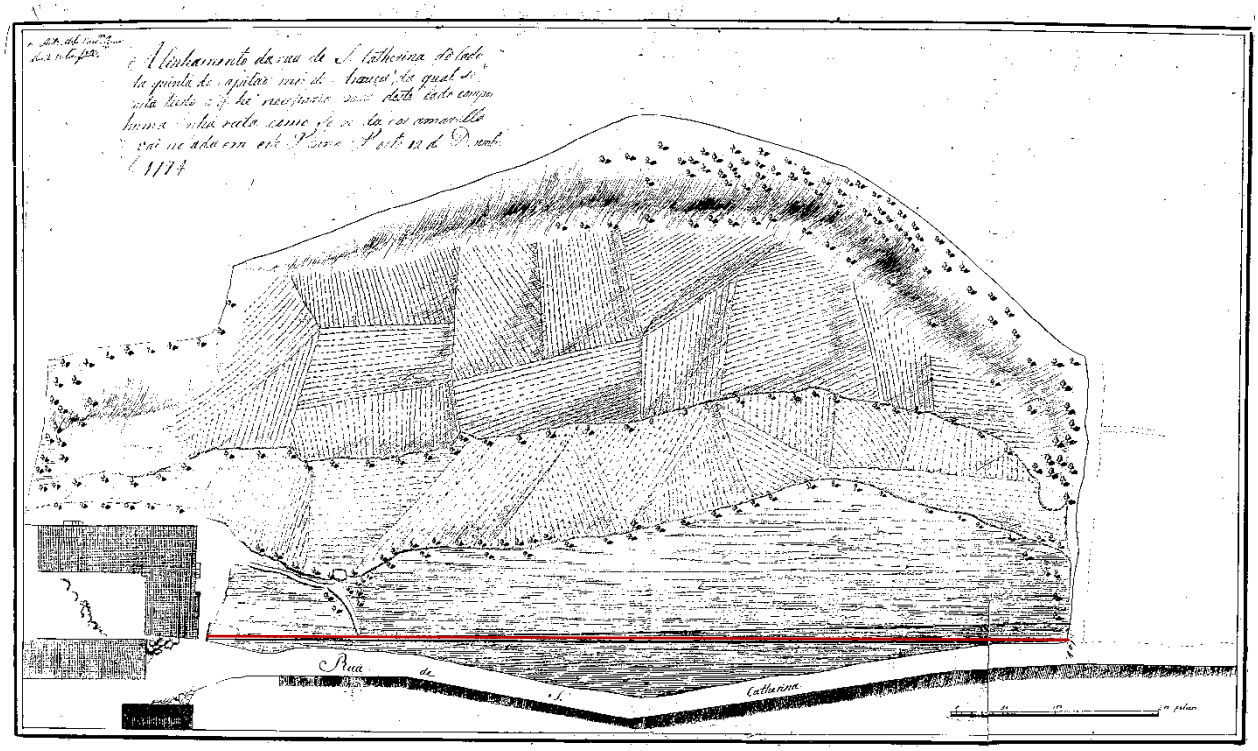


Figura 28 – Planta de 1774 que mostra a Quinta propriedade do Capitão Mor de Arouca e o futuro alinhamento da Rua Santa Catarina cortando em linha recta "tudo o que for necessário".

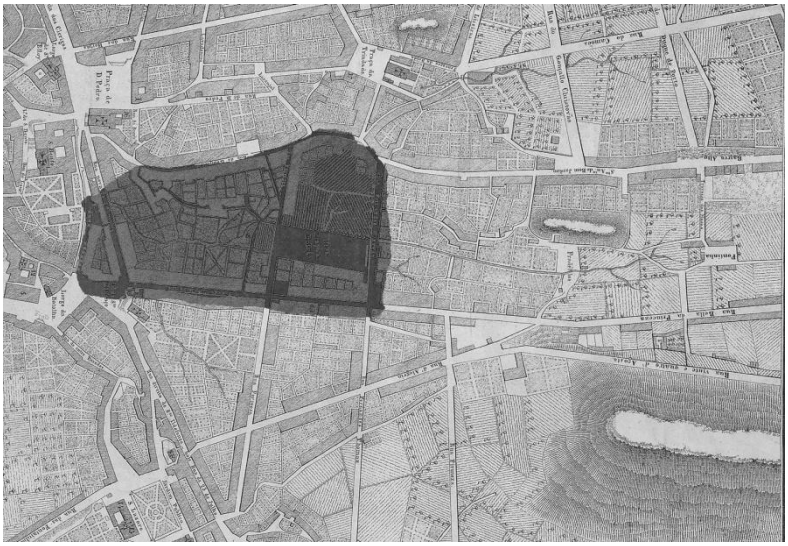


Figura 28a – Possível localização e limite da Quinta do Capitão Mor de Arouca (1774) sobre a planta da cidade de 1839.

Corria o ano de 1662 e havia em Fradelos uma quinta de que era senhorio directo o Dr. João Freire de Melo, tesoureiro da Sé da Guarda que já continha uma capela de invocação de Santa Catarina Mártir. Essa mesma quinta era toda cercada de muro desde nascente pelo caminho que vai para Fradelos até há Porta de Cima de Vila. Este mesmo caminho será a via mais remota do que se conhece da actual Rua de Santa Catarina. Provavelmente a rua deve o seu nome a ermida que tomou essa denominação.

Esta denominação encontra-se também já mencionada num documento da Misericórdia de 1784 e numa planta camarária de 1771 na qual se vê o projecto do seu alinhamento.



Figura 29 – Igreja de Fradelos em 2009.



Figura 30 – Igreja de fradelos e sua envolvente em 1905.

Mais a sul e perto dos limites amuralhados da cidade estavam também por urbanizar todos os terrenos compreendidos entre Santo António, Santa Catarina, a Viela da Neta e das pombas, onde se encontra hoje o Grande Hotel do Porto. Estas quintas e terrenos lavradios pertenciam a D. Antónia Adelaide Ferreira – a Ferreirinha – e a Francisco da Cunha Magalhães, onde mais tarde se rasgaram as Ruas de Sá da Bandeira e Passos Manuel.

A abertura da Rua Santa Catarina, antiga rua da Corredoura, está desenhada no Plano de Melhoramentos de 1784.

Partindo do Largo de Santo Ildefonso é composta por dois grandes tramos rectilíneos.

O segundo tramo da rua foi designado Rua da Boa Hora em 1802 e Rua da Bela Princesa desde 1807.

A Bela Princesa era D. Carlota Joaquina de Bourbon, mulher do então Príncipe-Regente D. João, futuro D. João VI.

Só na planta de 1864 é que a sua designação passa a ser a actual. Pode-se entender-se aqui haver uma unidade e continuidade da rua que justificasse os dois tramos adquirir o mesmo nome.

Inserida da reestruturação da área nascente da cidade a Rua de Santa Catarina surge como novo eixo viário Norte/Sul nos então arrabaldes, cortados por vielas e caminhos, de Santo Ildefonso. Esta grande operação, de estruturação dos arrabaldes, tem início em 1774/76 com a abertura do primeiro tramo da Rua de Santa Catarina sendo concluído em 1779. O tramo era compreendido entre o largo de Santo Ildefonso até à actual travessa do Grande Hotel do Porto numa distância de 850 palmos, sendo aberto por terras do capitão-mor de Arouca.

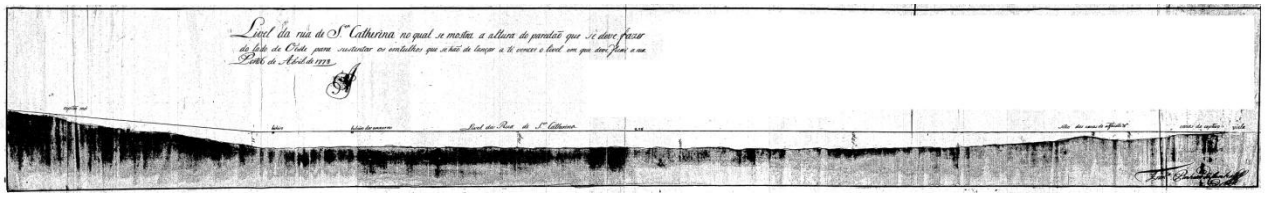


Figura 31 – Perfil de nivelamento do primeiro troço da Rua Santa Catarina em 1778. Troço compreendido entre o actual Largo de Santo Ildefonso e a antiga Viela das Pombas.

No projecto de alçados para o primeiro troço da rua, aprovados em 1778, Pinheiro da Cunha utiliza um ritmo composto de avanços e recuos das fachadas de forma a "*estabelecer uma rigorosa individualização dos blocos e acentuar a diversidade*"[23]. Deste desenho pouco se consegue descortinar actualmente na rua, porem o alinhamento da rua será cumprido conforme o plano de implantação e nivelamento.



Figura 32 – Perfil, virado a nascente, realizado por Pinheiro da Cunha da Rua Santa Catarina em 1778.

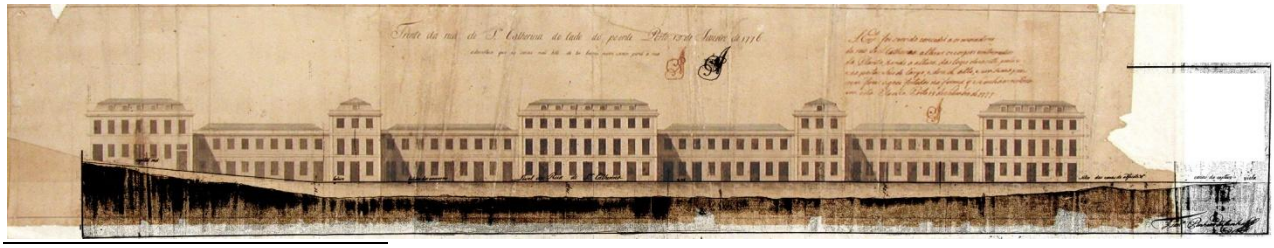


Figura 33 – Sobreposição dos dois perfis (figura 31 e 32) demonstrando a coincidência dos dois projectos.

O projecto do alçado de conjunto do lado poente da rua de Santa Catarina, com aprovação de Agosto de 1786, é da autoria do Padre Joaquim Teixeira Guimarães e prolonga em cerca de 1300 palmos o alçado de Pinheiro da Cunha que havia sido aprovado em 1777. Este projecto era menos elaborado do que o primeiro e tinha uma cerces uniforme – de três pisos – e um número diverso de vãos.

O prolongamento da rua de Santa Catarina até Aguardente, a actual praça do Marquês, é aprovado em Agosto de 1784. No mesmo "Assento" é aprovado a abertura de duas ruas – a Rua de Santo António e a Rua Formosa – que promovem a comunicação entre os bairros do Bonjardim e Santo Ildefonso. Na planta de Balck de 1813 e de Costa Lima de 1839 este novo tramo da rua – Bela da Princesa – afigura-se ainda escassamente habitada.

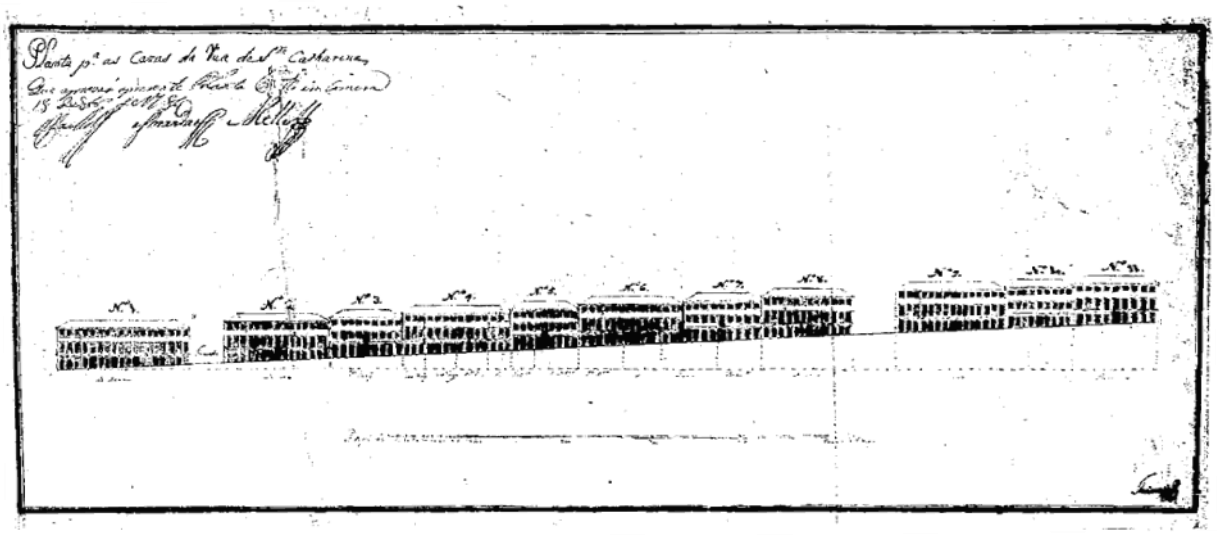


Figura 34 – Projecto de perfil virado a nascente da Rua Santa Catarina em 1784.

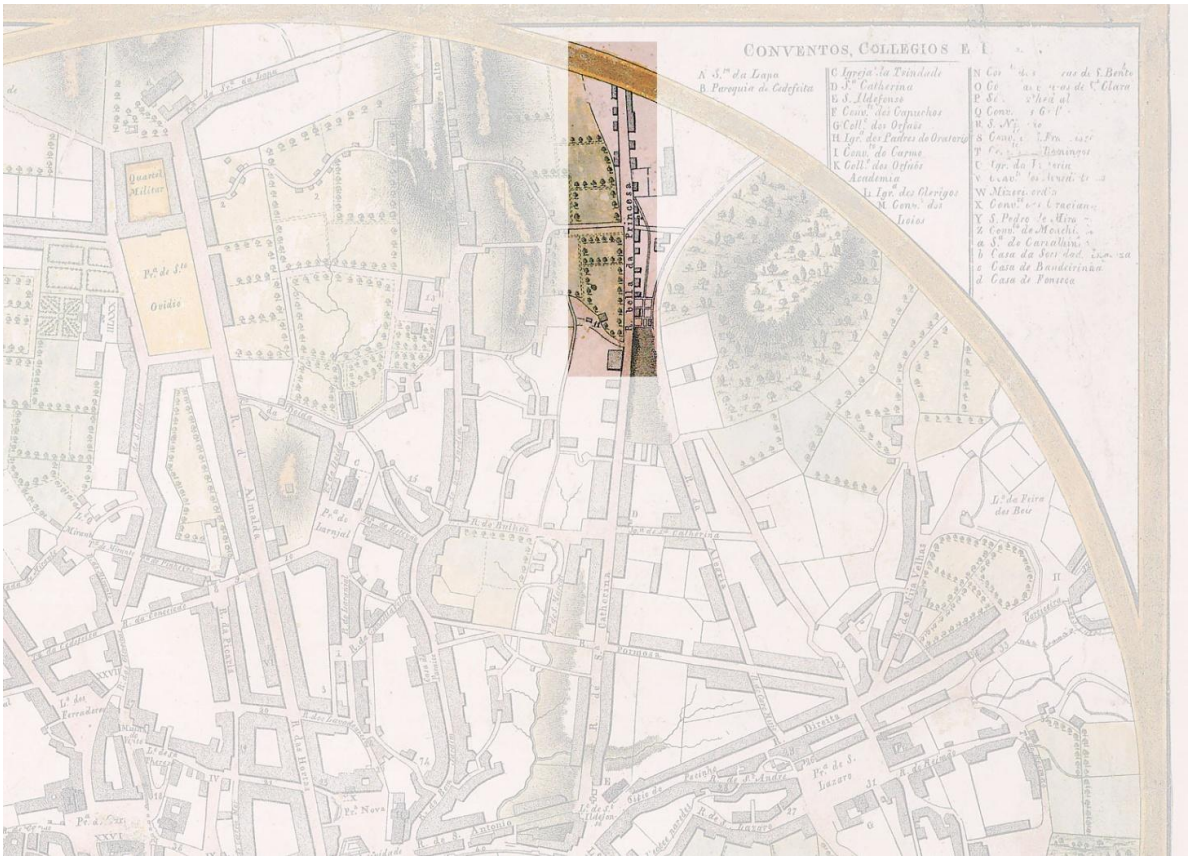


Figura 35 – Planta do Porto de 1833 (Planta Redonda) destacando-se a zona provável de aplicação do projecto na fig. 34.

No ano de 1787 arrancam as obras dos paredões que iram suportar as Ruas de Santo António e a continuação de Santa Catarina até ao sítio de Aguardente. Os terrenos ”rústicos” são cedidos pelo Doutor Dâmaso António Ribeiro Pereira com a condição destes terrenos serem fechados com muro da mesma qualidade que se achavam os prédios.

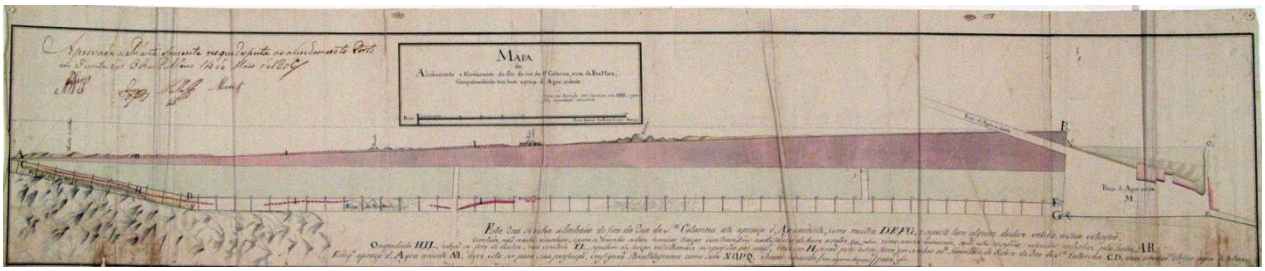


Figura 36 – Perfil e Planta altimétrica do arruamento (Bela da Princesa) até à Praça de Aguardente (Marquês de Pombal) no ano de 1806.

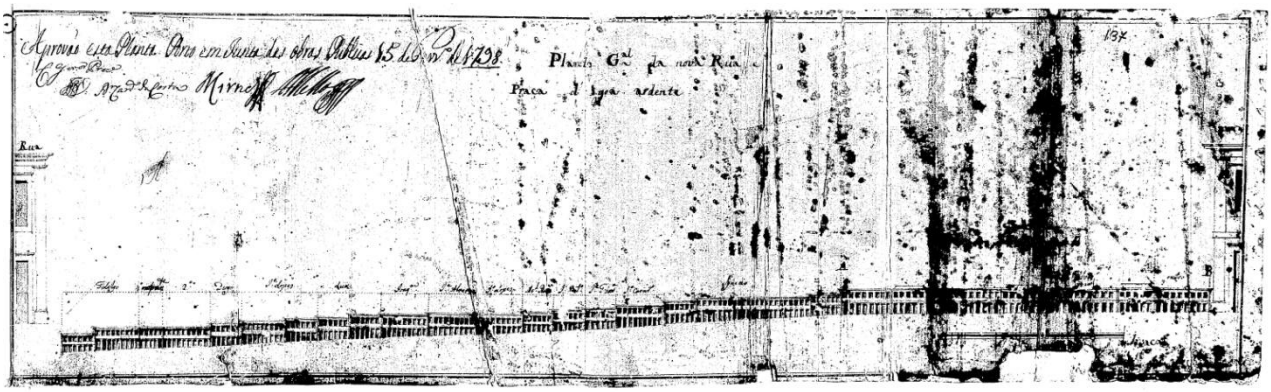


Figura 37 – Projecto do perfil para a rua da Bela da Princesa até à Praça de Aguardente (Marquês de Pombal) no ano de 1796.

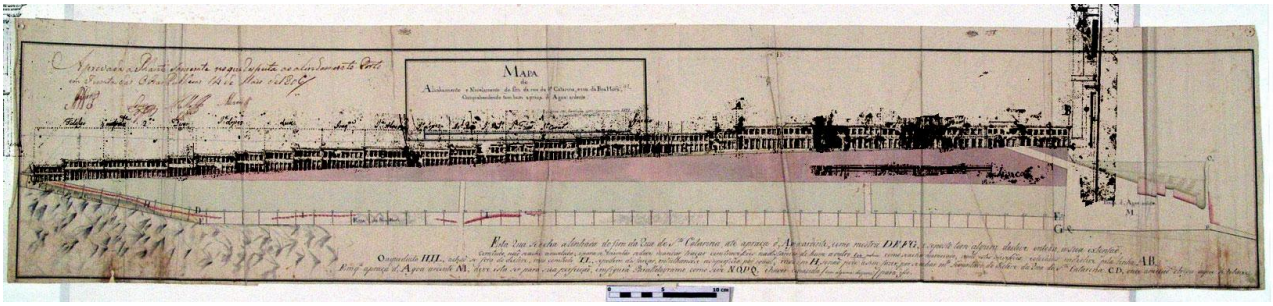


Figura 38 – Sobreposição da informação das fig(s) 36 e 37 de modo a verificar se ambos os projectos, separados por uma década, coincidem.

A Junta, que conta com a presença de João de Almada, estabelece acordos com os proprietários visados neste esforço de urbanização de modo a tornar viável, num espírito de concertação, os projectos aprovados. É dentro desse espírito de concertação que no ano de 1785 são oferecidos por Dona Isabel Magalhães e Meneses terrenos que possibilitam a abertura da Rua Fernandes Tomás com a condição de ser murada a quinta e continuar-se a travessa de S. Marçalo – a actual rua do Alexandre Braga – até a Rua Formosa.

Um outro exemplo dessa concertação é o caso de Damazo Antonio e de Jozé Joaquim que consideravam que a supressão do velho caminho – para Fradelos – prejudicial, visto que, já tinham

projectos de edificação para o caminho, como tal, pedia que se formasse uma travessa em linha recta paralela à nova Rua de Santa Catarina em que os terrenos tivessem profundidade suficiente de edificação para a travessa.
É neste "jogo" delicado e complexo de cedências e obrigações que se vai conseguindo "impor" o plano de abertura da nova rua e envolventes.

Note-se que as intervenções urbanísticas, loteamento e edificação do tempo de João de Almada foram controladas pela Junta e estavam subjugadas a um plano, um *master plan,* de reestruturação da Cidade.

Modelos e regras foram impostos e seguidos onde o interesse público estaria acima dos interesses dos proprietários, sujeitando-os a um gosto consensual. A perda de autonomia da Junta a nível financeiro, a partir do ano de 1790, afecta directamente a capacidade da mesma de desenvolver e controlar os projectos de requalificação e extensão da Cidade. Desta forma as iniciativas de urbanização não são de todo controladas por um poder central, mas sim pela iniciativa privada motivada pelos seus próprios gostos e interesses.

Representada em todas as plantas, quer seja numa escala abrangente ou numa escala de maior detalhe, a Rua Santa Catarina surge como Rua da Cidade, então em expansão, bem como inicio/fim de uma estrada de ligação regional. Talvez possamos até fazer um paralelo à "rua estrada" de que nos fala hoje em dia o Geógrafo Álvaro Domingues.

Para rematar este capítulo de enquadramentos transcrevo uma descrição da Rua aos olhos de Hélder Pacheco que escreve no "*Porto – Novos Guias de Portugal" da seguinte forma: "A sua principal característica inovadora e digna de concepções urbanísticas dos Almadas é o ter sido construída em praticamente dois lanços, quilométricos, que, formando um ligeiro cotovêlo por alturas da Fontinha correspondem a linhas absolutamente rectas. No seu percurso inicial e desde o pós-guerra, a Santa Catarina transformou-se na maior zona comercial "ao vivo" da cidade, de que a profusão de letreiros e anúncios em néon passou a constituir imagem inconfundível dos bilhetes postais. Imagem que é, digamos, o ex-libris do Porto moderno (enganosa, na feição cosmopolita que alterna com o escuro de outras ruas). Ao longo dos vários quarteirões definidos pelos cruzamentos sucessivos, em ângulo recto, com as artérias que a atravessam, em Santa Catarina (como dizem os tripeiros) encontramos arquitectura de oitocentos, totalmente renovada ao nível do chão. Os estabelecimentos, onde predominam os de confecções, sucedem-se. Representando épocas da modernização das fachadas das lojas, muitas delas correspondem a um género de património para que nos encontramos pouco atentos (as fachadas, por exemplo, da Livraria Latina, na esquina das, outrora, escadas do adro de Santo Ildefonso, da Casa Porfírios e do Café Magestic são exemplares significativos de três épocas do comérco local)"*

Capitulo II

Análise de Plantas

2.1 O inicio da rua

Após uma breve pesquisa de elementos gráficos no Arquivo Histórico Municipal do Porto recolhi alguns elementos entre plantas e alçados da Rua Santa Catarina e redondezas que achei por bem analisar nesta prova. Para manter uma linha de raciocino agrupei as plantas sobre três temas que me despertaram a atenção na Rua. Neste primeiro conjunto de plantas, sob o tema "início da rua", verifiquei que o arranque e ligação com o Largo de Santo Ildefonso e a Rua 31 de Janeiro foram, durante anos, fruto de um desenho e redesenho cuidado. Houve ao longo dos anos várias soluções para resolver este encontro de ruas através de alinhamentos a que o edificado deveria sujeitar e à altimetria das ruas para que a ligação fosse possível.

O arranque e resolução do mesmo é um processo difícil, visto que, já não se tratavam – à data das plantas – arrabaldes, mas sim da nova urbanização em cima de velhos caminhos. Um dos primeiros registos deste esforço é um corte que demonstra a cota final que a rua deveria adquirir. Corria o ano de 1778 quando este corte fora realizado. Na legenda do desenho podemos ler que o nivelamento era para ser vencido através da colocação de entulhos, em média com 12 palmos de altura, que seriam contidos do lado oeste com um murro de suporte. Numa das partes do nivelamento, aproximadamente do actual cruzamento da Rua de Santa Catarina com a Rua de Passos Manuel, aparece uma referência ao "*sitio das casas do alfaiate*" do quais Santa Catarina é padroeira e que no livro do Padre Brochado se afirma ser local de veneração de uma imagem da Santa até há uns anos atrás. Assina este perfil da rua o arquitecto Pinheiro da Cunha.

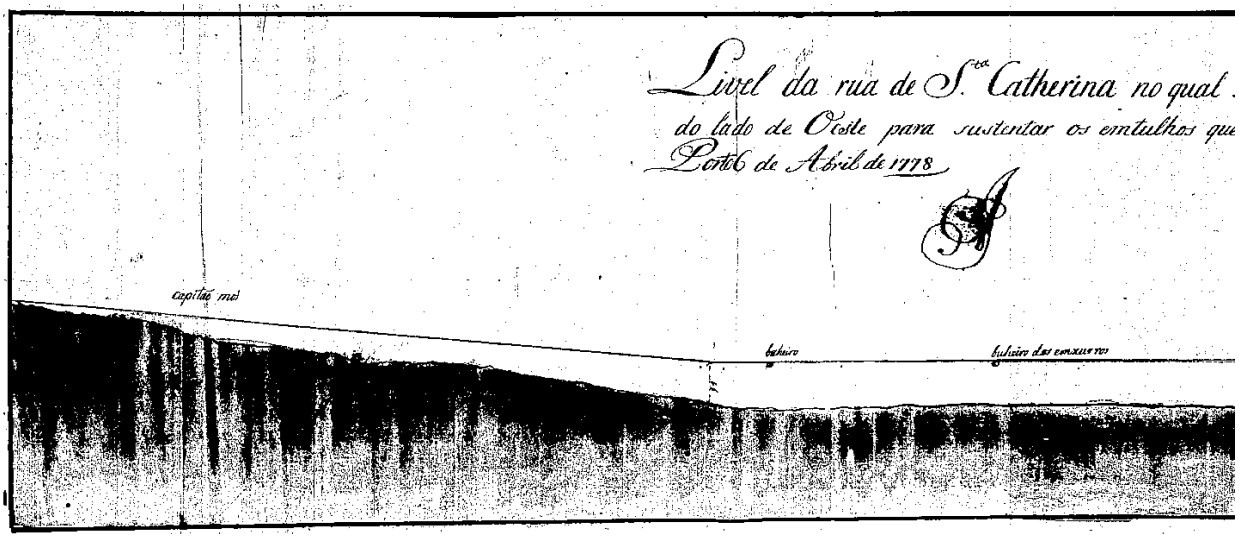


Figura 39 – Nivelamento do início da Rua de Santa Catarina. Sobre o novo nível da rua estão escritos sobre a quem pertencia as terras atravessadas.

No ano de 1793 aparece-nos um conjunto de uma planta e um perfil sobre este tema. Nestes documentos gráficos há uma vontade de resolver, em projecto, a articulação entre vários elementos urbanos tais como as ruas de Santa Catarina e Santo António, assim como a Igreja de Santo Ildefonso e sua escadaria não esquecendo o Largo de Santo Ildefonso que ligava à porta de Cimo de Vila.

A proposta é descrita e explicada no perfil e, segundo o que se lê, a principal preocupação era garantir que, com tal proposta, bastava apenas um lanço de escadas a mais seguindo de uma "suave" rampa para que este projecto fosse concretizável ou então dois lanços de escadas novos (para sul) desde a igreja de Santo Ildefonso.

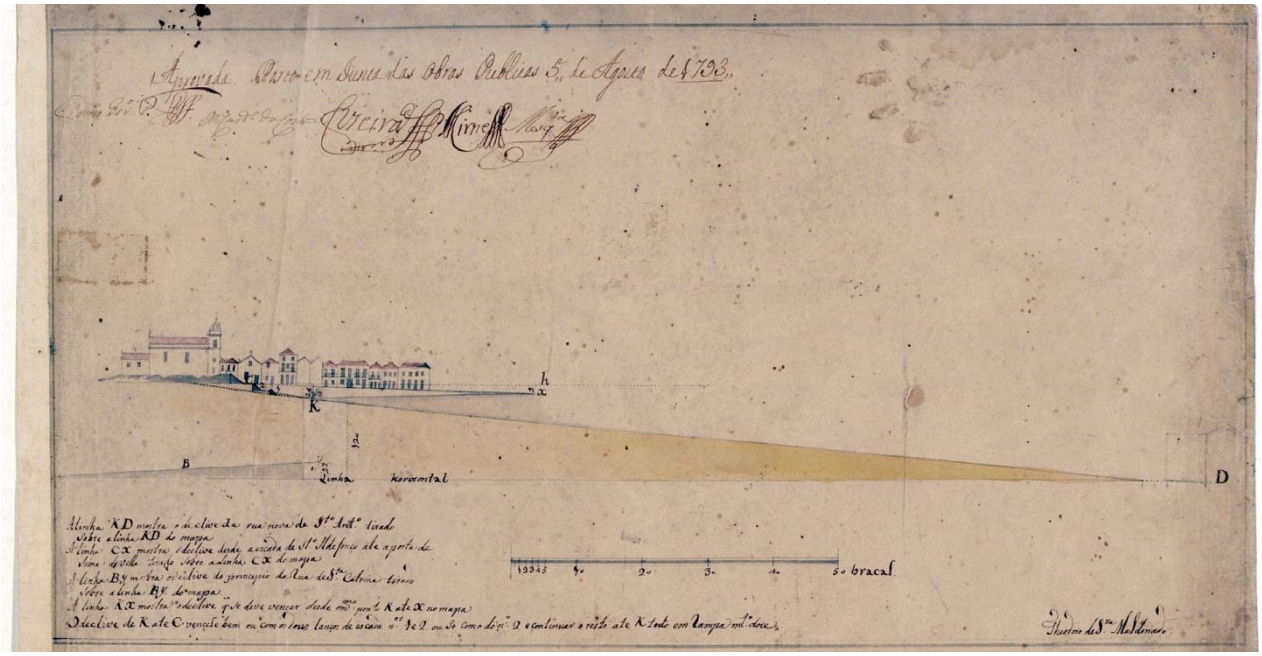


Figura 40 – Perfil de 1793 do encontro das ruas de Santo António com Santa Catarina e a escadaria da Igreja de Santo Ildefonso.

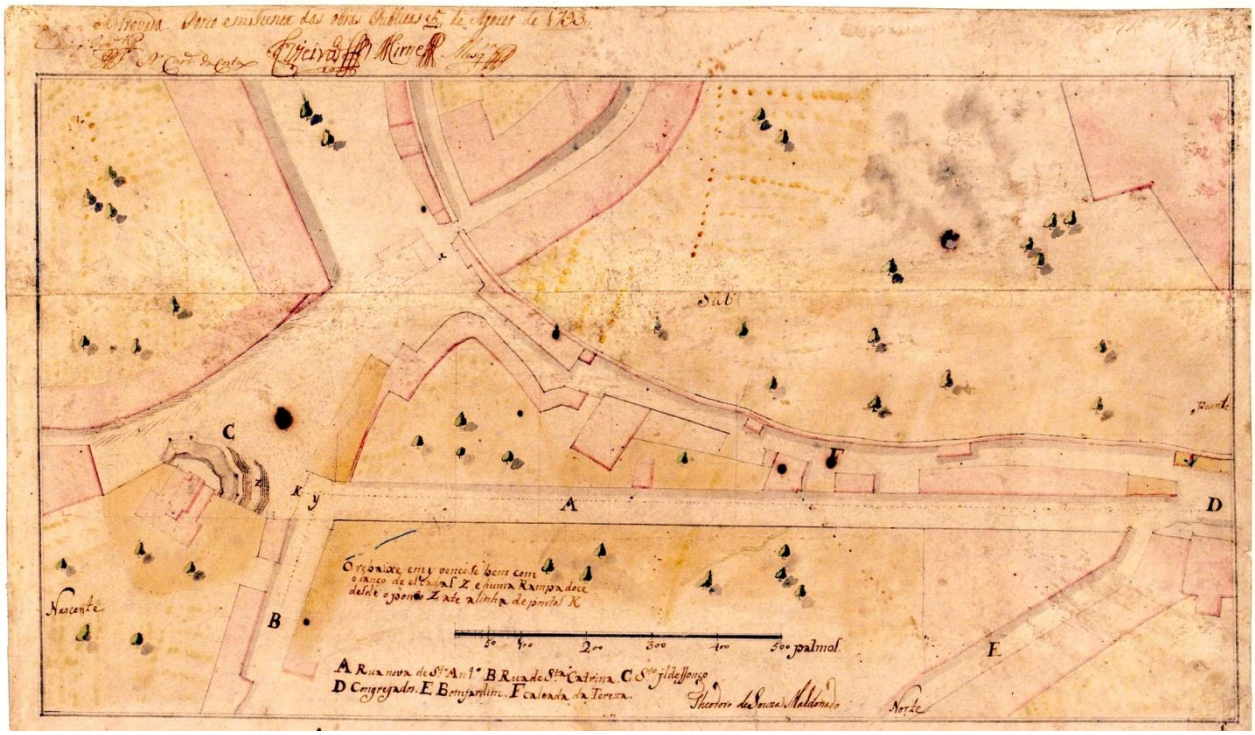


Figura 40a – Planta de 1793 do encontro das ruas de Santo António com Santa Catarina e a escadaria da Igreja de Santo Ildefonso.

A crer pela próxima planta analisada, de 1794, onde nos aparece uma planta acompanhada de um alçado, tal solução foi adoptada, embora o desenho da escadaria criado não siga nem o desenho da escadaria existente nem o do projecto de 1793.

O que mais desperta a atenção neste desenho é um conjunto de traços sobrepostos que resolvem o limite sul do Largo de Santo Ildefonso. Há claramente uma ideia base sobre uma melhor qualificação, em alinhamento, sobre como deveria promover a relação entre os elementos descritos na planta de 1793. Tanto na planta de 1793 como nesta de 1794 Santa Catarina parece terminar/inicia no alçado norte da rua de Santo António tendo quase por exclusivo a ligação ao largo pelos novos lanços de escadas da Igreja de Santo Ildefonso.

Precede à igreja, uma larga escadaria, em cujo patamar fronteiro à rua de Santo António, se ergueu um obelisco em 24 de Dezembro 1794 com um significado ignoto. Certo será a localização estratégica do mesmo. A eixo da rua de Santo António e com visibilidade da igreja dos Clérigos e da Igreja da Batalha pode-se entender o obelisco como um marco orientador entre igrejas.

Será o tal conjunto de traços que faz crer que esse tema estará já neste ano de 1794 a ser equacionado contudo aparece também no ano de 1793 timidamente anotado esta resolução. Apesar de não referir, o alçado desenhado parece pertencer à rua de Santo António mesmo em frente ao início da Rua de Santa Catarina. Apesar de aprovado pela Junta das Obras Públicas em 21 de Agosto de 1794, não deverá ser edificado tal como em projecto, pois no ano seguinte, 1795, aparece anotado sobre outra planta várias hipóteses de resolução dessa mesma esquina não edificada. Nesta planta de 1794 vê-se aquilo que parece ser o loteamento da rua de Santo António através de linha ténues e números de porta.
LARGO

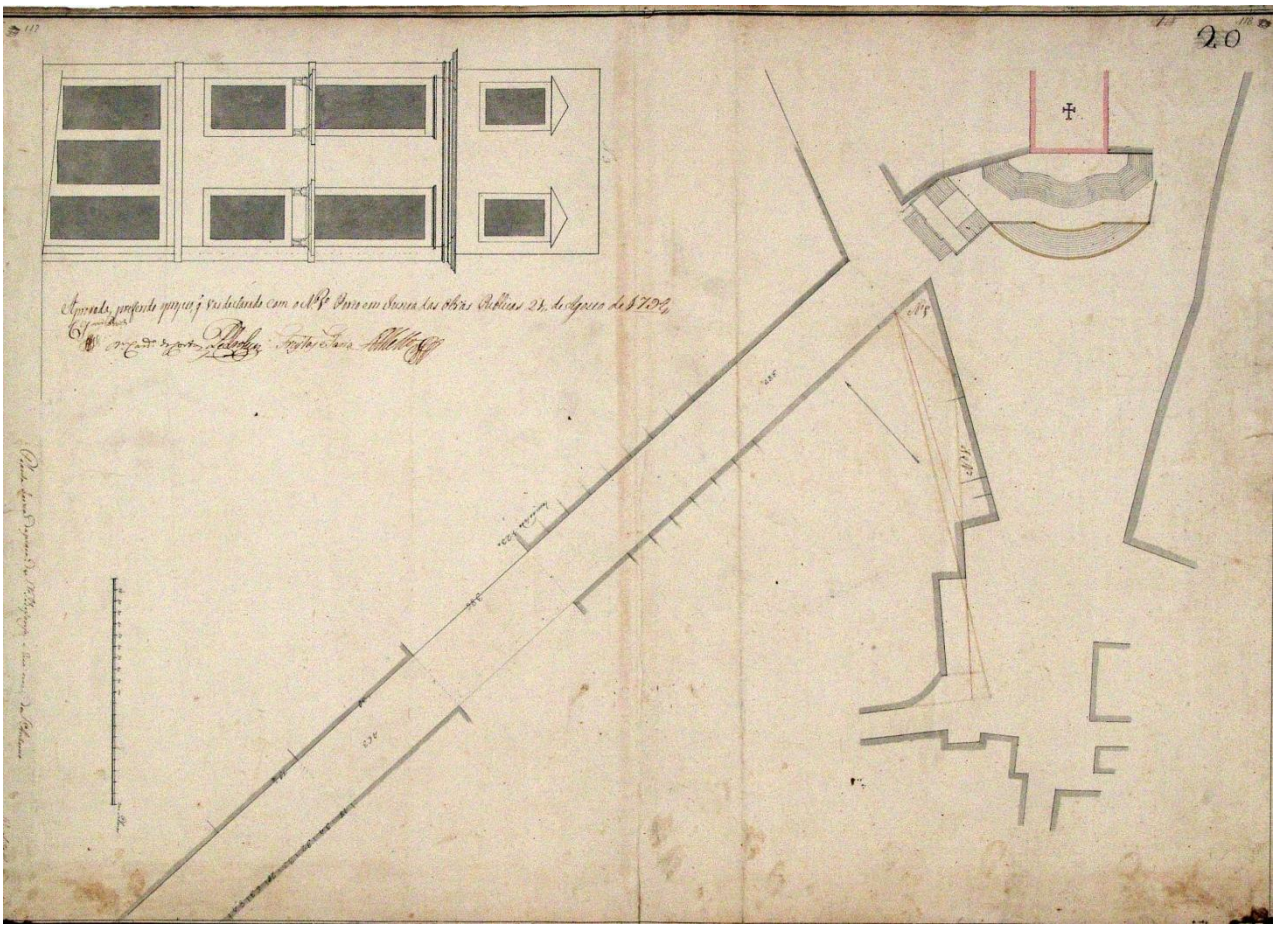


Figura 41 – Planta de 1794 da Rua de Santo António, escadaria e largo de Santo Ildefonso.

Na planta de 1795, onde aparece em estudo três soluções distintas já não se trata apenas de uma das esquinas da Rua de Santo António, mas sim, das duas esquinas da Rua. O elemento chave para este projecto parece ser a escadaria – já com os dois lanços – da igreja de Santo Ildefonso que notoriamente se torna um elemento central de início e remate da Rua de Santo António. Descrevendo brevemente as três hipóteses apresentadas vemos que uma delas, a "A" privilegia a relação entre a Rua Santa Catarina e o Largo, fazendo uma continuidade recta entre ambos, no entanto este alinhamento parece apenas funcionar como base das duas restantes propostas. Com se lê no desenho, não seguindo o alinhamento de Santa Catarina, apresentam-se duas hipóteses. Uma delas é considerada mais cara e consistia em formar ângulos rectos a partir do alinhamento da rua de Santo António formando assim um pequeno largo no início da mesma "à semelhança da Praça do Pinheiro".

A última hipótese foi a aprovada pela Junta a 25 de Junho de 1795 e consistia em fazer as esquinas curvas pois é "útil ao público por ganhar terreno". Nesta planta saliento ainda que a rua de Santo António parece ter já um desenho de passeio através de dois traços paralelos ao limite da rua, e nisto difere com a rua de Santa Catarina que, apesar de apresentar já edificação, não contém nenhuma distinção no desenho do arruamento.

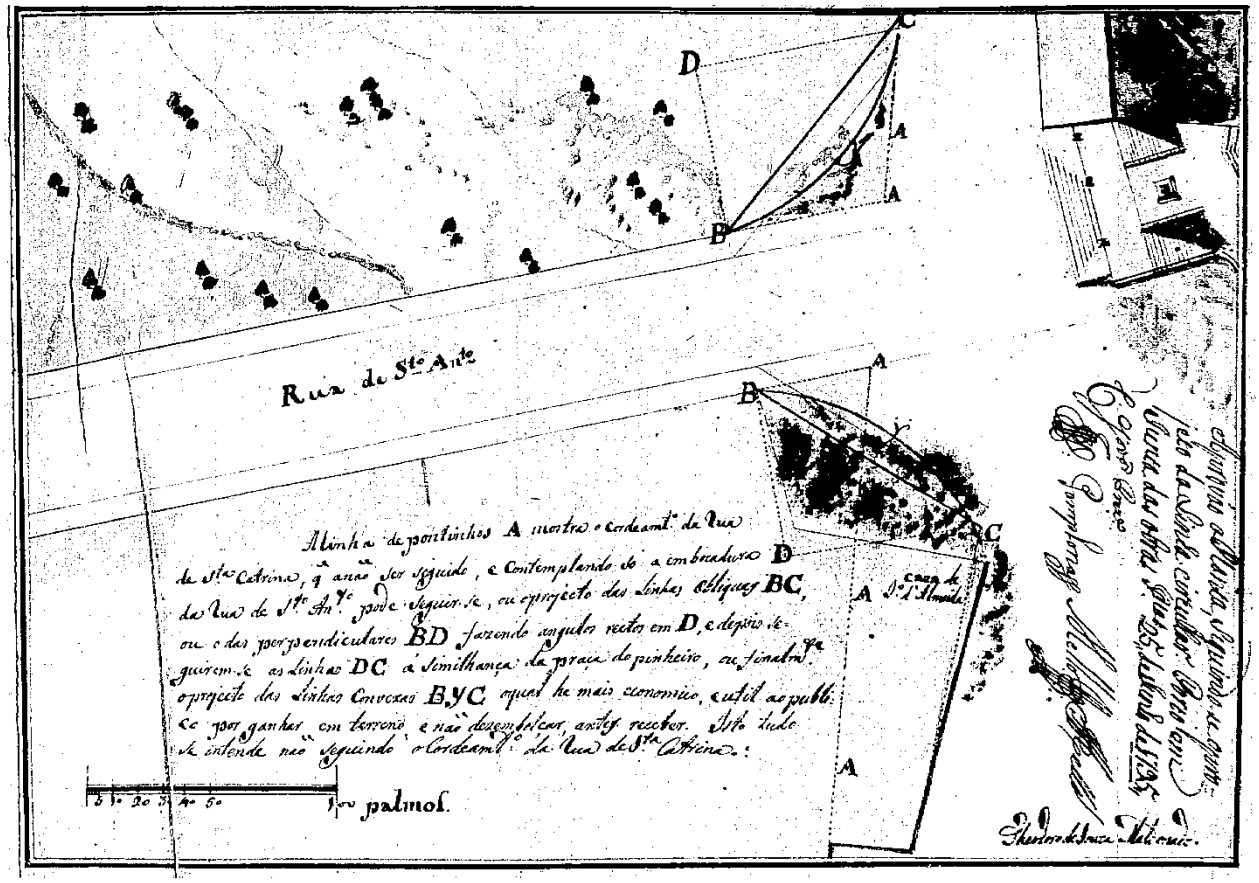


Figura 42 – Planta de 1795 que levanta hipóteses de início/termino da Rua de Santo António no seu contacto com a Rua de Santa Catarina e escadaria e largo de Santo Ildefonso.

Numa outra planta de 1857 ambas as ruas já apresentam um desenho (de limites) entre passeio e rua. Encontra-se também desenhada a forma como seria feita a circulação viária. O Largo de Santo Ildefonso e a Praça da Batalha já tem um desenho, ainda que simples, de espaço público mostrando uma consolidação desta parte da cidade.

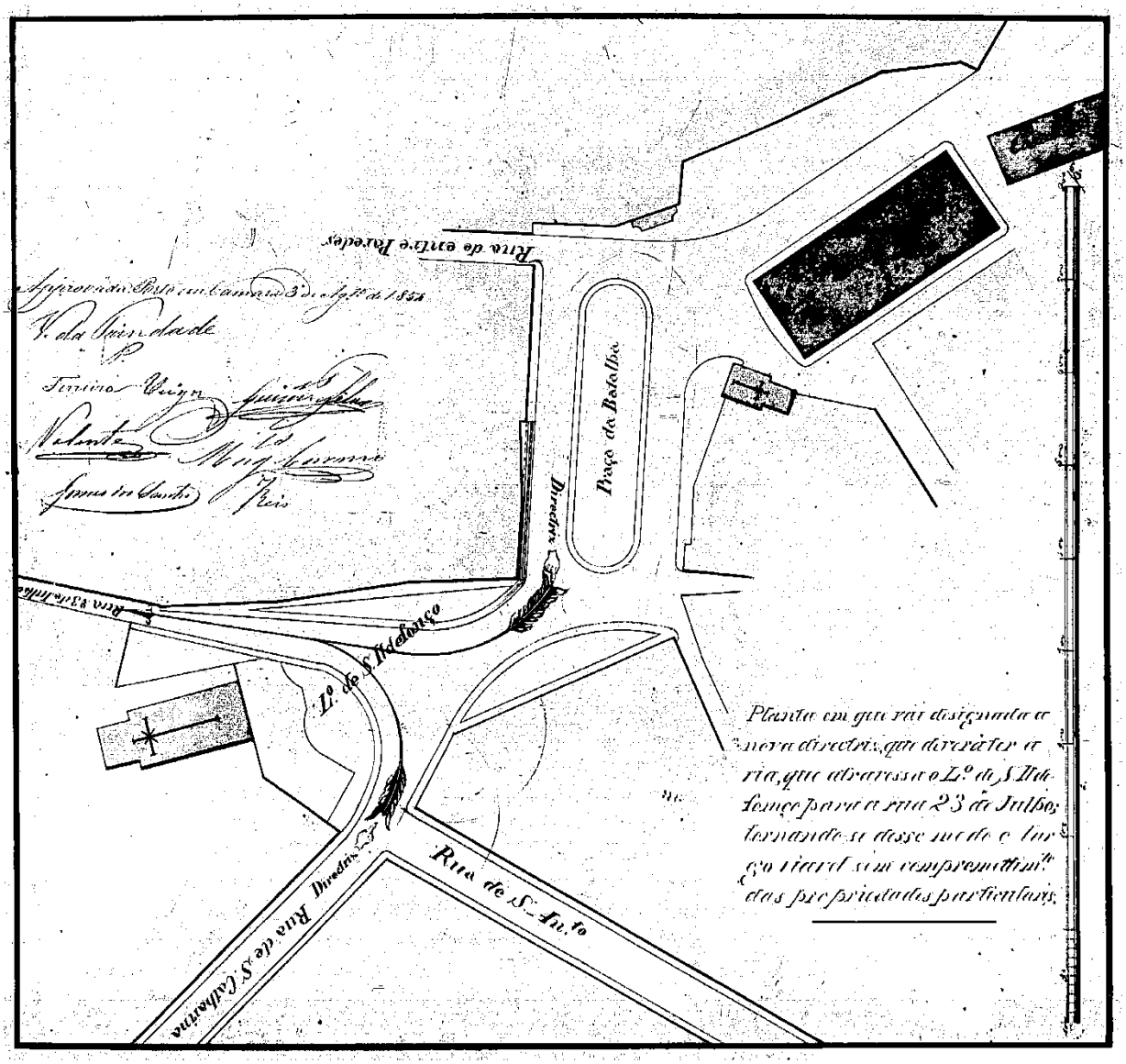


Figura 43 – Planta de 1857 que indica a direcção do transito.

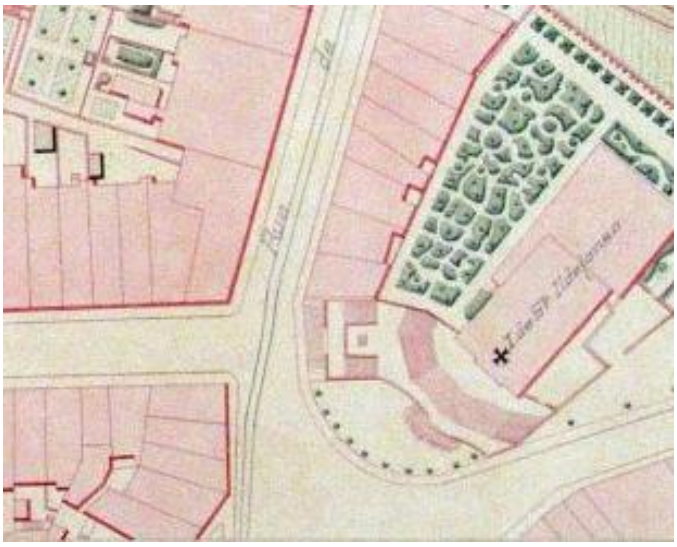


Figura 44 – Pormenor da Planta da cidade de 1982 onde se verifica a configuração final da escadaria da Igreja de Santo Ildefonso.

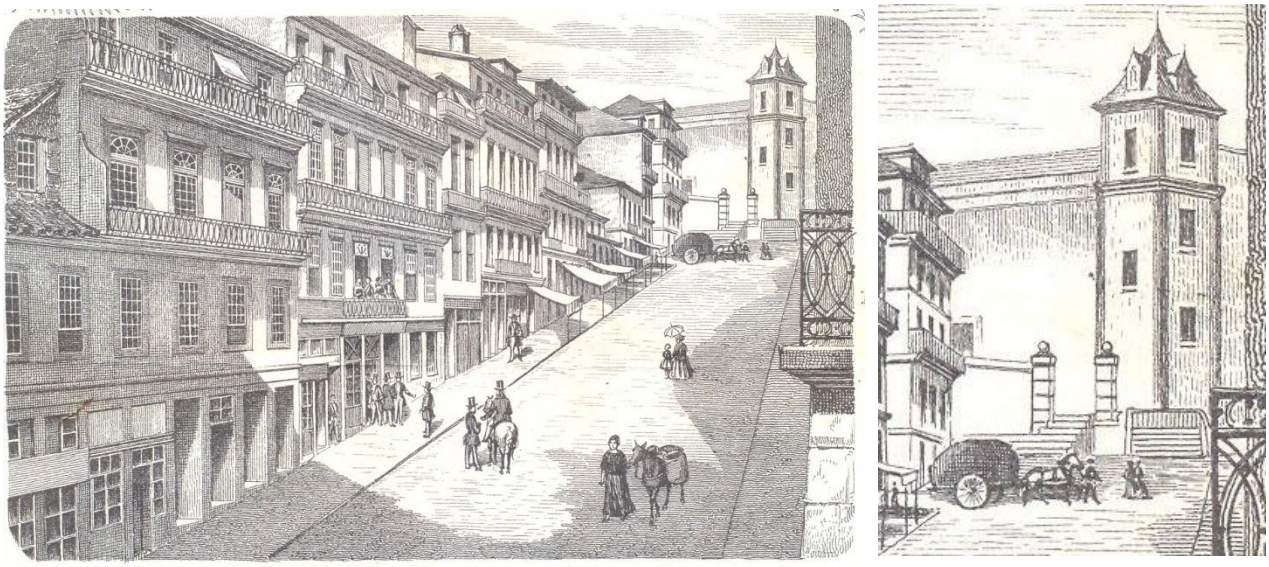


Figura 45 – Gravura da Rua de Santo António antes de 1852. No detalhe podemos ver como estava resolvida a escadaria da Igreja de Santo Ildefonso.



Figura 46 – Fotografia Alvão no início do seculo XIX onde vemos o obelisco na escadaria. De notar que à semelhança de Fradelos e capela das Almas a Igreja de Santo Ildefonso encontra-se desprovida de azulejaria no seu exterior.

2.2 O Cotovelo

Mais do que um ponto médio de duas ruas (Santa Catarina e Rua da Alegria), os cotovelos destas são fruto de um desenho cuidado por um período compreendido entre 1807 e 1866 de acordo com plantas encontradas no Arquivo Histórico Municipal do Porto.

Numa zona acidentada de terreno, onde as diferenças de cotas entre arruamentos são consideráveis, dividem-se em duas hipóteses os desenhos das plantas. Na primeira solução o terreno compreendido entre as ruas é rasgado por uma rua que une na diagonal, no sentido sul/norte, de forma a vencer o declive do terreno do então monte de Santa Catarina. Esta solução é também visível em varias plantas gerais da cidade fazendo assim que tal projecto fora realizado.

A rua, apesar de em plantas gerais da cidade aparecer edificada, aparece nestas plantas desprovida de edificação apenas rasgando terreno – crê-se – vegetal. Noutra hipótese, que não aparece desenhada em nenhuma planta geral da cidade procura-se edificar no local um passeio público vocacionado para o lazer e higienização da cidade, como era hábito nas cidades europeias. Talvez pela dificuldade em realizar um jardim público em plano o porto perdeu a oportunidade de ter mais um jardim público à semelhança do que se viria a edificar frente à actual Biblioteca Municipal do Porto.

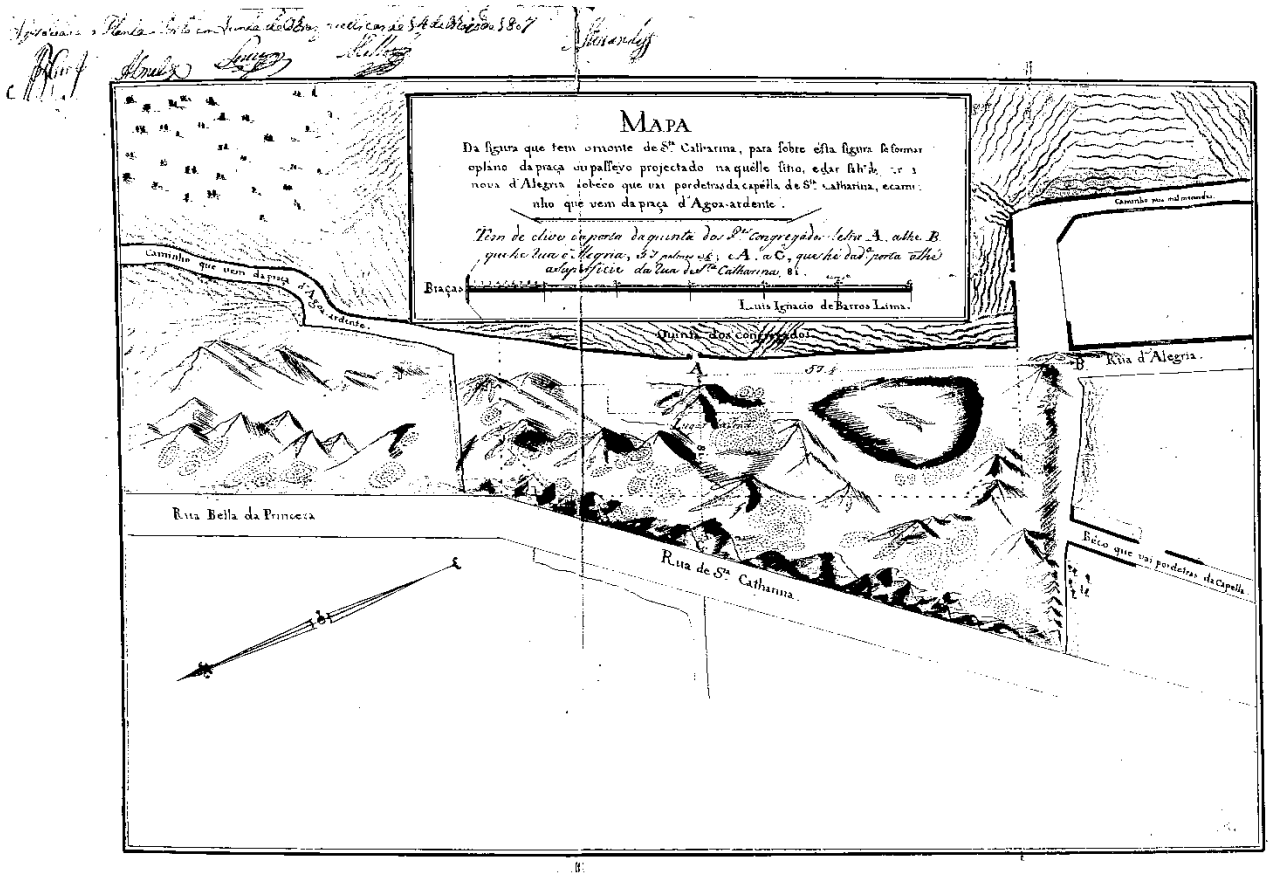


Figura 47 – Planta de 1807 onde se vê o Monte de Santa Catarina.

Numa primeira planta deste local datada de 1807, ainda a rua estava nos seus primórdios, podemos ler que no monte de Santa Catarina seria para ali criar uma praça. Nesta planta há mesmo um apontamento fundamental: os declives, em palmos, do terreno. Parece de facto que o principal a analisar neste projecto seria as altimétricas necessárias para vencer.

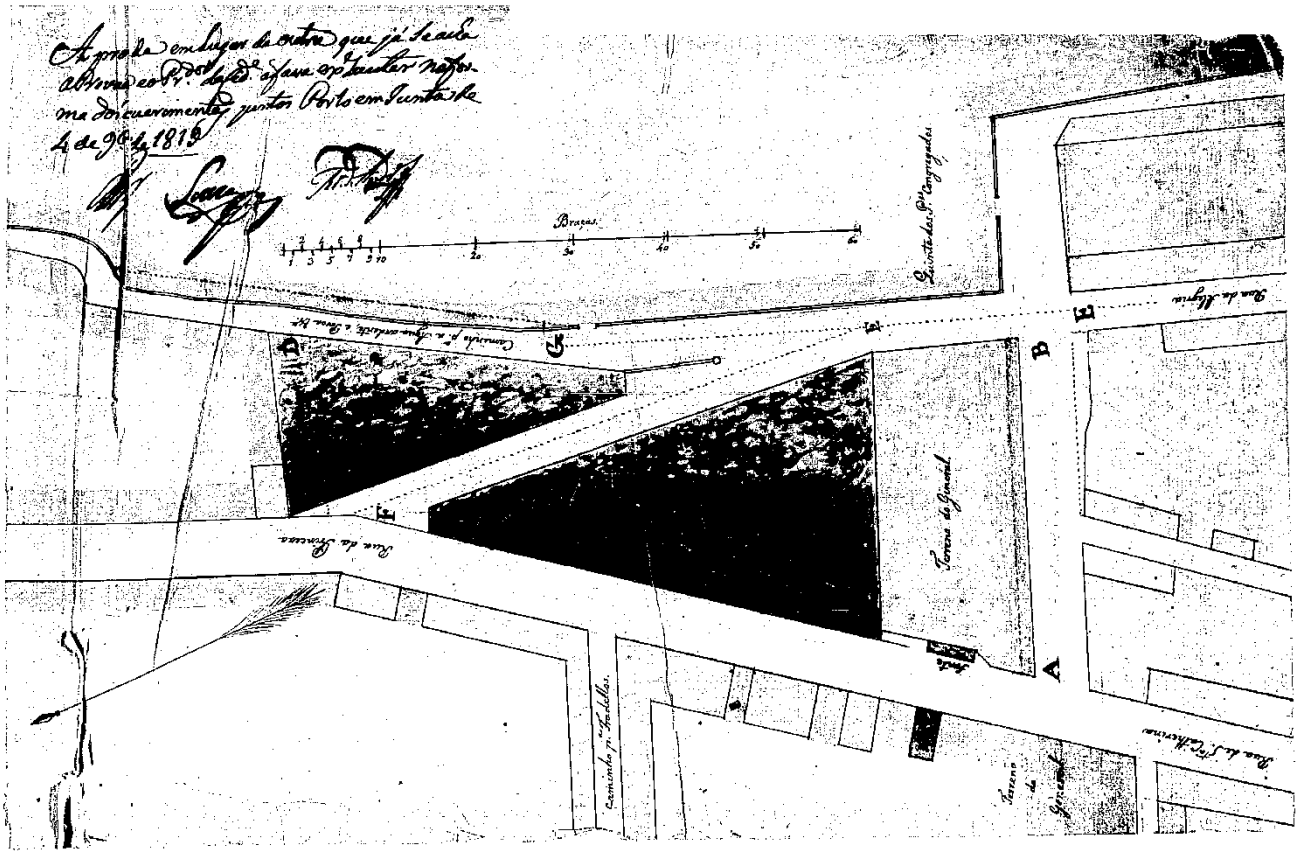


Figura 48 – Planta de 1819 do local antes designado de Monte de Santa Catarina agora cortado por um arruamento.

Na planta seguinte, apresentada em Junta em 1819, há a promoção da abertura de um novo troço que unia a Rua da Bela Princesa à Rua da Alegria. O novo arruamento estava alinhado de forma a bater no cotovelo da Rua da Bela Princesa. Ladeando a rua parece ainda entender-se que seria, de proposta, continuar com um terreno vegetal. Desta feita a planta já referencia uma fonte existente na Rua de Santa Catarina perto da esquina com Rua da Firmeza. Nesta representação a Rua de Santa Catarina aparece-nos já bem preenchida de edificação, salvo no segundo troço em que, na área desenhada, não aparece uma única construção.

Entre os anos de 1839 e 1841 são desenhadas 3 plantas para este mesmo local.

Na primeira, de 1839, parece confirmar-se que a rua foi aberta de forma idêntica ao projecto de 1819, mas há a ladear a rua uma construção sendo o resto marcado como terreno livre.

Curioso notar que neste desenho a Rua de Santa Catarina adquire o nome de “Rua Bella da Princeza”. Há uma ausência de desenho da dobra da rua onde, se crê, mudaria a toponímia da rua. Talvez

isto se deva por mau apuramento do desenho, mas já na planta de 1819 víamos o nome de “Rua da Princeza” colocado a meio da dobra da rua. Todavia esta planta realça a resolução do desenho de alinhamento da Rua da Alegria e Rua 24 de Agosto de forma a definir o cotovelo da que seria a futura rua da Alegria. Nesta planta vemos que já esta rasgada a Rua da Firmeza no seu primeiro alinhamento.

Este terreno, como podemos ler na legenda da planta de 1841, pertence a vários proprietários.

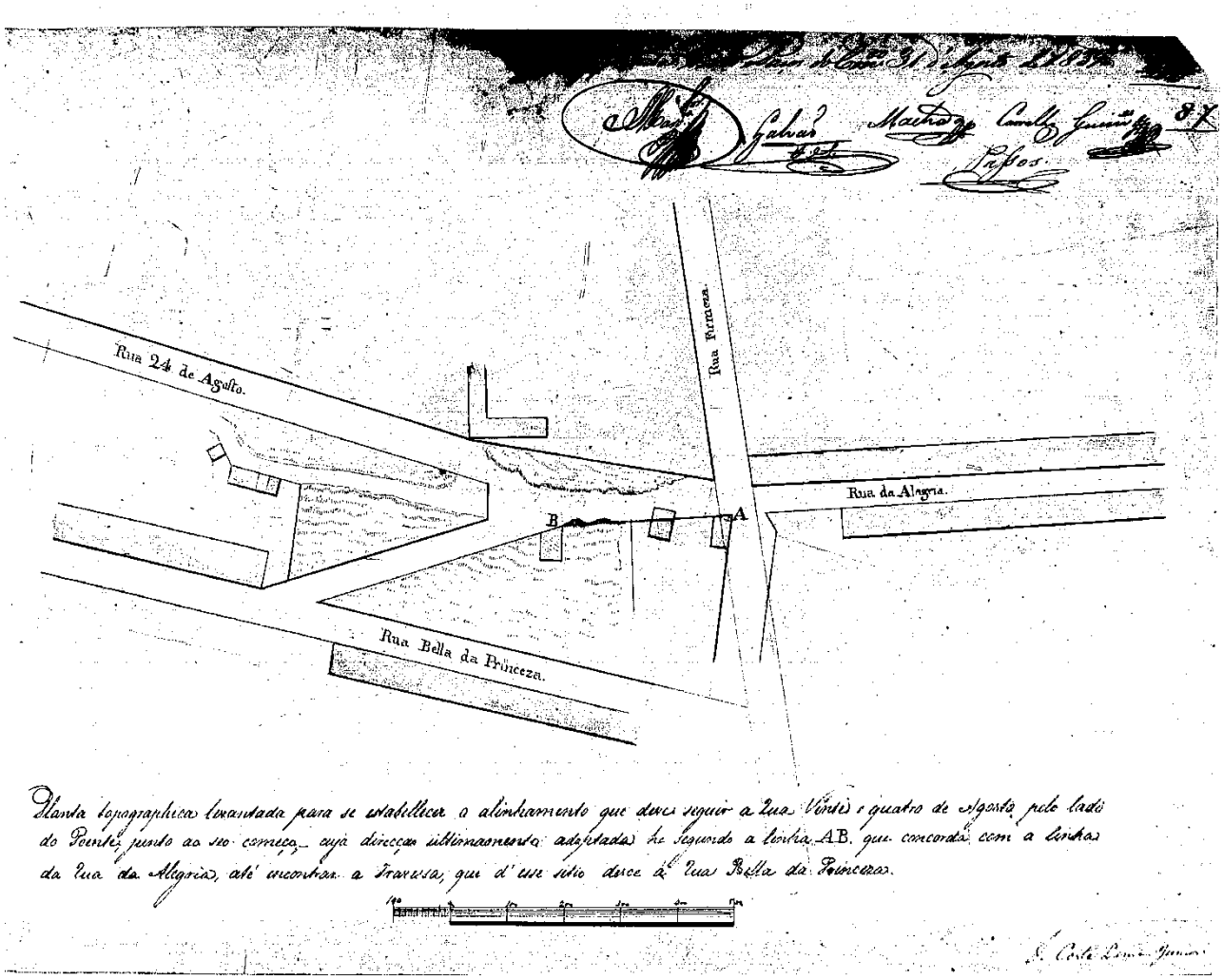


Figura 49 – Planta de 1839 onde já aparecem marcardas edificações na rua que corta o Monte de Santa Catarina.

Num golpe de intermitência das plantas encontradas verifica-se que na planta de 1840 volta a ser desenhado o jardim público desejado na planta de 1807. Desta feita aprece-nos com um desenho de jardim ladeado, no limite norte, por uma escada que garantia a ligação entre as duas ruas ao mesmo tempo que dava acesso ao jardim. Apesar de não referir cotas entende-se que o jardim abriria para a Rua 24 de Agosto sendo o jardim nivelado por essa cota ganhando do lado de Santa Catarina um “paredão”. No projecto diz que até o desenho das árvores podia ser modificado, porem o paredão de Santa Catarina era inalterável no seu alinhamento demonstrando assim a preocupação em não perturbar o já realizado alinhamento da Rua. A fonte pública continua a ser desenhada à cota da Rua Santa Catarina.

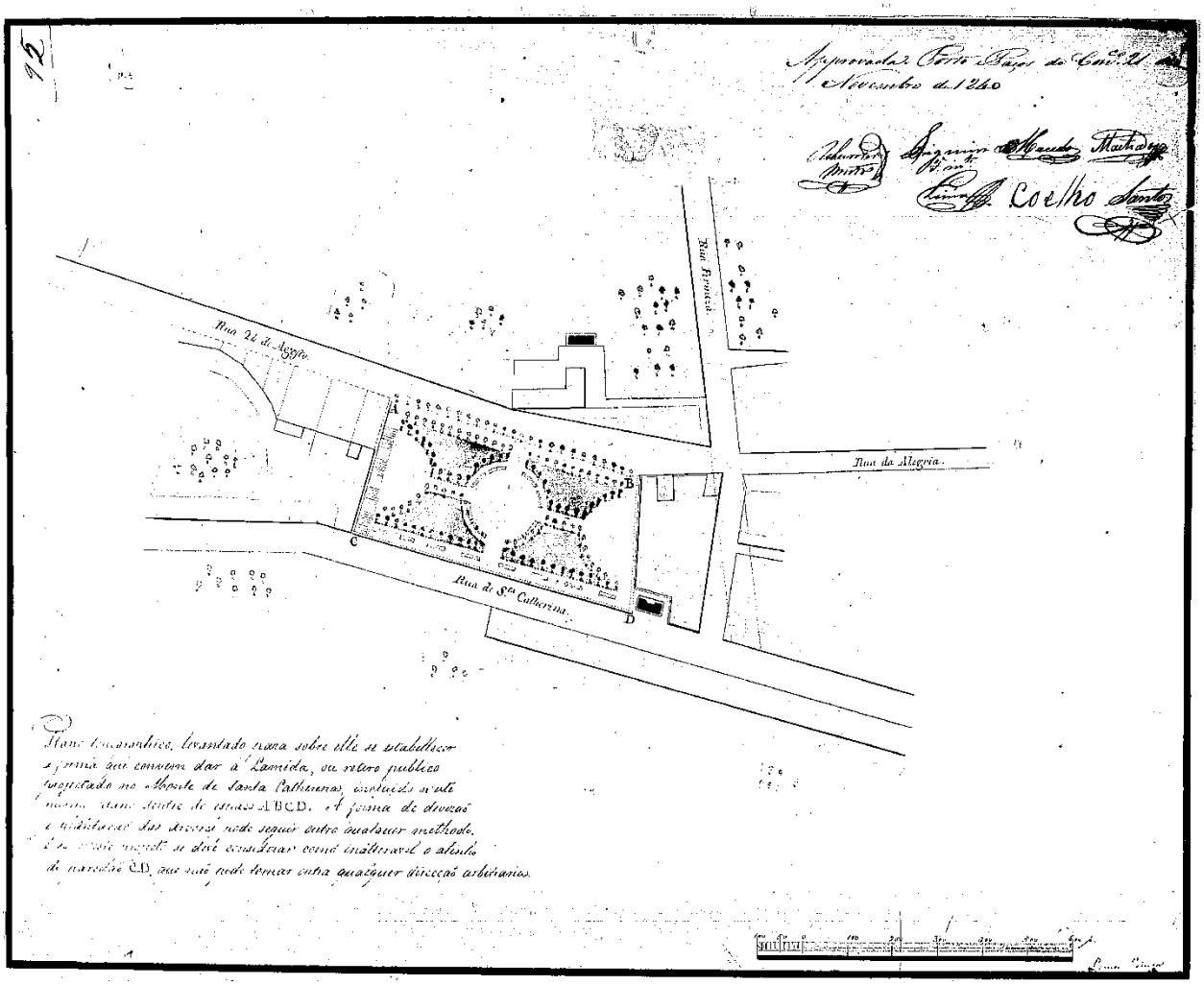


Figura 50 – Planta de 1840 do local antes designado de Monte de Santa Catarina agora com um desenho de Jardim Publico entre a Rua Santa Catarina e a Rua 24 de Agosto.

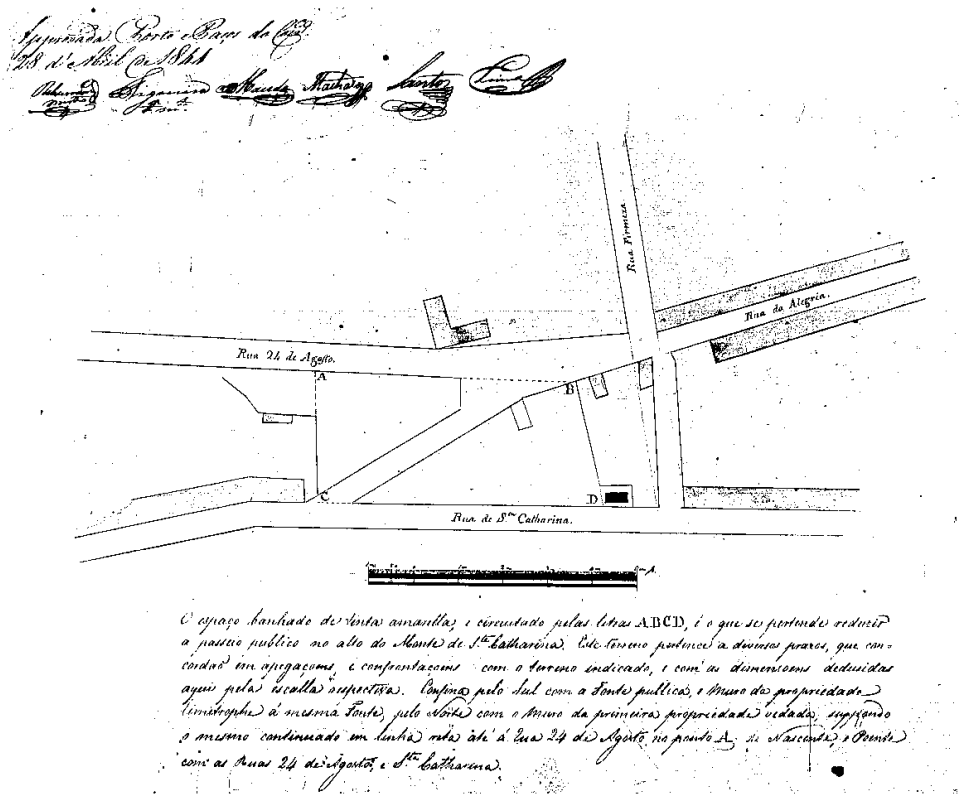


Figura 51 – Planta de 1841 do local antes designado de Monte de Santa Catarina agora com uma rua que corta o Monte. Nesta planta vemos igualmente a localização de uma fonte na rua de Santa Catarina.

Na última planta (1841) desta sequência de três voltamos a ver a Rua de ligação entre Ruas desenhada. A intenção de realizar um passeio público continua presente demarcada na planta que refere que o limite sul do passeio público seria o muro da propriedade e a fonte pública existente. Há igualmente a supressão de um caminho intermédio paralelo às duas ruas (Santa Catarina e Rua da Alegria) e um realinhamento de uma edificação perto do cotovelo da actual Rua da Alegria.

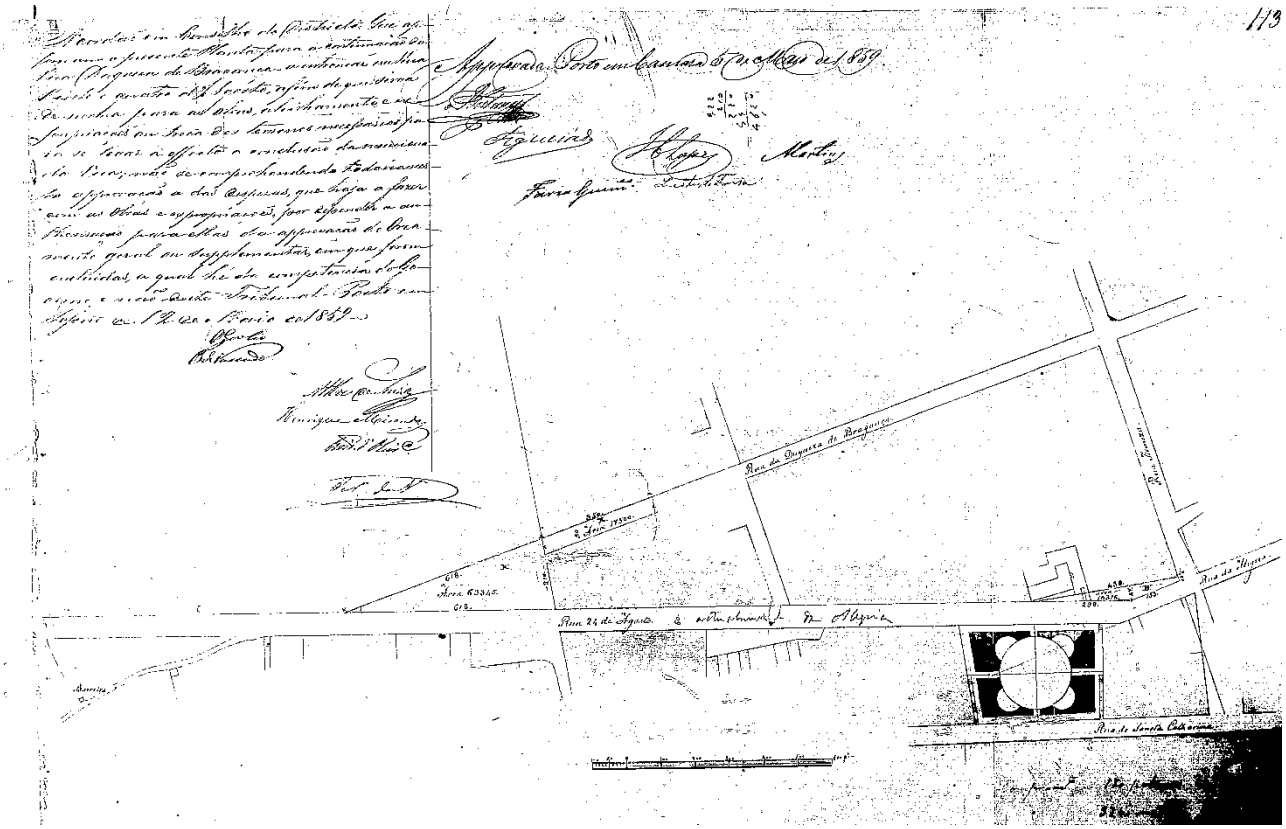


Figura 52 – Planta de 1859 que mostra um desenho de Jardim Publico para o local em analise.

Numa planta do ano de 1859 é de novo desenhado o passeio público no local, nesta já podemos ver as duas Ruas com os alinhamentos actuais. Podemos ver o lado norte da rua a ser redesenhado no sítio onde ela dobra actualmente. Marcada por debaixo do desenho do passeio publico esta ainda o alinhamento vigente do lado sul da dobra da Rua da Alegria. Curiosamente o desenho do passeio público não é, na sua essência, díspar do anterior. Parece manter a cota da Rua da Alegria continuando em plataforma até à Rua Santa Catarina, a ladear os limites norte e sul do jardim, sensivelmente a metade da largura do jardim, começam duas escadarias que vencem o desnível entre as duas ruas. O desenho do jardim é geometricamente equilibrado e espelhado em dois eixos demonstrando racionalidade e centralidade na sua concepção. Na última planta analisada neste item, verificamos que esta pouco adianta em relação às anteriores. Trata-se apenas de resolver uma questão legal com que diz respeito aos terrenos que ficam como domínio do quarteirão. Esta planta datada de 1866 parece estar em concordância com os alinhamentos das actuais Ruas que envolvem o quarteirão a Nascente e Poente bem como demonstra em proposta o alinhamento Sul actual. Neste conjunto final de duas plantas não se deslumbra já referencia à fonte existente na Rua de Santa Catarina. Na planta de Vidal de 1894 vemos o que parece ser ainda reminiscências do passado do local pois apresenta nas edificações um duplo alinhamento.

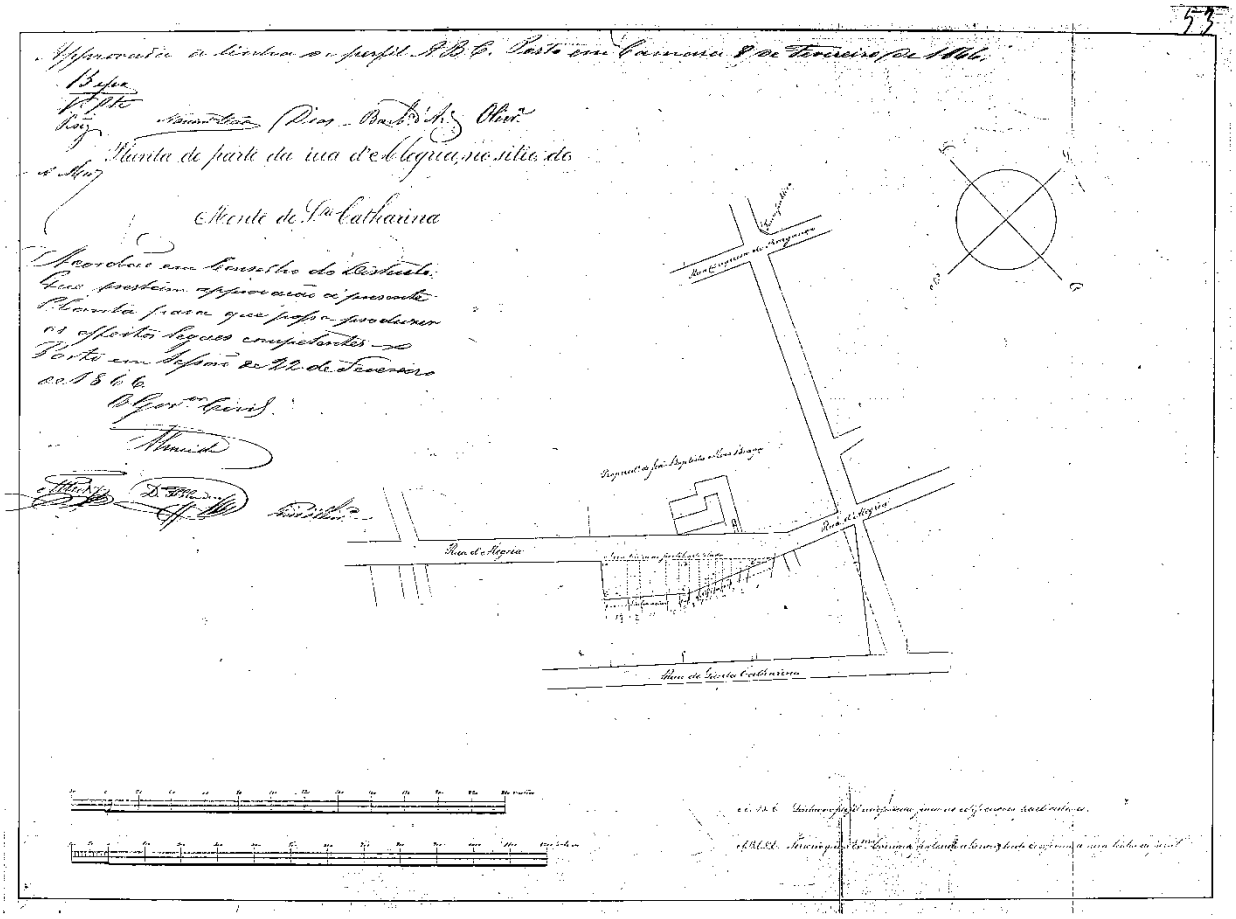


Figura 53 – Planta de 1866 que mostra o loteamento do cotovelo da actual rua da Alegria. Parece aqui ser definitivamente abandonada a ideia de usar este terreno como Jardim.

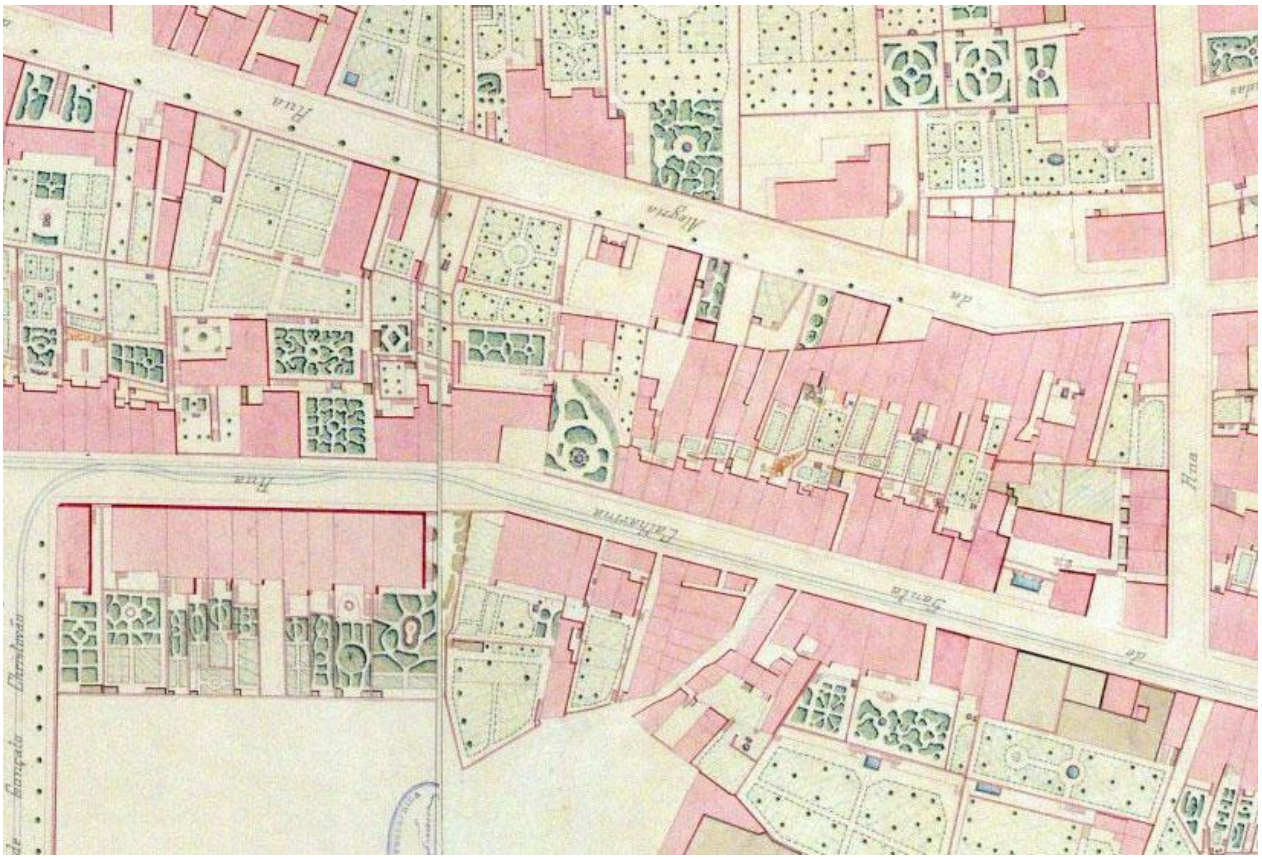


Figura 54 – Pormenor da Planta da cidade de 1892 mostrando no local em estudo uma marca/alinhamento no edificado que é uma herança, creio, dos antigos alinhamentos da então Rua 24 de Agosto cruzando com o loteamento mostrado na figura 53.

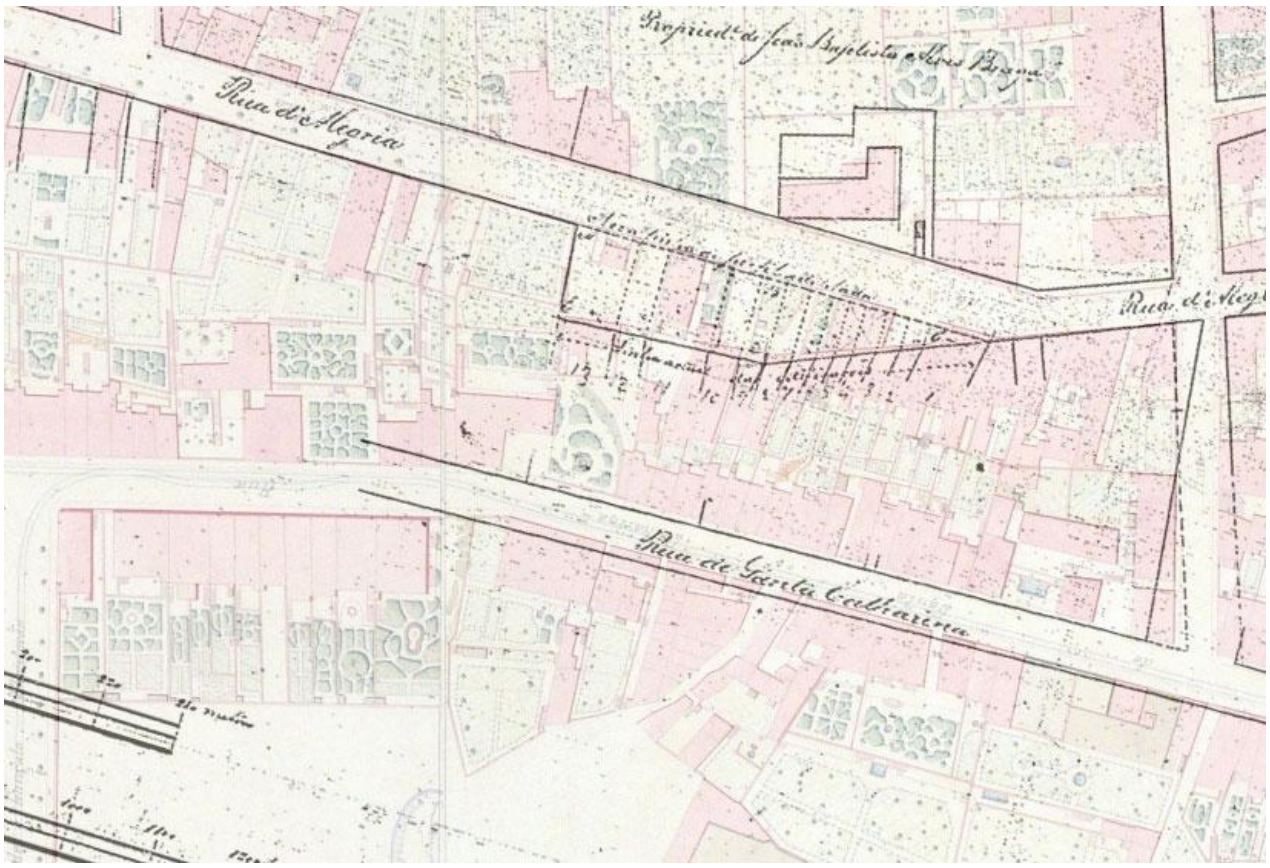


Figura 55 – Sobreposição da figura 53 e 54 demonstrando as constantes destas.

Tal como o arranque e término da rua foram repetidamente redesenhadas, o cotovelo ou a dobra da rua foi motivo de várias intenções em projecto. Fica também patente neste conjunto de projectos a vontade de promover mais uma ligação da rua a nascente.

2.3 Abertura de transversais

Entre outros temas que a observação das plantas sugerem escolhi por último deste breve capítulo um tema que não estando focado sobre a rua em si foca-se na articulação desta na malha urbana que começa a ser desenhada e edificada. Uma vez mais escolhi um conjunto de plantas sobre as quais estão desenhadas soluções e propostas para a abertura de ruas que cruzam, partem ou ficam próximas à rua de Santa Catarina.

A primeira data de 1801 e mostra em planta e perfil o actual troço da rua Fernandes Tomás compreendido entre a Rua do Bonjardim e a Rua de Santa Catarina. Inicialmente a rua se chamaria Rua Nova de São Marçal ou Santo António do Bulhão. O projecto seria aprovado em Junta a 5 de Novembro de 1801. Este desenho informa-nos de que antes da abertura havia casas de piso térreo e seus respectivos quintais bem como um antigo sobrado no alinhamento da rua. Ao compararmos a realidade presente nesta planta e a actual implantação do edificado que ladeia a rua podemos ver determinadas concordâncias, ainda que subtis, com esta planta.

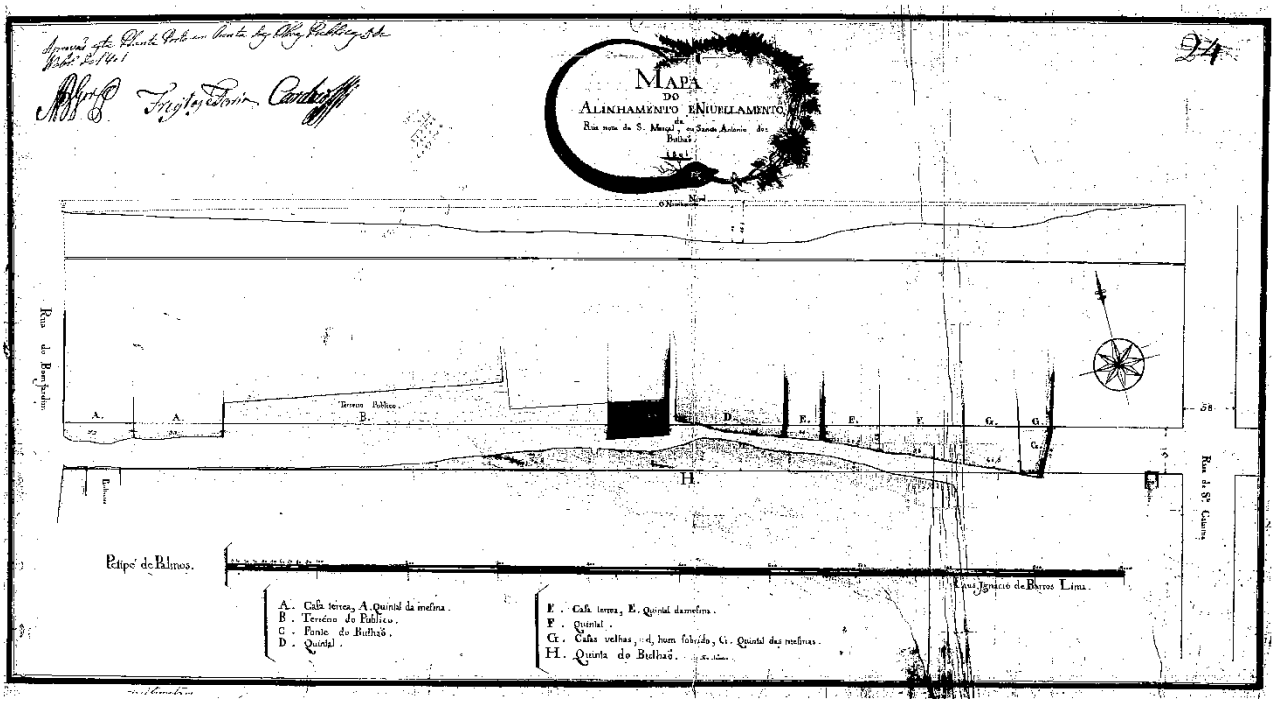


Figura 56 – Planta de 1801 que mostra em projecto o alinhamento de um troço da actual Rua de Fernandes Tomás.



Figura 57 – Sobreposição da planta de 1801, na figura 56, com a imagem do google earth de 2009.

Há ainda nesta planta uma menção de que parte de terreno publico constaria futuramente a parte de um ou mais lotes de terreno edificável, mas a crer pela actual implantação o largo presente entre as ruas de Sá da Bandeira, Bolhão e Fernandes Tomás permanece parcialmente publico através de um largo. Podemos ainda ver o local da "Fonte do Bulhão" nesta planta de 1801. A planta anota também a largura, em palmos, das ruas que se cruzam verificando-se que Santa Catarina ficaria mais larga em 7 palmos em relação à sua transversal que contava, em projecto, com 51 palmos. No perfil associado à planta verificamos o acidentado do terreno entre as ruas de Santa Catarina e Bonjardim, estando esta ultima a uns 11 palmos mais baixa que Santa Catarina. Este troço (da actual rua Fernandes Tomás) vence uma pequena depressão no terreno que para ficar de nível precisa de 45 palmos de entulho – seguindo a linha de raciocino do que fora feito na rua de Santa Catarina – para promover a ligação da Rua Santa Catarina a Ocidente. Não se torna claro pela proposta se a "fonte do bulhão" se iria manter, desta feita a uma nova cota. Há ainda uma pequena anotação feita à posteriori de um cálculo de quanta quantidade de entulho/terra seria necessária ao nivelamento da rua. Numa outra planta de 1810 vemos que o projecto de regularização da Rua ainda não está realizado, mas uma vez mais vemos que onde seria o Bulhão e a sua fonte coincide com o actual largo.

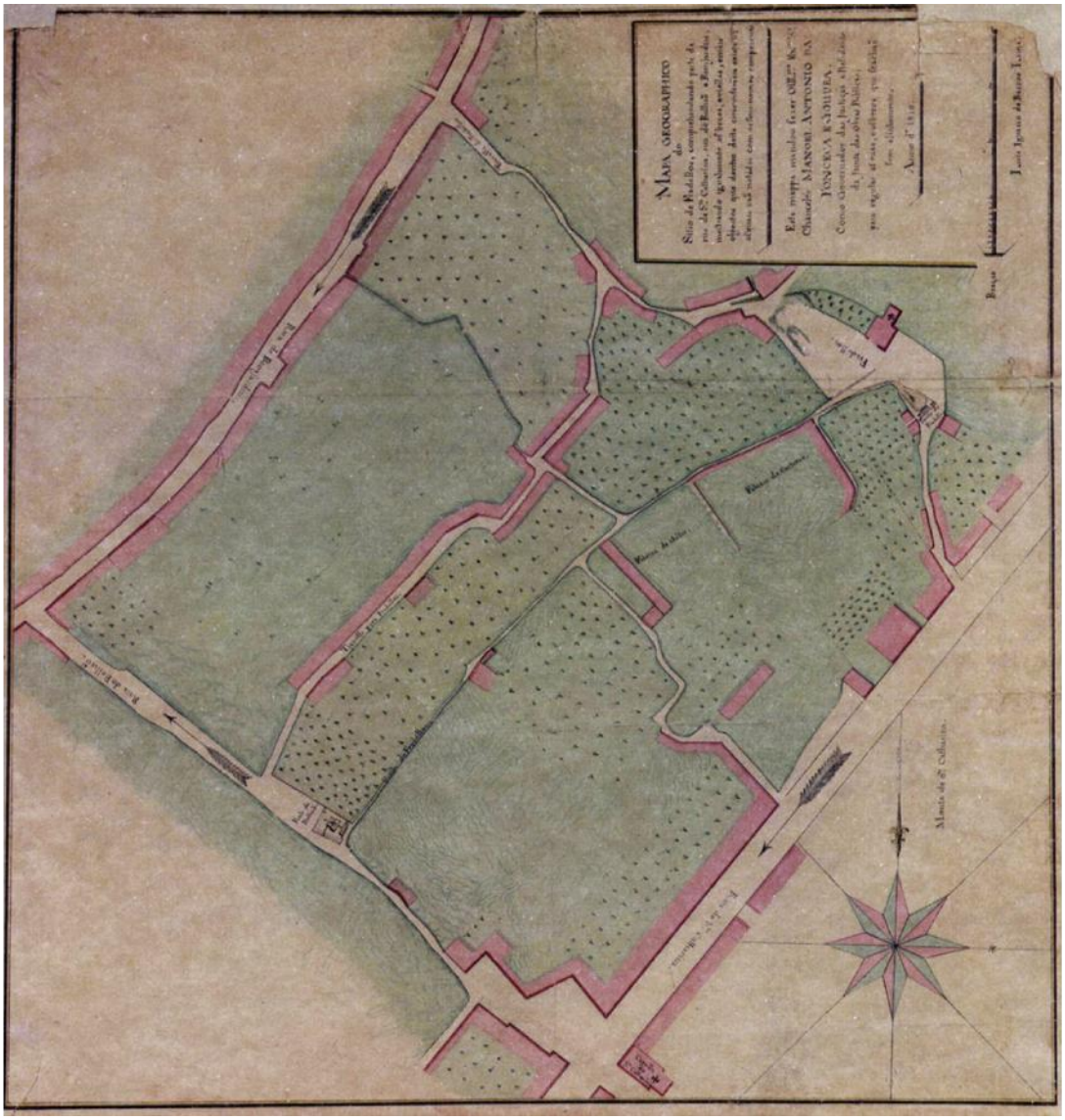


Figura 58 - "Mapa geographico" do Sitio de Fradelos de 1810. Nela vemos ainda não executado o alinhamento da Rua Fernandes Tomás.

Seguindo cronologicamente as plantas encontradas, encontramos uma de 1832 onde vemos mais uma intenção de projecto de prolongamento de uma rua com origem na Rua de Santa Catarina. Creio que está planta remete-nos para as Fontainhas onde lemos “Rua dos Carvalheiros”. Anotado sobre a planta vemos dúvidas sobre que pertenciam parcelas de terrenos.

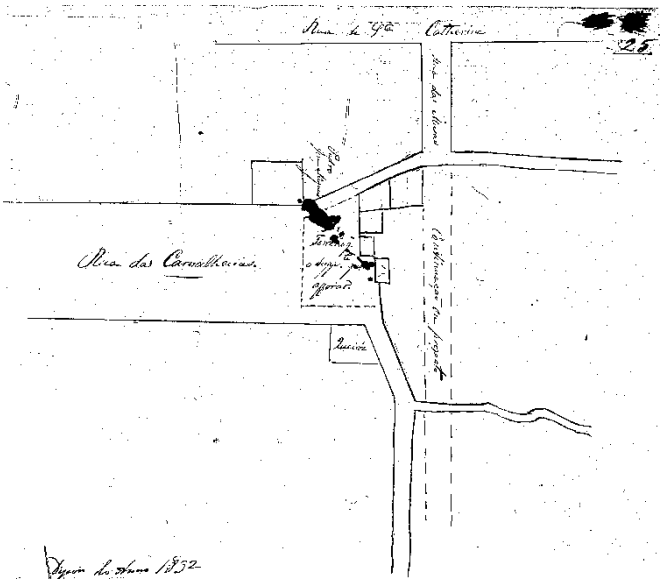


Figura 59 - Planta de 1838 que mostra o prolongamento da Rua das Musas em direcção a poente.

Numa outra planta, aprovada em 18 de Abril de 1838 pelos Paços do Concelho, documenta a regularização da Travessa das Almas que terá sido parte do caminho que vai para Fradelos. Nesta regularização do traçado da travessa apenas o topo da igreja distorce, afunilando o término da travessa do lado sul, o alinhamento recto.

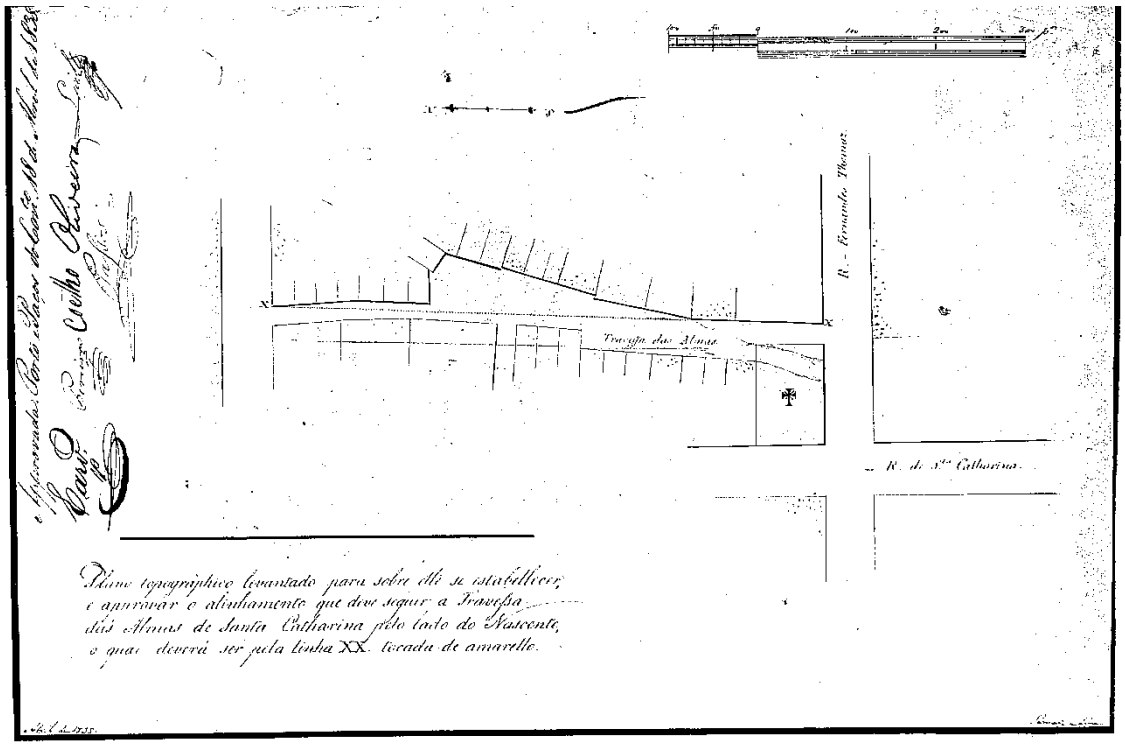


Figura 60 - Planta de 1838 que mosta a travessa das Almas antes do alinhamento. Nela podemos ver também o projecto de alinhamento da mesma.

Na planta da cidade de 1824 há uma vontade expressa de promover através de três ruas, que cruzam a rua de Santa Catarina, a ligação entre a parte nascente e a parte poente da cidade. Verifica-se que nesta planta sem data que uma delas – Gonçalo Cristóvão – está já aberta até à Rua do Bonjardim, porém a apelidada, na planta, de "Rua do Duque" que ligaria a "Praça da Regeneração" à "Rua da Bella da Princeza" encontra-se em projecto, tal como na planta da cidade de 1824 aparece semelhante intenção.



Figura 61 - Planta sem data que mostra o alinhamento previsto para a "Rua do Duque" que ligaria a Praça da Regeneração, a actual Praça da Republica, à Rua de Santa Catarina.



Figura 62 - Excerto da Planta da cidade anterior ao ano de 1824 onde podemos ver marcado o alinhamento de uma rua transversal à então Rua da bela da Princesa assim como há em projecto mais duas ruas que promove a ligação nascente poente. A situada mais a norte é a Rua do Duque do Porto que esta em projecto na figura 61.

No próximo conjunto de plantas encontradas vemos projectos para a mesma rua no ano de 1854 e 1861. Na primeira podemos ainda encontrar duas hipóteses de abertura. Uma delas é mais perpendicular à Rua do Bonjardim e a segunda mais à Rua de Santa Catarina. Enquanto nesta primeira planta a opção parece recair sobre a primeira hipótese que é ligeiramente mais a norte no seu término em Santa Catarina, na segunda planta apenas aparece a segunda hipótese que provavelmente fora a provada em definitivo. De notar que as plantas são idênticas sendo provavelmente uma passada por cima da outra. A crer pela distância desta rua – provavelmente Guedes de Azevedo – à capela (a norte) de Fradelos verificamos que tal rua provavelmente não terá sido aberta no local indicado na planta mas sim mais a norte mas com a mesma orientação. Tal opção pudera se dever ao facto de que apenas uns metros mais a norte o número de expropriações seria bem menor. A crer pela mesma planta em vez de 18 edifícios e terrenos a actual rua apenas apanharia parcialmente no seu caminho duas fábricas.

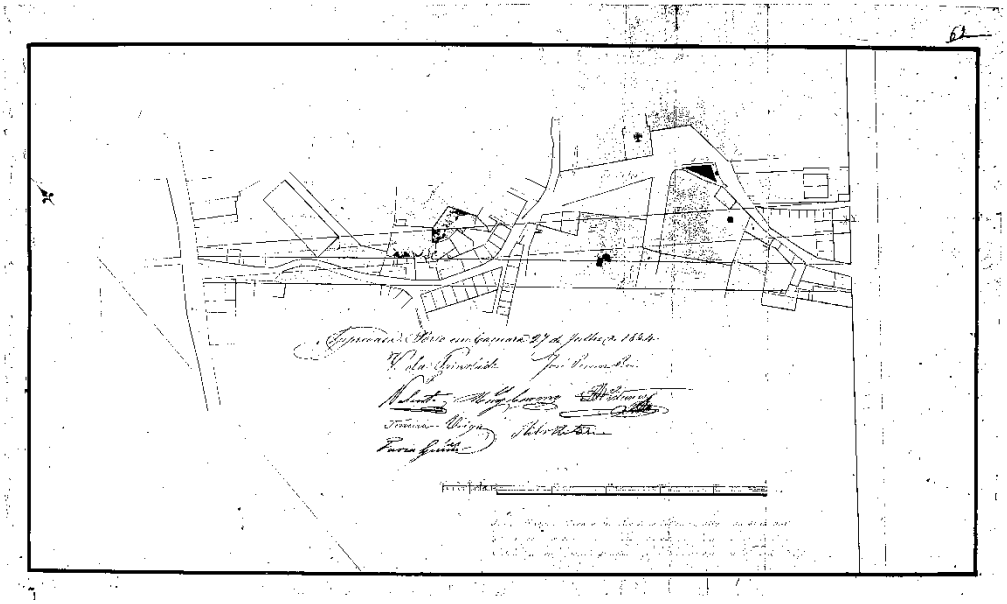


Figura 63 - Planta de 1854 mostrando dois possiveis alinhamentos para uma nova rua que ligaria a Rua do Bonjardim à Rua de Santa Catarina.

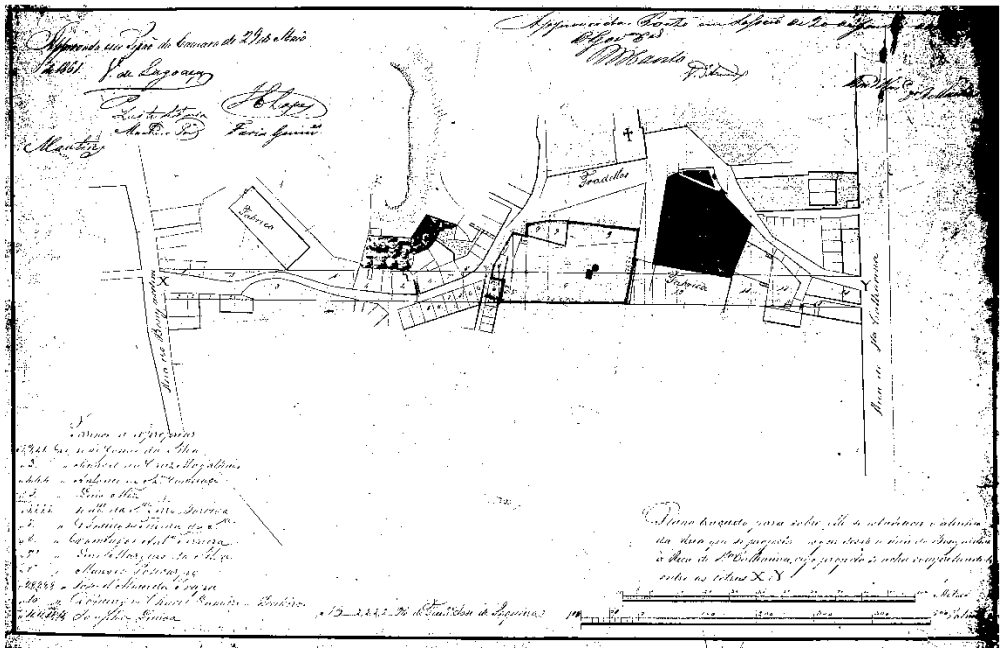


Figura 64 - Planta de 1861 mostrando o alinhamento de uma nova rua. A crer pela exactidão da mesma, tendo como referencia a igreja de Fradelos, não coincide com a actual Guedes de Azevedo.

Já tínhamos visto em plantas da década de 30 só século XVII que a rua da Firmeza era alvo de intenções de realinhamento no troço entre a Rua da Alegria e Santa Catarina. Nesta planta de 1855 vemos que ainda se esta a tentar definir o alinhamento deste troço. Para além do alinhamento da altura a planta propõem duas soluções. Uma que garante o alinhamento perfeitamente recto com o outro troço da rua e uma que – recta em si – tem uma ligeira torção para norte em relação ao troço que vai permanecer inalterado. A 23 de Agosto é aprovada esta ultima solução. Uma vez mais seria necessário menos expropriações para realizar a obra, assim como esta ficaria perpendicular à travessa das Almas. Conhecendo a topografia da zona podemos também afirmar que o desnível no cruzamento seria incomportável caso corta-se mais a sul a travessa. Na planta da cidade de 1892 este troço da Rua da Firmeza já aparece com o seu alinhamento definitivo.

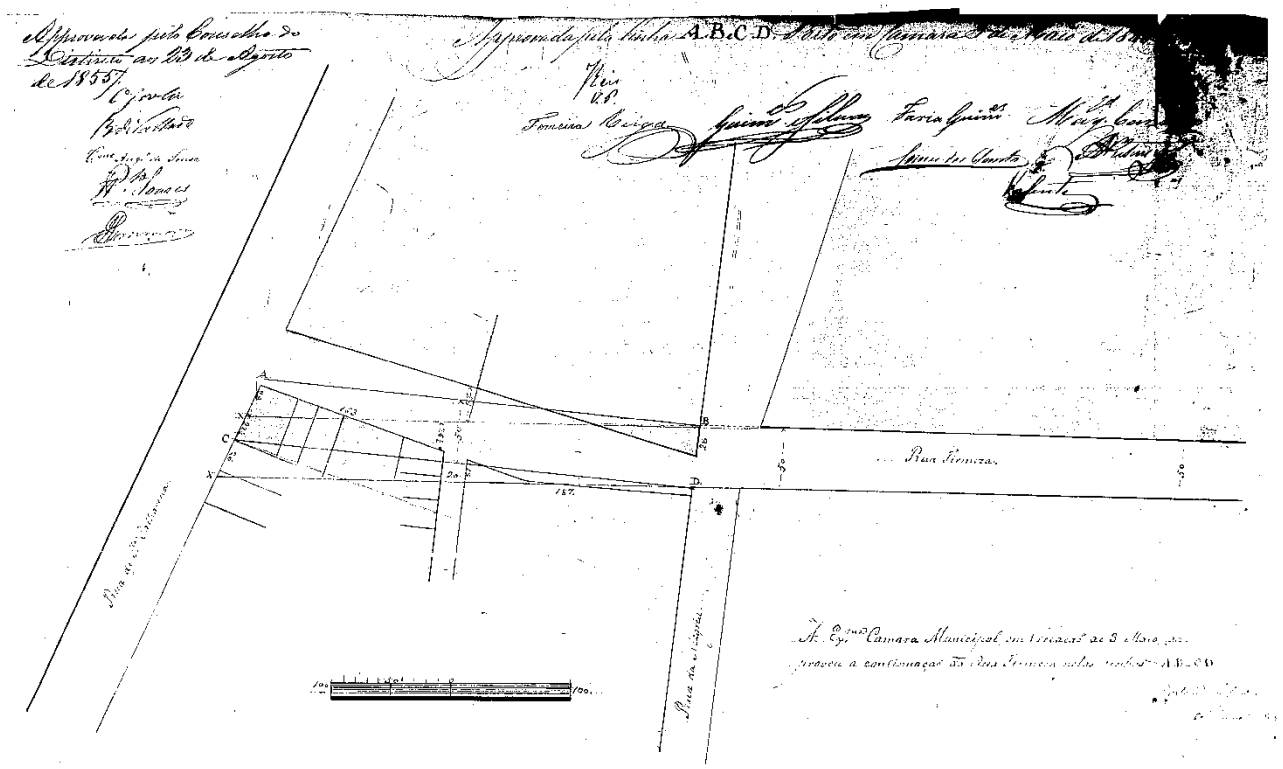


Figura 65 - Planta de 1855 mostrando dois possiveis alinhamentos para corrigir o troço da Rua Firmeza entre a Rua de Santa Catarina e a Rua da Alegria. A opção escolhida foi o alinhamento designado pelas letras AB CD.

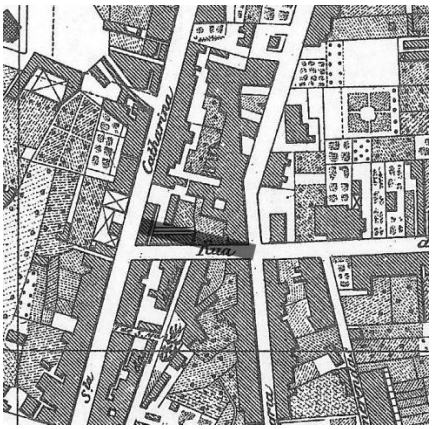


Figura 66 - Excerto da Planta da cidade de 1892 mostrando o alinhamento actual da rua. A cinza está marcado o antigo alinhamento deste troço que se pode ver na figura 65.

Capitulo III

Casos Particulares

3.1 A Capela das Almas

3.1.1 A Azulejaria em Portugal

Dos casos particulares estudados começarei pela capela das Almas por dois motivos primários. O primeiro é que porque permite falar de um tema, a azulejaria, que é familiar á arquitectura da cidade do Porto. O segundo, mais simbólico, deve-se ao facto desta Inicialmente se denominar de Capela de Santa "Catharina".

A história da arquitectura da rua Santa Catarina passa também inevitavelmente pelo azulejo, quer seja pela capela presente na rua, que se destaca pelo seu programa e revestimento, quer seja pelas regulares habitações que tem como revestimento este material, por sinal, fortemente associado á nossa arquitectura. Como tal pareceu interessante fazer um breve resumo da história do azulejo no nosso país tentando associar à arquitectura presente na rua.

"*Elemento caracterizador de uma forma de entender a arte e de distinguir um gosto*"[24]. Esta poderia ser uma das formas de designar o azulejo.



Figura 67 - Diversidade do tipo e padrão do azulejo encontrado nas fachadas dos edifícios ao longo da rua.

24 MONTEIRO, João Pedro – O Azulejo no Porto, Estar editora, Lisboa, 2001, pp. 11.

A história do azulejo vem de longa data tendo a azulejaria começado a adquirir personalidade artística durante o Califado de Bagdad, na Pérsia, entre os séculos XIII e XIV. O trabalho de azulejaria chega à Península Ibérica por intermédio dos mouros através do Levante e da Andaluzia. Será mais tarde que os italianos se apoderaram do segredo do fabrico de azulejos em larga escala. A partir dos meados do século XVI, artistas flamengos que tiveram contactos em Sevilha e Talavera de la Reina, instalaram-se em Lisboa, introduzindo as novas técnicas maiolicárias, e com elas o azulejo de superfície lisa, de grande aceitação e de fácil adaptação a obras de arquitectura.

O azulejo foi um suporte de perpetuação de feitos e histórias diversas, assim sendo, tomaram destaque na arquitectura não sendo apenas mero revestimento de fachadas e paredes interiores. No entanto os revestimentos acompanham as grandes linhas de afirmação desta arte, mas quer no fabrico ou na aplicação temos exemplos únicos.

O azulejo foi aplicado nas arquitecturas do Porto na maioria das vezes como um padrão regular, preenchendo espaços cegos das fachadas, porem transcende-se quando figurativo. Nessa condição o azulejo ganha força de representação e de narração posta ao serviço de vários poderes. Neste caso concreto ao puder clerical. Podemos ver na cidade painéis, quer interiores quer exteriores, de azulejos figurativos.

Desde a Estação de São Bento às igrejas da cidade assim como em muros que ladeiam a via publica e por vezes em habitações particulares. Mais recentemente com a construção de uma nova vertente de transportes públicos, o metro ligeiro, as suas estações foram revestidas a azulejos.

Já no século XVI alguns templos portugueses vão ser revestidos por azulejos, produzidos em Sevilha com as antigas técnicas mouriscas. A sala do Capítulo no convento da Conceição em Beja e a Sé são disso exemplo.

A produção nacional ter-se-á iniciado em Lisboa por volta de 1560 aquando a técnica hispano-mouriscas teria caído em desuso, visto que, à majólica era então divulgada na Península Ibérica por ceramistas flamengos vindos de Antuérpia. Esta nova técnica permitia a pintura rápida sobre a superfície vidrada do azulejo. É nesta nova técnica que no século XVII que as igrejas irão ser adornadas nos interiores. Preenchendo quase a totalidade do espaço, os painéis e narrativas, com origem em anónimas oficinas lisboetas, são um prenúncio dos grandes ciclos narrativos da azulejaria barroca.

Usados mais discretamente durante a Reconstrução Pombalina de Lisboa o azulejo de padrão conquista a partir da segunda metade do século XIX a rua, tornando-se uma constante no espaço urbano português. No caso de Santa Catarina grande parte dos edifícios do segundo tramo é edificada nesta época, bem como alguns do primeiro tramo.

Apesar da aplicação dos azulejos, industriais e semi-industriais, ser o mesmo pelo país, sendo ele utilizado para o revestimento de edifícios construídos pela burguesia oitocentista, a sua concepção será díspar notando-se singularidades de uma fábrica para outra. A norte, em especial na cidade do Porto, a conquista das fachadas dá-se de uma forma "*quase violenta*"[25]. Na cidade os edifícios com diferentes revestimentos cerâmicos sobressaem-se os azulejos de pequenos e rectangulares, lisos e facetados, que parecem simular cantarias.

25 MONTEIRO, João Pedro – O Azulejo no Porto, Estar editora, Lisboa, 2001, pp. 13.

No início do séc. XIX, aquando a ameaça de invasão do exército de Napoleão sobre Lisboa, a corte real muda-se para o Brasil e durante os catorze anos seguintes o desenvolvimento da indústria da azulejaria portuguesa dependeu das requisições brasileiras. Quando a corte volta para a Europa, em 1821, muitos dos portugueses retornados decidiram revestir as paredes externas das suas casas com azulejos decorativos, imitando o que tinham visto realizar no Brasil. Azulejar as fachadas das residências tornou-se um símbolo de prosperidade e com isso a indústria dos azulejos ganhou novo fôlego e floresceu.

Uma parte da produção nortenha oitocentista tem um "*gosto muito próprio*"[26] com relevos e formas acentuadas e em sintonia com o estilo barroco de algumas das edificações locais. Mais tarde o reforço da vertente barroca no espaço urbano da cidade através do azulejo encontra o seu paradigma no revestimento tardio das fachadas com painéis de temáticas religiosas nas primeiras décadas do século XX.



Figura 68 - Capela das Almas em 2010. Foto trabalhada digitalmente para demonstrar como era antes da colocação dos emblemáticos azulejos que a caracterizam.

Pode-se afirmar que a capela das Almas é caso único, onde a temática iconográfica, a mesma da pensada no século XVIII para o revestimento interior dos templos, ganha um novo fôlego procurando atingir um maior número de pessoas na sua mensagem. "*Funcionariam como bíblias descomunais, ilustradas e dirigidas às massas.*"[27]

Quanto aos azulejos que cobrem as fachadas das igrejas portuenses inserem-se numa corrente estética de filiação romântica. A temática religiosa teve aplicação exclusiva no norte do país já a vertente profana associada a episódios históricos relevantes do país se pode encontrar por todo o país.

Um paradoxo da azulejaria na cidade do Porto é o afastamento das grandes linhas de renovação moderna desde os anos 50 até a actualidade.

26 MONTEIRO, João Pedro – O Azulejo no Porto, Estar editora, Lisboa, 2001, pp. 13.
27 PAIS, Alexandre Nobre – A produção da oficina à fábrica, in *As Idades do Azul. Formas e Maneiras da azulejaria*. [Cat. Exp.], Instituto do Emprego e Formação Profissional, 1998, pp. 24.



Figura 69 - Interior da capela. Nave única com um coro alto.



Figura 69a - Interior da capela. Nave única com um altar-mor. Os altares laterais são trabalhados em talha dourada.

3.1.2 A Capela

"*Situa-se no ângulo da Rua de Santa Catarina com a Rua Fernandes Tomás. Tanto a fachada como a nave são muito equilibradas e sóbrias. Mas o que neste templo interessa distinguir é o seu completo revestimento exterior de azulejos na fachada e na parede lateral sul. Tais azulejos são de autoria de Eduardo Leite*"[28].

Erguida em 1666, a capela poucas intervenções teve, de facto, excluindo o revestimento a azulejos da mesma poucas foram as alterações do espaço. Em algumas das plantas observadas no arquivo histórico do Porto a Capela aparece-nos com um pequeno largo – não desenhado – à sua frente, o que sugere um ponto de transição na rua, visto que para norte e para sul da capela a rua se encontra definida no seu "corredor".



Figura 70 - Capela das Almas nas Plantas Gerais do Porto de 1813, 1824 e 1839. Permanência de um adro de fronte á Capela. O mesmo "adro" (espaço livre) podemos ver na figura 58 numa plante de 1810.

28 AZEVEDO, Correia de - Enciclopédia da Arte Portuguesa

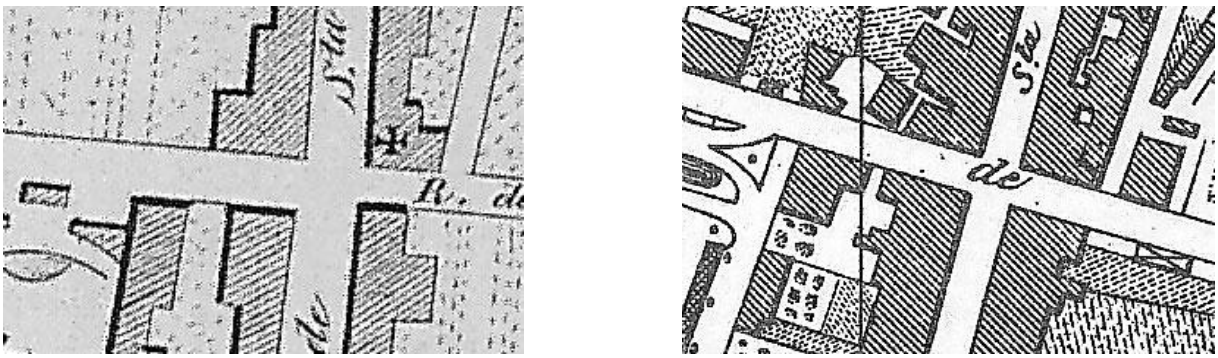


Figura 71 - Local da Capela nas Plantas Gerais do Porto de 1865 e 1892. Desaparecimento do adro de fronte á Capela.

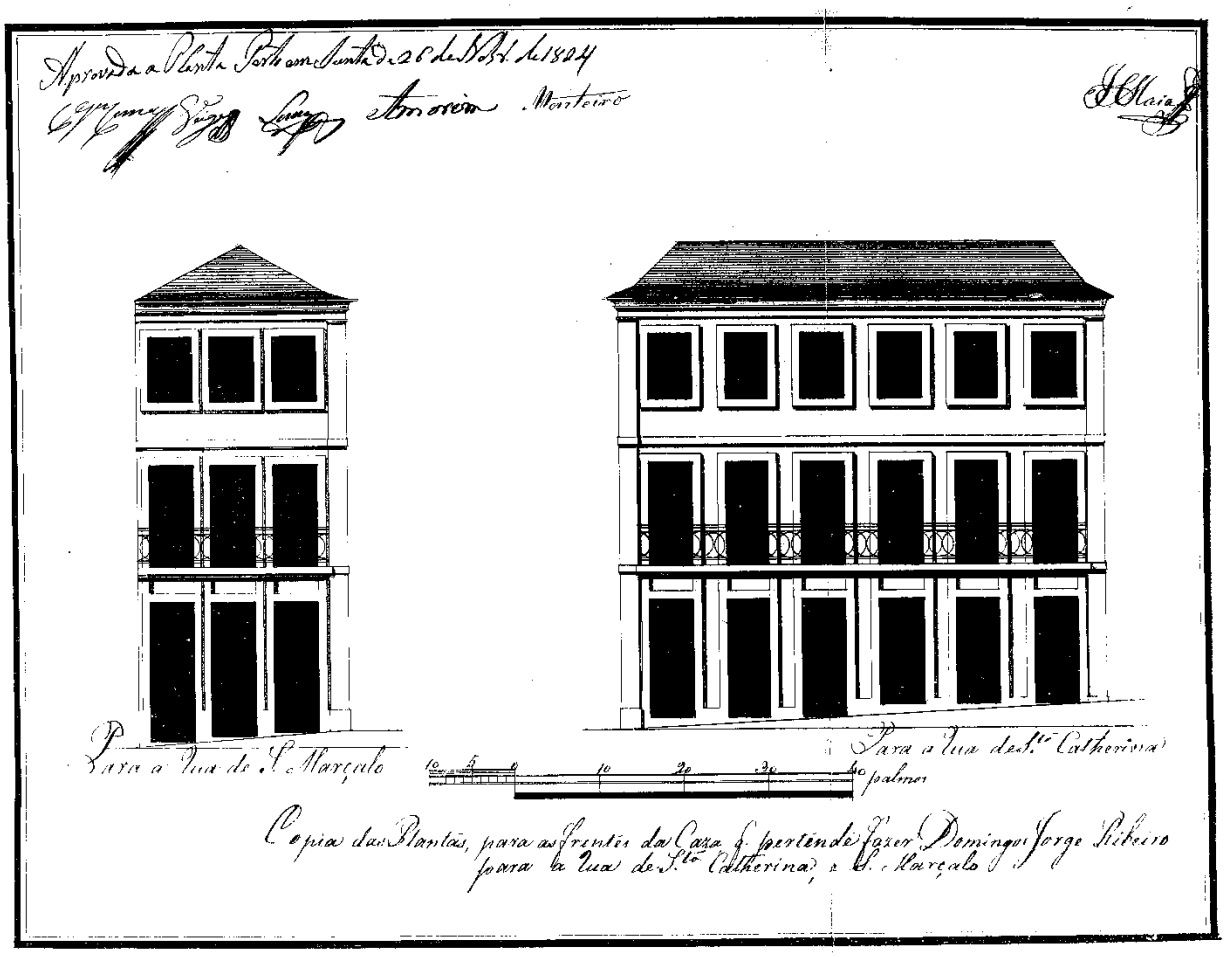


Figura 72 – Casa projectada e aprovada pela Câmara sobre a esquina de Santa Catarina com a rua de São Marçal em 1824. A crer pela planta de 1839 tal projecto não teria sido edificado. Tal configuração, na planta de 1865, não colabora para que tenha sido este o projecto erguido nesta esquina.

Como diz o padre actual da capela, Alexandrino Brochado, a Capela das Almas é um "*ex-líbris da velha e gloriosa cidade do Porto*". Analisando o seu estilo arquitectónico direi que tem um traçado em estilo neoclássico do final do século XVIII. Composta por uma nave única e de um altar no topo da mesma o interior da capela recebe luz solar de três tímidas aberturas voltadas a sul e semelhantemente três voltadas a norte assim como uma única abertura virada a poente. A abertura virada a poente é um vitral e está assinado pelo pintor e professor da Escola de Belas Artes do Porto, Amândio Silva (1923-2000). Tem uma simbologia perfeitamente enquadrada no dogma da salvação dos homens pelo sangue de Cristo. O vitral representa um braço de Cristo pregado na cruz, brotando da chaga da mão várias gotas de sangue

que caem sobre as almas do purgatório. As seis janelas laterais à nave têm a ombreira superior trabalhada a excepção das duas que ladeiam o altar.

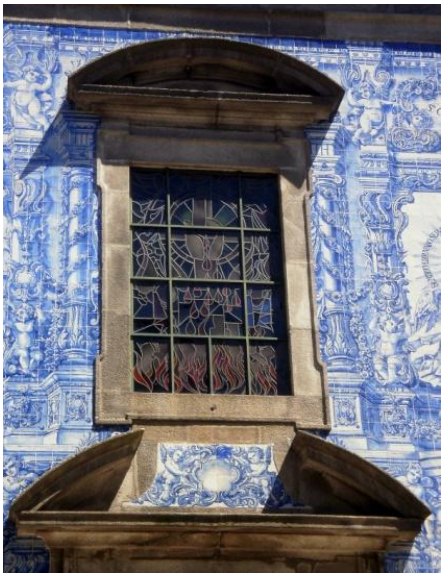


Figura 73 - Vitral virado a poente (Rua de Santa Catarina) por cima da entrada da igreja.



Figura 74 - Vista da fachada sul e nascente da capela. Desembocadura da travessa das Almas na Rua Fernandes Tomás.

Lateralmente à nave única da Capela surge uma espécie de nave de apoio, que terá metade da dimensão lateral da nave da capela. Esta contacta por duas aberturas com a capela. Em cima desta nave menor existe um piso que fica destinado a aposentos e arrumos assim como dá acesso a um coro alto que conta com um órgão. Esta nave de menores dimensões sofreu obras de ampliação e restauro em 1801 que modificaram o estilo original.

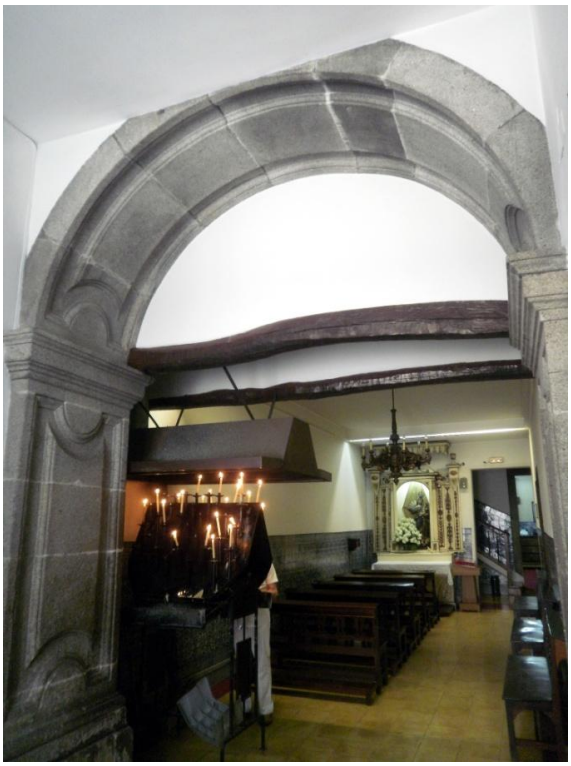


Figura 75 - Interior da capela. Nave lateral, com entrada independente à face da rua, à nave principal.



Figura 75a - Interior da capela. A nave lateral culmina num espaço de sacristia.



Figura 76 - Interior da capela. Escada de ligação ao primeiro piso que contem aposentos bem como o acesso ao coro alto da igreja.



Figura 77 - Interior da capela. Coro alto da igreja com o órgão e vitral virado a poente.

A distinção destes dois espaços traduz-se na fachada sul através do desenho assimétrico da mesma onde se destaca a Torre Sineira, rematada por uma cruz em ferro, à face da rua como principal ponto desequilibrado da composição. No tímpano da entrada principal, em amplo frontão triangular, fixa-se um brasão, bipartido, com as armas de S. Francisco, Chagas e de Santa Catarina.



Figura 78 - Fachada poente da capela.

Na nave da igreja, sensivelmente a meio, encontramos um pequeno oratório voltado a sul. A sua localização, entre duas aberturas voltadas a sul, parece estratégica comparando-a a uma iluminação artificial onde as aberturas funcionam como focos.



Figura 79 - Interior da capela. Oratório.



Figura 79a - Interior da capela. Oratório, colocado na parede a norte e sensivelmente a meio da nave da igreja.

A capela conta com casas de banho acrescentadas em 1977 num acesso feito pela sacristia que se localiza na nave de menor dimensão. Nesta nave ainda podemos encontrar um pequeno segmento para oração, como se trata-se de uma pequena igreja.



Figura 80 - Interior da capela. Instalações sanitárias.

Sem duvida uma das características que a torna excepcional é o seu revestimento exterior e sua composição. Para se avaliar quanto os azulejos enriqueceram a Capela das Almas podemos observar uma das gravuras deste templo, em reboco, sem os azulejos que hoje possui.

Trata-se de um desenho de um álbum de Joaquim Cardoso Victoria Villanova de 1833, existente na Biblioteca Municipal do Porto. Nesta gravura pode-se verificar, segundo o Padre Brochado, que "*a Capela das Almas, sem os seus painéis, parece não ultrapassar a dimensão artística duma vulgar e*

humilde igreja das nossas aldeias. Mas com os azulejos a Capela das Almas situa-se, sem favor, ao nível dos ex-líbris que possui a cidade do Porto. É na verdade um pequeno-grande templo."



Figura 81 - Capela antes da colocação dos azulejos. Desenho de um álbum de Victoria Vila Nova, pseudónimo de Joaquim Cardoso Villanova, de 1833.



Figura 82 - Capela antes da colocação dos azulejos. Excerto de uma foto do fotografo Alvão do inicio do século XX.

A visibilidade que os painéis de azulejo da Capela das Almas ganharam atravessou fronteiras e espalhou-se pela Europa e pela América segundo o Padre Brochado que é parco da mesma desde 1953. Ele chama a atenção para uma publicação da revista "National Geographic", órgão oficial da "National Geographic Society", com sede em Washington, DC, Estados Unidos, que reproduziu, a cores, toda a parede do lado sul da Capela das Almas. Esta reportagem foi publicada no número 158, editada em 6 de Dezembro de 1980.

Os "*preciosos*" azulejos da Capela das Almas passaram por tempos difíceis correndo o risco sério de degradarem-se irreversivelmente, mas em Setembro de 1982 começou um restauro *moroso, difícil e dispendioso* dos azulejos que terminou em Dezembro do mesmo ano. Neste processo foram levantados e recolocados 2.400 azulejos, sendo que 28 tiveram que ser refeitos na Fábrica Viúva Lamego – fabrica original dos mesmos - por se terem partido ao cair no pavimento da Rua Fernandes Tomás.

Os azulejos da Capela das Almas, feitos em Lisboa, estão assinados pelo pintor Eduardo Leite, que se notabilizou como aguarelista e ceramista. Para dar uma ideia da extensão dos painéis confere dizer que foram usados 15947 azulejos que cobrem cerca de 360 metros quadrados de parede.

Começando pela fachada a poente, do lado da Rua de Santa Catarina merecem destaque as cenas das "Almas do Purgatório", as decorações e quadros alusivos à Eucaristia e as composições sobre a vida de Santa Catarina e São Francisco: "São Francisco recebe os estigmas de Cristo" e "Coroação de Santa Catarina". Nesta fachada esta patente a forte presença da Santa, como de uma biografia aberta ao público se tratasse. No painel da parede a sul, voltada para a Rua Fernandes Tomás, há várias cenas da vida de Santa Catarina e de São Francisco de Assis. "Santa Catarina discute com os sábios de Alexandria", "A vitória de Santa Catarina anunciada por um anjo" e "Súplica de Santa Catarina no ato de ser degolada". Existem no entanto painéis dedicados a São Francisco de Assis que antes de se converter fora guerreiro, filho insubmisso, extravagante, gozador da vida, impulsivo, rebelde, mas sempre generoso. Podemos encontrar as seguintes composições dedicadas: "Cristo solta-se da cruz para abraçar São Francisco", "São Francisco a pregar na presença do Papa Honório III", "São Francisco faz um milagre", "A morte de São Francisco" e "São Francisco a ser levado pelos anjos".



Figura 83 - Fachada poente. São Francisco recebe os estigmas de Cristo.



Figura 84 - Fachada poente. Coroação de Santa Catarina.



Figura 85 – Fachada sul. São Francisco faz um milagre.



Figura 86 – Fachada sul. A morte de São Francisco.



Figura 87 – Fachada sul. Cristo solta-se da cruz para abraçar São Francisco.

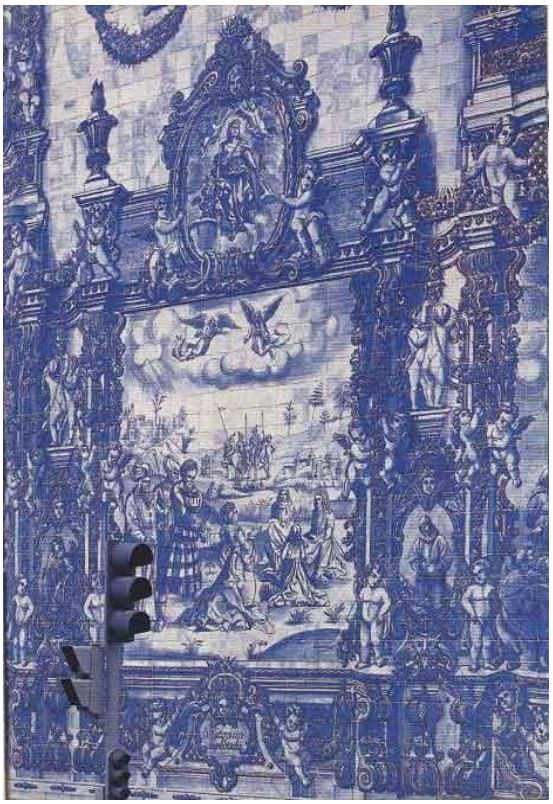


Figura 88 – Fachada sul. Súplica de Santa Catarina no *ato* de ser degolada.



Figura 89 – Fachada sul. A vitória de Santa Catarina anunciada por um anjo.

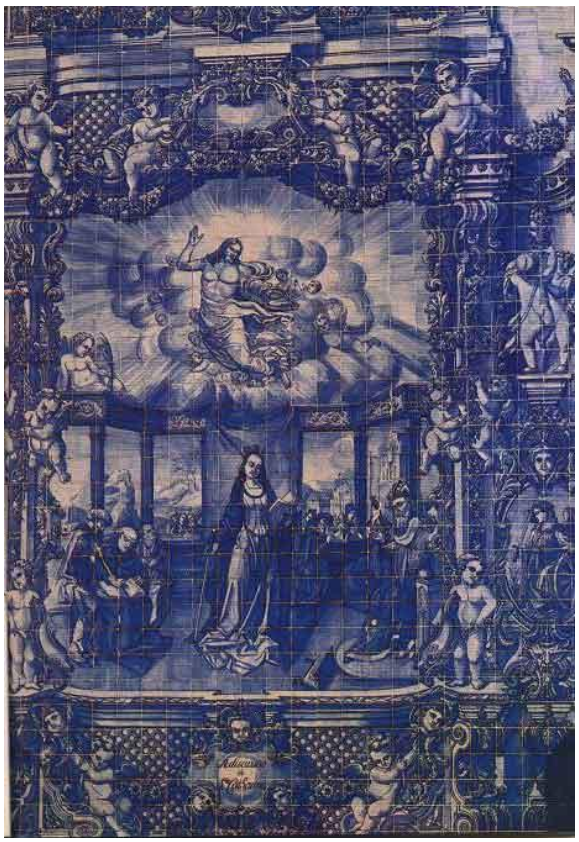


Figura 90 – Fachada sul. Santa Catarina discute com os sábios de Alexandria.

Voltando-nos para o interior da capela, no canto voltado a sul/poente vê-se um painel representando as "Almas do Purgatório", de onde emerge a imagem de São Francisco apontando para o céu. Ainda neste canto vê-se um belo painel de Santa Catarina ajoelhada diante da "Virgem com o Menino". Está rodeada de anjos, dois dos quais transportam uma coroa, vendo-se em baixo os instrumentos da tortura e do martírio. Do Lado do quanto norte/poente encontra-se o painel de "São Francisco diante do Crucifixo", de mãos abertas, aguardando o momento de receber os estigmas. Mais ao centro, do mesmo lado, vêem-se as "Chagas de São Francisco". Na faixa esquerda deste painel vê-se "São Francisco a entrar numa igreja", apoiado no seu bordão, e na faixa direita "São Francisco, sentado, lê a Bíblia aberta sobre os joelhos". Estes painéis fazem sentido na capela pois está pertenceu e pertence a Venerável Irmandade das Almas e Chagas de São Francisco que fora erecta na igreja de Santa Clara, nos fins do século XVIII, passando depois para a Capela de Santa Catarina.

Nesta capela há igualmente, para além dos azulejos, valores artísticos que convém não subestimar. O painel do altar-mor é digno de ser admirado pela sua beleza, equilíbrio, suavidade e pelas figuras que nele aparecem: Nossa Senhora e os Apóstolos. Outro painel de referência é o da Ascensão do Senhor que foi pintado por Joaquim Rafael (1783/1864), discípulo de Vieira Portuense e professor de desenho da Academia de Belas Artes de Lisboa. Este painel foi pintado em 1815 e mede 5,61 m x 2,13 m. Semelhantemente aos azulejos o padre afirma que este esteve em risco de se perder, conta que após a

tomada de posse da Reitoria da Capela das Almas em 1º de Janeiro de 1953 uma das preocupações foi *"restituir ao painel à sua beleza e verdade pictórica primitivas, adulteradas por pessoas sem gosto e sem escrúpulos."* Na realidade sobre a autêntica pintura de Joaquim Rafael fora repintada outra Ascensão do Senhor. "Foi necessário destruir a segunda pintura - uma obra morosa, difícil e delicada, de grande dispêndio. Graças ao saber e à paciência do pintor professor Mendes da Silva, o painel da Capela das Almas foi restituído à sua beleza original, tal qual saiu das mãos do pintor Joaquim Rafael."



Figura 91 - Interior da capela. Almas do Purgatório.



Figura 92 - Interior da capela. Virgem com o Menino.

A festa principal da instituição que superintende a capela é a do aniversário da Instituição do Sagrado Lausperene no dia da Ascensão do Senhor. Nisto podemos entender e enquadrar a importância de tal painel no altar. O Lausperene era, e ainda o é, em todas as quintas-feiras do ano, tendo sido autorizado por Breve Pontifício de 1804.

Do espólio que a capela alberga uma estátua merece registo especial, a imagem de Nossa Senhora das Almas. Obra do século XVIII tem aspecto sóbrio. É interessante notar que desta representação iconográfica, bastante usada na época, encontra-se duas imagens muito similares a de Nossa Senhora da Lapa – na igreja da Lapa no Porto – e outra na Igreja Paroquial de Castro Laboreiro - que é perfeitamente igual à da Capela das Almas, excepto no pedestal que não tem qualquer representação das Almas do Purgatório.

Para terminar referir ainda que o documento mais antigo que se encontra no arquivo da Capela das Almas é uma referência ao Breve Pontifício do Papa Pio VI que data de 26 de Agosto de 1795.
Neste se pode ver que Beneplácito Régio concede "*uma indulgência plenária a todos os fiéis de ambos os sexos, que com as devidas disposições receberem o Santíssimo Sacramento da Eucaristia no dia em que entrarem para Irmãos da Venerável Irmandade das Almas do Purgatório erecta na Capela das Almas de Santa Catarina desta cidade*".

Será em Outubro de 1985, por despacho de Sua Excelência o Ministro da Cultura proferido sobre o parecer do Instituto Português do Património Cultural, que foi determinada a classificação como imóvel do interesse público a Capela das Almas. Esse despacho de classificação como imóvel do interesse público foi ratificado a 30 de Novembro de 1993. Posteriormente a esse decreto as obras do metro do Porto voltaram a danificaram os azulejos da Capela das Almas que por sua vez entrou numa nova fase de restauro que desta feita durou dois anos e terminou em Abril de 2005.

Hoje a Capela é considerada uma "jóia" da rua e da cidade sendo um dos pontos de atracção turística da rua. Do ponto de vista pessoal há que dizer que a colocação da saída principal do metro – estação do Bolhão – foi bem localizada, pois a Capela aparece-nos no nosso campo visual como das primeiras referências exteriores ao metro, dando a sensação de porta/referência de entrada da rua. Será uma simbiose entre a história e o peso cultural da mesma com o presente e a modernidade. Apesar da curiosidade turística que a capela desperta, esta ganha vida diariamente através da celebração de cultos em que enche a igreja.



Figura 93 – Igreja durante o culto. Sexta-feira de tarde.

3.2 A Casa do Castelo



Figura 94 – Exterior da pensão do castelo em 2009. Em primeiro plano um conjunto de dois quartos num volume destacado.

3.2.1 A imigração "*Brasileira*"

Tinham passados três décadas de enormes atribulações na sociedade portuguesa, tempo em que "*implacáveis ódios entre irmãos*"[29] era uma realidade na corte de então. Se acrescentarmos ainda mais quatro décadas, com pequenos interregnos, de invasões francesas o Porto viveu sob a ameaça e instabilidade durante um período considerável do século XIX. "*Viu* (o Porto) *muitas vezes as suas ruas empoçadas de sangue*"[30], comenta Artur Basto (1932), referindo-se as dificuldades que a cidade passou no século XIX. Há durante este século, devido a este clima de instabilidade e uma promessa de um futuro melhor, um fluxo migratório para o Brasil em busca de uma vida mais estável e melhor economicamente.

29 BASTO, Artur de Magalhães – Porto do Romantismo, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1932, pp. 37.
30 BASTO, Artur de Magalhães – Porto do Romantismo, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1932. pp. 38.

Não obstante deste clima e da emigração a cidade cresce. Como afirma Vilhena Barbosa, a cidade na primeira metade do século XIX transforma-se numa *fábrica imensa* e dá especial destaque ao Bairro do Bonfim e seu contraste notório entre uma paisagem rural e uma industrial.

Desde os finais do século XVIII a cidade, como já constatamos, vinha a expandir-se formando já uma zona urbana excêntrica à cidade velha. A parte compreendida entre a Rua de Santa Catarina e a parte oriental tinha sido "*invadida pelos brasileiros*"[31]. Entenda-se aqui o termo como portugueses que retornam consideravelmente ricos de terras brasileiras. Diz ainda Artur Bastos que naquele tempo Minhoto que tivesse emigrado e vencido na vida em terras de Santa Cruz não quereria morrer sem regressar à Pátria e construir o seu Palacete na cidade do Porto. Estes palacetes, da parte oriental, segundo o que o autor de *Uma família inglesa* descreve, caracterizavam-se pelas suas dimensões amplas e pela sua construção granítica – pedra abundante na região – e ainda pelo seu vasto portal de entrada. Nos seus revestimentos eram aplicados azulejos de cor azul, verde ou amarela, quer sejam lisos ou com relevo, No telhado tinha uma beirada azul. As suas varandas azuis e douradas eram em grande número. Do lado do edifício encontrava-se o seu jardim desenhado, ponteado de estátuas – figurando as quatro estações – e canteiros. Se este jardim transpõe-se para a frente do lote e face á rua, a entrada era engrandecida por portões de ferro onde constavam as iniciais do nome do proprietário. Artur Bastos afirma ainda sobre o lado oriental que havia casas com janelas góticas ao lado de portas rectangulares e até ameias nos telhados.

A ocidente as casas, dos ingleses, eram geralmente pintadas de cores menos primárias tais como o verde-escuro, roxo-terra, acastanhados como a cor do café, cinzento e preto. Era usada uma arquitectura mais despretensiosa e elegante onde os vãos eram rectangulares. Os seus jardins eram *assombrados* por vegetação densa e caminhos tortuosos. Em suma quer o bairro brasileiro quer o bairro inglês eram característicos. A rua de Santa Catarina aparece-nos aqui com fronteira ou união destas duas vertentes de construção características, de forma que é a referência para o autor (Artur Basto) como divisa.

3.2.2 Pensão Castelo de Santa Catarina

Estamos já perto do término da rua quando do lado esquerdo de quem a sobe nos surge um vazio á face da rua seguido de uma perplexidade e surpresa sobre a forma edificada nesse lote. Com o número de polícia 1347 a actual Pensão Castelo de Santa Catarina é um exemplar único na rua. Implantada num vasto lote de terreno com 4780 metros quadrados, dos quais tem 900 de área coberta, a casa destaca-se quer pela implantação quer pelo revestimento e forma.

O primeiro registo desta propriedade, com o nome de Comendador António Pimenta da Fonseca, do qual era proprietário, data de 1887. Nesse mesmo registo diz que a propriedade continha trinta e quatro casas, pequenas e de piso térreo, a qual se denominava de ilha. A ilha encontrava-se na parte posterior do lote e a entrada para a mesma era feita por um portão no limite norte do terreno que era então a

31 BASTO, Artur de Magalhães – Porto do Romantismo, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1932. pp. 39

entrada principal. Viviam nela 152 pessoas em regime de arrendamento. No ano de 1918 duas das trinta e quatro casas são demolidas, numa tentativa de higienização, devido ao seu mau estado de conservação. Claramente aqui estamos perante uma situação de aproveitamento do lote vasto para obtenção de rendimentos como é descrito sobre a revolução industrial no Porto. A própria história da ilha reflecte as fases de entendimento do que deveria ser a dignidade do habitar na cidade. A face da rua de Santa Catarina existia uma habitação de quatro pisos que ocupava toda a largura do lote, esta foi destruída após o ano de 1931, embora não haja registos da data concreta, e no lugar dela aparece um parque de estacionamento que permanece até aos dias de hoje.

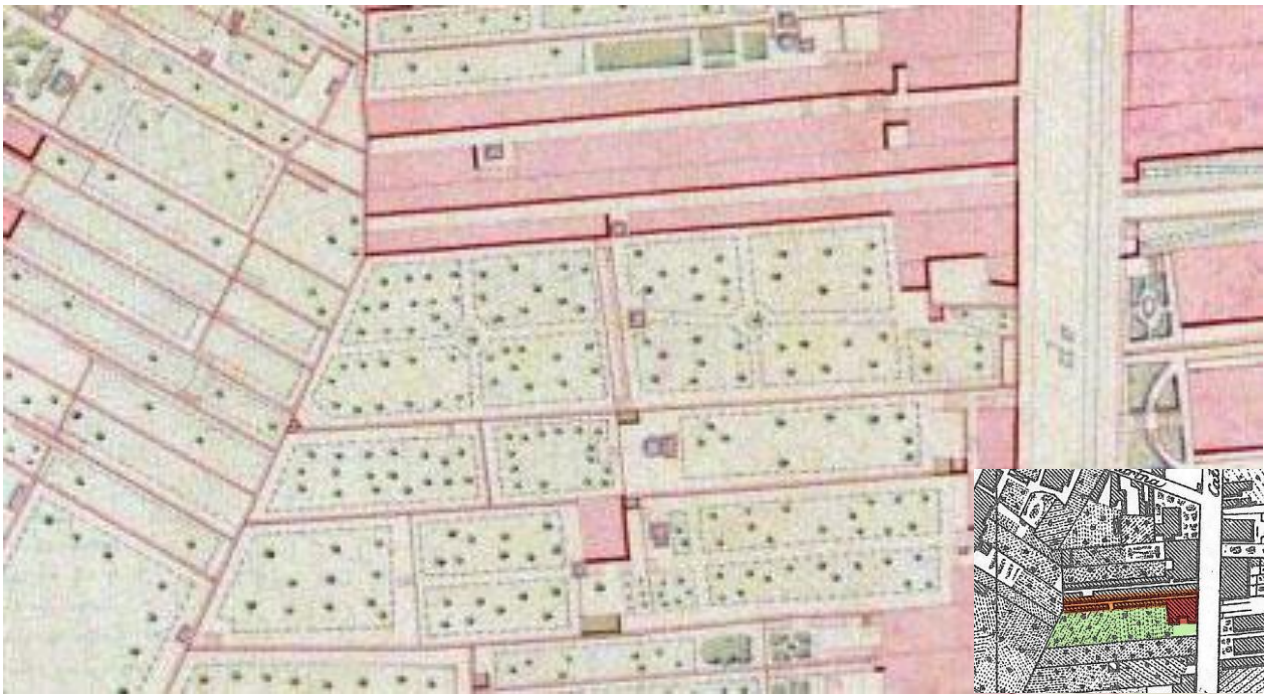


Figura 95 – Localização do lote onde se localiza a pensão na planta do Porto de 1892. Notória a presença da ilha com 24 casas descrita em documentos.

Em 1931 foi construída ao lado da casa com frente a Santa Catarina uma garagem de apoio à casa. Importa referir que será só em 1923 que o lote ficará com a configuração actual através de algumas anexações.



Figura 96 – Parque de estacionamento da pensão em 2009. Ao fundo a Rua de Santa Catarina.

Entre os anos de 1946 e 1960 há uma ruptura total com o passado e demole-se todo o edificado para construir a actual casa e capela bem como o jardim, estufa e sitio para acolher animais. O projecto da casa e da capela datam de 1942 e de 1946 respectivamente e tem aprovação camarária, no entanto são só registadas em 1960. A capela curiosamente é edificada primeiro que a casa. No ano de 1969 a propriedade passa para o nome de João Manuel Vieira Brás, o actual proprietário.



Figura 97 – Exterior da pensão do castelo em 2009. Fachada, de entrada, virada a norte.



Figura 97a – Exterior da pensão do castelo em 2009. Fachada virada a nascente.

Nos dias actuais na casa que outrora fora de um emigrante retornado do Brasil funciona hoje uma pensão. Até à data não tinha perdido o seu carácter habitacional, porém a necessidade de rentabilizar o imóvel torna-se inevitável para que este não tenha um fim de abandono e consequente ruína.
Não restam muitas dúvidas quando olhamos para este imóvel acastelado, o edifício tem influências na dita casa brasileira.

A capela que a serve tem influências de um neoclássico tardio com os seus painéis de azulejos e talha dourada. O acesso à propriedade faz-se através de um grande portão em ferro forjado e faz a fachada da propriedade junto á Rua de Santa Catarina. Ao lado do portão surgem dois pequenos espaços, datados do final dos anos 50 e início dos 60, que serviram para montar uma portaria. A rampa que procede a esta entrada termina dando acesso a umas escadas que nos elevam para outra etapa da entrada na casa. Estas escadas, bem trabalhadas, são graníticas assim como as suas guardas. Desde o portão de entrada a parede divisória da propriedade nos é pontuada com azulejos e esculturas graníticas colocadas em nichos. Chegando às escadas graníticas as paredes que as elevam são revestidas a azulejos bem cuidados na sua colocação. Por debaixo das escadas encontra-se uma sala de apoio a

funcionários ou até a pequenas conferencias. Antes de avançarmos na propriedade e lateralmente a esta rampa, mas a uma cota superior, existe um pequeno jardim coroado por uma gruta ao estilo romântico como podemos ver nos Jardins do Palácio, São Roque ou na Quinta do Covelo. Os percursos do jardim são em calcário e ardósia dando ares de calçada portuguesa que havia sido importada do Brasil. Nessa gruta há esculturas dos faraós o que nos remete para o imaginário maçónico. Hoje a gruta funciona como local de abrigo do sol de onde podemos ver uma parte do património edificado da rua como se de um alçado desenhado sobre papel se tratasse. A uma cota ainda mais baixa e lateralmente à rampa de entrada temos o parque de estacionamento.

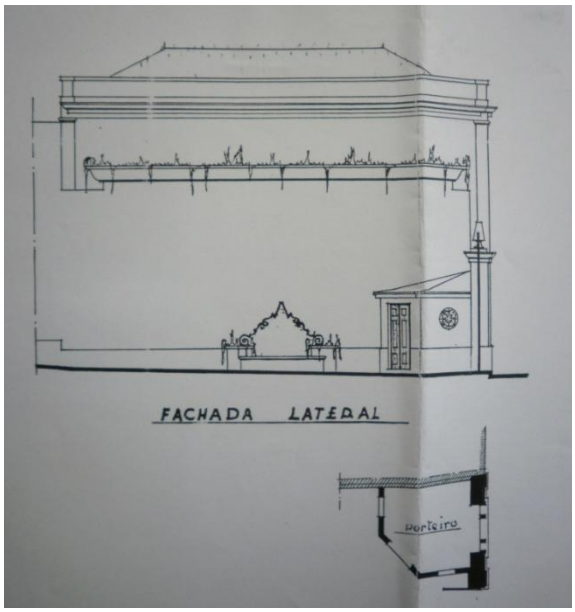


Figura 98 – Projecto para a nova fronte do lote, voltada para a Rua de Santa Catarina, no ano de 1941.



Figura 98a – Portaria. Projecto de 1941.

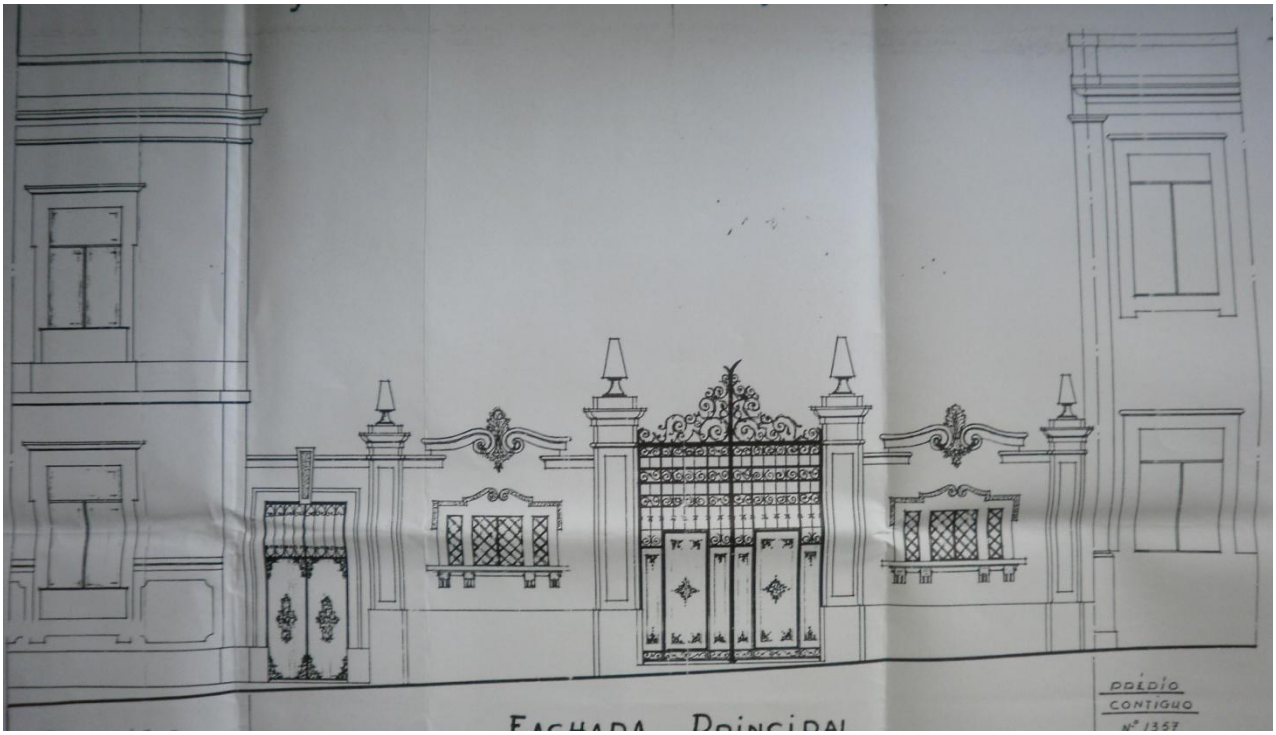


Figura 98b – Projecto para a nova fronte do lote, voltada para a Rua de Santa Catarina, no ano de 1941. Nele vemos o portão principal e a portaria.

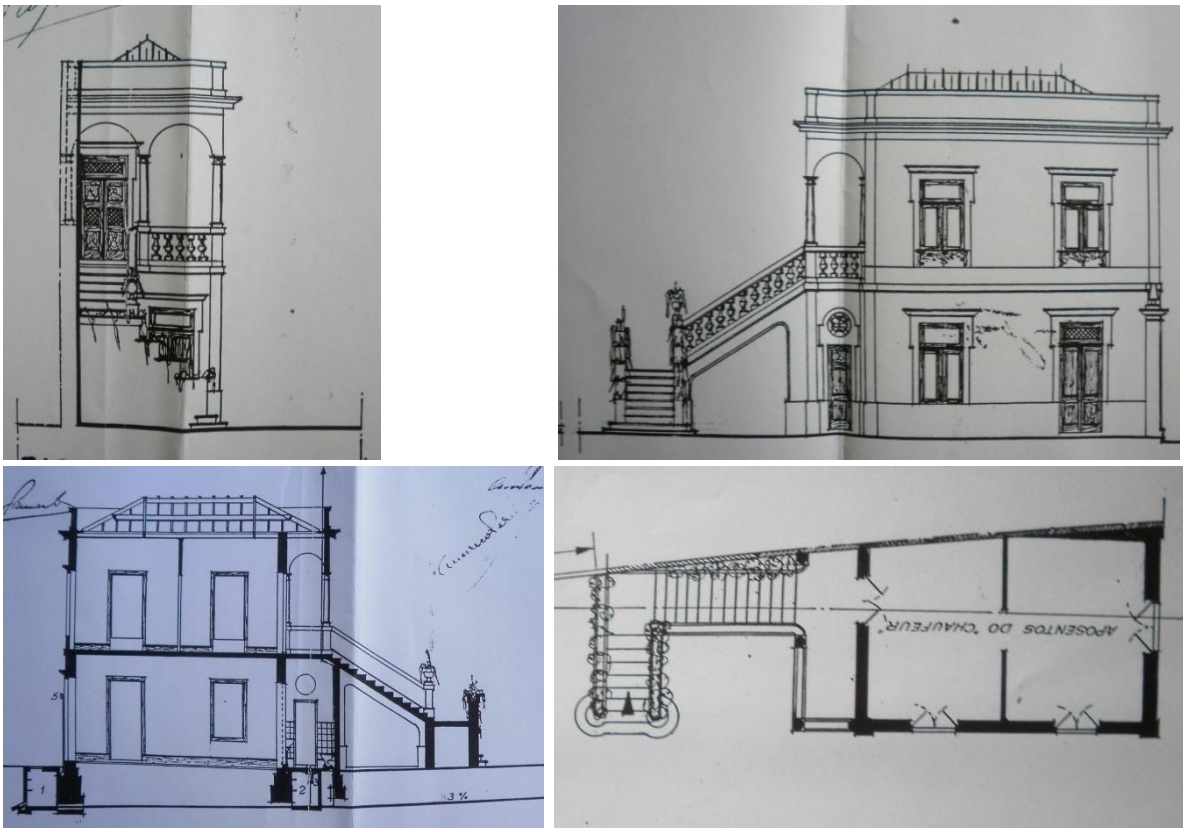


Figura 99 – Planta, corte e alçados de um projecto de 1943 para os aposentos do "chauffeur" e portaria. A casa teria um dos alçados à face da Rua de Santa Catarina.



Figura 100 – Entrada para pensão e pensão ao fundo em 2009.

Passando para o nível da edificação através das escadas referidas ou de uma discreta escada, mas bem guarnecidas de azulejos, que se encontra no limite sul do lote.

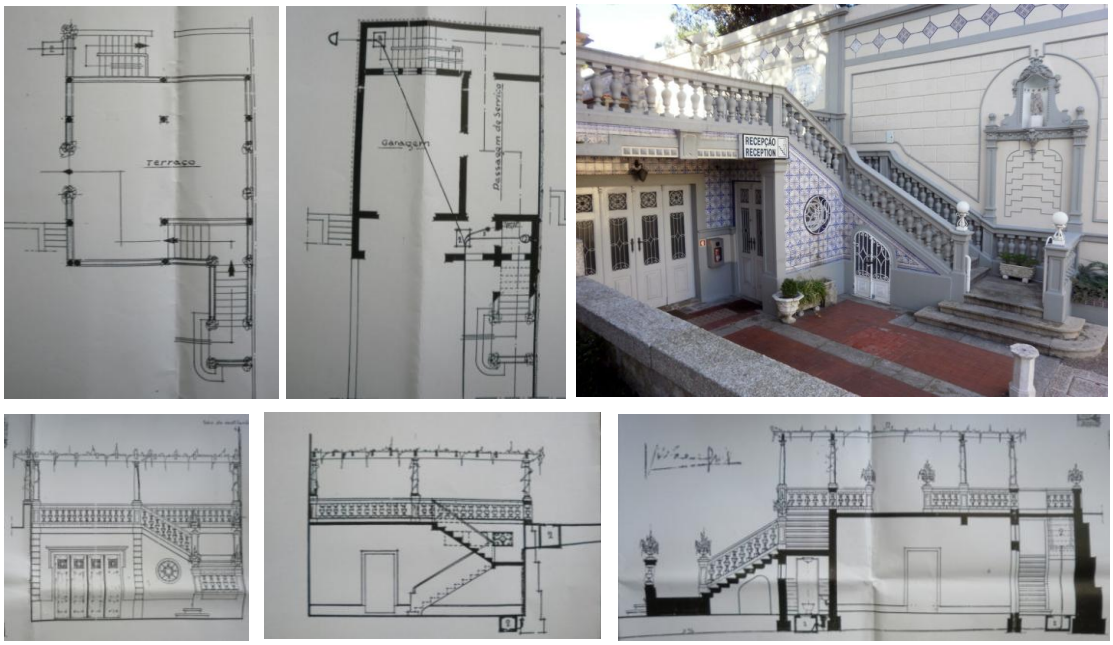


Figura 101 – Plantas, cortes e alçado do projecto para a "pérgola". Este projecto de 1941 foi parcialmente edificado conforme as plantas desta figura. A escada de serviço tem uma localização diferente.

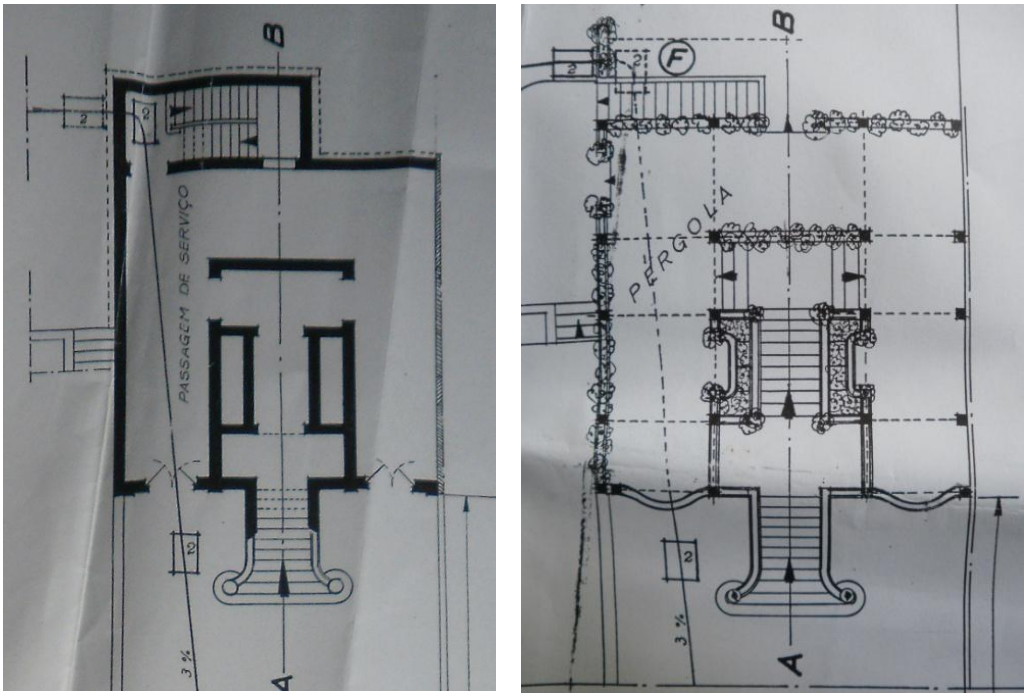


Figura 102 – Plantas do projecto para a "pérgola". Este projecto de 1943 não foi executado.



Figura 103 – Entrada principal no lote. O "corredor" rampeado de entrada é ladeado pelo parque de estacionamento e pelo jardim. O "corredor" culmina na antiga garagem, actual sala de recepções. Uma escada encostada ao limite norte do terreno permite a continuação do percurso até à capela e entrada da casa.



Figura 104 – Gruta – em betão – que contem estátuas de faraós. Contraste entre as figuras religiosas católicas presentes no muro do "corredor" de acesso à casa e as figuras/símbolos de cariz maçónico.

Uma vez ao nível de entrada na casa deparamo-nos com a Capela num primeiro plano. Esta localização é, a meu ver, estratégica do ponto de vista simbólico pois temos de a defronta-la sempre que entramos na casa.

A Capela está virada a nascente sendo revestida a azulejo dos anos 60 pintados à mão e produzidos em Gaia.Os temas representados são religiosos. As telhas que fazem o balanço na fachada são igualmente pintadas á mão. Nas fachadas a nascente e sul encontramos pequenos vitrais. Na fachada de entrada o vitral é circular. Os cunhais da capela são trabalhos em granito. O seu interior é constituído por uma sacristia, um altar e uma zona de capela. A decoração é essencialmente em talha dourada com pinturas alusivas a temas religiosos a mobília usa assim como a decoração são ainda as originais. Atrás da capela e colada á mesma, parecendo de fora o volume do altar, encontra-se um jazigo da família que tem a sua entrada voltada a sul e a norte um vitral. Encimando este pequeno volume temos o sino da capela.

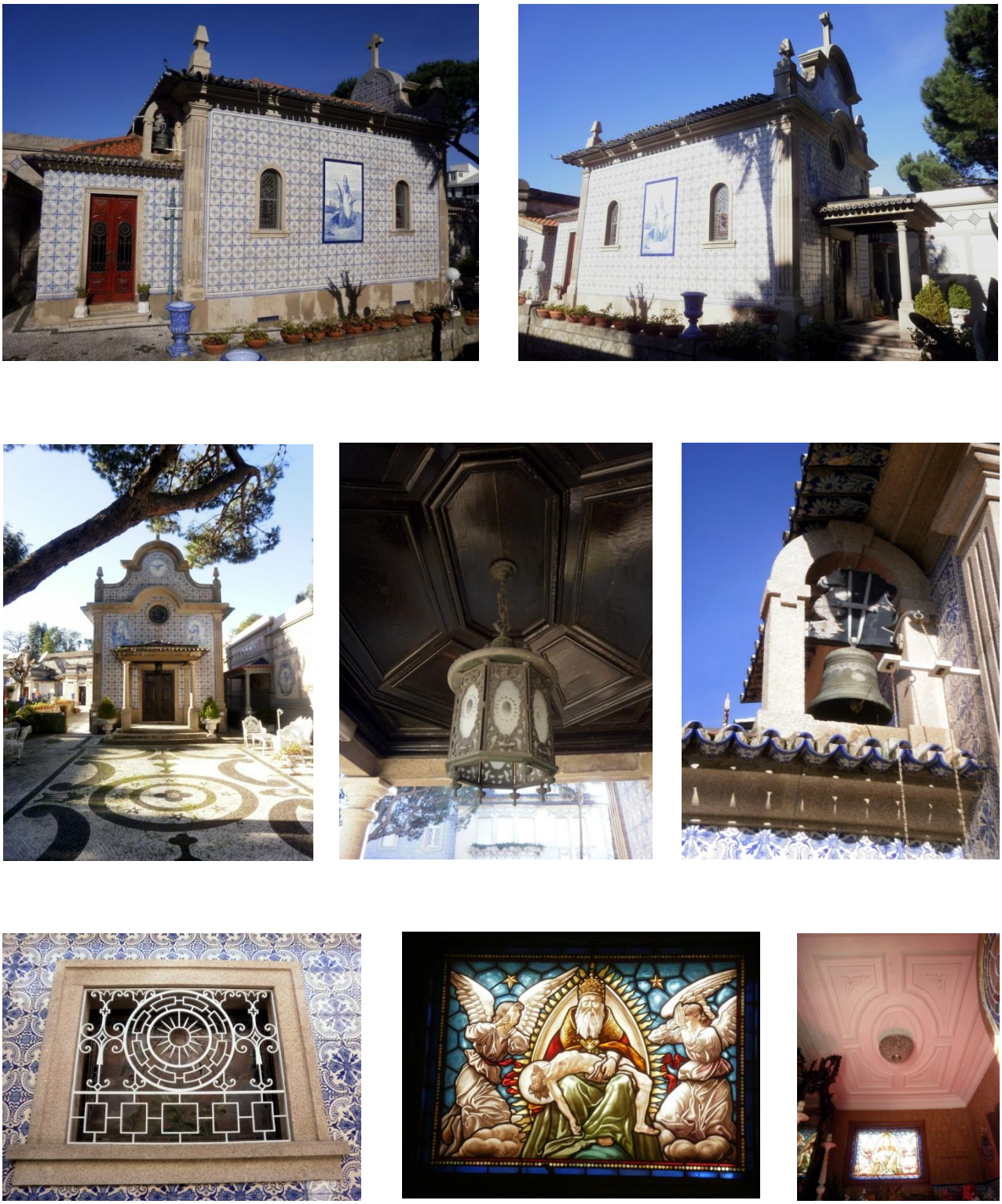


Figura 105 – Conjunto de fotos gerais e de alguns pormenores da capela.

Á cota de entrada da casa depara-se igualmente com um novo jardim, bem desenhado, que outrora no seu centro teria uma estufa com plantas tropicais. Desta estufa nada resta nos dias actuais, no seu lugar encontramos um par de quartos da pensão, revestidos também exteriormente a azulejos. Os dois jardins comunicam-se fisicamente por uma escada lateral e visualmente por uma varanda que faz

lembrar uma esplanada de uma marginal. Esta varanda sobre o jardim encontra-se debaixo de árvores de grande porte dando comodidade para a realização de pequenas refeições.



Figura 106 – Foto do desenho do jardim.



Figura 107 – Foto da esplanada virada a nascente (e rua Santa Catarina) e jardim que antecede a entrada na casa.

Encostada a um muro no fundo da primeira parte do lote temos um corpo contínuo de quartos e serviços e por detrás da capela, quase colada á mesma, temos a zona administrativa e uma lavandaria que funciona no antigo pombal. Nesse mesmo muro temos uma fonte com painéis em azulejo pintados à mão. No limite sul do lote temos outra bateria de quartos onde outrora funcionou um pequeno zoo, que se encontra revestida a azulejos que embora não sejam da mesma época dos originais são fornecidos pela mesma pessoa e são igualmente pintados à mão.

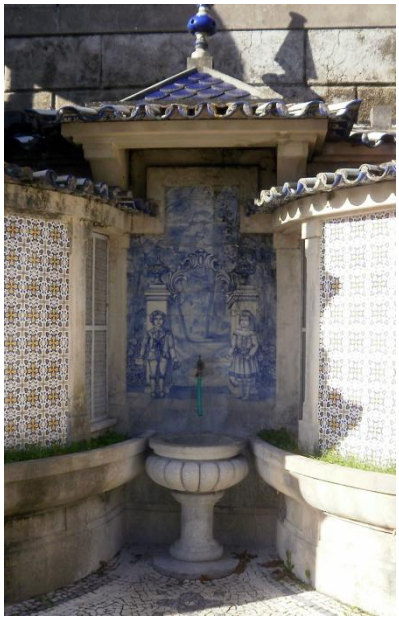


Figura 108 – Fonte.



Figura 109 – Jardim situado a poente da casa. Do lado direito da foto podemos ver uma edificação de rés-do-chão composta por 8 quartos.

A casa eleva-se acastelando-se em cinco pisos cobertos mais uma cobertura visitável. Tendo como linha orientadora os palácios brasileiros da época sofreu poucas alterações a nível interior e na fachada. Tem doze quartos equipados com casa de banho e todas tem azulejos na parede. Estes são quase todos pintados à mão assim como algumas das peças sanitárias como seja o bidé a sanita ou o lavatório. Existe uma sala em madeira de cor escura que substitui o azulejo presente no interior da habitação. Dos andares cimeiros da casa avistamos o mar, ligando nostalgicamente a casa ao passado de quem a mandou erguer. Em 2006 há um projecto de beneficiação da casa através de uma melhoria a nível térmico com a colocação de isolamento até ao nível do segundo piso algo que não se verifica até ao ano presente.

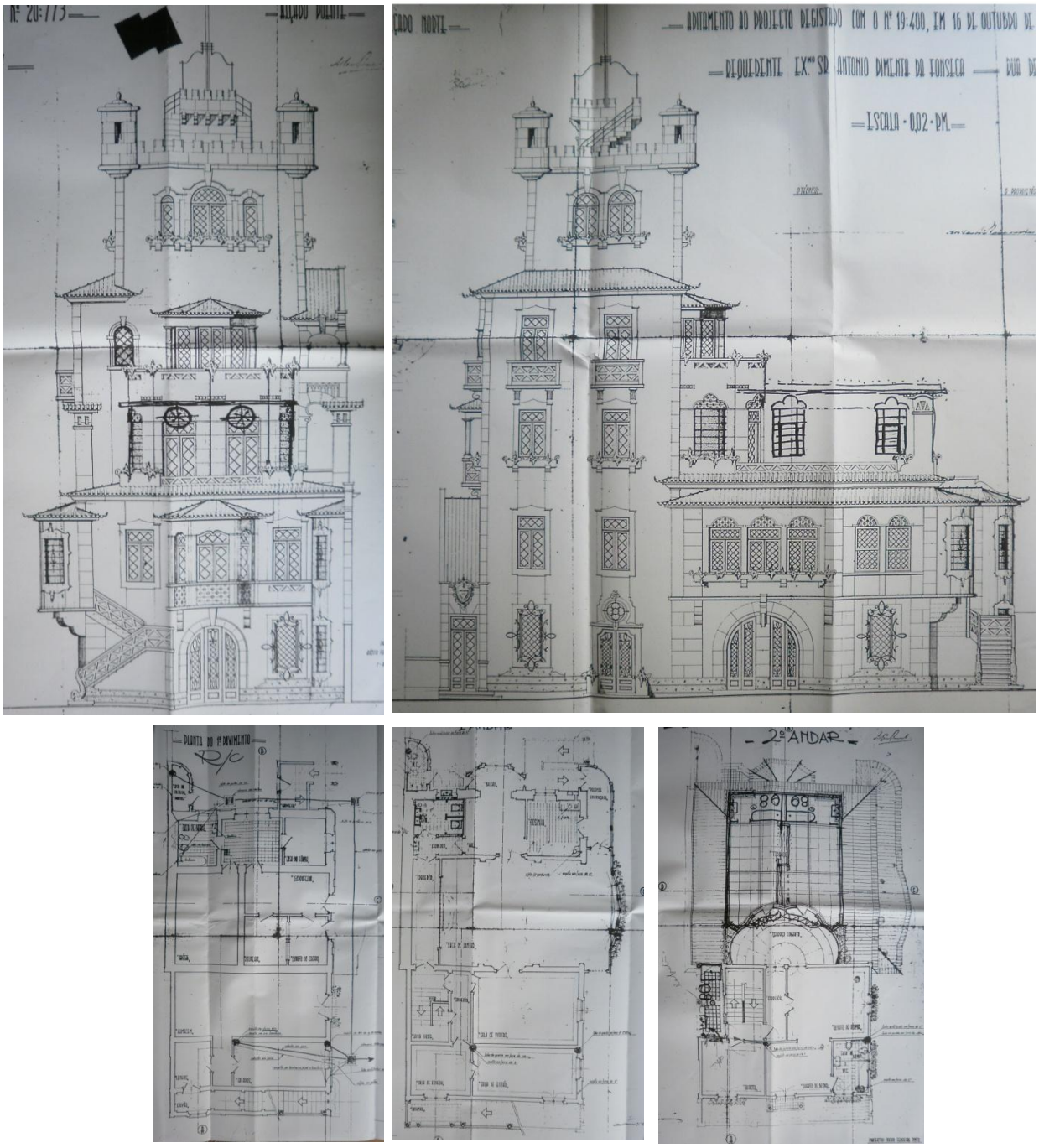


Figura 105 – Conjunto de alçados e plantas de 1941 quando foram realizados alguns melhoramentos internos na casa bem como modificações nas fachadas.

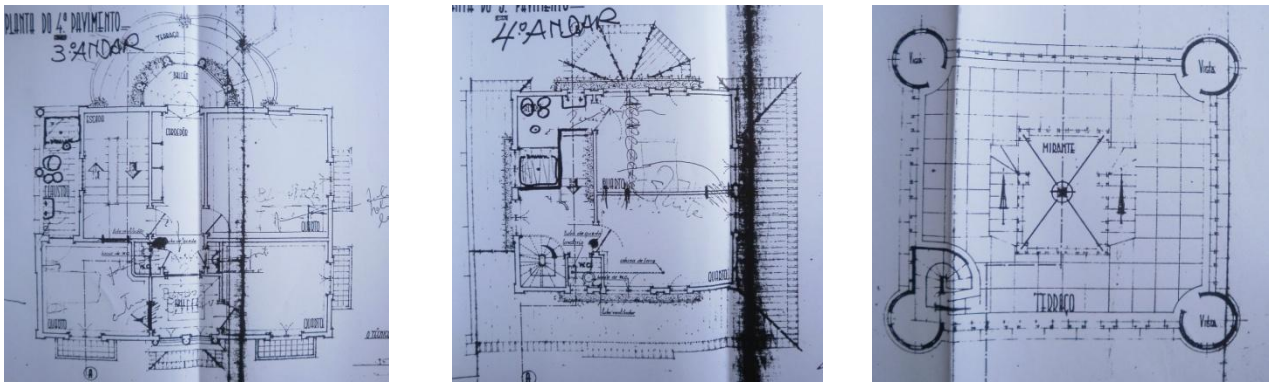


Figura 105a – Conjunto de plantas de 1941 quando foram realizados alguns melhoramentos internos na casa bem como modificações nas fachadas.



Figura 106 – Conjunto de fotos do exterior da casa acastelada da pensão.



Figura 107 – Desenhos da calçada nos espaços exteriores do lote.

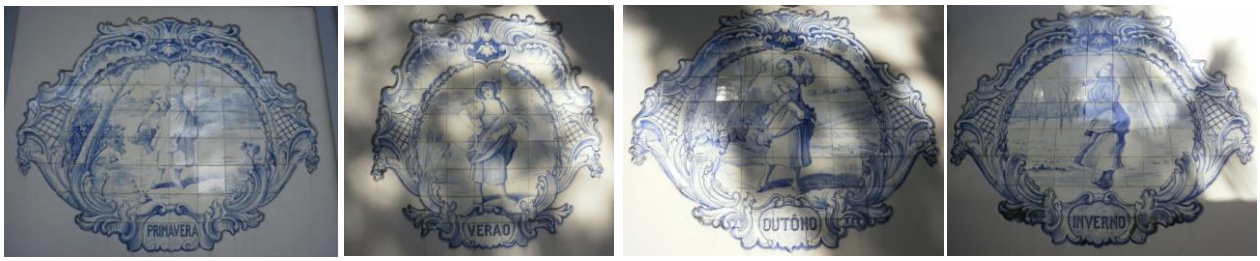


Figura 108 – As quatros estações – Primavera, Verão, Outono e Inverno - alegorizadas em quatros painéis presentes no muro norte de separação do lote.



Figura 109 – Detalhe da azulejaria presente no exterior da casa e seus jardins.



Figura 110 – Detalhe da azulejaria presente as coberturas ou beirais.



Figura 111 – Detalhe da azulejaria presente no exterior do lote com figuração humana.



Figura 112 – Detalhe da azulejaria presente no exterior do lote com figuração vegetal e animal.



Figura 113 – Detalhe da azulejaria colorida presente no exterior do lote.



Figura 114 – Proliferação do ferro trabalhado no lote.




Figura 115 – Nestas duas fotos vemos dois candeeiros similares. O primeiro reporta-se ao jardim onde se encontra o edifício em estudo. O segundo está colocado em frente à câmara municipal de Paris. Tal semelhança sugere um reflexo de uma vontade de ter no seu lote portuense o espaço público da cidade romântica.

Nas traseiras do lote encontramos mais um jardim de dimensões idênticas ao primeiro assim como a outro nível (mais baixo) encontramos um campo de jogos. A ligação entre este grande desnível é feita por uma escadaria em granito em dois lances em linha.



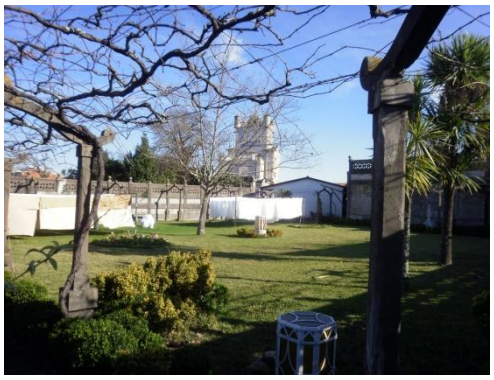


Figura 116 – Espaço exterior do lote do lado poente composto por um recinto ajardinado e um campo de jogos a uma cota mais inferior. Está parte do lote não fazia parte do lote inicial do Comendador.

Apesar do casa em estudo neste ponto não ser da época descrita no ponto 2.2.1, podemos rever nela tais características dos ditos palacetes dos primeiros retornados brasileiros. Talvez um revivalismo dentro daquilo que era um ideal de vida dos retornados brasileiros do século passado. É sem dúvida uma propriedade com interesse arquitectónico pelo reflexo histórico que representa apesar de, como já foi dito, não ser muito antigo, mas revela-se como exemplar único deste estilo.

3.3 Grande Hotel do Porto



Figura 117 – Fachada do Hotel voltada para a Rua de Santa Catarina. Vista parcial da antiga Viela das Pombas.

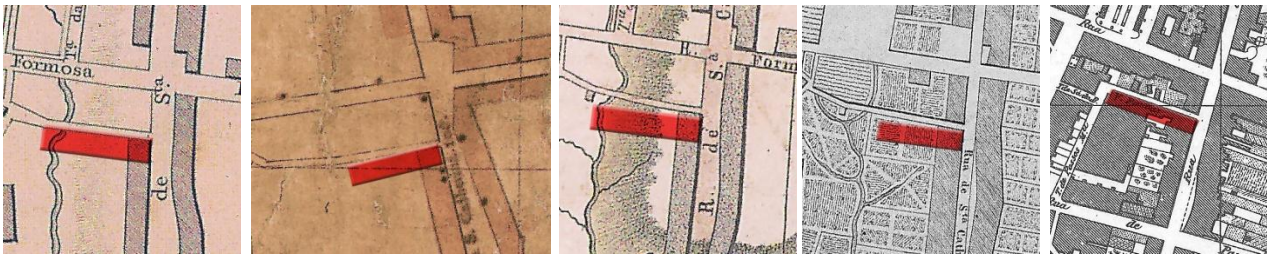


Figura 118 – Localização do actual Hotel nas plantas da cidade de 1813, 1824, 1833, 1839, 1865 e 1892.

Desenhado pelo arquitecto nortenho José Geraldo Silva Sardinha (1845-1906), o Grande Hotel do Porto abriu portas a 27 de Março de 1880. Com 40 quartos, cinco suites e salões nobres é fruto do sonho de um abastado comerciante burguês, Daniel Martins de Moura Guimarães, que vivera longos tempos no Brasil hospedado num hotel. De regresso ao país resolve construir um "Grande Hotel" semelhante ao que habitara.

O primeiro projecto de que há registo no arquivo histórico vê-se de dois alçados, aprovados pela autarquia em 17 de Maio 1877. Este projecto era bem mais modesto do que viria a ser o de 1880 aquando a abertura do Hotel. No mesmo ano surge igualmente aprovado a 1 Agosto de 1877 um outro projecto do qual constam dois alçados e onde se pode verificar que no alçado principal, voltado para a Rua de Santa Catarina, há já um desenho de detalhe da cantaria de pedra bem como uma platibanda mais imponente.

Neste projecto o edifício ganha mais um piso em relação ao primeiro e ganha o dobro da profundidade, pela Viela das Pombas, em relação a rua de Santa Catarina. Trata-se pois de um projecto bem mais ambicioso que terá mais do dobro da área do projecto original. O edifício que hoje pode-se contemplar na rua trata-se de um último projecto de ampliação e alteração de fachadas datado de 31 de Outubro de 1912. O edifício cresce mais uma vez em altura ganhando um novo piso em forma de águas furtadas quase bem como alonga-se em profundidade em relação á Rua de Santa Catarina alcançando a Travessa de Passos Manoel.

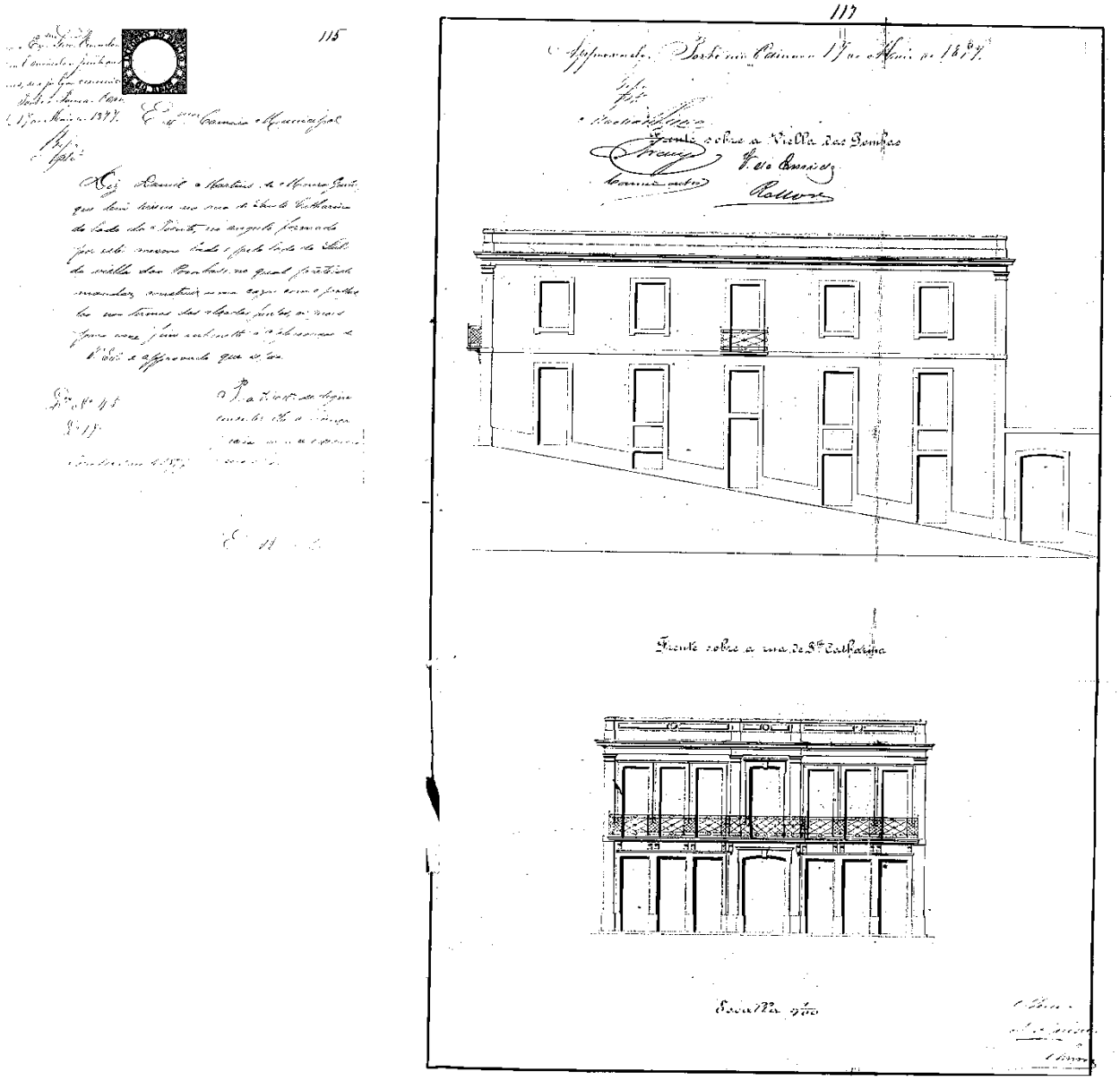


Figura 119 – Comunicação da intenção de edificação no terreno de um prédio com projecto – alçados para a Rua Santa Catarina e Viela das Pombas - em anexo datado de 1877.

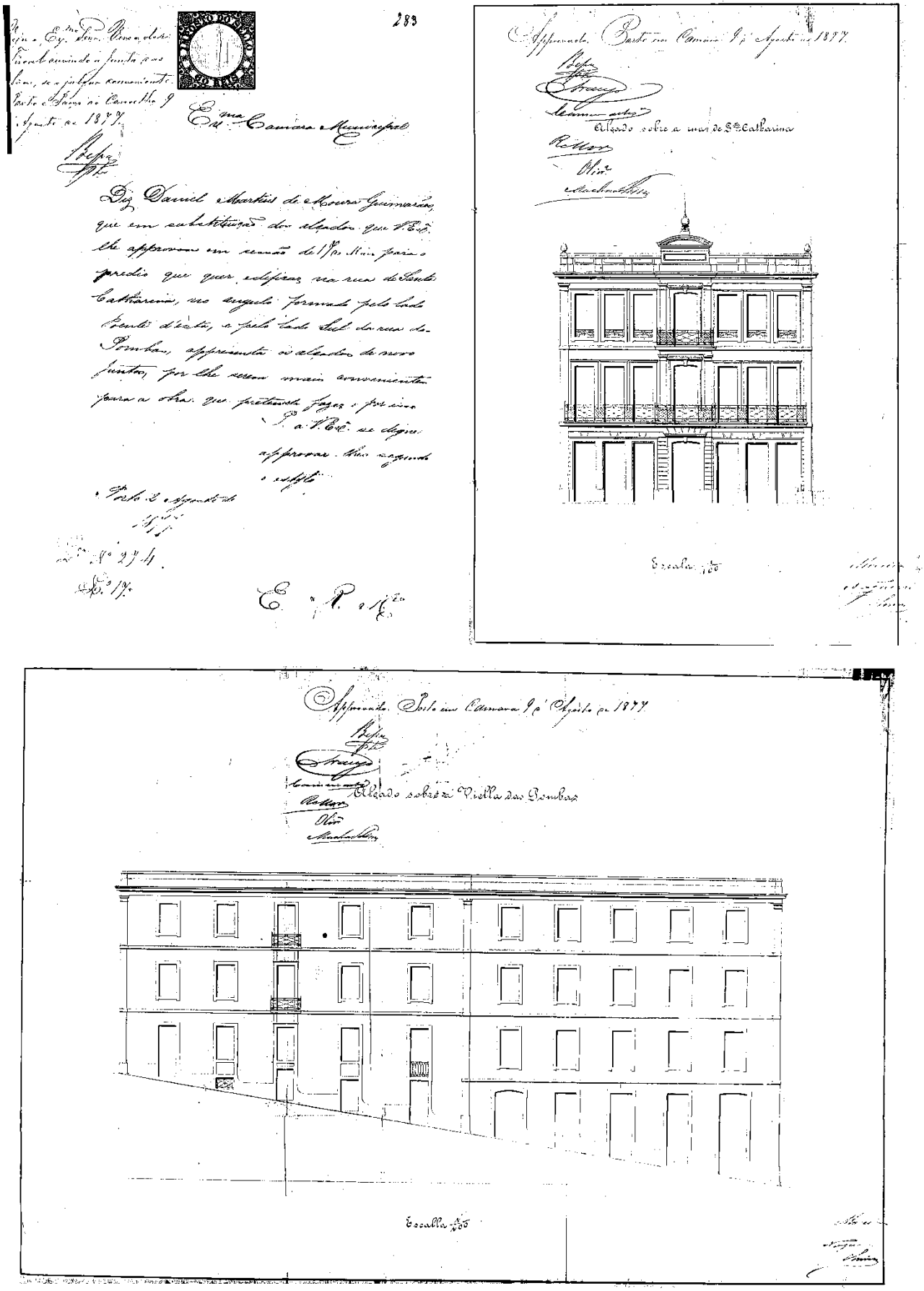
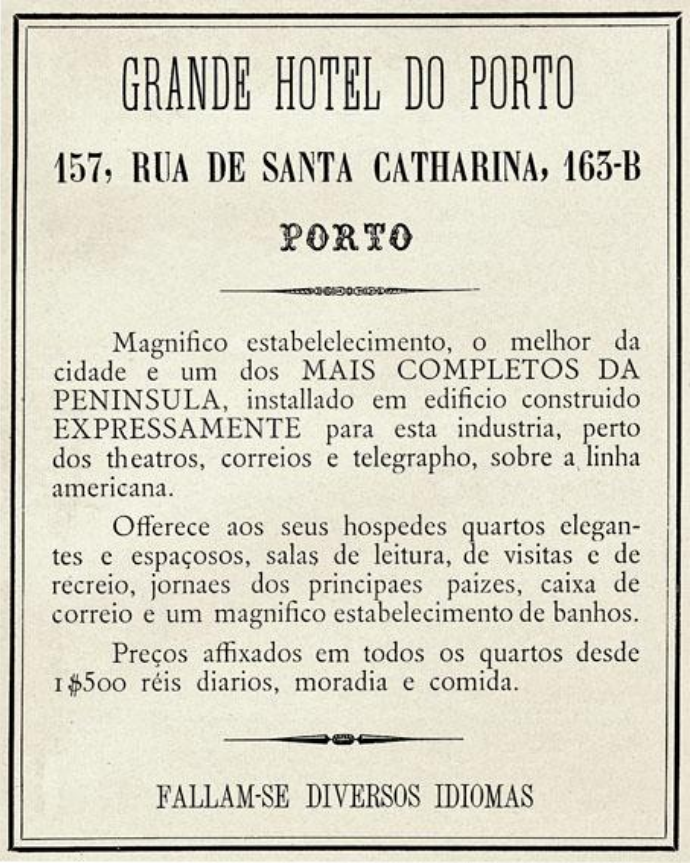


Figura 120 - Pedido de autorização para a construção do mesmo com projecto da figura 119 com a devida ampliação. Entre um projecto e outro passaram apenas quatros meses.

Nesta breve síntese de ampliação do Hotel verifica-se que há um constante afirmar da fachada, volta para Santa Catarina, ganhando monumentalidade.

No dia da sua abertura o *faustoso* Hotel contrastava com o que até então havia na cidade. O edifício, com fachada Vitoriana, albergava no seu interior o que de mais moderno existia em conforto, comodidade e luxo com espelhos franceses, lustres, florões doirados, colunas de mármore. O hotel abriu então com quarenta quartos, cinco suites e uma suite real demonstrando assim o estatuto que queria possuir na cidade. O restaurante situava-se logo a seguir à recepção onde hoje é o Salão das Colunas, sendo a cozinha exactamente por baixo desta. A comida era transportada por um monta-pratos manual. O hotel dispunha também de várias salas para diversas finalidades entre as quais a sala de leitura, a sala de música, a sala de jogos e a sala das Senhoras o que reflecte o tempo para o qual o projecto foi feito.


GRANDE HOTEL DO PORTO

157, RUA DE SANTA CATHARINA, 163-B

PORTO

Magnifico estabelelecimento, o melhor da cidade e um dos MAIS COMPLETOS DA PENINSULA, installado em edificio construido EXPRESSAMENTE para esta industria, perto dos theatros, correios e telegrapho, sobre a linha americana.

Offerece aos seus hospedes quartos elegantes e espaçosos, salas de leitura, de visitas e de recreio, jornaes dos principaes paizes, caixa de correio e um magnifico estabelecimento de banhos.

Preços affixados em todos os quartos desde 1$500 réis diarios, moradia e comida.

FALLAM-SE DIVERSOS IDIOMAS

Figura 121 – Anúncio ao Grande Hotel do Porto no Diário de Noticias de 1895.



Figura 122 – Anúncio ao Grande Hotel do Porto no Guia Oficial dos Caminhos de Ferro.

Nas traseiras tinha os balneários, abertos ao público, com água corrente quente e fria, exactamente como no hotel e coisa rara na época. Mas não era só a nível de infra-estruturas que o Hotel se destacava. Atraídos pelos serviços de banquetes, bailes e festas opulentas que o hotel promovia, as figuras notáveis do Reino, da política, arte e sociedade, começaram a frequentar as instalações do hotel. Apesar de situado no coração da cidade o hotel empregava um corretor para angariar clientes na Estação de Campanhã e tinha ao serviço dos clientes transporte entre a estação e o hotel. Curiosamente é no ano de 1877, data do primeiro projecto do Hotel, que é aberta á circulação a ponte D. Maria Pia tornando-se assim o comboio o principal meio de deslocação do sul para o norte do país.

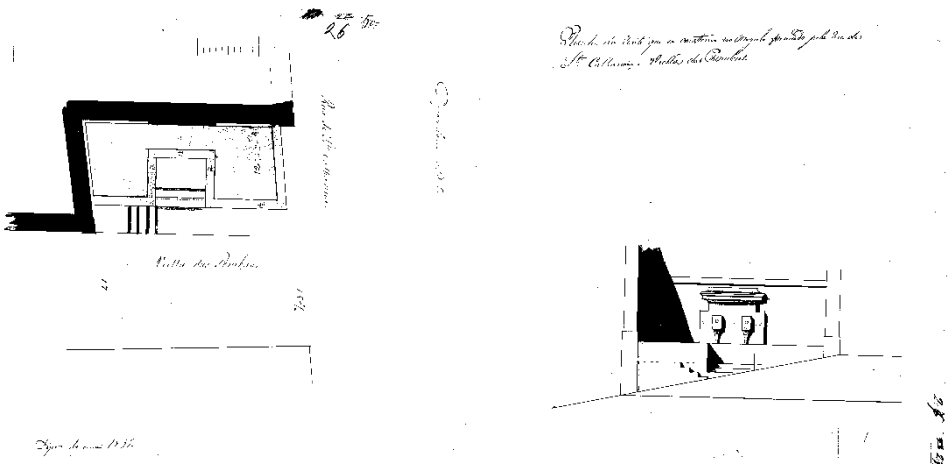


Figura 123 - Planta e alçado da fonte que existia do lado norte da Viela das Pombas.

Uns dos hóspedes mais notáveis do hotel nos seus primeiros anos de existência foram os ex-imperadores do Brasil D. Pedro II e D. Teresa Cristina, que procuraram refúgio em Portugal quando a queda da Monarquia no Brasil em 1889. Chegaram ao Grande Hotel do Porto na noite de 24 de Dezembro e ocuparam todo o primeiro piso que na época foi especialmente adaptado para receber a comitiva real.
No tempo que passou no Porto, a Imperatriz, que sofria de uma avançada lesão cardíaca, nunca saiu do hotel e seria aqui que viria a falecer apenas 4 dias depois, na tarde do dia 28 de Dezembro. A cama do quarto 16, onde a Imperatriz faleceu, foi comprada por D. Pedro que partiu para Paris logo em seguida. Nos últimos anos do século, José de Oliveira Bastos, também ele regressado do Brasil, entra para a sociedade passando a ser co-proprietário do hotel.

Corria o ano de 1900 quando morre Daniel Guimarães e sucedem-lhe os filhos António e Isabel. Ambos vendem a sua parte ao sócio do pai, que decide ampliar as instalações. As obras são demoradas e o projecto aprovado de 1912 é inaugurado apenas a 15 de Dezembro de 1916, iniciando uma nova fase do Hotel. Passa a contar com mais cinquenta e cinco quartos no piso acrescentado, uma sala de jantar majestosa, uma nova cozinha e um terraço em cimento para os meses de Verão. O terraço era uma novidade na cidade, tinha o chão de mosaico e no centro um lago com peixes e chafariz. Este terraço faz lembrar a cobertura habitável de Le Corbusier que então ainda não era conhecido. No varandim tinha uma iluminação com tubos curvados e lâmpadas tipo tulipas.



Figura 124 – Esplanada com vista sobre a cidade.

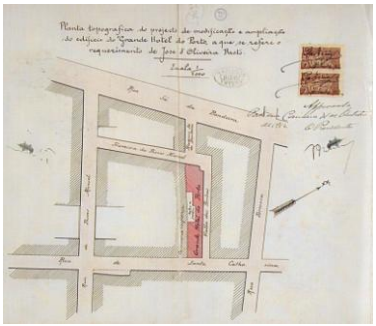


Figura 125 – Planta de implantação do Hotel aquando o novo projecto de ampliação de 1912.

O mobiliário (cadeiras e mesas redondas) era em ferro forjado pintado de branco, semelhantemente ao que podemos observar na pensão do Castelo. Com este simples espaço de

qualidade o Hotel passou a ser muito procurado nos meses de Verão para tomar chá e admirar a vista da cidade. Sobreviveu muitos anos, até ser condenado pelo implacável crescimento da cidade, pelos muitos cafés que foram abrindo ao nível térreo e pelo difícil acesso de serviços e pessoas.

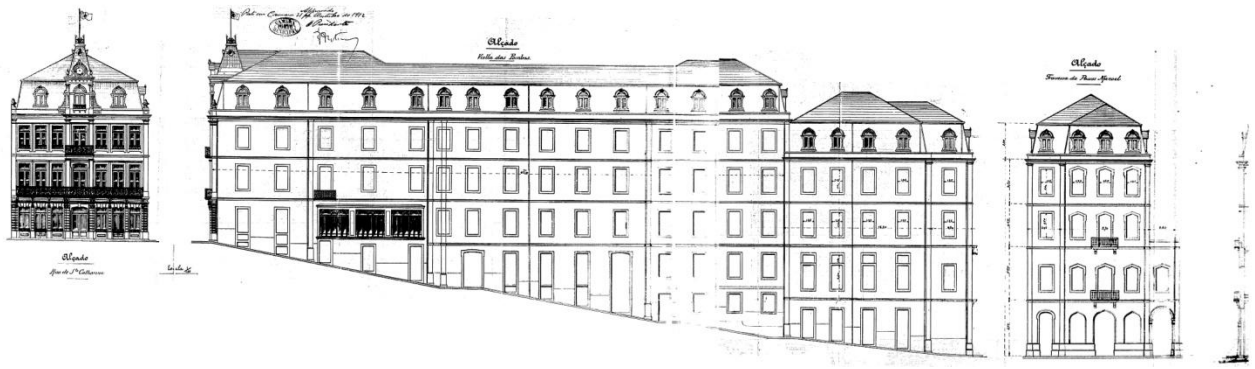


Figura 126 – Alçados do projecto de ampliação do hotel em 1912.

O hotel é vendido, em 1919, a D. Ângelo Vasquez Enriquez e António Maria Lopes. Os novos proprietários continuam os trabalhos de ampliação e reforma dos serviços do hotel: Constrói-se uma cozinha nova no vão de dois metros que existia entre o hotel e a então Camisaria Confiança. A cozinha construída na intervenção de 1916 desde cedo se revelou pouco eficaz em termos operacionais. Ficava localizada no sítio onde hoje está a garagem do hotel e a comida era transportada por um monta-pratos, mais moderno e completo do que existia na cozinha original mas ainda manual e pouco eficiente uma vez que o restaurante ficava dois pisos acima. Por esta razão, a sua vida útil foi curta e os novos proprietários trataram de a substituir por outra logo que adquiriram o hotel. Para a construção da nova cozinha são sacrificados dois quartos para assegurar a área necessária para um grande fogão em ferro fundido, feito propositadamente em Paris. O fogão foi transportado em peças para o hotel e montado cá por um técnico vindo para o efeito de Paris. Como podemos observar o espaço que mais transformações sofre no Hotel é a cozinha, em grande medida porque as necessidades tecnológicas ao longo dos tempos exigiam bem como os motivos funcionais e higiénicos

.



Figura 127 – Cozinha do Grande Hotel do Porto nas primeiras decadas do século XX.

O Salão de Inverno, actual bar, é inaugurado em 1922 e tinha uma iluminação natural assegurada por clarabóias. Tinha um fogão de sala a funcionar no Inverno e a decoração em madeira foi feita pela Casa Nascimento.

Em 1929 Morreu D. Ângelo, sucedendo-lhe o irmão, D. José Vasquez Enriquez como co-proprietário do Hotel.



Figura 128 – Esplanada do Grande Hotel do Porto nas primeiras decadas do século XX.



Figura 129 – Sala de Refeições do Grande Hotel do Porto nas primeiras decadas do século XX.



Figura 130 – Sala do Grande Hotel do Porto nas primeiras decadas do século XX.

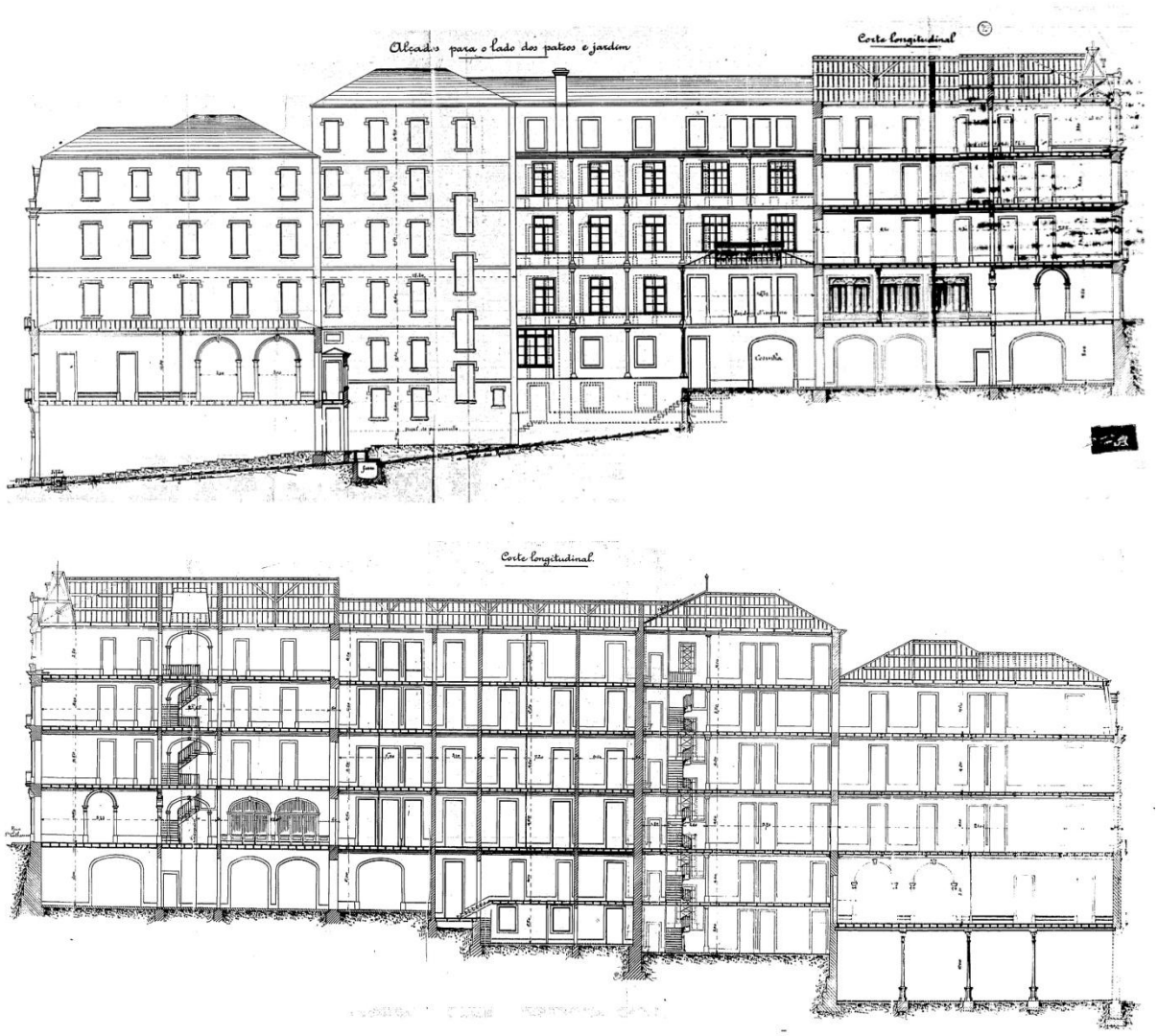


Figura 131 – Cortes longitudinais do projecto de ampliação do hotel em 1912.

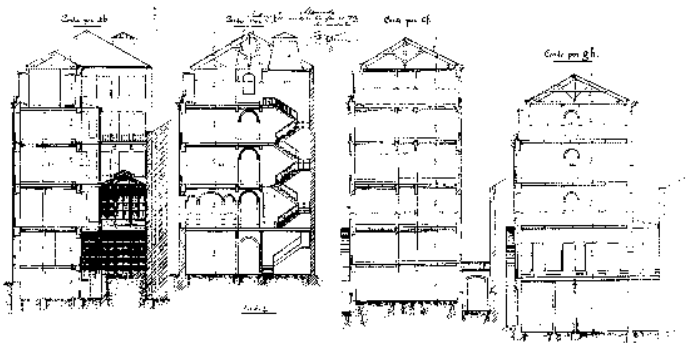


Figura 132 – Cortes transversais do projecto de ampliação do hotel em 1912.

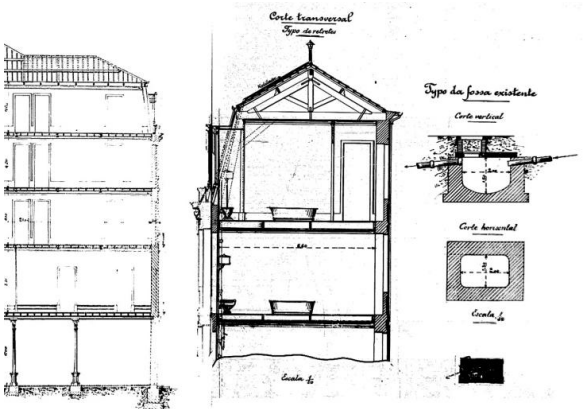


Figura 133 – Detalhe, em corte, do saneamento e instalação sanitária de um quarto do hotel.

No ano de 1934 a cidade recebe a primeira grande exposição mundial realizada em Portugal "A Exposição Colonial Portuguesa". Para a inauguração, a 16 de Junho, deslocou-se ao Porto o Presidente da República de então, General Carmona, acompanhado por vários membros do governo. Uma grande parte da comitiva ficou hospedada no Grande Hotel do Porto e foi nesta ocasião que foi aberto o livro de honra utilizado até hoje. A assinatura do General abre o livro que, ao longo dos muitos anos de existência do hotel, foi recebendo outras. Ao folhear o Livro, temos uma ideia mais alargada das inúmeras personalidades que passaram no hotel e deixaram a sua assinatura ou uma dedicatória no Livro. Entre muitos vê-se o nome de: António Ferro, Meholi Bem Hassan (filho do Rei da Transjordânia), o Conde de Barcelona, o Barão de Rothchild, Aquilino Ribeiro, Miguel Unamuno, Júlio Dantas, Fernando Namora, D. Duarte de Bragança, Richter, Popov, António Lobo Antunes, António Vitorino de Almeida, Fernando Pessa, Maria João Pires, Roberto Carlos, Mário Cláudio, Paulo de Carvalho, Rui Reininho, Pedro Abrunhosa. As dedicatórias são também parte do livro de visitas das quais o Hotel destaca duas de clientes assíduos. "…Já estou tão calhado no Grande Hotel que bem merecia ser considerado uma parte de mobiliário da casa. Tirando isso, é isso mesmo: há longos anos que Grande Hotel é a minha casa no Porto, sinto-me nele como o pinto no ovo. Quando me for desta para pior vou ter saudades de não haver aproveitado a estadia para escrever qualquer coisa de jeito!". Assina Fernando de Assis Pacheco: "As pontes, as caves, a memória do Infante e este Grande Hotel, fazem parte da alma do Porto. É por isso que, quando por aqui se passa, não se sente só agradecimento pelo conforto da estadia. Experimenta-se também, emoção pela nobreza do lugar." Assina José Hermano Saraiva.



Figura 134 – Corredor do Grande Hotel do Porto nas primeiras decadas do século XX.



Figura 135 – Quarto do Grande Hotel do Porto nas primeiras decadas do século XX.



Figura 136 – Plantas gerais do projecto de ampliação do hotel em 1912.

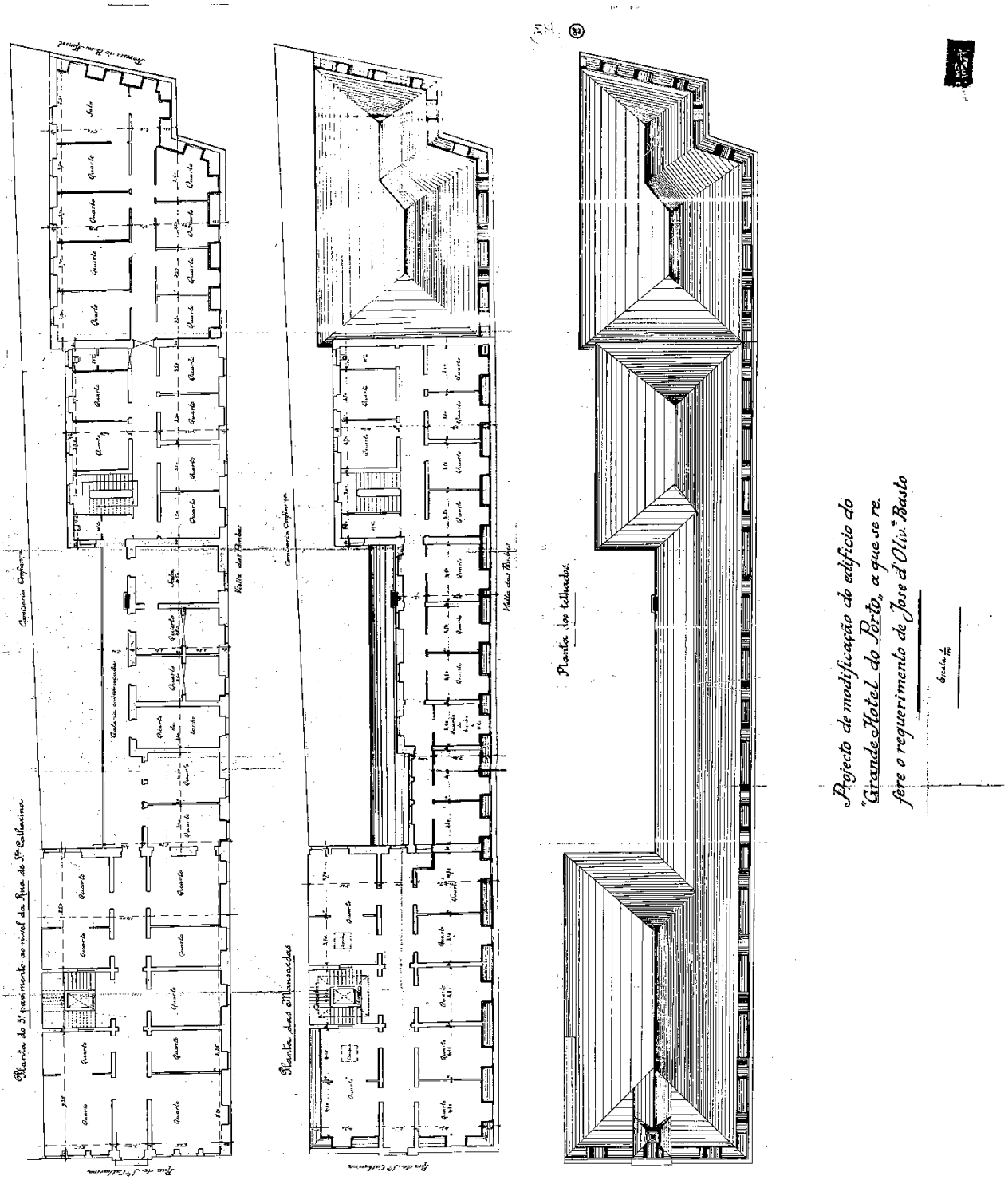


Figura 136a – Plantas gerais do projecto de ampliação do hotel em 1912.

Em 1942 António Maria Lopes torna-se o único proprietário do hotel e poucos anos depois inicia-se outra grande reforma. Todos os quartos do hotel passam a ter casa de banho privativa completa e as portas dos quartos eram duplas e pintadas e passam a ser uma só porta envernizada. Em 1954 Morreu António Maria Lopes, sucedendo-lhe o seu filho Fernando Maria Melo Lopes.

Edifício que nutre e reflecte os gostos dos visitantes sobre uma nova remodelação em 1964. As oficinas e Lavandaria dão lugar a uma garagem para 15 carros, adaptando-se o edifício aos novos tempos

e às necessidades. A entrada principal é remodelada, ampliando-se também a recepção e transformando-se a extinta sala de leitura na boutique. O hotel passa também a contar com um segundo elevador na zona da recepção. O mobiliário dos quartos é substituído e o bar é também remodelado. A partir desta data todos os quartos do hotel passam a ser alcatifados.



Figura 137 – Recepção do Grande Hotel do Porto nas primeiras decadas do século XX.



Figura 138 – Fachada e Rua Santa Catarina nos anos 40 do Século XX.

Depois de muitos anos com algumas intervenções em curtos espaços temporais o Hotel passou quase quatro décadas sem qualquer intervenção. No ano de 2002 foi iniciada a última remodelação total do hotel onde todas as áreas tiveram intervenção, nomeadamente as fachadas, quartos, zonas públicas, salas de reunião e cozinha. O espírito clássico do hotel e toda a sua herança foram respeitados para que não se perdesse a traça de hotel de charme, aliás, essa foi uma das constantes ao longo de remodelações. No ano de 2005 há uma nova e menor intervenção na fachada onde se procedeu apenas á redefinição da iluminação da fachada e a mudança. Este trabalho ficou ao cargo do gabinete de arquitectura de Roberto Cremascoli, Edison Okumura e Marta Rodrigues. No entanto esta parceria durará até ao final de 2011 aquando a conclusão de um processo de remodelação da decoração interior do hotel em todos os pisos.

Nas palavras dos responsáveis do Hotel a nova decoração, em tons de castanho e branco, "*cria nos pisos e quartos um ambiente moderno mas com linhas básicas e intemporais que se enquadram com o estilo clássico das áreas públicas do* hotel." O hotel passa a contar, a partir desta data, com apenas 94 quartos uma vez que foram eliminados 5 quartos por serem considerados demasiado pequenos para os padrões modernos. "*Num edifício com mais de 100 anos, os trabalhos e reformas têm que ser uma constante para que continue a ter um papel importante na cidade, não só como referência Histórica mas também como referência Hoteleira. Ao longo da sua existência não deixou de ter esse papel, assim o foram atestando até hoje as inúmeras personalidades e hóspedes anónimos que por cá passaram (…)".* Os actuais administradores Maria Helena e António Maria Melo Lopes zelam por isso. E completam dizendo que as "*remodelações e inovações que necessariamente surgirão no decorrer das décadas vindouras, porque a História deste hotel só foi escrita, e só poderá continuar a sê-lo no futuro, à conta dos*

muitos hóspedes que, ao longo de mais de um século, vieram ao Porto e ficaram alojados no Grande Hotel."

O Hotel é sem dúvida mais uma peça única de arquitectura da Rua e da Cidade. Em constante adaptação e começando com um modesto projecto em 1877 actualmente o seu nome ganha crédito internacional, ligado a isto está a vertente arquitectónica de charme que soube-se adaptar ao evoluir da sociedade transformando os seus espaços em função da mesma.

Salas	Área (m2)	Plateia	Escola	U	Banquete	Buffet	Cocktail
Santa Catarina	96	100	60	42	70	55	100
Cristal	21	20	8	12	16	-	-
VIP	16	-	-	8	8	-	-
Douro	30	30	18	16	20	-	50
Renascença	234	-	-	-	120	100	220

Quadro de áreas e capacidade das salas do hotel em 2010.



Figura 139 – Sala de leitura em 2010 e em inícios do século XX.



Figura 140 – Restaurante em 2010 e em inícios do século XX.



Figura 141 – Jardim de Inverno em 2010 e em inícios do século XX.

3.4 Colégio da Estrela – Colégio João de Deus – Escola EB 2/3 de Augusto Gil



Figura 142 – Escola preparatória EB 2/3 Augusto Gil. Campo de Jogos.

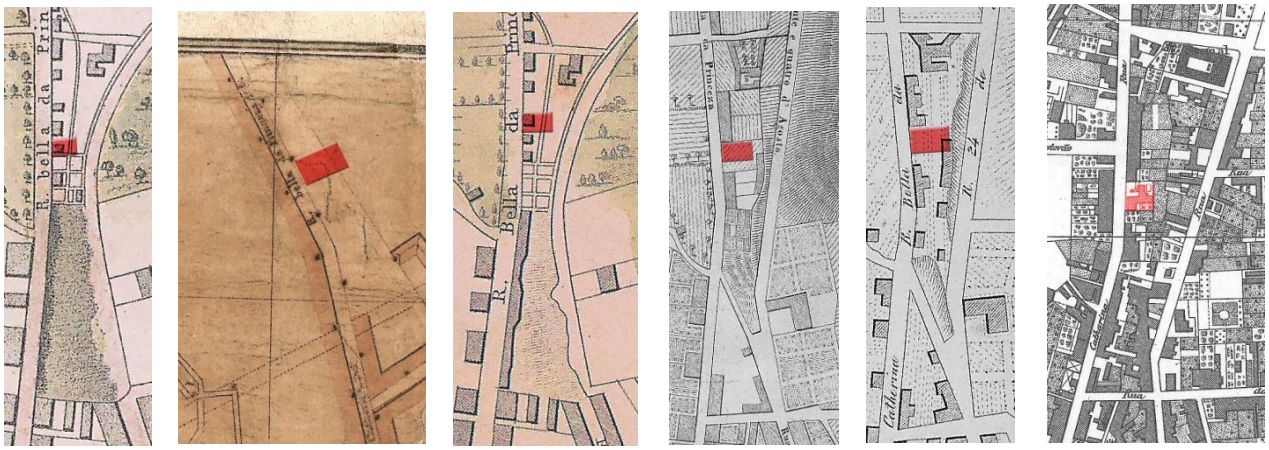


Figura 143 – Localização da actual Escola nas plantas da cidade de 1813, 1824, 1833, 1839, 1865 e 1892.

No segundo tramo da rua, quase no início do tramo da antiga designação de Rua Bela da Princesa, do lado direito de quem sobe a rua, encontramos actualmente a escola Augusto Gil. Este estabelecimento de ensino conta hoje com duas entradas distintas, uma pela rua em estudo e outra pela Rua da Alegria. Considerado um dos melhores estabelecimentos públicos de ensino na cidade a escola tem este nome e configuração desde 4 de Outubro de 1973, no entanto sofreu uma remodelação total no ano de 1992 no edifício que, fazendo frente com a Rua da Alegria, se encontra colado ao limite sul do lote.



Figura 144 – As duas entradas para a escola. Na imagem da esquerda a entrada por Santa Catarina e à direita pela Rua da Alegria.

Neste mesmo local já funcionaram dois outros estabelecimentos de ensino. O primeiro designava-se por Colégio de Nossa Senhora da Estrela ou simplesmente de Colégio da Estrela, posteriormente veio a funcionar o Colégio João de Deus. Pensa-se que terá sido criado por volta de 1840 – e as plantas da cidade também colaboram nesse sentido – de acordo com uma notícia/anúncio publicado no Jornal "A Voz do Tâmega" em 1919. Neste anúncio podemos ver os jardins onde hoje encontramos o campo de jogos, de igual forma o jardim aparece desenhado na planta de Vidal 1892.

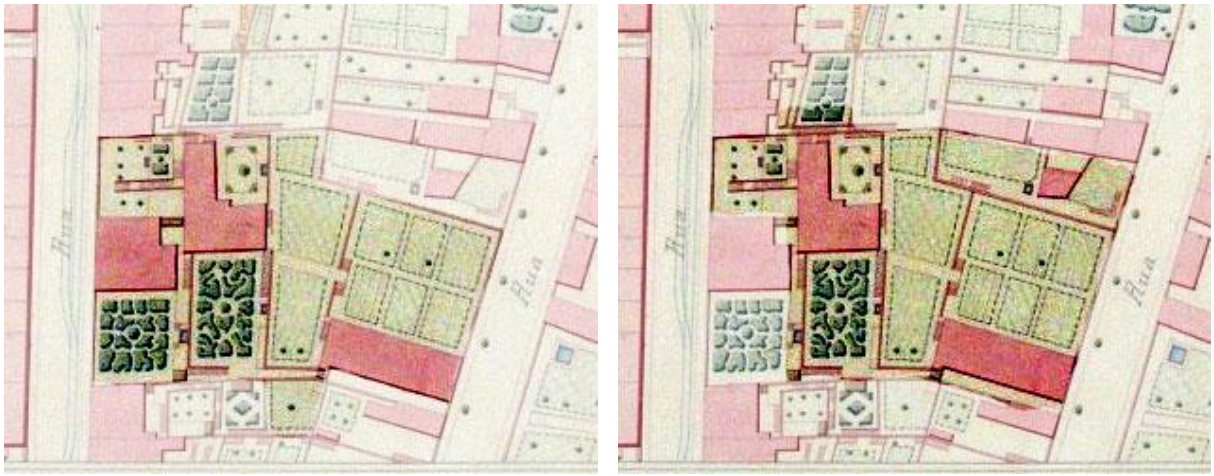


Figura 145 – Possíveis limites do lote quando da abertura do Colégio da Estrela e da Actual Escola Augusto Gil sobre a planta geral do Porto de 1892.

Na altura da sua abertura e nas oito décadas seguintes mantém a designação. Neste mesmo anúncio podemos ler que o edifício poderia ter sido um antigo palacete adaptado à sua nova função. É descrito como o colégio mais central e melhor da cidade do Porto. As suas vistas e ponto altaneiro na cidade são também atributos que o anúncio destaca como diferenciadores dos demais estabelecimentos. Podemos ler " (…) *situado num ponto elevado da cidade e de onde se descortina o mais deslumbrante panorama urbano* (…) ". O lado higienista também não é descurado fazendo questão de afirmar que o colégio recebe ar e luz por 58 portas e janelas, sendo "*completamente isolado e rodeado de jardins e quintais para recreio e exercício das alunas, oferecendo assim todos os predicados que uma boa higiene póde exigir*."

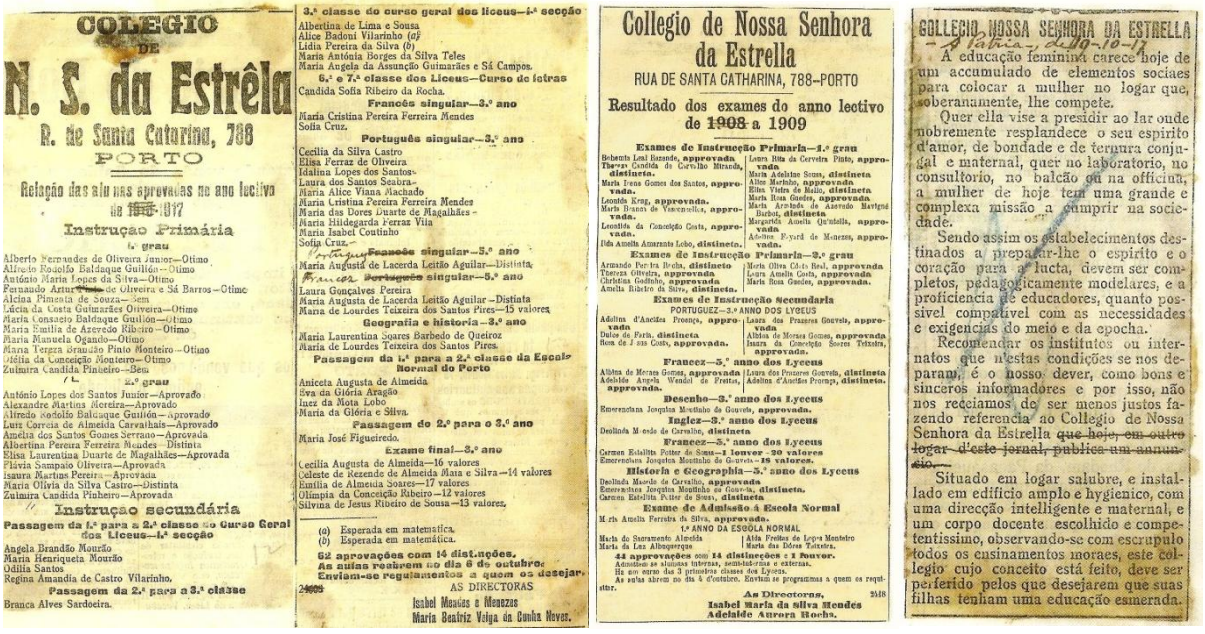


Colégio de N. S. da Estrêla
R. de Santa Catarina, 788—Porto
Relação das alunas aprovadas no ano lectivo de 1915-1916
Instrução Primaria
1.º grau
Adão Pinheiro da Silva, ótimo
Antonio Lopes dos Santos Junior
Beatriz Pais de Campos
Carmen Casanova, ótimo
Flávia Sampaio Oliveira
Ignara da Silva Vasconcellos
Idilia Parente Campos da Silva Carmo
Lacinda Lopes dos Santos, ótimo
Luiz d'Almeida Carvalhais
Maria Helena Soares Mendes, ótimo
Maria Olivia de Lemos Coutinho Carvalhais
Rosricia Sampaio Oliveira
2.º grau
Alberto Nogueira Gonçalves Junior
Ana Lopes dos Santos
Emilia Gomes da Silva
Flávia da Cruz
Graciinda Idilia Delgado, distincta
Hermengarda dos Santos Alves
Maria Albertina d'Oliveira
Maria Augusta Alves de Mesura
Maria Carlota Monteiro, distincta
Maria José Carvalho
Maria Idilia Azevedo Freitas Alves d'Almeida
Osvaldo Alves
Regina Amancia de Castro Vilarinho, distincta
Instrução Secundaria
Portuguez Singular 1.ª classe
Alzira Costa de Oliveira
Armanda Vieira
Guilhermina de Vasconcellos Noronha Menezes, dist. 16 v.
Maria Assumpção Gomes Serrano
Maria Carlota Dias
Maria de Lourdes dos Santos Pires
Silvino Fernandes de Magalhães
Francez Singular 1.ª classe
Armanda Vieira
Guilhermina de Vasconcellos Noronha Menezes
Laura Gonçalves Pereira
Maria Carlota Dias
Maria de Lourdes dos Santos Pires, distincta 16 v.
Francez Singular 2.ª classe
Antonia de Jesus Morais de Carvalho Dias
Curso geral dos liceus — 1.ª secção
Admissão á 2.ª classe
Carmina de Almeida Ferreirinha
Maria Isabel Nogueira Gonçalves
3.ª classe, curso
Aniceto Augusto d'Almeida
Bianca Alice Lopes
Deolinda Araujo da Silva
Admissão á Escola Normal
Eva da Gloria Aragão
Felismina Sara da Providencia Nogueira
Inez da Mota Lobo
Joanna Ferreira da Silva
Maria Amelia de Sousa Machado
Maria da Gloria e Silva
Passagem da 1.ª para a 2.ª classe transitaram:
Delfina Teixeira de Mello
Maria José de Figueiredo Pinto Cardoso
Maria dos Santos Nogueira
Passagem da 2.ª para a 3.ª classe transitaram:
Arminda Marques
Cecilia Augusta de Almeida
Celeste de Rezende de Almeida Maia e Silva
Emilia de Almeida Soares
Maria Isabel da Gloria
Olimpia da Conceição Ribeiro
Silvina de Jesus Ribeiro de Sousa
Rosa dos Santos Jorge
Fizeram exame de 3.º anno:
Cecilia da Gloria Ribeiro, 12 valores.
Josephina de Azevedo Vieira, 17 valores.
Total, 62 approvações com 9 distincções.
As aulas reabrem no dia 9 de outubro. Enviam-se programmas a quem os pedir na directoria.
Isabel Mendes e Menezes
Adelaide Rocha.

Colégio N.ª S.ª da Estrêla
Para o sexo feminino
R. S.ta Catarina, 788
PORTO
COLÉGIO N.ª S.ª DA ESTRÊLA
ANTIGO ESTABELECIMENTO DE INSTRUÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA PARA EDUCAÇÃO DE MENINAS
ADMITE ALUNAS INTERNAS SEMI-INTERNAS E EXTERNAS
Internato, Semi-internato e Externato
O Colégio da Estrela tem cerca de 30 annos de existencia e é o mais central e o melhor situado na cidade do Porto.
Está instalado num soberbo palacete situado num ponto elevado da cidade e de onde se descortina o mais deslumbrante panorama urbano, recebendo ar e luz por 58 portas e janelas, completamente isolado e rodeado de jardins e quintaes para recreio e exercicio das alumas, offerecendo assim todos os predicados que uma boa hygiene póde exigir.
Pela salubridade do edificio, pelo corpo docente competentissimo como o atesta o resultado nos exames finaes de cada anno pela educação baseada no principio da mais rigorosa moralidade, pela bôa, sadia e abundante alimentação que é fornecida ás educandas, o COLEGIO DA ESTRELA tem sido em todos os tempos o preferido pelas principaes familias, não só da segunda cidade do paiz como do norte de Portugal e do Brazil, para a educação de suas filhas. Aceita alumas internas, semi-internas e externas.
Resultado dos exames finaes de 1919: 54 aprovações com distincções. Pedir prospetos e mais informações á diretora.
MARIA BEATRIZ VEIGA DA CUNHA NEVES.

Figura 146 – Noticias e anúncios ao Colégio no Jornal "A Voz do Tâmega" de 1919. Na primeira imagem são anunciados os bons resultados de suas alunas.

Por estes motivos e pelo bom corpo docente, pela alimentação, pela moralidade, os resultados, afirmam, são os melhores, atraindo desta forma alunas de toda a cidade e norte do país e também do Brasil, referem. Note que no ano em questão tiveram aprovação com distinção nos exames finais 54 alunas.



COLEGIO DE N. S. da Estrêla
R. de Santa Catarina, 788
PORTO
Relação das alumnas approvadas no anno lectivo de 1916-1917
Instrução Primaria
1.º grau
Alberto Fernandes de Oliveira Junior—Ótimo
Alfredo Rodolfo Baldaque Guilhon—Ótimo
António Maria Lopes da Silva—Ótimo
Fernando Arthur [illegible] de Oliveira e Sá Barros—Ótimo
Alcina Pimenta de Souza—Bom
Lucia da Costa Guimarães Oliveira—Ótimo
Maria Consacio Baldaque Guilhon—Ótimo
Maria Emilia de Azevedo Ribeiro—Ótimo
Maria Manuela Ogando—Ótimo
Maria Tereza Brandão Pinto Monteiro—Ótimo
Ofélia da Conceição Monteiro—Ótimo
Zuimira Candida Pinheiro—Bom
2.º grau
António Lopes dos Santos Junior—Aprovado
Alexandre Martins Moreira—Aprovado
Alfredo Rodolfo Baldaque Guilhon—Aprovado
Luiz Correia de Almeida Carvalhais—Aprovado
Amelia dos Santos Gomes Serrano—Aprovada
Albertina Pereira Ferreira Mendes—Distinta
Elisa Laurentina Duarte de Magalhães—Aprovada
Flávia Sampaio Oliveira—Aprovada
Isaura Martins Pereira—Aprovada
Maria Olivia da Silva Castro—Distinta
Zuimira Candida Pinheiro—Aprovada
Instrução secundária
Passagem da 1.ª para a 2.ª classe no Curso Geral dos Liceus—1.ª secção
Angela Brandão Mourão
Maria Henriqueta Mourão
Odilia Santos
Regina Amandia de Castro Vilarinho.
Passagem da 2.ª para a 3.ª classe
Branca Alves Sardoeira.

3.ª classe do curso geral dos liceus—1.ª secção
Albertina de Lima e Sousa
Alice Badoni Vilarinho (a)
Lidia Pereira da Silva (b)
Maria Antónia Borges da Silva Teles
Maria Angela da Assunção Guimarães e Sá Campos.
6.ª e 7.ª classe dos Liceus—Curso de letras
Candida Sofia Ribeiro da Rocha.
Francês singular—3.º ano
Maria Cristina Pereira Ferreira Mendes
Sofia Cruz.
Português singular—3.º ano
Cecilia da Silva Castro
Elisa Ferraz de Oliveira
Idalina Lopes dos Santos
Laura dos Santos Seabra
Maria Alice Viana Machado
Maria Cristina Pereira Ferreira Mendes
Maria das Dores Duarte de Magalhães
Maria Hildegarda Ferraz Vila
Maria Isabel Coutinho
Sofia Cruz.
Francês singular—3.º ano
Maria Augusta de Lacerda Leitão Aguilar—Distincta
Português singular—3.º ano
Laura Gonçalves Pereira
Maria Augusta de Lacerda Leitão Aguilar—Distincta
Maria de Lourdes Teixeira dos Santos Pires—15 valores
Geografia e historia—3.º ano
Maria Laurentina Soares Barbedo de Queiroz
Maria de Lourdes Teixeira dos Santos Pires.
Passagem da 1.ª para a 2.ª classe da Escola Normal do Porto
Aniceta Augusta de Almeida
Eva da Gloria Aragão
Inez da Mota Lobo
Maria da Gloria e Silva.
Passagem do 2.º para o 3.º ano
Maria José Figueiredo.
Exame final—3.º ano
Cecilia Augusta de Almeida—16 valores
Celeste de Rezende de Almeida Maia e Silva—14 valores
Emilia de Almeida Soares—17 valores
Olimpia da Conceição Ribeiro—12 valores
Silvina de Jesus Ribeiro de Sousa—13 valores.
(a) Esperada em mathematica.
(b) Esperada em mathematica.
62 approvações com 14 distincções.
As aulas reabrem no dia 6 de outubro.
Enviam-se regulamentos a quem os desejar.
AS DIRECTORAS
Isabel Mendes e Menezes
Maria Beatriz Veiga da Cunha Neves.

Collegio de Nossa Senhora da Estrella
RUA DE SANTA CATHARINA, 788—PORTO
Resultado dos exames do anno lectivo de 1908 a 1909
Exames de Instrucção Primaria—1.º grau
Hebecta Leal Rosado, approvada.
Theresa Candida de Carvalho Miranda, distincta.
Maria Irene Gomes dos Santos, approvada.
Leontia Keng, approvada.
Maria Branca de Vasconcellos, approvada.
Leontina da Conceição Costa, approvada.
Ida Amelia Amarante Lobo, distincta.
Laura Ida da Cerveira Pinto, approvada
Maria Adelaide Soares, distincta
Alice Machado, approvada
Elisa Vieira de Mello, distincta
Maria Rosa Gandra, approvada.
Maria Arminda de Azevedo Mavignol Barbot, distincta
Margarida Amelia Quintella, approvada
Adelina Eyzaut de Moraes, approvada.
Exames de Instrucção Primaria—2.º grau
Armando Pereira Rocha, distincto
Thereza Oliveira, approvada
Christina Godinho, approvada
Amelia Ribeiro da Silva, distincta.
Maria Oliva Cid's Real, approvada
Laura Amelia Costa, approvada
Maria Rosa Gandra, approvada.
Exames de Instrucção Secundaria
PORTUGUEZ—3.º ANNO DOS LYCEUS
Adelina d'Anciães Proença, approvada
Dulce de Faria, distincta
Rosa de Jesus Costa, approvada.
Laura dos Prazeres Gouveia, approvada
Alzira de Moraes Gomes, approvada
Isaura da Conceição Soares Teixeira, approvada.
Francez—3.º anno dos Lyceus
Alzira de Moraes Gomes, approvada
Adelaide Angela Wendel de Freitas, approvada.
Laura dos Prazeres Gouveia, distincta
Adelina d'Anciães Proença, distincta.
Desenho—3.º anno dos Lyceus
Rosa cinda Joaquina Monteiro de Gouveia, approvada.
Inglez—3.º anno dos Lyceus
Deolinda Macedo de Carvalho, distincta
Francez—3.º anno dos Lyceus
Carmen Estellita Potter de Sousa—1 louvor—20 valores
Esmeralda Joaquina Monteiro de Gouveia—18 valores.
Historia e Geographia—3.º anno dos Lyceus
Deolinda Macedo de Carvalho, approvada
Esmeralda Joaquina Monteiro de Gouveia, distincta.
Carmen Estellita Potter de Sousa, distincta.
Exame de Admissão á Escola Normal
Maria Amelia Ferreira da Silva, approvada.
1.º ANNO DA ESCOLA NORMAL
Maria do Sacramento Almeida
Maria da Luz Albuquerque
Alda Freitas de Lopes Monteiro
Maria das Dôres Teixeira.
44 approvações com 14 distincções e 1 louvor.
Admittem-se alumnas internas, semi-internas e externas.
Ha um curso das 3 primeiras classes dos Lyceus.
As aulas abrem no dia 5 d'outubro. Enviam-se programmas a quem os requisitar.
As Directoras,
Isabel Maria da silva Mendes
Adelaide Aurora Rocha.

COLLEGIO NOSSA SENHORA DA ESTRELLA
A Patria, 2-10-17
A educação feminina carece hoje de um accumulado de elementos sociaes para colocar a mulher no logar que, soberanamente, lhe compete.
Quer ella vise a presidir ao lar onde nobremente resplandece o seu espirito d'amor, de bondade e de ternura conjugal e maternal, quer no laboratorio, no consultorio, no balcão ou na officina, a mulher de hoje tem uma grande e complexa missão a cumprir na sociedade.
Sendo assim os estabelecimentos destinados a preparar-lhe o espirito e o coração para a lucta, devem ser completos, pedagogicamente modelares, e a proficiencia de educadores, quanto possivel compativel com as necessidades e exigencias do meio e da epocha.
Recomendar os institutos ou internatos que nestas condições se nos deparam, é o nosso dever, como bons e sinceros informadores e por isso, não nos recciamos de ser menos justos fazendo referencia ao Collegio de Nossa Senhora da Estrella que hoje, em outro logar d'este jornal, publica um annuncio.
Situado em logar salubre, e installado em edificio amplo e hygienico, com uma direcção intelligente e maternal, e um corpo docente escolhido e competentissimo, observando-se com escrupulo todos os ensinamentos moraes, este collegio cujo conceito está feito, deve ser preferido pelos que desejarem que suas filhas tenham uma educação esmerada.

Figura 147 – Noticias e anúncios ao Colégio no Jornal "O Primeiro de Janeiro" anunciando os resultados "bons e excelentes" de suas alunas.

Como verificamos este estabelecimento de ensino é um dos primeiros a dar às suas educandas uma educação com várias vertentes. O colégio tinha os três tipos de regime, o interno o semi-interno e o externo, demonstrando versatilidade. O programa de ensino que compreendia a instrução primária, secundária e admissão à Escola Normal, situada a uns 300 metros a norte do colégio, tinha como disciplinas, entre outras, o piano, o canto, a dança, a ginástica, a pintura, os bordados, as flores, a costura, o corte e os trabalhos em couro e madeira. Neste ano de 1919 é sua directora Maria Beatriz Veiga da Cunha Neves que substituíra as antigas directoras Isabel Maria da Silva Mendes e Menezes e Adelaide Aurora Rocha.

Numa outra noticia do jornal "O Primeiro de Janeiro" de 3 de Outubro de 1916 podia ler-se que "*Instalado num amplo edifício, completamente isolado, em situação elevada d'onde se rasgam largos horisontes até ao mar, e circundado de jardins e arvoredos, nada mais poropicio á conservação da saúde das meninas e ao seu vigoramento físico, realisando o conselho: Mens sana in córpore sano. A alimentação é sempre variada, abundante e sadia, preparada com géneros de primeira qualidade o que a torna perfeitamente restauradora, como convém a organismos que pertencem, por excelência, à humanidade em flor. As dignas directoras distinguem-se em extremos de carinho, tendo na própria consciência a intima satisfação d'um dever cumprido*." Esta noticia quase que repete o que fora descrito na notícia anterior.

Do ponto de vista arquitectónico o colégio era composto por dois volumes sólidos e sóbrios, servidos de dois jardins desenhados na sua fronte. Um dos volumes tinha três pisos e uma estrutura simétrica quase na fachada, possuindo uma varanda a todo o correr no primeiro piso. Há ainda neste edifício, que contacta com a rua Santa Catarina através de uma escadaria extensa, umas águas-furtadas.

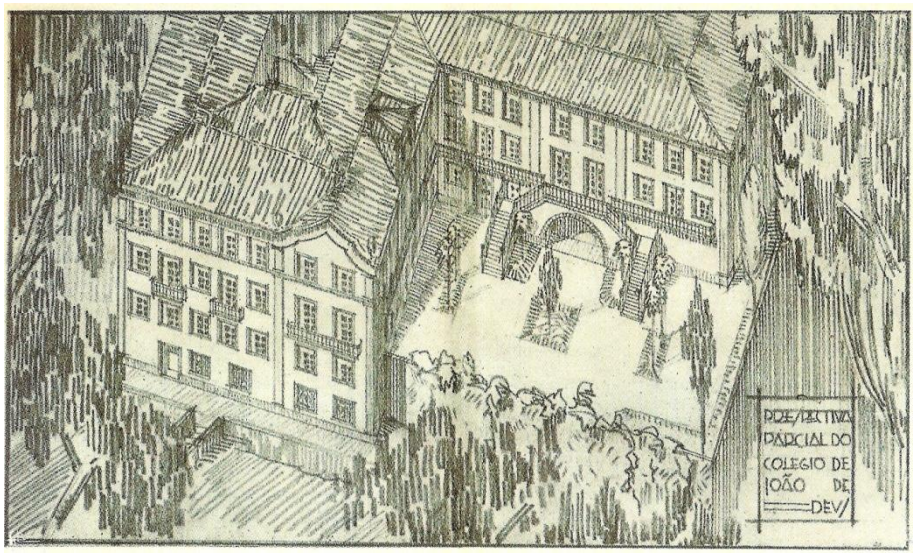


Figura 148 – Perspectiva isométrica da parte voltada a poente do Colégio João de Deus.

Os edifícios do colégio pertenciam a Dona Maria da Assunção Ferreira, Condessa de Azambuja, que tinha três filhas. Aquando a sua morte, a 8 de Abril de 1911, os seus bens fora inventariados e divididos. Uma das suas filhas herdou a parte pertencente à que haveria de ser a fábrica Lusitânia, e os restantes dois terços ficaram em regime de arrendamento ao então Colégio da Estrela.

Em 1916 o colégio é trespassado a Manuel Coelho da Cunha Neves e no ano lectivo de 1917 a sua mulher, Maria Beatriz Veiga da Cunha Neves é a sua única directora. A um de Outubro de 1919 o casal celebra um contracto de arrendamento do edifício do colégio cuja entrada se faz pela Rua de Santa Catarina no número 788. Os seus proprietários serão Dom Luís Machado Castelo Branco e a esposa Dona Francisca de Mendonça, Condes de Figueira. O contrato tinha um prazo de três anos com uma renda de 400 escudos podendo ser renovado a cada três anos. No ano de 1919 é feito um contrato de arrendamento por dez anos. Desta feita os arrendatários são Dona Francisca de Mendonça e o seu marido José Cerne de Pouza Madureira. A entrada já se começa a fazer nesta altura também pela Rua da Alegria no número 349/353 na freguesia do Bonfim, tendo como valor da renda de 150 escudos.

O Colégio da Estrela funcionava nesta altura sob a firma comercial "Cunha Neves e Cª", embora tenha sido registado na Direcção Geral do Comércio em Fevereiro de 1919 em nome de Manuel da Cunha Neves com o nome de "Colégio da Estrela – Porto" pensando talvez em expandir com o mesmo nome o estabelecimento para outras cidades.

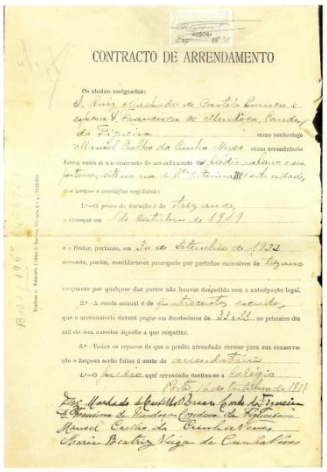

CONTRACTO DE ARRENDAMENTO

Figura 149 – Contrato de Arrendamento celebrado em Outubro de 1919 por um período de 3 anos com uma renda de 400 escudos.

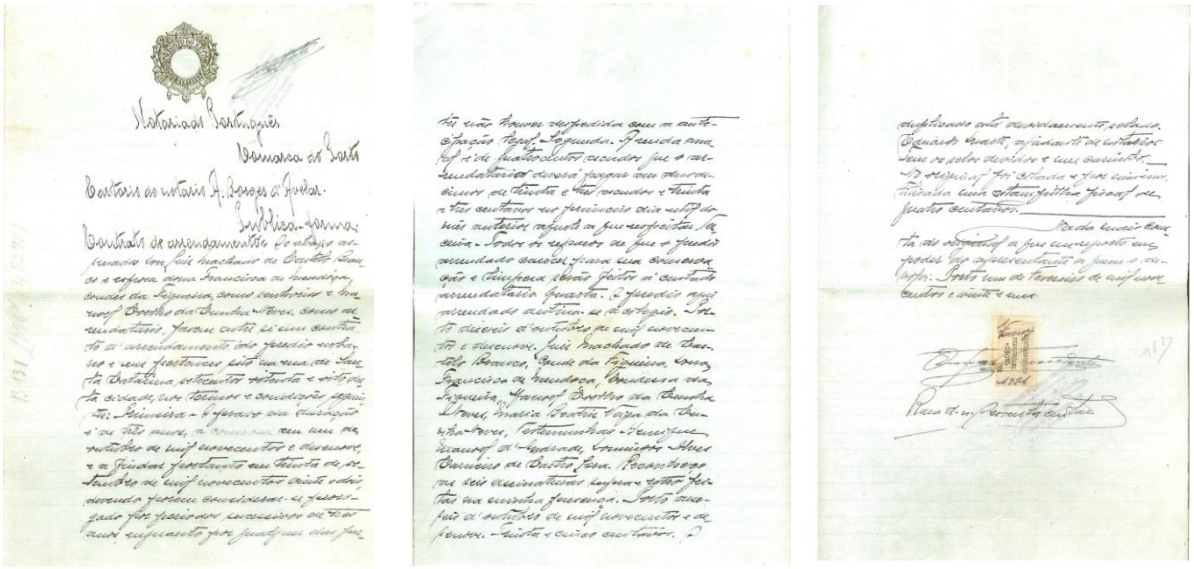
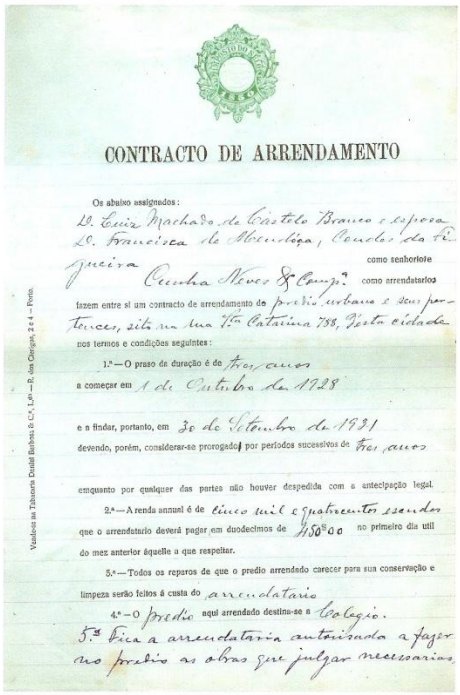


Figura 150 – Novo Contrato de Arrendamento celebrado em Novembro de 1919 por um período de 10 anos com uma renda de 150 escudos.

Em 1928 o Colégio da Estrela termina a sua actividade apesar do sucesso e de bem frequentado ao longo dos anos. Manuel da Cunha Neves, então debilitado na sua saúde resolve contactar o seu amigo e conterrâneo Dr. Artur Rodrigues Marques de Carvalho e os Padres José Maria da Fonseca, de Ovar, Augusto Ferreira Peres, de Arouca, e João Ferreira Guedes de Morais, de Gaia, para formarem um colégio desta feita masculino. Será nesta altura que surge o então Colégio João de Deus.



CONTRACTO DE ARRENDAMENTO

Os abaixo assignados:
D. Luiz Machado de Castello Branco e esposa
D. Francisca de Mesquitela, Condes do Fi-
gueira como senhorios
Cunha Neves & Comp.ª como arrendatarios
fazem entre si um contracto de arrendamento de predio urbano e seus per-
tences, sito na Rua D.ª Catarina 758, Porto cidade
nos termos e condições seguintes:
1.º—O praso de duração é de tres annos
a começar em 1 de Outubro de 1928
e a findar, portanto, em 30 de Setembro de 1931
devendo, porém, considerar-se prorogado por periodos sucessivos de tres annos
emquanto por qualquer das partes não houver despedida com a antecipação legal.
2.ª—A renda annual é de cinco mil e quatrocentos escudos
que o arrendatario deverá pagar em duodecimos de 450$00 no primeiro dia util
do mez anterior áquelle a que respeitar.
3.ª—Todos os reparos de que o predio arrendado carecer para sua conservação e
limpeza serão feitos á custa do arrendatario
4.º—O predio aqui arrendado destina-se a Colegio.
5.ª Fica a arrendataria autorisada a fazer
no predio as obras que julgar necessarias,

Vendem na Tabacaria Distal Barbosa & C.ª, L.dº—R. dos Caldeiras, 2 e 4—Porto.

Figura 151 – Contrato de Arrendamento celebrado em Outubro de 1928 por um período de 3 anos com uma renda de 450 escudos.

O Colégio abre no ano lectivo de 1928/29. Numa apresentação à sociedade em Agosto de 1928, divulgam a sua proposta de trabalho escrevendo: "*Colocamo-nos sob a égide do poeta que viveu e morreu numa grande paixão: - o ensino da mocidade portuguesa. Para a mocidade portuguesa se abre o nosso colégio*". No mês de Janeiro de 1929 Cunha Neves retira-se em definitivo e cede a sua quota ao padre José Maria da Fonseca e Pinho. Numa escritura de 21 de Junho de 1930, o Senhor Conde de Figueira acordou a venda do edifício com o padre José Pinho.

Durante este período o Colégio ganha um novo corpo, ligado ao velho edifício, que se constrói a nascente do lote e chega com fachada até à Rua da Alegria. A nível arquitectónico há uma preocupação deste manter o mesmo estilo de forma a ter uma noção de conjunto, quase disforme, bem como uma continuidade interna por sucessão de espaços. O corpo que contacta com a Rua da Alegria tem neste projecto ainda um aspecto mais descuidado na ornamentação das fachadas assim como é de piso térreo. Como constatamos hoje o mesmo corpo possui três pisos e uma fachada mais cuidada do que a existente neste projecto que fora aprovado em 27 de Junho de 1930.

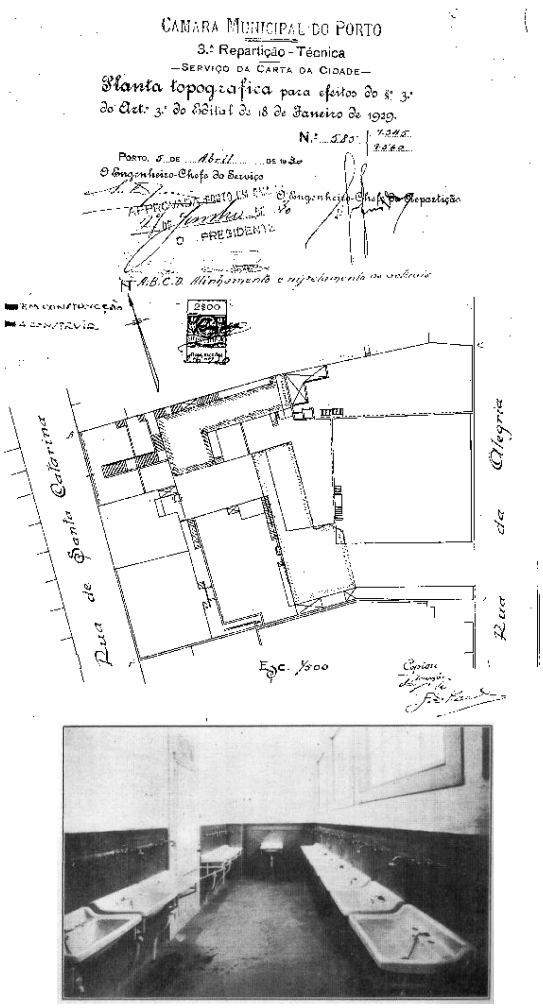


Figura 152a – Lavabo anexo ao Dormitório.

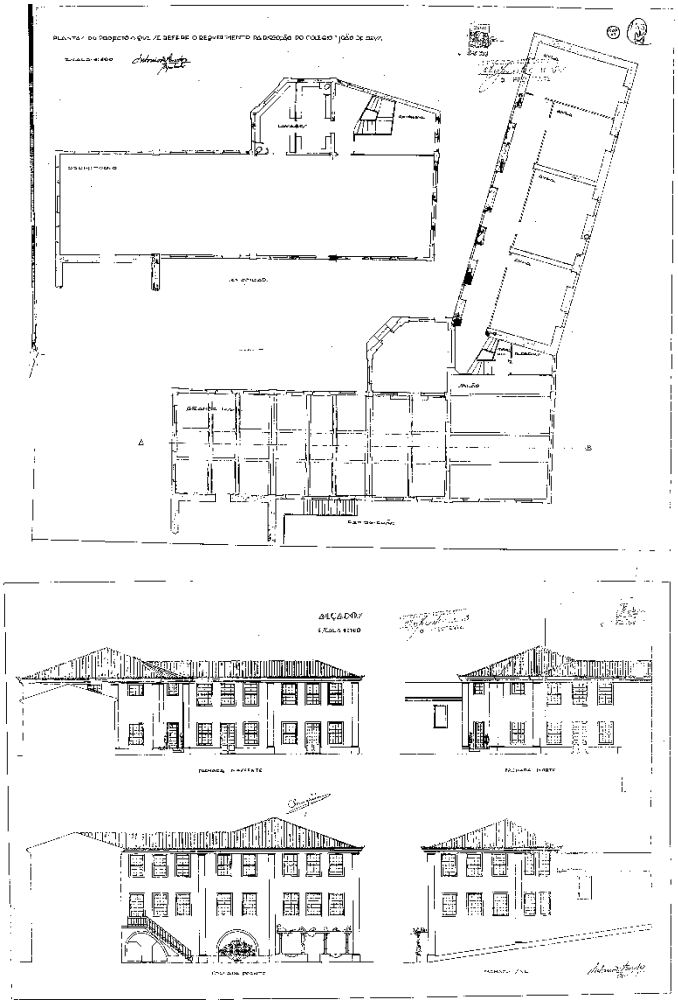


Figura 152 – Projecto de ampliação de 1929 do Colégio João de Deus com a construção de um ginásio e novas salas de aulas.



Figura 153 – Pátio norte da escola Augusto Gil. Ao fundo um dos alçados do projecto de ampliação de 1929.



Figura 154 – "Grande Hall" do projecto de 1929 do novo volume do Colégio.



Figura 155 – Ginásio, por baixo do "Grande Hall", do projecto de 1929 do novo volume do Colégio.



Figura 156 – Dormitório, por cima do "Grande Hall", do projecto de 1929 do novo volume do Colégio.

No final do ano de 1956 foi resolvido, uma vez mais, ampliar as instalações face ao aumento da população escolar. É então construído um ginásio e a ala norte com a actual configuração com excepção do quarto piso, onde então se situavam os gabinetes de Física e Ciências naturais assim como instalações sanitárias.



Figura 157 – Novo volume da escola construído em 1956. O Ultimo piso foi uma ampliação posterior a 1956.

O auge do número de alunos atinge-se em 1968, quando foi considerado o maior colégio masculino da cidade, daí até 1971, devido ao agravamento do custo de vida no país acentuado neste ultimo ano, houve um decréscimo da frequência no ensino particular o que leva a considerar a direcção em 1972 na transferência do estabelecimento para uma ordem religiosa. O padre germano Pinto chega a contactar a Companhia de Jesus mas está não se mostra interessada é nessa altura que se encara a

possibilidade de negociarem com o Ministério da Educação, acabando de facto o Colégio por ser vendido ao Estado.

Por decisão do então Ministro Veiga Simão passou a denominar-se de Escola Preparatória Augusto Gil no ano de 1973.

O colégio manterá a sua actividade entre os anos lectivos de 1929/29 e 1972/73 e uma vez mais fora frequentado pelas melhores famílias da cidade e por alguns estrangeiros. Quando termina a actividade do Colégio João de Deus já os seus mentores haviam morrido. O padre José Pinho falece em 1944 e o padre Augusto Peres falece em 1946, ambos no próprio Colégio. O Doutor Artur Carvalho falece em 1953 e o padre João Morais em 1962.

Passados 36 anos a Escola continua a ser, segundo os responsáveis, do seu passado. A escola Augusto Gil inicia a sua actividade no ano lectivo de 1973/74. O patrono escolhido – Augusto Gil – foi um poeta, advogado e alto funcionário da República nascido na cidade do Porto em Lordelo do Ouro em 1873 vindo a residir na infância na Rua de Santo Ildefonso. Chegou a conviver com homens de Letras da cidade entre os quais João de Deus, cuja influência é patente.

É nesta fase que a entrada principal da escola começa a ser feita pela Rua da Alegria no número 351, não esquecendo porém que pontualmente era possível ainda, em 1996, entrar pelo número 788 da Rua Santa Catarina que ao longo destes anos se tem vindo a degradar estando quase a chegar a um ponto de "não retorno". Esta entrada nobre do colégio, que contava com uma secretaria, gabinete e sala de visitas, é projectada em 1936 e aprovada com um "satisfaz" por parte do Conselho de Estética e Urbanização da Cidade do Porto.

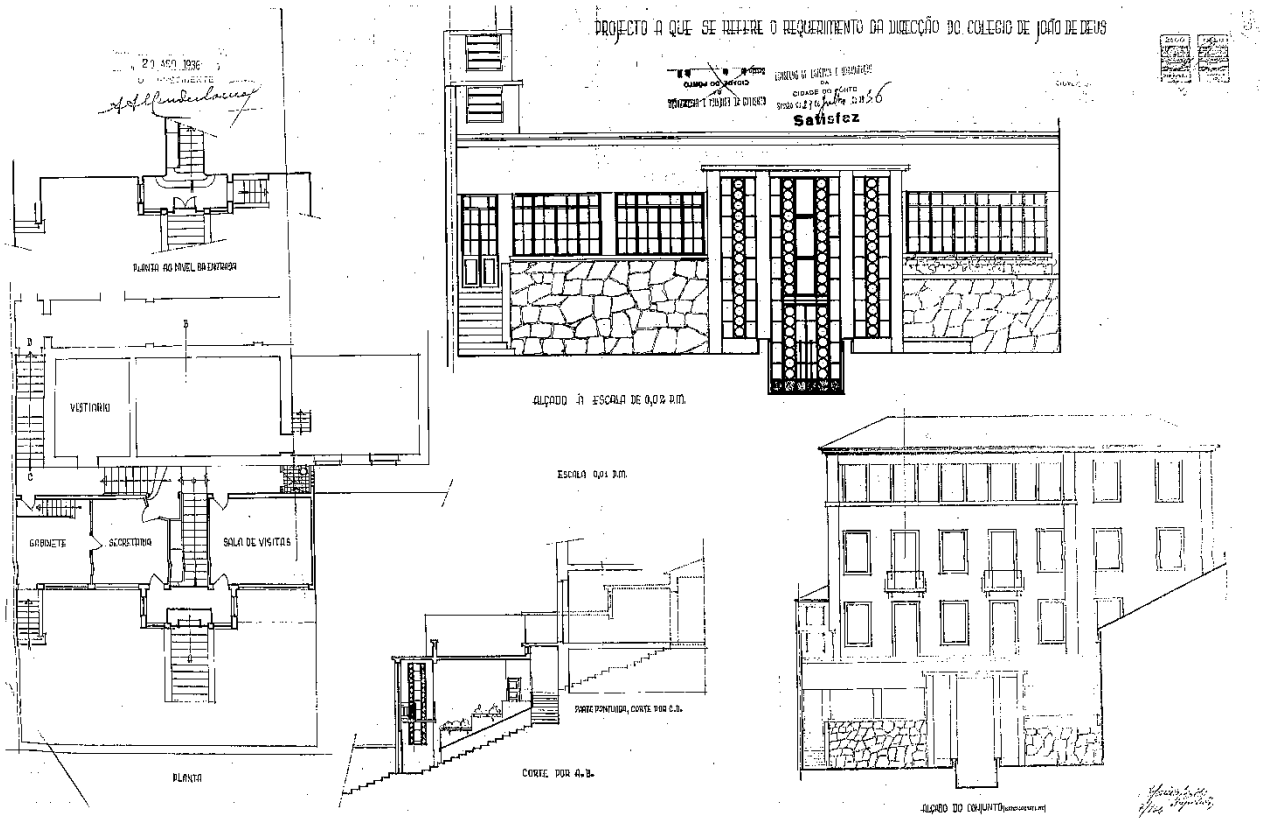


Figura 158 – Projecto de 1936 para a nova escadaria de entrada no Colégio pela Rua Santa Catarina.

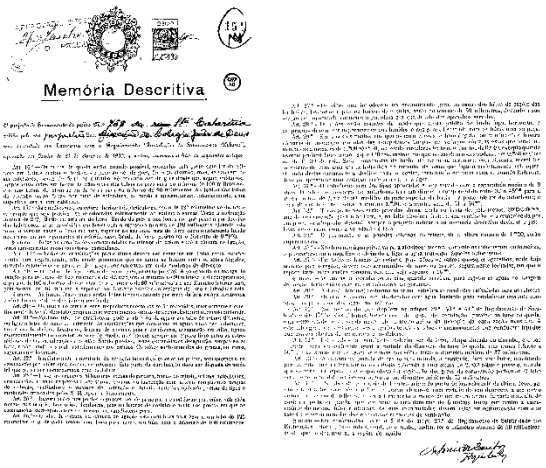
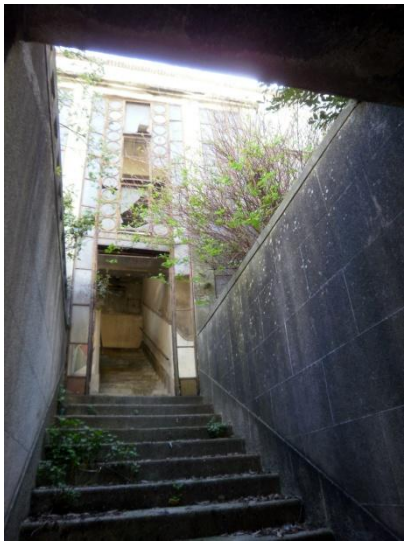

Memória Descritiva

Figura 159 – Memoria Descritiva do projecto de 1936 para a nova escadaria de entrada no Colégio pela Rua Santa Catarina.



Figura 160 – Fachada virada a poente da nova escadaria de entrada no Colégio pela Rua Santa Catarina.





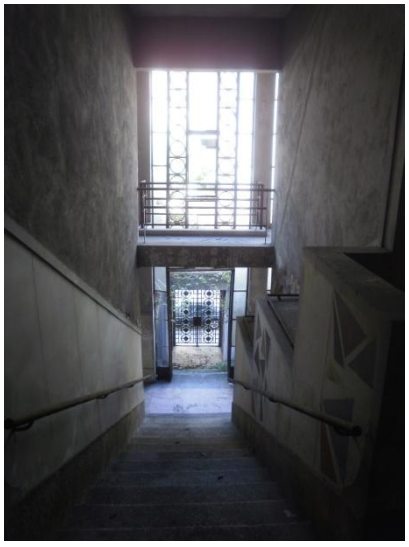






Figura 161 – Vistas do conjunto de escadaria (de entrada do Colégio por Santa Catarina) e salas do projecto de 1936 e seu estado avançado de degradação.

A escola, apesar do sistema de distribuição de alunos ser rígido em tempos, aglomerava uma área de influência para além da sua freguesia – Santo Ildefonso – tal como a freguesia do Bonfim. A sua fama de "boa escola" permitia no entanto que nos dias que eu estudei lá tivesse colegas de várias localidades da área metropolitana do Porto fazendo jus à tradição passada dos colégios.

Já como escola púbica é acrescentado o quarto piso da ala norte. Nos primeiros vinte anos a escola beneficia de obras de recuperação e conservação a cargo da tutela. Na década de 90 o Conselho Directivo/Executivo em conjunto com os Auxiliares de Acção Educativa empreendem uma recuperação, embelezamento e actualização dos espaços escolares. Em 1999 ganha o Concurso "Valorização Estética dos Espaços Educativos" sendo-lhe atribuídos cinco mil contos para a recuperação do átrio de entrada.

O tema proposto foi "Augusto Gil e as cartas de amor". Esta recuperação "visa criar uma dinâmica de diálogo visual, conducente à fruição estética da figura e obra do poeta" dizem os autores, o Escultor José António Nobre, o Pintor Ariosto Madureira e a Arquitecta Eduarda Fátima de Castro. Hoje, na Sala Museu que a escola possui há uma vitrina onde é exposto o espólio do Colégio João de Deus bem como esse espaço, que contem um piano de um quarto de cauda, realizam-se concertos e outras actividades. A escola conta com mais de 600 alunos e com um corpo docente de 80 professores dos quais 805 pertencem aos quadros da escola dando uma estabilidade e consequentemente uma continuidade rara no ensino. Nos restantes funcionários da escola conta-se com 36 pessoas entre auxiliares de acção educativa e funcionários administrativos. A semelhança das suas origens a escola possui diversas actividades extra-curriculares que garante uma formação qualificada dos seus alunos, entre as quais podemos destacar os clubes de Ar Livre, de Jornalismo, de Fotografia, de Electrónica, de Informática, de Internet, de Jardinagem, de Artes e Expressões, O Porto e sua História, de Tapeçaria e Macramé e o de Oficina de Linguagens.

A escola é desde o final do ano de 1995 sede do Centro de Formação João de Deus.

Neste caso particular que resolvi analisar da rua posso constatar, uma vez mais, de uma nova forma, como o desenho final de uma arquitectura flui ao longo dos anos adaptando-se às necessidades e exigências do seu tempo. Deliberei como se torna frágil analisar um conjunto edificado sem conhecer a história social do mesmo. Por vezes as formas arquitectónicas incompreensíveis se tornam apreensíveis pelo descobrir da história dessa forma final.



Figura 162 – Vistas do conjunto edificado da Escola Augusto Gil.



Figura 162a – Vistas do conjunto edificado da Escola Augusto Gil.



Figura 163 – Conjunto de fotos mostrando a diversidade da azulejaria que encontramos dentro da Escola.



Figura 164 – Sala de Musica, Sala de Desenho e Auditório.



Figura 165 – Cantina e cozinha e balneários da Escola. Situam-se no bloco edificado em 1930.





Figura 166 – Fotos de partes do percurso de entrada por Santa Catarina.

3.5 Loja Reis & Filhos



Figura 167 – Loja Reis e filhos e o início da Rua de Santa Catarina em 2010.

Arte do Ferro

Neste caso deste edifício em estudo apenas direccionei a pesquisa para uma singularidade na rua e raridade na cidade. Há muito que entendemos que a montra e o rés-do-chão do edifício são factores importantes no que diz respeito à actividade comercial; digamos que é como as roupas que a pessoa veste em sociedade, reflectem uma vontade, um status.

Antes de entrar no caso concreto vale pena entender o panorama que enquadra esta transformação de um rés-do-chão do primeiro edifício – de quem vem do Largo de Santo Ildefonso – que nos aparece na rua.

Escreve António Lamas acerca do trabalho do ferro: "*O trabalho do ferro descreve o progresso civilizacional de uma forma inequívoca. A evolução do conhecimento do homem traduz-se na inovação com que manipula o ferro, fundindo-o, forjando-o, temperando-o, ligando-o a outros materiais e usando-o em sempre renovadas formas e inspirados fins.*"[32] Afirma ainda António Saraiva "*do Porto não se poderá*

32 CRUZ, J. S. Paulo – *A Arte do Ferro Porto*, Edições Asa, 1997. pp 6.

dizer o que disse Drummond da sua Itabira:"Noventa por cento de ferro nas calçadas. Oitenta por cento de ferro nas almas.""[33] Na realidade o que se destaca como material na cidade do Porto é o famoso granito que surge como material caracterizador e identificador da arquitectura portuense. Como diria Jaime Cortesão: "a cidade, granítica, de face e de carácter" ou José Gomes Ferreira: "cidade de luz de granito" entre outros poetas e escritores que personificam o granito associando-o para além da mera dimensão física à cidade.



Figura 168 – Postal com Rua 31 de Janeiro em 1904. Do lado direito vemos o prédio de esquina com a fronte do seu rés-do-chão original.



Figura 169 – Postal com Rua 31 de Janeiro. Do lado direito vemos o prédio de esquina com a nova fronte da Loja Reis & Filhos.

Mas como diz José Cruz: *"talvez não haja nada mais parecido com o ferro do que o granito. Essa rocha e metal servem igualmente as ideias de peso, solidez, resistência, dureza, durabilidade, e, na indústria como arte, pedem um idêntico esforço humano, muscular e intelectual, minucioso e paciente, capaz de produzir maravilhas arquitectónicas ou esculturais, onde até se vejam expressões de graça e de leveza, ou capaz de sugerir metamorfoses, enigmas e conversões alquímicas. (…) O Pedreiro e o Canteiro são irmãos gémeos do ferreiro e do serralheiro."* De facto há inúmeras obras, parcialmente edificadas em ferro, de referência na cidade, senão vejamos a Ponte Pênsil, o Palácio da Bolsa, o Edifício da Alfandega, o Palácio de Cristal, a Ponte D. Maria Pia e a de D. Luiz I, o Mercado Ferreira Borges entre outros. Nestes exemplos há uma clara utilização do ferro em sintonia com o granito, aliando o progresso com a tradição. Pondo de parte estes grandes exemplos de arquitectura podemos ainda afirmar que o ferro esta presente pela cidade em casas, igrejas, estações, mercados, cemitérios, quiosques, mictórios, alpendres, portas, janelas, varandas, escadas, grades, bandeiras, cúpulas, zimbórios, frisos, aldrabas, batentes, tabuletas, colunas, postes, guindastes, montras, elevadores, chafarizes, estátuas, mirantes, pedestais, trilhos dos eléctricos, etc. "*Não há canto portuense que não se veja o ferro*".[34]

Existem alguns documentos do início do Século XIV que conferem a actividade de ferreiros na cidade repartidos em duas ferrarias, a de baixo e a de cima. Já no Porto de 1830 existem 28 ferrarias e serralharias nas margens do rio Douro, das quais 27 delas foram criadas depois de 1820, nisto entendemos que o Porto tem a sua "idade de ouro" do ferro na segunda metade do século XIX começando logo após a revolução liberal que ocorre na cidade.

33 CRUZ, J. S. Paulo – *A Arte do Ferro Porto*, Edições Asa, 1997. pp.8.
34 CRUZ, J. S. Paulo – *A Arte do Ferro Porto*, Edições Asa, 1997. pp.11.

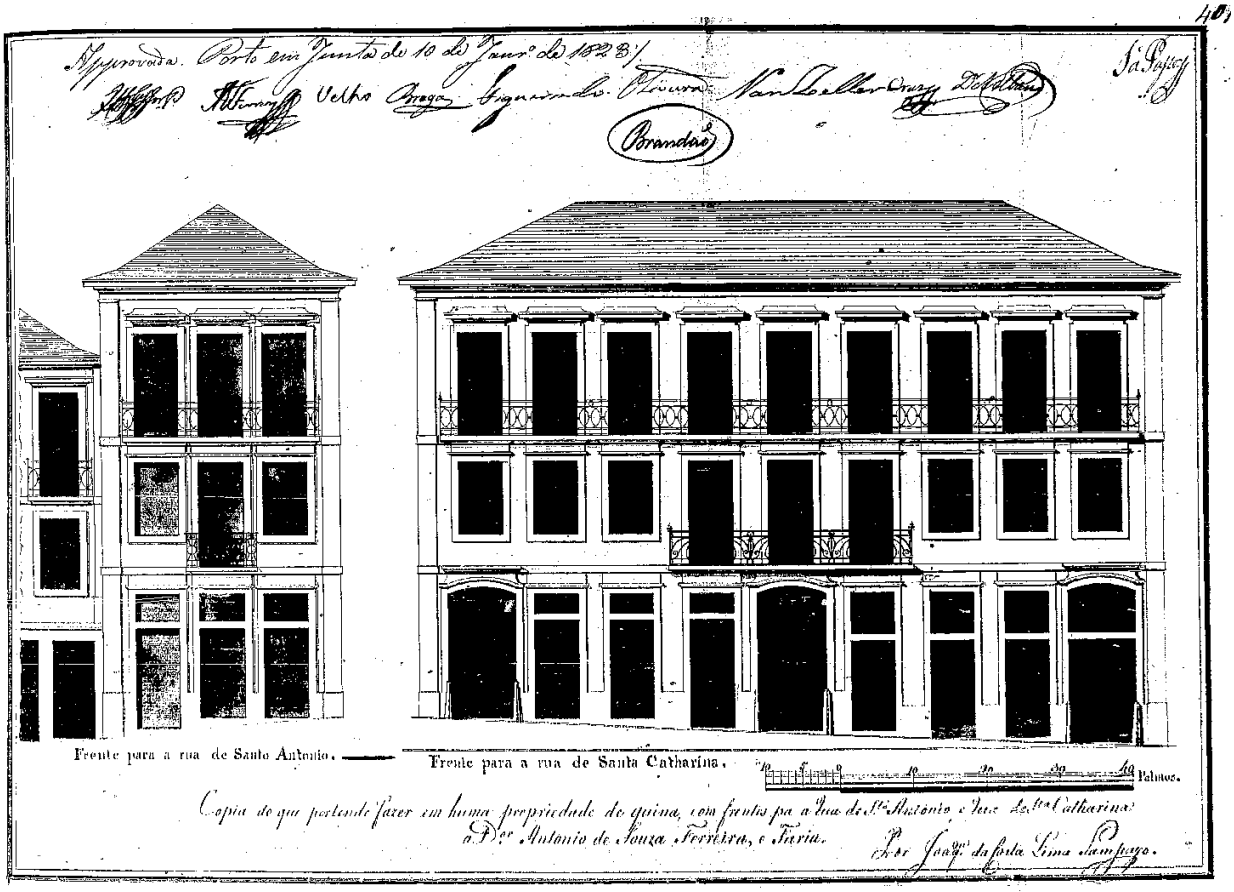


Figura 170 – Alçados do projecto do prédio que alberga no rés-do-chão a Loja Reis & Filhos. Este desenho data de 1823.



Figura 171 – Rua de Santa Catarina no inicio do século XX. Do lado esquerdo - o primeiro edifício – vemos o rés-do-chão com o mesmo desenho que o projecto de 1823.

O adorno das fachadas dos edifícios com motivos de adorno em ferro batido, forjado e fundido vem desde o Renascimento, ainda que de menor impacto, adornam moradias, edifícios comerciais e religiosos.

Na Rua Santa Catarina podemos ver que deste um extremo ao outro da rua quase nenhum edifício conta hoje sem uma varanda, clarabóia ou portão sem que tenha uma variedade de desenhos destes elementos, finamente rendilhados por vezes.

"*A abundância de estilos e correntes arquitectónicas em voga no fim do século XIX, aliada às potencialidades sobejamente evidenciadas pela indústria da fundição no que concerne à capacidade de reproduzir os mais trabalhados e delicados motivos, despoletaram a proliferação de frontarias e de numerosos elementos de exuberante expressão decorativa.*

Quem deambule por esta cidade, palmilhando as ruas do centro e as que levam da Boavista até à Foz, encontrará ainda incólumes belíssimos espécimes de centenárias habitações e de singulares estabelecimentos comerciais que, em maior ou menor grau, utilizaram o ferro fundido como elemento construtivo e decorativo".[35]



Figura 172 – Rua de Santa Catarina antes do cortejo de carnaval de 1905.



Figura 173 – Fotografia do inicio do século XX. Esquina da Rua 31 de Janeiro e Santa Catarina.

Foi nas antigas instalações da tabacaria Havaneza que Serafim Reis e Manoel Reis – filhos de António Alves dos Reis – resolveram adquirir no final do século XIX para aí instalar a casa Reis & Filhos devido às antigas instalações terem-se tornado pequenas. O edifício, situado no cunhal da Rua de Santa Catarina com a Rua 31 de Janeiro tem o seu projecto aprovado em 1823 e o seu proprietário, que mandara erguer, era o Dr. António de Souza Ferreira e faria. No projecto pode-se ver o rés-do-chão original, mas foi á 113 anos que os irmãos Reis resolveram abrir um "*arrojado e opulento estabelecimento*"[36] no piso térreo deste edifício.

35 CRUZ, J. S. Paulo – *A Arte do Ferro Porto*, Edições Asa, 1997. pp.81.
36 CRUZ, J. S. Paulo – *A Arte do Ferro Porto*, Edições Asa, 1997. pp.82



Figura 174 – Largo de Santo Ildefonso.

Na altura a obra realizada causou grande assombro. Prova disso são as palavras escritas numa revista – O mundo Elegante – onde se lê: *" (…) foi preciso fazer cortes no prédio até a altura do primeiro andar e sustentá-lo no ar durante algumas semanas, o tempo bastante para construir por baixo a armação de aço em que aquela parte agora assenta. Este trabalho foi executado com toda a proficiência, embora melindroso como era, e tudo ficou assente cm precisão matemática e com maior felicidade."*[37] De facto quem hoje passa e contempla a fachada do edifício nota o contrate vigente entre o rés-do-chão e os restantes pisos do edifício, no entanto ao longo da rua verifica-se, talvez com menos impacto visual, situações similares, havendo uma descaracterização, por vezes completa, do piso que contacta com a rua. Nesta transformação em concreto são vigas de aço assentam em fortes pilares mistos, de ferro fundido e betão, constituindo assim uma estrutura de extraordinária rigidez e elegância.

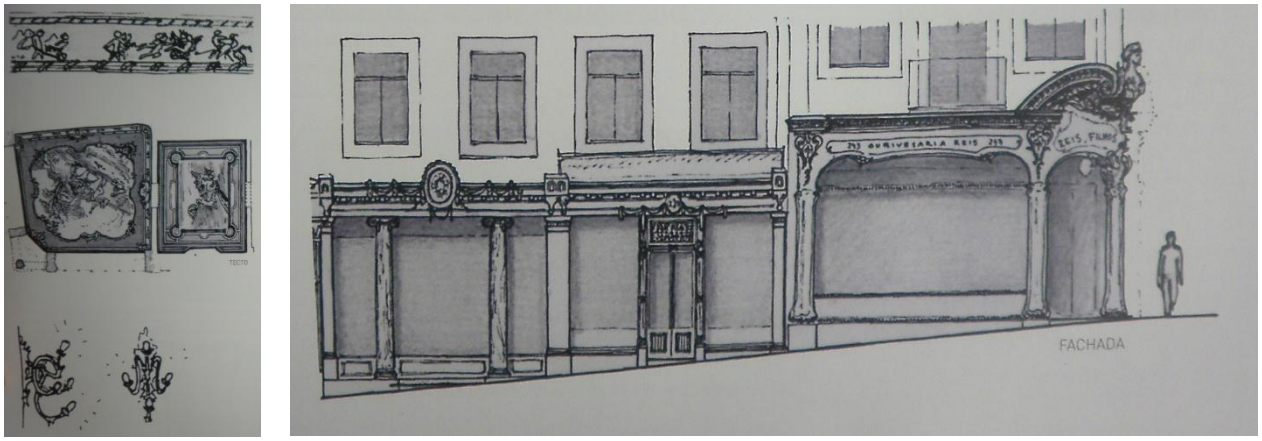


Figura 175 – Esboços da fachada e tectos da Loja Reis & Filhos.

37 Ilustração Universal, Dezembro de 1906.



Figura 176 – Sobreposição do alçado original com o esboço de Luís Aguiar Branco.

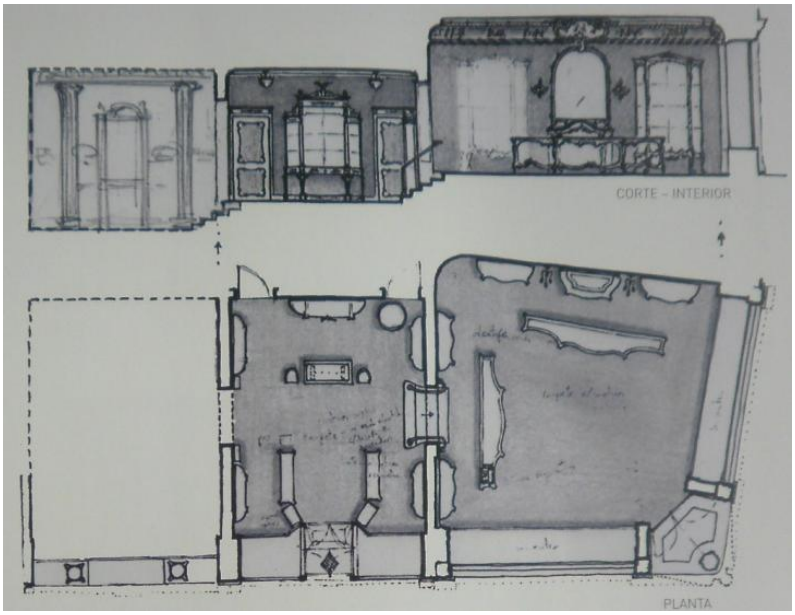


Figura 177 – Esboço da planta e corte da Loja por de Luís Aguiar Branco.

A dupla fachada é composta por duas montras de 4,5 m por 3,0 m de altura de cada lado, tendo o seu apogeu dramático na intersecção no cunhal formando um átrio de entrada no estabelecimento. Neste conjunto são bem patentes as influências Arte Nova. A execução da obra foi da responsabilidade da Companhia Aliança (Fundição de Massarelos). O projecto estrutural foi realizado pelo engenheiro Manoel Botelho Pimentel Sarmento, técnico da prestigiada firma. A obra escultórica ficou a cargo de Joaquim Gonçalves da Silva, discípulo do escultor António Teixeira Lopes. No interior da loja, o tecto, com uma cena mitológica, com o joalheiro real a servir as damas da Corte num jardim de recreio, foi desenhado por Domingos Costa. Há ainda que fazer referência de do outro lado da rua, existem igualmente um trabalho semelhante na Livraria Latina, embora mais discreto, que em conjunto com este exemplo forma um "portal" de entrada na Rua Santa Catarina.



Figura 178 – "Bazilamento" no inicio da rua.

3.6 Café Majestic



Figura 179 – Café Majestic em 2010.

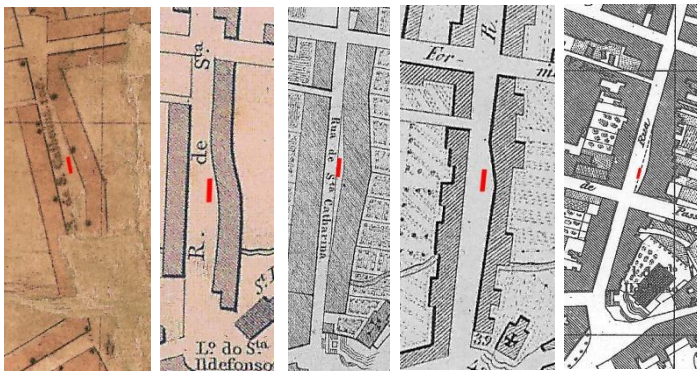


Figura 180 – Localização do actual Café nas plantas da cidade de 1824, 1833, 1839, 1865 e 1892.



Figura 181 – Esquina da Rua de Santa Catarina com a Rua Passos Manuel. Foto do inicio do século XX.

Uma outra transformação de rés-do-chão imperante e radical encontra-se mais á frente do lado contrário da rua. Trata-se do Café Majestic. O Porto tem hoje uma enorme variedade de cafés e snack-bares. Como lemos nos estudos do professor Virgílio Gomes a cidade tem já uma tradição de convivência à volta de uma mesa de um café, seja para passar o tempo ou discutir temas em tertúlias diversas. O Café Majestic, inicialmente chamado de Café Elite, foi um dos primeiros na cidade. É em 17 de Dezembro de 1921, com desenho do arquitecto e militar João Queirós (1892-1982)., que abre as portas pela primeira

vez o café que pretendia atrair a burguesia que por a Rua Santa Catarina e redondezas deambulava. O Café era luxuoso e aristocrático e atraía não só os boémios mas também as personalidades da época como por exemplo Gago Coutinho ou Beatriz Costa. O Majestic era herdeiro da tradição dos cafés na cidade, dos quais, o primeiro, o Café Lusitano, tinha surgido em 1853. Esta tradição do café teve a sua origem em Paris em 1667 tendo grande expansão na cidade que chega a ter 300 cafés em 1715.



Figura 182 – Fachada estilo Arte nova do Café Majestic.

O Café Elite muda de nome passado um ano de actividade para o actual nome não deixando as suas referências a um "*chic*" Parisiense e Arte Nova.

O Majestic vai ganhando vida social e fama com o passar dos anos, num contínuo atrair de escritores e artistas da vanguarda de então, num espírito de tertúlia.



Figura 183 – Interior do Café. Animação cultural.



Figura 183a – Recriação do ambiente cultural do Café.

Nos anos 60 o Café passa por um período de degradação física, talvez reflectindo o espírito da época que revelava outras prioridades do convívio em sociedade. No entanto em 31 de Agosto de 1983 é considerando imóvel de interesse público e património cultural. Nesse mesmo ano a gerência muda de mãos para o actual proprietário que começa um processo moroso de recuperação do imóvel. É em 1992

que começam as obras de restauro completas do Café só terminando, com o seu traçado original em Julho de 1994.



Figura 184 – Interior do Café. Após o restauro em 1994 o espaço este mantém a traça original até aos dias de hoje.

Café espacialmente é constituído por uma sala rectangular onde dos lados encontramos a todo o comprimento bancos corridos em cabedal gravado. No meio da sala são postas mesas quadradas de tampo de mármore que servem estes bancos e outras mesas autónomas destes. O tecto é de gesso trabalhado e pintado de dourado. Num troque que permite amplificar o espaço mentalmente as paredes são revestidas com espelhos de cristal, já com patine, oriundos da cidade de Antuérpia. Rostos esculturais femininos, masculinos e de crianças também se encontram nestes espelhos. Entre estes encontramos gessos que ornamentam os capitéis das colunas. São colocados lustres em ferro e vidro opalino e apliques que derramam uma luz difusa. O chão é de mármore indiano. Nesta restauração recuperam-se as portas do Jardim de Inverno que liga com a Rua Passos Manuel. O Majestic conta ainda com uma cave que hoje se destina a pequenas conferencias e exposições.



Figura 185 – Foto de 1916 do Jardim Passos Manuel ao qual o Café tinha acesso pelas traseiras.



Figura 185a – Pormenor da planta do Porto de 1892 onde se vê a planta do jardim. Assinalado a vermelho está o edifício que continha o Café.

Do projecto do café, devido à transição de proprietário para proprietário, só se encontra o da transformação da fachada onde podemos ver que se opera uma colagem de uma nova "face" à fachada anterior daquele segmento do edifício. Na memória descritiva, datada de 15 de Agosto de 1921 e aprovada a 15 de Setembro do mesmo ano, três meses antes da inauguração, vemos cálculos sobre o sustento da fachada superior à da intervenção. O sustento é feito por três vigas que distribuem uniformemente a carga para o solo. Há na memória descritiva uma preocupação fundamentalmente em explicar a parte técnica da obra, mais do que justificar arquitectonicamente o desenho. Nela podemos ler que "*as colunas e arco do centro serão construídos em tijolo revestidos exteriormente a argamassa de cimento, e a cornija, frontão e colunnatas Patezaes peiantadas em argamassa de cimento e areia. Toda a caixilharia de Caudeira e portadas serão de castanho, nos quaes será aplicada chapa de vidro de crystal. Nas portadas, acima das almofadas, levará para resguardo dos crystaes, guarnições em tubo de metal com guarnições artisticas.*"

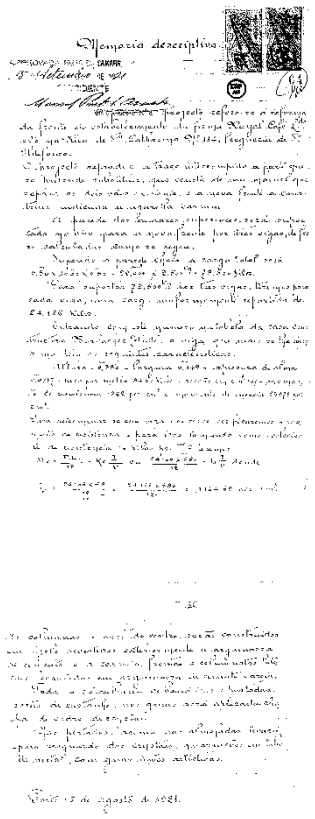

Memoria descriptiva

Figura 186 – Memoria descritiva de 1921 aquando a mudança da fachada do edifício para a nova fronte do café.



Figura 187 – Alçado, corte e planta da nova fronte do edifício.

3.7 Armazéns Nascimento



Figura 188 – Armazéns Nascimento. Actualmente dividem o edifício dois estabelecimentos, a FNAC e o C&A. Na esquina possui um relógio que duas vezes por dia ganha vida com imagens de Santos que saem por debaixo do relógio.

No cruzamento de Santa Catarina com Passos Manuel, do lado poente surge em 1917 um edifício de gaveto mandado erguer por António Nascimento e filhos com a finalidade de ser uma loja/armazém. Com projecto de Marques da Silva, arquitecto de renome no país, no ano de 1914 desenha os "Grandes Armazéns Nascimento". Marques da Silva ganha inspiração directamente das experiências dos grandes armazéns de Paris.

Aquando a sua construção há um pedido que entra na câmara para alteração, em 17 de Abril de 1917, de materiais a serem usados na obra *"devido ás circunstâncias do actual momento e pela presteza com que podem executar a obra, precisam alterar o emprego de certos materiaes constantes da memoria do projecto (…)".*

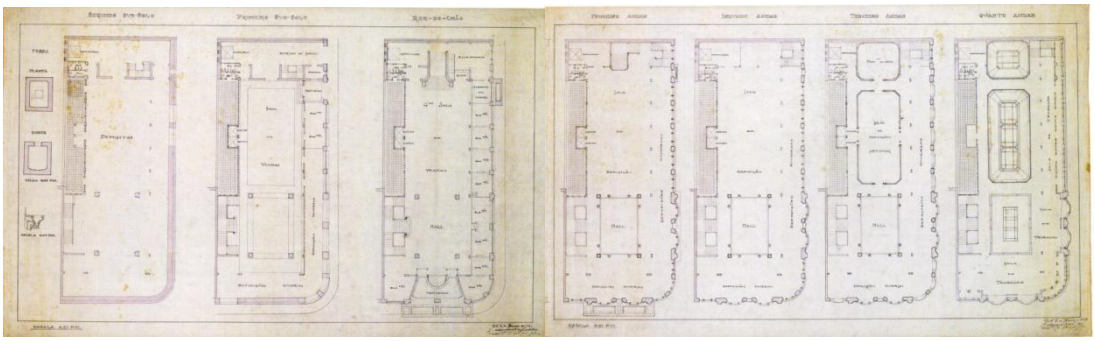


Figura 189 – Plantas do projecto de 1914 do Arquitecto Marques da Silva.

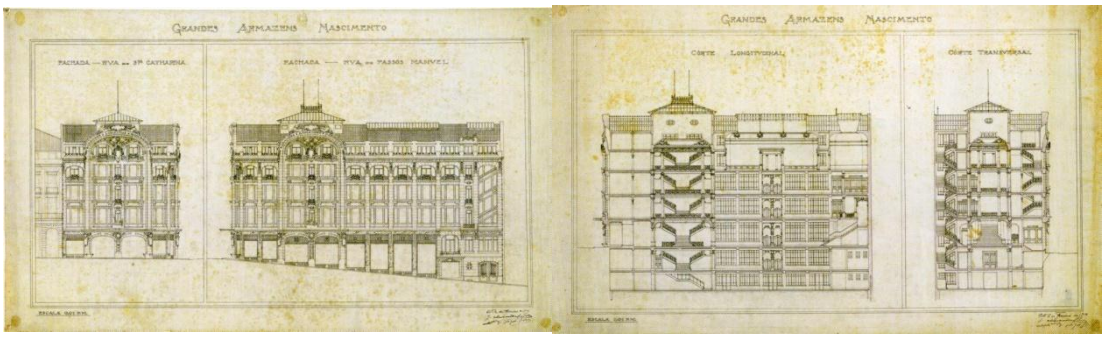


Figura 190 – Alçados e cortes do projecto de 1914 do Arquitecto Marques da Silva.

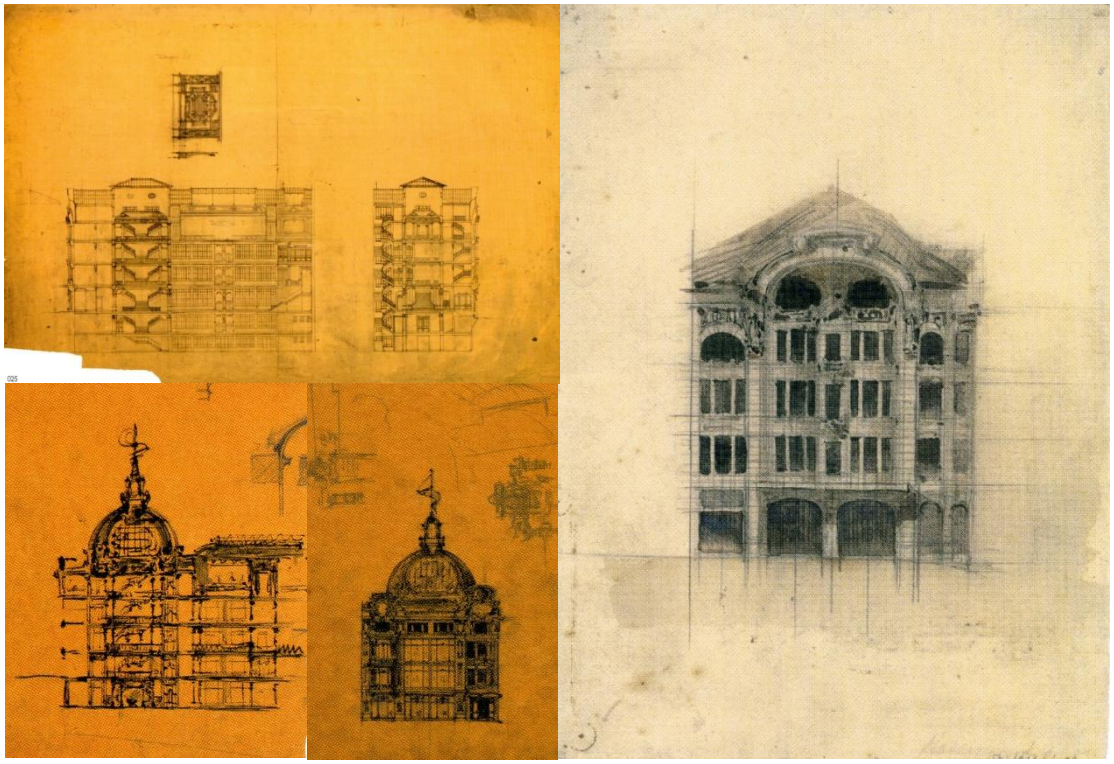


Figura 191 – Conjunto de esquiços do Arquitecto Marque da Silva para o projecto dos Grandes Armazéns Nascimento.

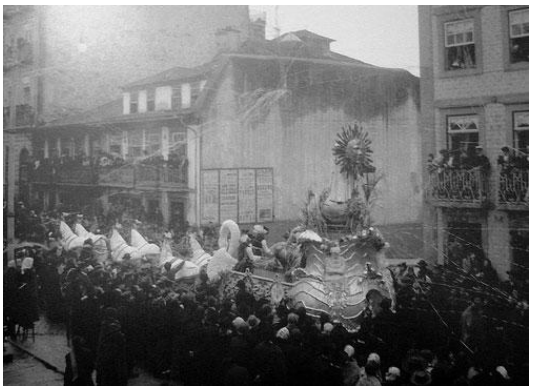


Figura 192 – Esquina da Rua Santa Catarina com A Rua Passos Manuel durante o carnaval de 1906.

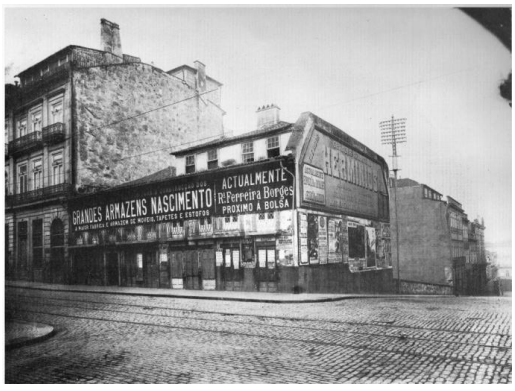


Figura 193 – Edifício oitocentista que ficava na esquina da Rua Santa Catarina com A Rua Passos Manuel.

Sobre os armazéns escreveu-se no *"O Comércio do Porto"* de 16 de Junho de 1927: *"O monumental estabelecimento que são os Grandes Armazens Nascimento, cujas portas abriram hontem para o publico, representa, no nosso acanhado meio commercial, uma tentativa digna dos mais justos louvores. O esforço que essa tentativa significa, a energia dispendida na sua execução são qualidades que honram, por si só, os emprehendedores d'essa notavel obra, dando-lhes direito a esperarem a condigna recompensa do favor do publico. Consagrada pelo seu valor intrínseco e applaudida pelos poderes públicos que officialmente assistiram á inauguração, a obra monumental a que vimos de referir-nos ha-de também ser consagrada pelo triumpho, visto a sua existência dignificar os creditos d'esta laboriosa cidade e fazer honra, até, ao nosso orgulho de portuguezes. Á grandeza e á amplitude dos Grandes Armazens Nascimento, corresponde inteiramente o bom gosto das suas installações interiores, a riqueza dos artigos expostos, o lindo aspecto artístico das decorações e sóbria magnificencia do conjunto.*

Desde o edifício, soberba peça architectonica delineada pelo saber e pela competência indiscutível do illustre artista que é o architecto snr. Marques da Silva, até aos minimos pormenores, tudo foi observado com um criterio apurado e requintadamente artístico, não se descurando o aspecto utilitario do seu commercio. As varias secções dos Grandes Armazens Nascimento ocupam, assim, uma área de 7 pavimentos: dois sub-sólos, rez-do-chão e quatro andares, estes divididos ao meio, por galerias lateraes e ligados entre si por uma escadaria que começa no segundo sub-sólo, e se alonga até ao cimo do edifício. Além da escadaria existe um jogo de elevadores para pessoas, o que evita ao cliente a dolorosa ascensão a pé."

Nesta noticia podemos entender a importancia de tal establecimento para a rua e para a cidade. A imagem transmitida para o exterior, para a sociedade, vai muito para além da importância do edificio do ponto de vista arquitectonico. O edifício, com posição urbana privilegiada, expõem uma ordem monumental encimada por um grande e duplo arco. Esta solução tinha já sido ensaiada por Marques da Silva em vários projectos anteriores.



Figura 194 – Armazéns Nascimento século XX.



Figura 194a – Armazéns Nascimento fotografado por Teófilo Rego em 1953. Nela podemos ver as galerias interiores que dão uma espacialidade diferente das então vistas em tais estabelecimentos.

O edifício utiliza uma ossatura de betão armado como sistema construtivo de base. A sua sofisticação estrutural possibilita espacialidades interiores novas e ao mesmo tempo ao apuramento dos recursos formais exteriores.

Trata-se de uma estratégia de projecto que procura, em edifícios construídos na ordem contínua de um plano de fachadas de rua, provocar o sobressalto de uma monumentalidade original. A duplicação do arco, contudo, não deixa de provocar uma ambiguidade formal, como se fosse possível tornar banal a monumentalidade.

Ao abandonar as estruturas construtivas mistas – em pedra e madeira ou pedra e ferro -permitiu ampliar a gama de espessuras dos pilares e vigas, dando ao arquitecto recursos para explorar a expressividade das formas.

O programa funcional, reflexo de uma nova era de trocas comerciais massificadas, a adopção de um sistema construtivo em ascensão e o compromisso entre a novidade e a prática de desenho e projecto da tradição académica, os Armazéns Nascimento ensaiaram uma síntese tornando-se desta forma uma obra marcante da história da arquitectura portuguesa.

Com o declínio da actividade comercial a partir dos anos 40 instala-se no imóvel o Café Palladium nos anos 70. No início dos anos 90 o edifício sofreria mais uma transformação no seu miolo o que nos leva a ver nos dias actuais um interior completamente substancialmente diferente do original.



Figura 195 – Rés-do-chão dos Armazéns Nascimento na Rua Santa Catarina.

3.8 Outros casos

Entre inúmeros casos passíveis de analisar e mencionar na rua seleccionei aqueles que "obrigatoriamente" que deveria fazer menção bem como alguns que possa despertar um interesse quer seja pela sua história e importância social, quer seja pela sua diferença arquitectural. Não se trata igualmente de pôr em segundo plano estes casos em relação aos mais estudados, mas sim de permitir centrar a prova em alguns edifícios que considerei relativamente aos demais.

3.8.1 A rua e seus fotógrafos – Casa Alvão, Fotografia Guedes e Teófilo Rego.

Actualmente no numero 120 da rua a Fotografia Alvão e sobejamente conhecida na cidade. O seu espólio chegou mesmo a ser transferido para Lisboa encontrando-se no entanto de novo na cidade. No seu espólio encontramos uma boa iconografia da cidade e suas gentes do século XX, assim como da região norte do país.

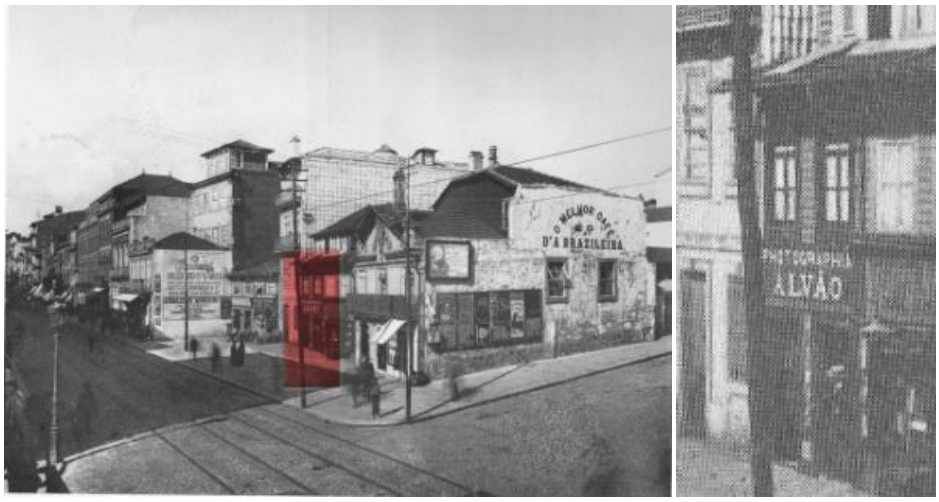


Figura 196 – Esquina da Rua de Santa Catarina com a Rua Passos Manuel. Foto do inicio do século XX. Pormenor da "Photographia" Alvão.



Figura 196a - Instalações da Fotografia Alvão em 2010.

Subindo um pouco mais a rua, no número 346/350 existiu a Fotografia Guedes. Escritor, poeta e autor teatral Henrique António Guedes de Oliveira (1865-1932) era o seu proprietário que estudou nas Belas Artes onde chegou a ser professor e Director desta Escola.

No seu trabalho como fotógrafo recebeu prémios internacionais e obteve a medalha de ouro da Exposição Internacional Portuguesa. O edifício onde funcionou esta casa foi demolido quando o novo projecto para um shopping (Via Catarina) obrigou à demolição do antigo jornal Primeiro de Janeiro e suas duas casas contíguas.

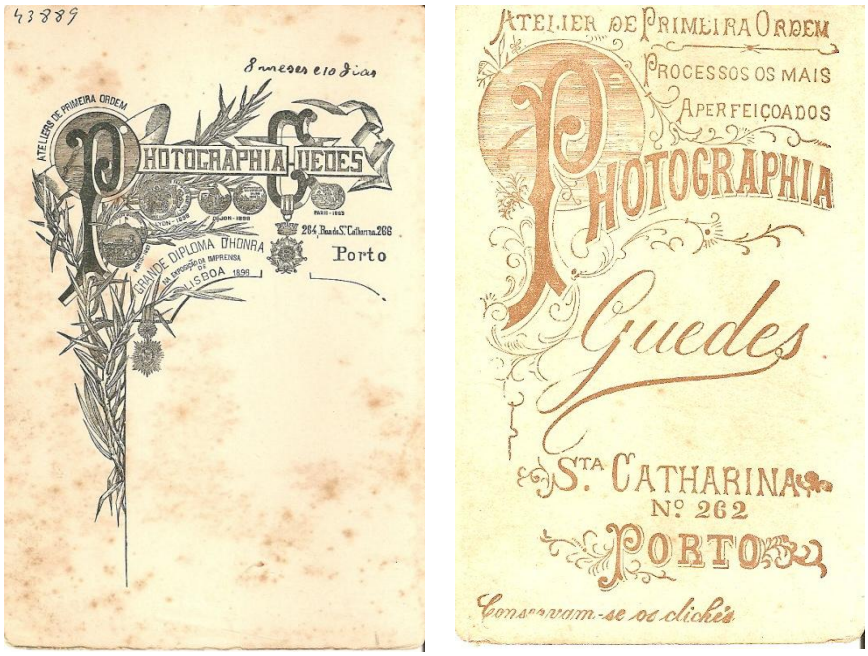


Figura 197 – Publicidade à "Photographia" Guedes.

Quase no final da rua, a penúltima casa antes de chegar à Praça do Marquês, encontramos a Fotografia Teófilo Rego Lda. no número 1583. Teófilo Rego nasceu no Brasil em 1914 e veio para Portugal com 10 anos somente. Órfão aos 11 anos começou na oficina de Marques Abreu a fazer litografia e fotogravura. Aos 30 anos deixa a oficina e trabalha para Lito Maia como fotografo e fotolito, mas passados dois anos resolve trabalhar por conta própria montando o estúdio de fotografia. Em meio a rasgos inovadores na área foi á frente das técnicas do seu tempo, chegando mesmo a conseguir ampliar clichés – 120 fotos de 50 a 60x200 cm – para a exposição do Arquitecto Marques da Silva na Escola Superior de Belas Artes. Foi escolhido para ser 1º repórter do Diário do Norte e trabalhou um pouco por todo o país, tendo maior incidência na cidade do Porto. Entre os trabalhos com Arquitectos pode-se referir as ampliações destinadas às Feiras do Palácio de Cristal, da FIL, de Aveiro entre outras. Fez reportagens sobre variadíssimos temas da cidade e chega a publicar dois livros ilustrados sobre o Porto.



Figura 198a – Antiga Casa de Fotografia Teófilo Rego na Rua de Santa Catarina.

3.8.2 Liceu Portuense

O Liceu Portuense funcionou no prédio onde até há pouco tempo funcionou a DGEMN (Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais).

O primeiro proprietário do edifício – um Palácio brasonado de Santa Catarina – foi José António de Castro Pereira. Sua viúva, D. Antónia Margarida de Castro Pereira, iria o arrendar em 1866 o imóvel para nele funcionar o Liceu Nacional e Central do Porto que permaneceria no edifício até 1879. Após a morte da proprietária um dos filhos herdou o edifício ao qual foi penhorado passando este para as mãos de Inácio Pinto da Fonseca. O proprietário mandou então picar o brasão ainda original da fachada e pouco tempo depois venderia o edifício ao Estado Português seu actual dono.



Figura 199 – Antigo Liceu Portuense onde até há poucos anos funcionou a D.G.E.M.N..



Figura 199a – Antigo Liceu Portuense. Detalhe do brasão apagado.

3.8.3 Casa Ingleza

Contemporâneo do arquitecto Marques da Silva, de quem viria a distanciar-se, Francisco de Oliveira Ferreira não é muitas das vezes associado às obras que assinou.

Nascido no Porto, Francisco de Oliveira Ferreira (1884-1957) fixou-se ainda muito jovem em Vila Nova de Gaia e daqui viria a assinar muitas obras emblemáticas, muitos dos quais em Vila Nova de Gaia e Porto. No entanto a sua obra não se cinge ao grande Porto, mas sim a todo o país.

Em 1923 projecta o edifício da Casa Ingleza na esquina da Rua Santa Catarina com a Rua Passos Manuel. Ainda na Rua de Santa Catarina o arquitecto assina mais duas obras em 1925 e 1926, respectivamente o prédio da "Sociedade Portugal Moderno" no número 127 e o estabelecimento de Luís Prata no número 101. Do mesmo arquitecto, com vasta obra, podemos ainda referir o edifício da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, o estabelecimento "A Brasileira" no Porto, o prédio da Companhia Seguros "A Nacional" na Avenida do Aliados e o edifício dos Fenianos.



Figura 200 – Esquina da Rua de Santa Catarina com a Rua Passos Manuel. Foto do inicio do século XX.



Figura 200a – Esquina da Rua de Santa Catarina com a Rua Passos Manuel. Foto de 2010

No rés-do-chão do edifício funcionou nos anos 20 um Stand da Citroen. O carro, visto através de grandes montras, era então um símbolo de progresso e de vanguarda.

"*Neste edifício, as pilastras colossais dividem os tramos, ocupados por montras destacadas, e o frontão da esquina enobrece a entrada acompanhada por montras laterais, que permitiam a manobra de saída dos automóveis, vista como um acontecimento festivo de endeusado efeito estampado no rosto e na mãos que seguravam o sonho alcançado.*"[38]

A Casa Inglesa vai ocupar este espaço nos anos 30, porem mantém o pavimento original e o enquadramento da escadaria em mármore ladeada por duas estátuas que suportam os lampiões.

38 - BRANCO, Luís Aguiar - Lojas do Porto. Edições Afrontamento, 2009. Pag. 182.



Figura 201 – Capa do disco "Espera-me na Casa Inglesa." Musica que continha na sua letra referências ao edifício abordado neste item.

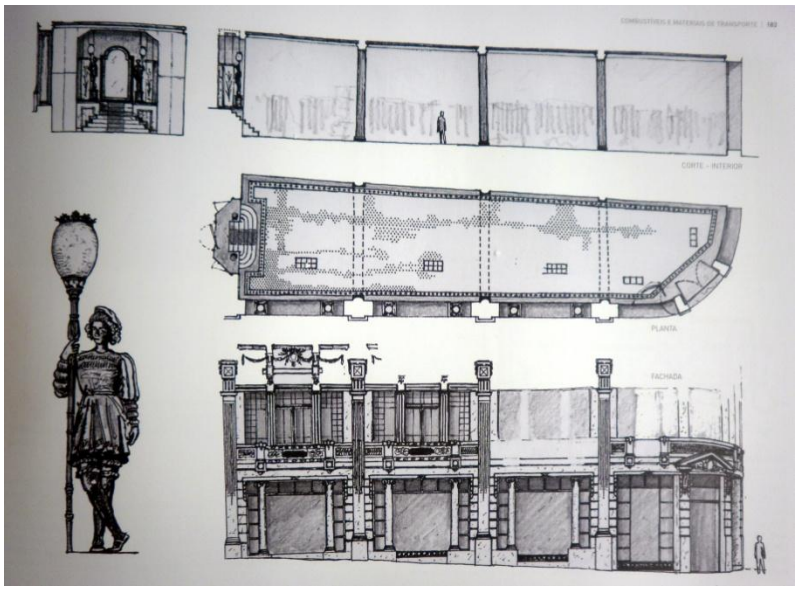


Figura 202 – Esquiço da fachada, planta e cortes ao nível do rés-do-chão.

3.8.4 Eléctrico 9 e 15

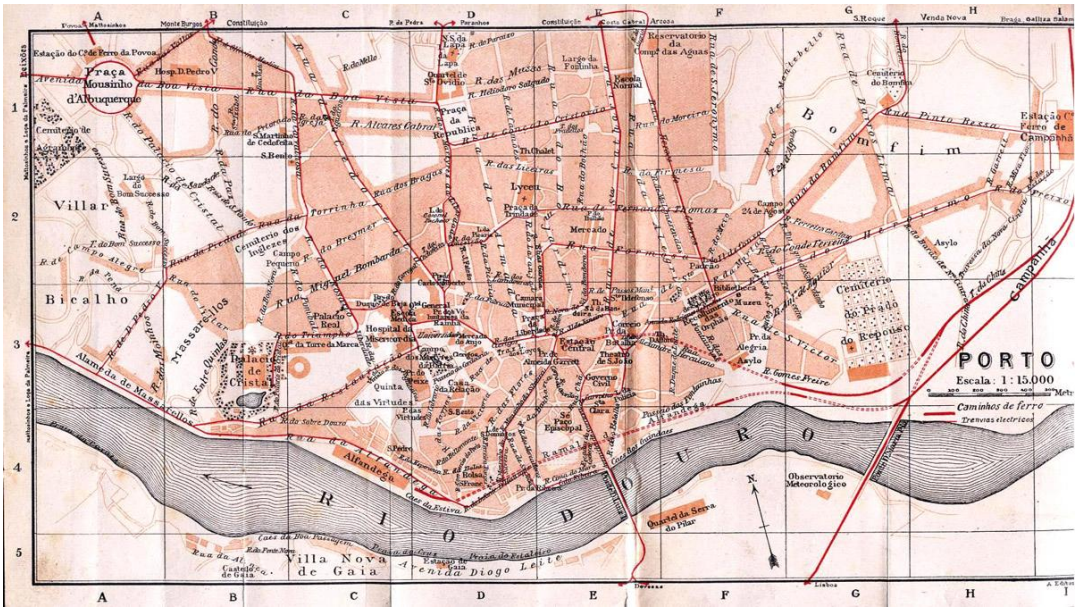


Figura 203 – Rede de eléctricos em 1913. Planta do Manual do viajante em Portugal de L. de Mendonça e Costa.

O Eléctrico no Porto representou, para a cidade, num progresso importante nas condições de vida da população. O mesmo meio de transporte permitiria um grande crescimento urbano com a fixação dos habitantes na periferia.

A nove de Março de 1872 é aberta a linha do Infante à Foz (Castelo) pela marginal do rio. A Companhia Carril Americano do Porto ligava ainda a Foz a Matosinhos com veículos de tracção animal em quinze de Maio desse ano. Em 1875 deu-se a abertura das primeiras linhas urbanas pela Companhia

Carris de Ferro do Porto: Boavista – Campanhã e Bolhão – Aguardente (Marquês de Pombal) a tracção animal. Entre 1899 e 1904 dá-se o fim da tracção animal nos eléctricos do Porto e em 1914, com a substituição da tracção a vapor, dá-se uso a tracção unicamente eléctrica. A electrificação começou pela linha que ligava a Praça de Dom Pedro e a Praça do Marquês de Pombal. A rede cresce e expande-se para Gaia através do tabuleiro superior da Ponte D. Luiz I.

É no ano de 1912 que se começa a numerar as linhas de eléctrico.

Em 1 de Julho de 1946 a Câmara Municipal toma conta dos transportes da cidade e renomeia-os para Serviço de Transportes Colectivos do Porto (STCP). Nesta altura a rede de transportes era constituída por 191 eléctricos numa rede de 82 km de trilho e de 15 autocarros em percursos de uma extensão de 26km.

No ano de 1951 as oficinas dos STCP constroem o protótipo de uma nova geração de eléctricos. Este, o carro 500, surge como o último novo eléctrico. No final da década de 50 o autocarro ganhava expressão enquanto no início do ano de 1959 começavam a encerrar as primeiras linhas de eléctricos e a conversão de algumas em linhas de tróleis que começam a circular ainda no mesmo ano. Em 1966 o panorama da rede de transportes era de 184 eléctricos numa extensão de 72 km, 37 tróleis numa extensão de 20 km e de 165 autocarros numa extensão de 157 km.



Figura 204 – Rua de Santa Catarina nos anos 30 do século XX. Dois tipos de eléctricos a circular pela rua.

Claramente o eléctrico estava já a perder a sua força enquanto transporte público na cidade. No ano seguinte os números mostram bem essa evidência com a redução para apenas 42km de rede de trilhos de eléctrico e apenas 130 eléctricos na frota, ao passo que o número de tróleis triplica (97) numa extensão de 37km. Já os autocarros vêem o número de veículos a subir para 241 e a sua extensão de rede a subir para 201km. Volvido mais um ano e a rede de eléctricos é reduzida para 38km servidos por

127 eléctricos, subindo o número de tróleis (101) numa extensão de 41km bem como a rede de autocarros cresce para ter 206km de extensão de rede contando com 246 veículos.

Na década de 90 a linha de eléctrico conta apenas com 14km de extensão e 16 eléctricos em circulação. Os tróleis teriam o seu fim na cidade no ano de 1997 ao passo que a rede de autocarros abrangia uma extensão de 407 km e contava com 562 autocarros para nela circularem.

Ano	1946	1966	1967	1968	1978	1988	1996	1997	2005
Eléctricos	191	184	130	127	84	50	16	16	1
Tróleis	-	37	97	101	101	119	25	-	-
Autocarros	15	165	241	246	467	537	562	562	?

Evolução de numero de veículos dos S.T.C.P.

Pela Rua de Santa Catarina passaram duas carreiras do eléctrico, a numero 9 e a numero 15. A número 15 era uma linha circulatória. “Os quinzes” antecederam os vintes, e o seu “trabalho desportivo”, quando ainda não havia sido inaugurado o Estádio das Antas. “Os quinzes” começaram a circular ainda eram as Antas ermos campos e pinhais e davam serventia a público e atletas que almejavam chegar ao campo da Estrela e Vigorosa nas Cavadas. Os quinze era uma linha também que servia os liceus de Alexandre Herculano e o Rainha Santa onde “*A catraiada de soquetes e calças de golfe namorava (ou fingia) (…)*[39]”

Sobre esta duas linhas podemos ler no livro dedicado à história do eléctrico no Porto passagens do quotidiano citadino.



Figura 205 – Revivalismo da linha do eléctrico na Rua de Santa Catarina. Carreira 22 Carmo.



Figura 205a – Eléctrico turístico “City Tour”.

39 - FONSECA, Ricardo. *O Carro Eléctrico no Porto*, Editada pela Sociedade de Transportes Colectivos do Porto, Porto, 1995. pp 65.

"*Pela mesma altura calorosa e melhor para estar na praia, não faltava ao nove clientela para o S. Lourenço de Ermesinde, e em Setembro, com as melancias à espera de seram caladas na mormuea da tarde domingueira, (…)*"[40]

"Nos noves (…) chegávamos ao Júlio Dinis, distintíssimo onde, além de estreuas, primeiro dos filmes alemães da U.F.A. e depois das comédias e musicais franceses, ingleses e americanos (…), projectavam filmes das senhoras das conferências benfeitoras dos pobres e necessitados (…)"[41]

Os transportes sempre foram essenciais para a centralidade da Rua. Quer seja por tróleis, por eléctricos ou autocarros, a rua nunca deixou de ser percorrida e servida pelos transportes públicos. Hoje em dia, para além dos autocarros que a percorrem temos ainda uns autocarros turísticos que a atravessam parcialmente bem como a linha de eléctrico recuperada em parte da rua.

O 9 e o 9 com traço ligavam com os *subúrbios operários* da Areosa, Aguas Santas e Ermezinde chegando a trazer um atrelado com a placa *operário*

3.8.5 Casa de Saúde de Santa Catarina

A funcionar no antigo Palacete de Sousa Soares a Casa de Saúde de Santa Catarina foi fundada em 1933 e desde então dedicou-se a clínica cirúrgica dirigida pelo Dr. Abel Sousa Pacheco.

Em 1961, após morte do Dr. Abel Pacheco, cinco psiquiatras do Porto compraram o imóvel e desde então começou a funcionar como uma casa de saúde de doenças do foro psiquiátrico. A Casa é aberta a todos os psiquiatras que aí quiserem internar os seus pacientes.



Figura 206 – Casa de Saúde de Santa Catarina.

40 - FONSECA, Ricardo. *O Carro Eléctrico no Porto*, Editada pela Sociedade de Transportes Colectivos do Porto, Porto, 1995. pp 61.
41 - FONSECA, Ricardo. *O Carro Eléctrico no Porto*, Editada pela Sociedade de Transportes Colectivos do Porto, Porto, 1995. pp 63.

3.8.6 Livraria Latina

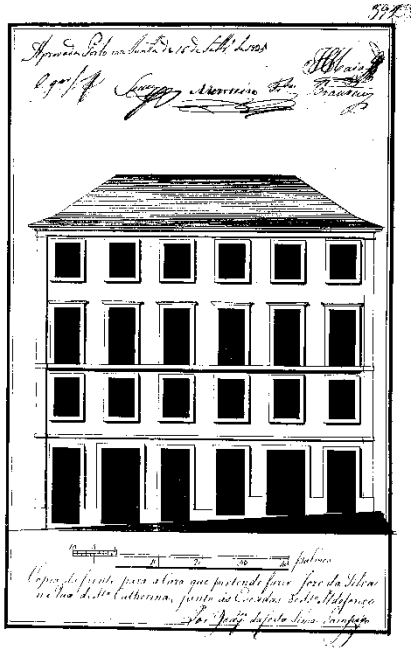


Figura 207 – Projecto para o edifício em 1825.



Figura 208 – Rés-do-chão com o mesmo desenho idêntico ao do projecto de 1825.

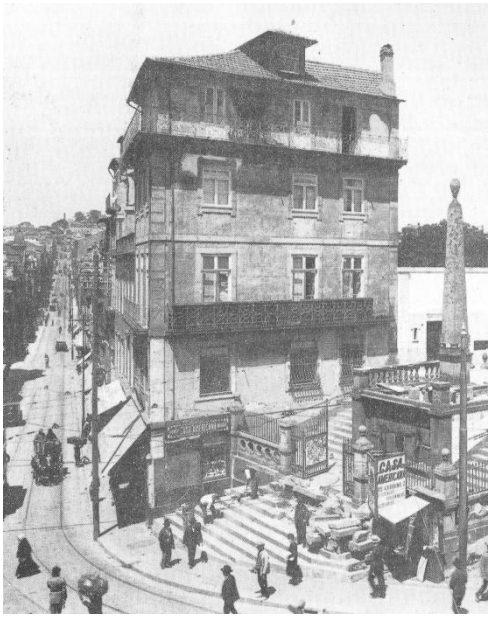


Figura 209 – Edifício no inicio do século XX ainda sem o rés-do-chão alterado.

A Livraria Latina Editora abriu ao público em 1942. Na esquina da fachada tem um busto de Luís de Camões que se encontra de frente da sua amada Dinamene presente em busto na loja de Reis & Filhos. À semelhança do busto presente na loja Reis & Filhos o busto de Camões foi obra do pintor e escultor António Cruz.

A semelhança de outros notáveis da rua Herinque Perdigão emigrou com catorze anos para o Brasil regressando vinte anos depois à cidade.

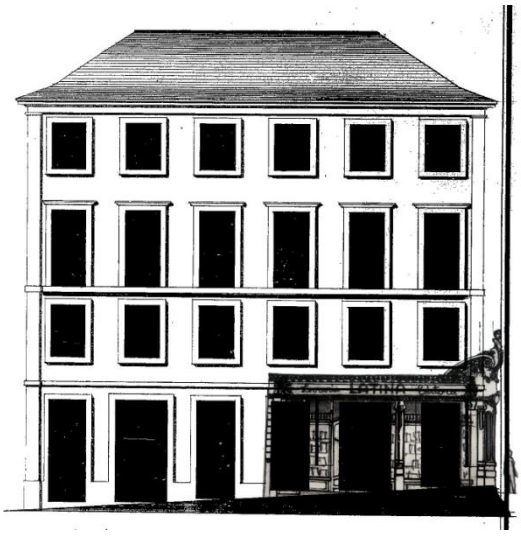


Figura 210 – Sobreposição do alçado original com o esboço de Luís Aguiar Branco.



Figura 211 – Esboço do alçado da Livraria por Luís Aguiar Branco.

Henrique Perdigão (1887-1944) é o fundador da Livraria é o autor do Dicionário Universal que teve a sua primeira edição em 1934 em Portugal e no Brasil. De tal forma fora um sucesso que teve uma segunda edição mais alargada. Perdigão foi também um colaborador assíduo na imprensa portuense. Foi por iniciativa dele que muitos escritores tiveram as suas primeiras obras publicadas.

Em sessões de autógrafos ou em "amena cavaqueira" passaram pela livraria escritores como: Jorge Amado, Alves Redol, Fernando Namora, Agustina Bessa-Luís, Jaime Cortesão entre outros. Do romance à poesia, passando pelos contos e livros didácticos e infantis, tudo foi editado pela livraria. A censura impediu no entanto a edição periódica de uma revista – Vida Latina – que se iria dedicar às questões literárias, às artes plásticas, ao cinema, ao teatro e ao turismo.



Figura 212 – Fotografias dos alçados da Livraria Latina em 2010.

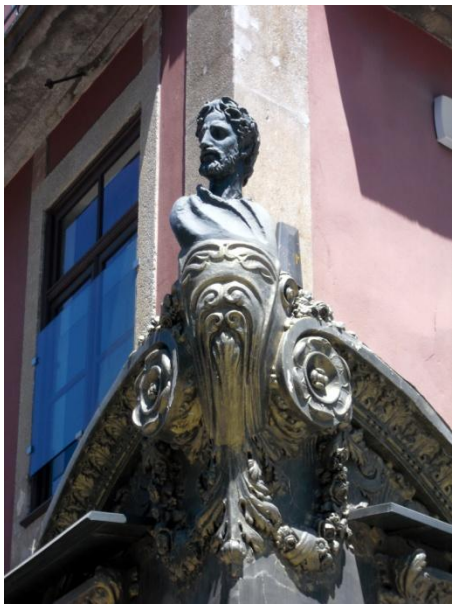


Figura 212a – Busto de Luís Vaz de Camões. Único busto (publico) do escritor na cidade na época e até então.

3.8.7 Externato de Nossa Senhora da Paz

No final da rua, do lado nascente, vemos um edifício ladeado pelas ruas Latino Coelho e Rua das Doze casas. Nesse edifício funcionou em tempos o Colégio Luso-Britânico.

Em Março de 1920 a proprietária, Edith Mary Power, propõe a venda do imóvel às Irmãs Doroteias perante a iminência de vender a um francês por 6 contos com móveis incluídos. Mas é só no último dia do ano de 1925 que o Colégio, alugado pelas Irmãs Doroteias, começa a funcionar neste edifício com duas entradas, uma pela Rua Santa Catarina e outra por Latino Coelho. O imóvel seria comprado somente em 1941 ano em que se ampliou a sua dimensão com a construção de um pavilhão colado ao edifício original. Em 1949 e 1959 foram sucessivamente construídos mais dois pavilhões.



Figura 213 – Externato de Nossa Senhora da Paz.

No ano de 1943 o Colégio passou a ser designado de Colégio de Nossa Senhora da Paz e mudaria uns poucos anos depois para Externato de Nossa Senhora da Paz. No ano de 1947 arrendam-se duas casas próximas para servirem de dormitórios das alunas.

Foi no ano de 1963 que é inaugurada a Escola de Educadoras de Infância em anexo ao edifício do Colégio. Em 1971 muda-se para edifício próprio na Av. Dos Combatentes da Grande Guerra.

Ao contrário do Colégio João de Deus, descrito anteriormente neste capítulo, este estabelecimento de ensino permanece de carácter particular.

3.8.8 O primeiro de Janeiro



Figura 214 – Shopping Center Via Catarina, antigo edifício do jornal " O Primeiro de Janeiro". Aquando a realização deste projecto quatro casas, duas de cada lado, foram demolidas entre as quais estava uma que albergou a tipografia e fotografia Guedes.

Até 1989 funcionou no antigo palacete no número 362 a redacção e as oficinas do jornal Primeiro de Janeiro. Nascido em 1868 com tiragem bissemanal comemorando o movimento político chamado "Janeirinha" que em 1867 provoca a queda do ministério de Fontes Pereira de Melo. O imóvel na realidade havia sido construído para nele funcionar um casino portuense, só depois passou para as mãos do Jornal.

Os seus fundadores do Jornal foram os professores Delfim Maia e Costa e Almada, o Bispo Alves Martins, o industrial Silva Guimarães e o capitalista Gaspar Baltar. O jornal no entanto só se instalaria no palacete em 1921 após seis mudanças de edifícios, quatro das quais na própria rua. Em 1923 o Jornal era adquirido por um grupo financeiro representado pelo industrial Manuel Pinto de Azevedo.

O Jornal alcançou um estatuto primordial na cidade, sendo o mais vendido e conceituado da cidade. Neles colaboraram ao longo dos anos Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Júlio Dinis, Jaime Cortesão entre outros conhecidos escritores do panorama nacional.

Em 1989 devido a uma crise financeira do Jornal o imóvel acaba por ser vendido ao Grupo Sonae. Apesar de ser contra a opinião dos técnicos municipais, o projecto "Via Catarina" é aprovado em sessão do executivo camarário realizado a 27 de Novembro de 1989. Tinha assim "luz verde" o projecto de construção de 35 mil metros quadrados de centro comercial, escritórios, habitação e estacionamento.

Após mudança de executivo camarário, chefiado desta feita por Fernando Gomes, o projecto sofreu uma redução em área passando para 23 mil metros quadrados.

O projecto “Via Catarina” previa então 100 lojas, 12 restaurantes e um estacionamento para 700 viaturas. O projecto era visto como de interesse público atraindo de novo as pessoas para a baixa e fazendo um contra-ponto com a crescente concentração de shoppings na zona da Boavista. Combater a dessertificação da baixa era um dos objectivos deste empreendimento em pleno coração da cidade e da rua.

Situado no meio do comercio tradicional o Via Catarina parece um porlongamento da ambiencia, do comercio de rua e da propria rua para dentro de portas.



Figura 215 – Detalhes de elementos da fachada que não foram modificados no projecto do Shopping. Externato de Nossa Senhora da Paz.

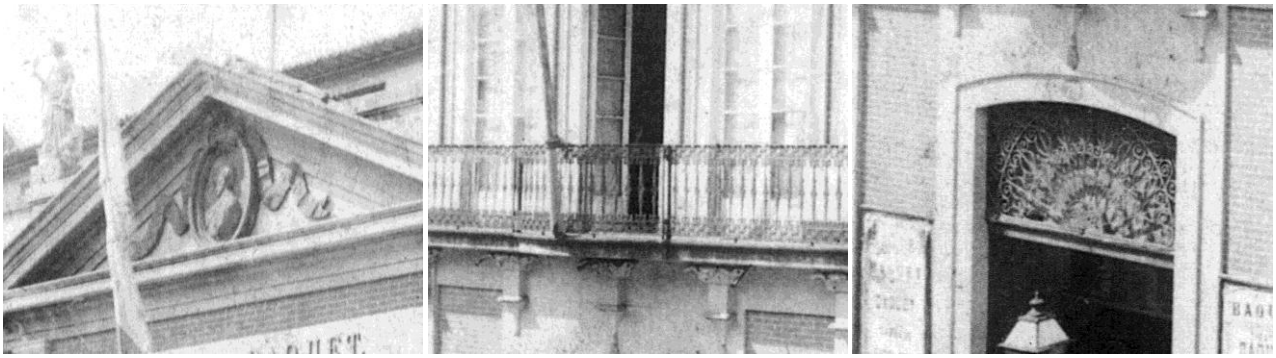


Figura 216 – Teatro Baquet, na Rua de Sá da Bandeira. Focagem nos mesmos detalhes de elementos da fachada da figura 215. Constatação de similaridades.

Capitulo IV

Levantamentos

4.1 Levantamento Fotográfico

Como vemos nas imagens a rua é rica em diversidade de estilos bem como em adaptações ao edificado de projecto. Trata-se de uma rua onde os alçados e interiores dos edifícios sofrem uma mutação, ainda que por vezes ligeira, quase continua. É difícil nos dias de hoje não encontrar um prédio na rua que não esteja em obras, ainda que pequenas.

Neste item podemos observar alguns edifícios ou conjuntos de edifícios que são diversos nas suas fachadas criando um leque variado no perfil da rua. Não se trata de um levantamento exaustivo mas sim de alguns que se destacam da rua pelo seu carácter “único” do ponto de vista arquitectónico.

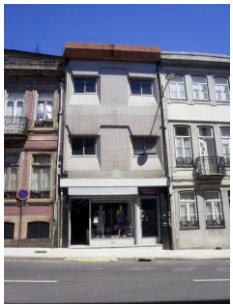
As fotos estão organizadas por número de porta, começando na Praça do Marquês até à Rua 31 de Janeiro.

4.1.1 Edifícios










Da Praça do Marques de Pombal _____ até ao entroncamento com a Travessa do Bonjardim.
















Do entroncamento com a Travessa do Bonjardim _____ até ao cruzamento com a Rua Rampa Normal.
















Do cruzmanteo da Rua Rampa Normal_____até a dobra da Rua Santa Catarina.











Da dobra da Rua Santa Catarina _____até ao cruzamento com a Rua Firmeza.









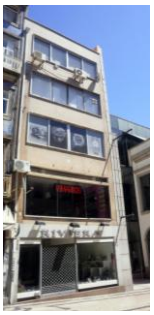




Do cruzamento com a Rua Firmeza_____até ao cruzamento com a Rua Fernandes Tomas.













Do cruzamento com a Rua Fernandes Tomas_____até ao cruzamento com a Rua Formosa.












Do cruzamento com a Rua Formosa_____até ao cruzamento com a Rua Passos Manuel.




Do cruzamento com a Rua Passos Manuel _____até ao cruzamento com a Rua 31 de Janeiro.

4.1.2 Virados a sul

Neste item destaca-se o facto de alguns edifícios, que se encostam á parte norte do lote, deixam livre para jardim parte da frente de lote ganhando assim um terceiro alçado virado a sul que por vezes se torna o mais elaborado.







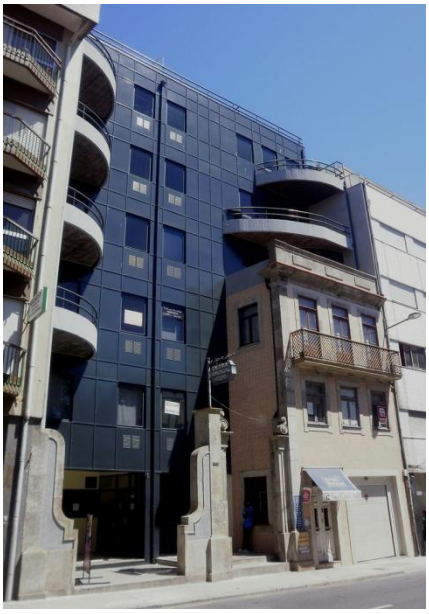






4.1.3 Acrescentos

Na rua existem muitos edifícios onde o projecto edificado originalmente sofreu ampliações – verticalmente – de forma ora discreta e formalmente coerente ora de forma contrastante e assumidamente dissonante. Seguem alguns exemplos que se destacam na rua.














INTHEMIX DJ'S
INTHEMIX DJ'S
Bomfresca


AROSA




Extremo D. Dinis




BRUXELAS
SALDOS
50%
SALDOS
50%

4.1.4 Montras e Estabelecimentos comerciais

Passado e presente

A rua tem nas suas montras - rés-do-chão e primeiro piso – assinatura de arquitectos e engenheiros. Neste levantamento foco alguns exemplos. Neste levantamento foco alguns exemplos. Em desenhos retirados do livro “Lojas do Porto” de Luís Aguiar Branco vemos os projectos de montras comparando-as em projecto e o seu actual estado ou o que se encontra no seu lugar actualmente.

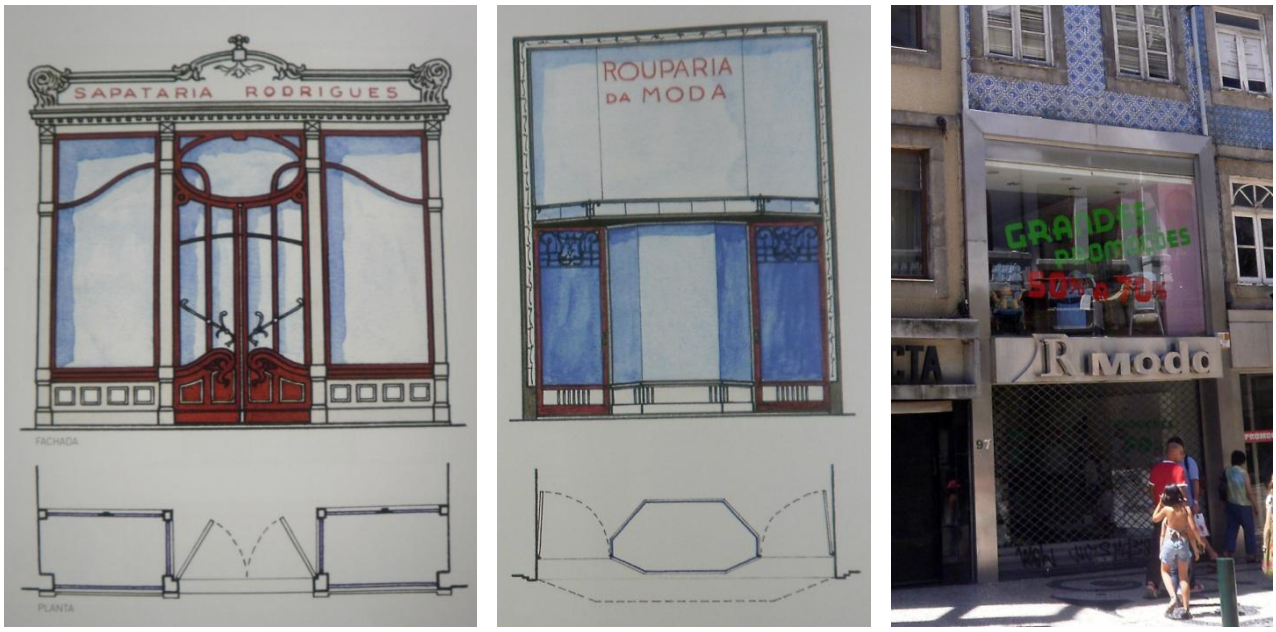


Figura – 1915, Sapataria Rodrigues – Projectado pelo M. Obras Manuel Alves da Maia – nº 95-97.
1928, Rouparia da Moda - Projectado pelo Arq. Amoroso Lopes em conjunto com Manuel Alves da Maia - nº 97.



Figura – 1916, Bazar do Porto Luiz Soares – Projectado pelo Arq. Eduardo c. Alves - nº 192-200.





Figura - 1917, Perfumaria Botelho de Souza - Projectado pelo Arq. Carlos de Sousa - nº 33-36.

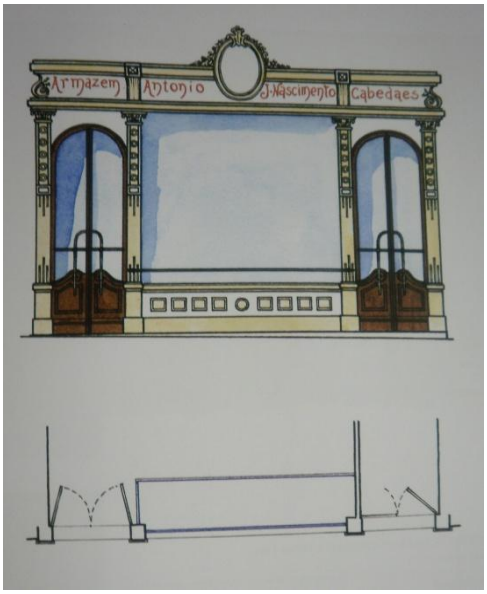




Figura - 1920, António José Nascimento - nº 304.





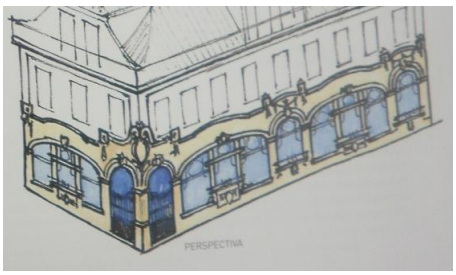




Figura – 1922, Domingos Bacelar & Irmãos – Projectado pelo Arq. Leandro Moraes - nº 188.

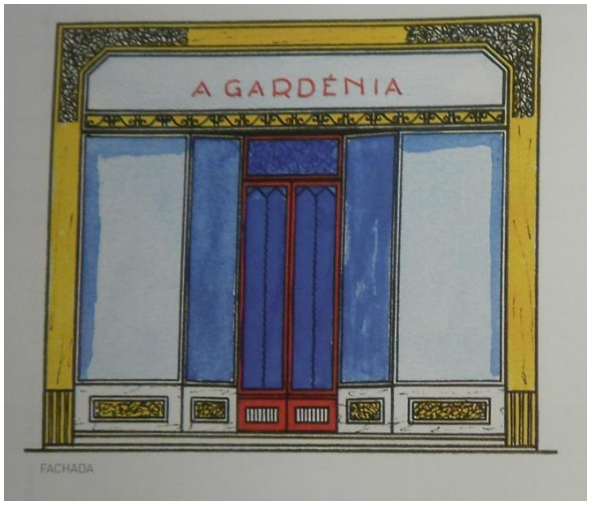




Figura - 1931, Gardénia - Projectado pelo Arq. José Emílio S. Moreira - nº 121.

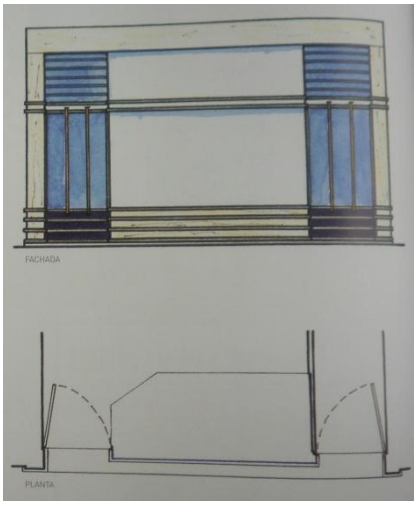




Figura - 1932, Tomaz Cardoso - Projectado pelo Arq. Augusto dos Santos Malta - nº 217.

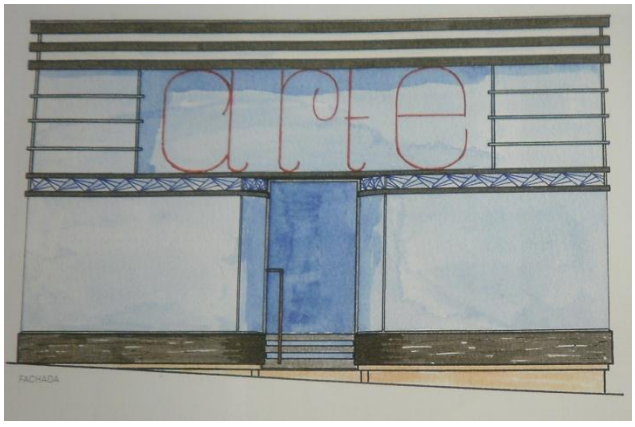




Figura – 1933, Arte (Ângelo de Amorim) – Projectado pelo Arq. Joaquim de Almeida Júnior - nº 9.



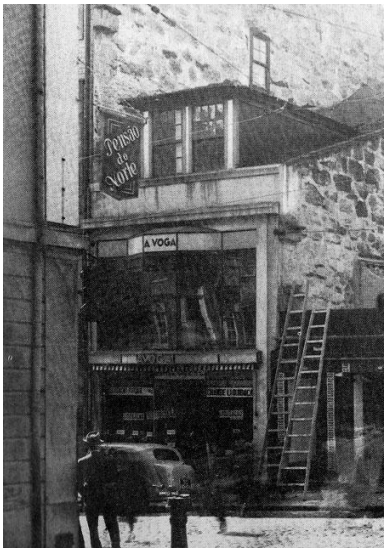




Figura - 1933, Casa Paris - Projectado pelo Arq. José F. Peneda - nº 393-397.





Figura – 1938, Tinoco Perfumarias Cutelarias – Projectado pelo Eng. José R. Lima Júnior - nº 24-28.





Figura - 1933, Adelino A. Perreira - Lanifícios - Projectado pelo Arq. Januário Godinho - nº 15.

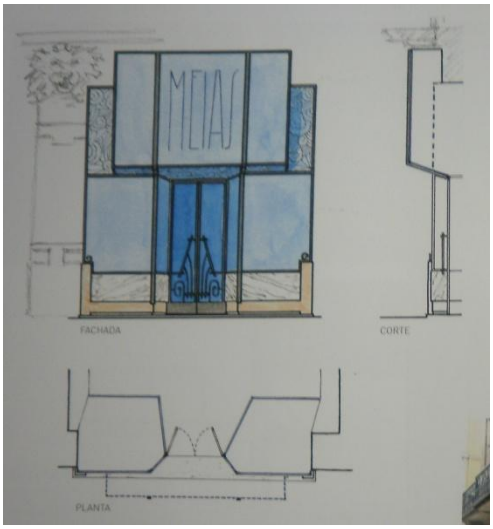
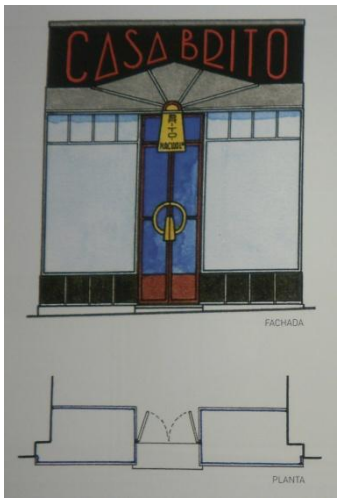




Figura – 1935, Porto Meia – Projectado pelo Arq. Artur de Almeida Júnior – nº 215.



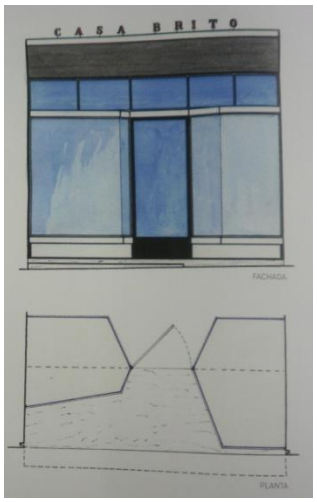




Figura – 1937, Casa Brito – Projectado pelo Arq. Renato Montes – nº 283.
1958, Casa Brito - Projectado pelo Arq. António Côrte-Real – nº 283.





Figura - 1938, Primavera (António Feliciano de Sousa) - Projectado pelos Arq(s) Pereira Leite e Rafael Lopes - nº 275-279.





Figura – 1938, Papélia – Projectado pelos Arq(s). Manuel Marques, Amoroso Lopes – nº 125-127.
1947, Papélia - Projectado pelo Arq. Fernando Ferreira - nº 125-127.

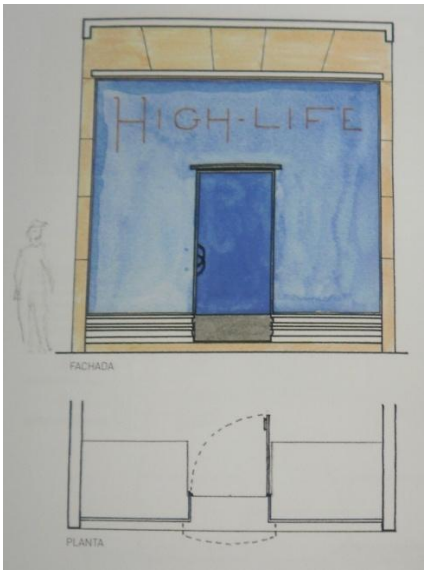




Figura - 1942, High-Life (Manuel José Ferreira) - Projectado pelo Eng. Joaquim Mendes Jorge - nº 155.

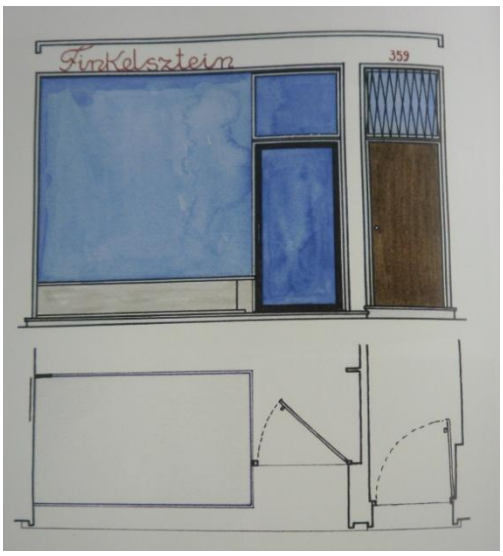




Figura - 1944, Finkelstien - Projectado pelos Arq(s) Januário Godinho e J. Fernando Moura - nº 357.

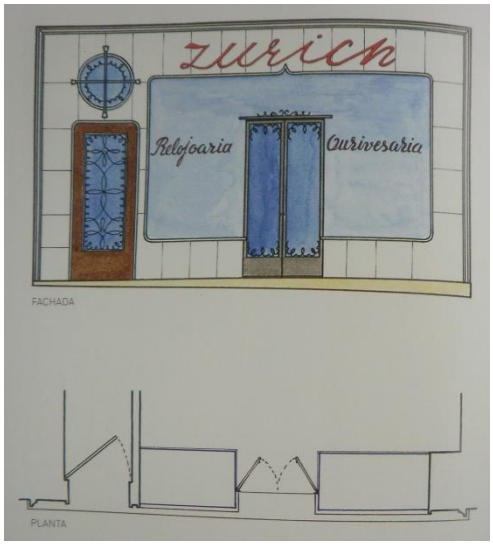




Figura - 1949, Relojoaria-Ouriversaria Zurich - Projectado por Avelino dos Santos - nº 370.

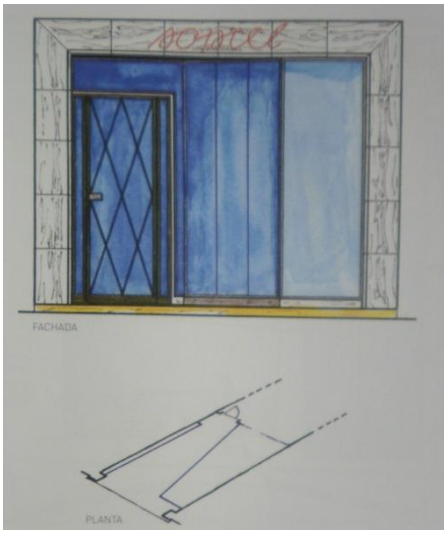




Figura - 1950, SOPREL – Sociedade de Obras e Projectos de Electricidade SARL - Projectado pelo Arq. Rogério Azevedo - nº 470.





Figura - 1954, Rádio Triunfo, LDA. - Projectado pelo Arq. R. Gil da Costa - nº 358.

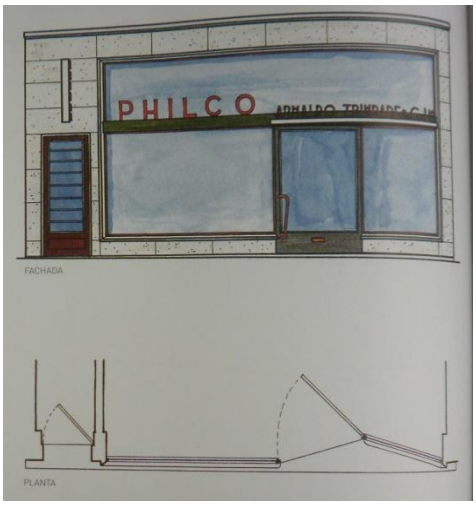




Figura - 1954, Philco – Armando trindade & C.ª LDA - Projectado pelo Arq. Teixeira Lopes - nº 117.

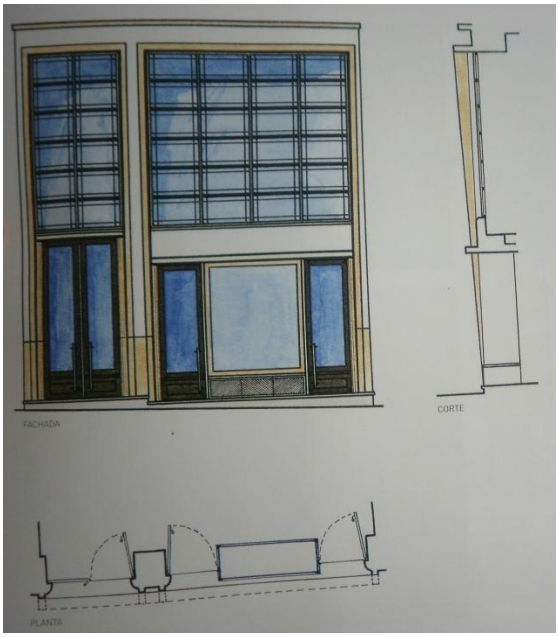
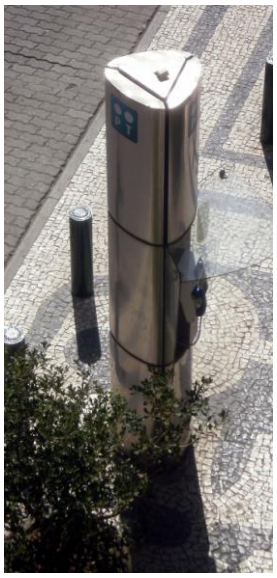




Figura – 1951, Tipografia Joaquim Duarte – Projectado pelo Eng. Armando da Silva Mourão - nº 1184-86

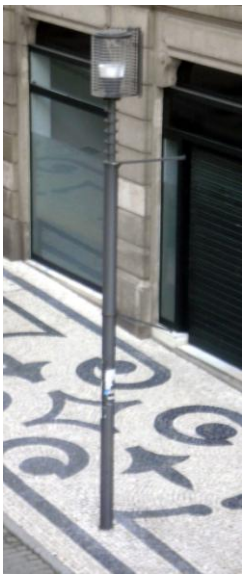
4.1.5 Mobiliário Urbano

Dos bancos da rua até às placas que anunciam os gelados o mobiliário urbano é uma constante nas nossas ruas. Em particular na rua hà uma grande variedade de elementos que preenchem a rua marcando o seu espaço publico.





















4.2 Levantamento de usos

A nível de conservação do edificado a rua apresenta duas realidades quase distintas que se tem mantido ao longo dos últimos anos. Devido À forte presença de actividade comercial no primeiro troço da rua tem havido uma apetência do mercado imobiliário em recuperar e adquirir imóveis nesta parte da rua facilitando a renovação e restauração do património arquitectónico. Já no segundo troço da rua a situação difere. As edificações dos anos 60 e 70 do século passado ladeiam ainda várias ocasiões com edificado devoluto ou em ruína do século XIX.

Ao nível do Rés-do-chão e por vezes primeiro piso predomina o comércio principalmente no primeiro troço da rua. No troço da antiga Rua Santa “Catharina” o comércio de retalho e restauração é o que mais prevalece. Igualmente no primeiro troço da rua, quase todo pedonal actualmente, verifica-se que os restantes pisos dos edifícios não estão somente ocupados por habitações particulares, mas por serviços e empresas. No seguimento da antiga rua da boa hora ou rua da Bela da Princesa o Rés-do-chão está semi-abandonado estando a quase 50% das lojas desocupadas.

De uma forma geral a rua de Santa Catarina apresenta “duas caras” na ocupação do interior edificado. Uma vez mais a transição de uma realidade para outra começa suavemente junto do cotovelo da rua seguindo para norte até à rua de Gonçalo Cristóvão.

A nível de programas excepcionais posso contar com a presença de quatro estabelecimentos de ensino – publico e privado – dos quais dois foram abordados nesta dissertação. Conta também com quatro espaços de culto dos quais três são evangélicos e um católico – Capela das Almas – abordado nesta dissertação. Conta ainda com três estabelecimentos hoteleiros dos quais dois foram abordados igualmente nesta dissertação.

ANEXOS

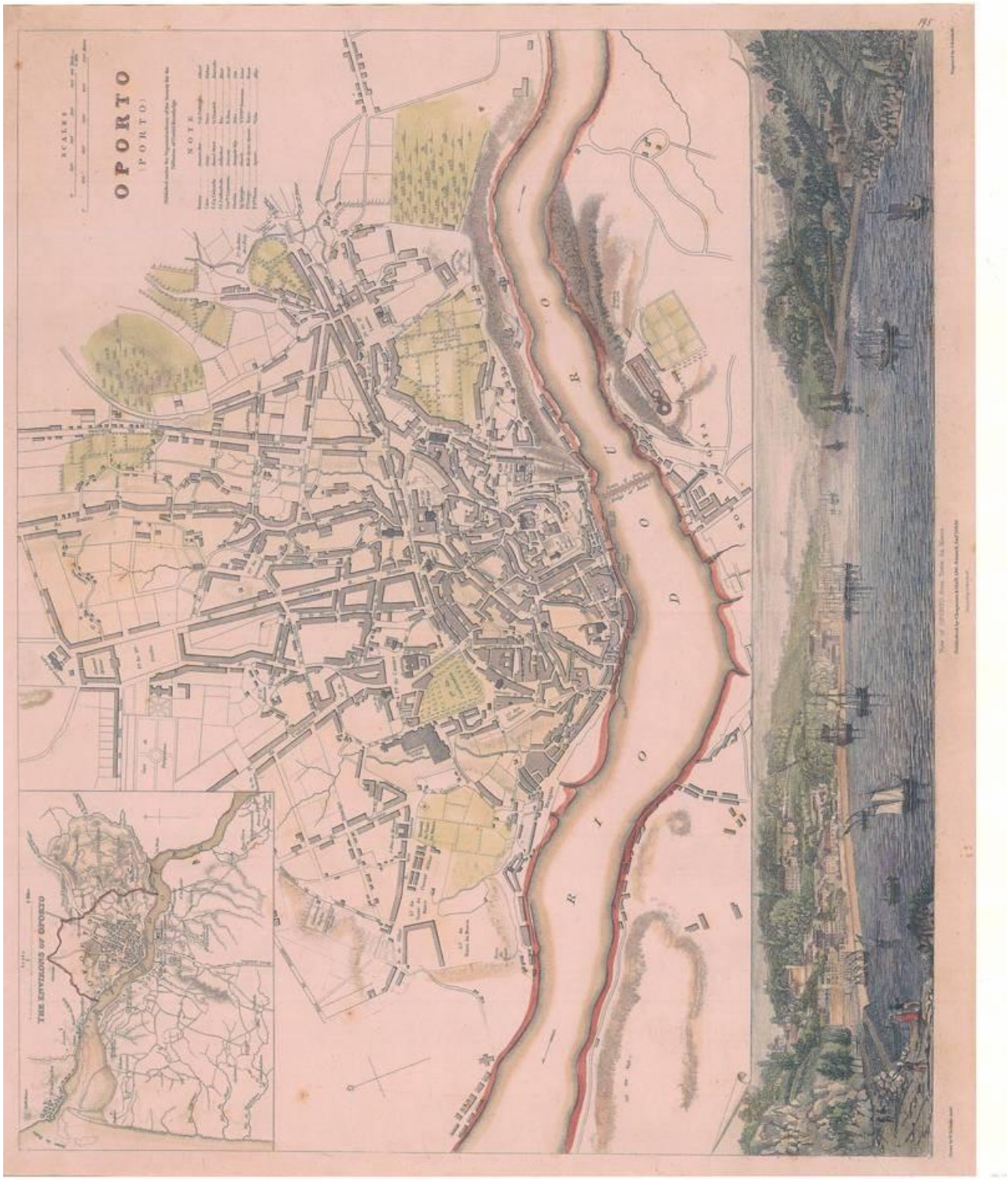
PLANTAS DA CIDADE.



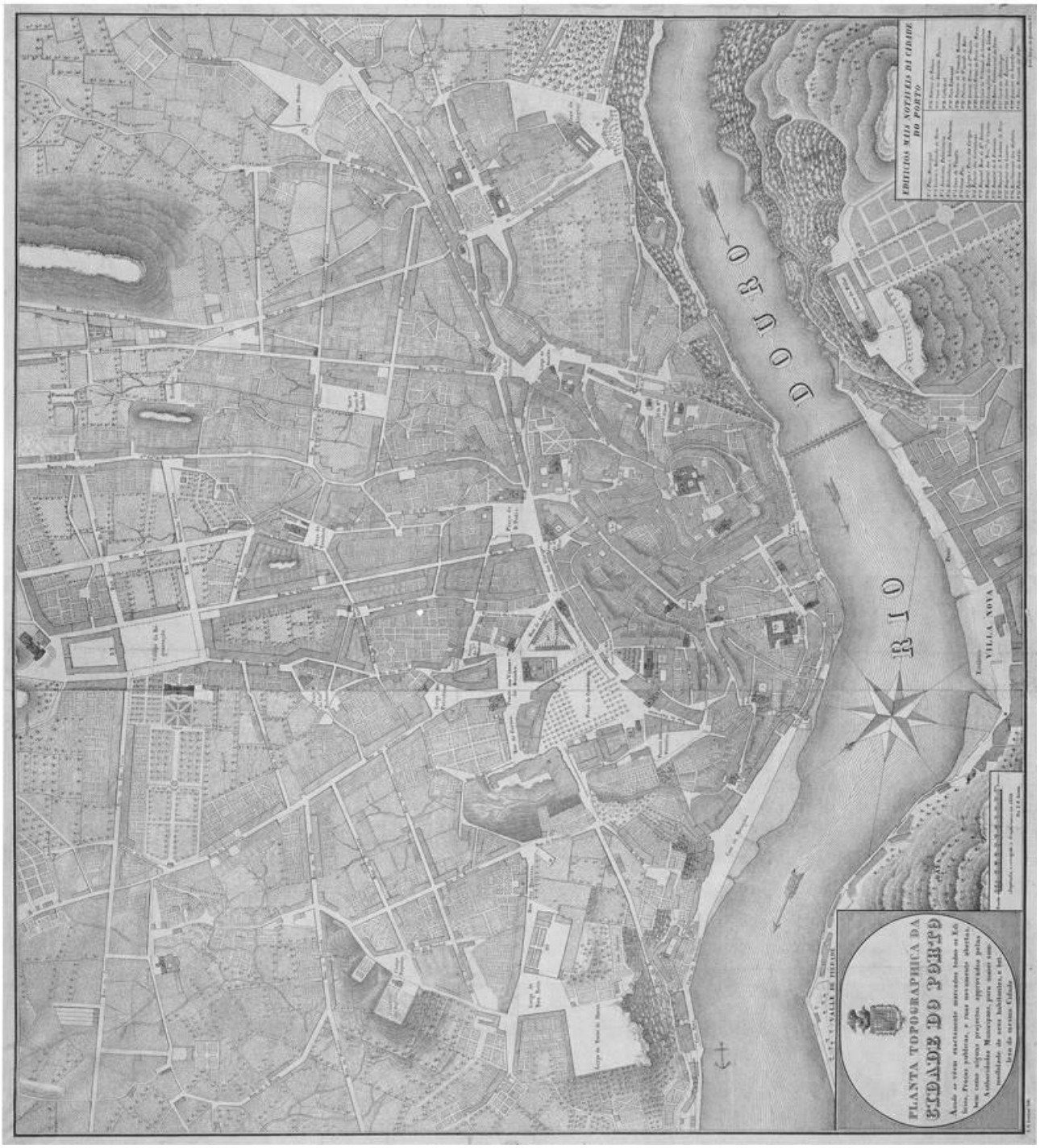
Anexo 1 – Planta Geral do Porto de 1813. Planta desenhada por Gary Barry. Conhecida Por planta redonda é a primeira planta geral da cidade a ser realizada com rigor.



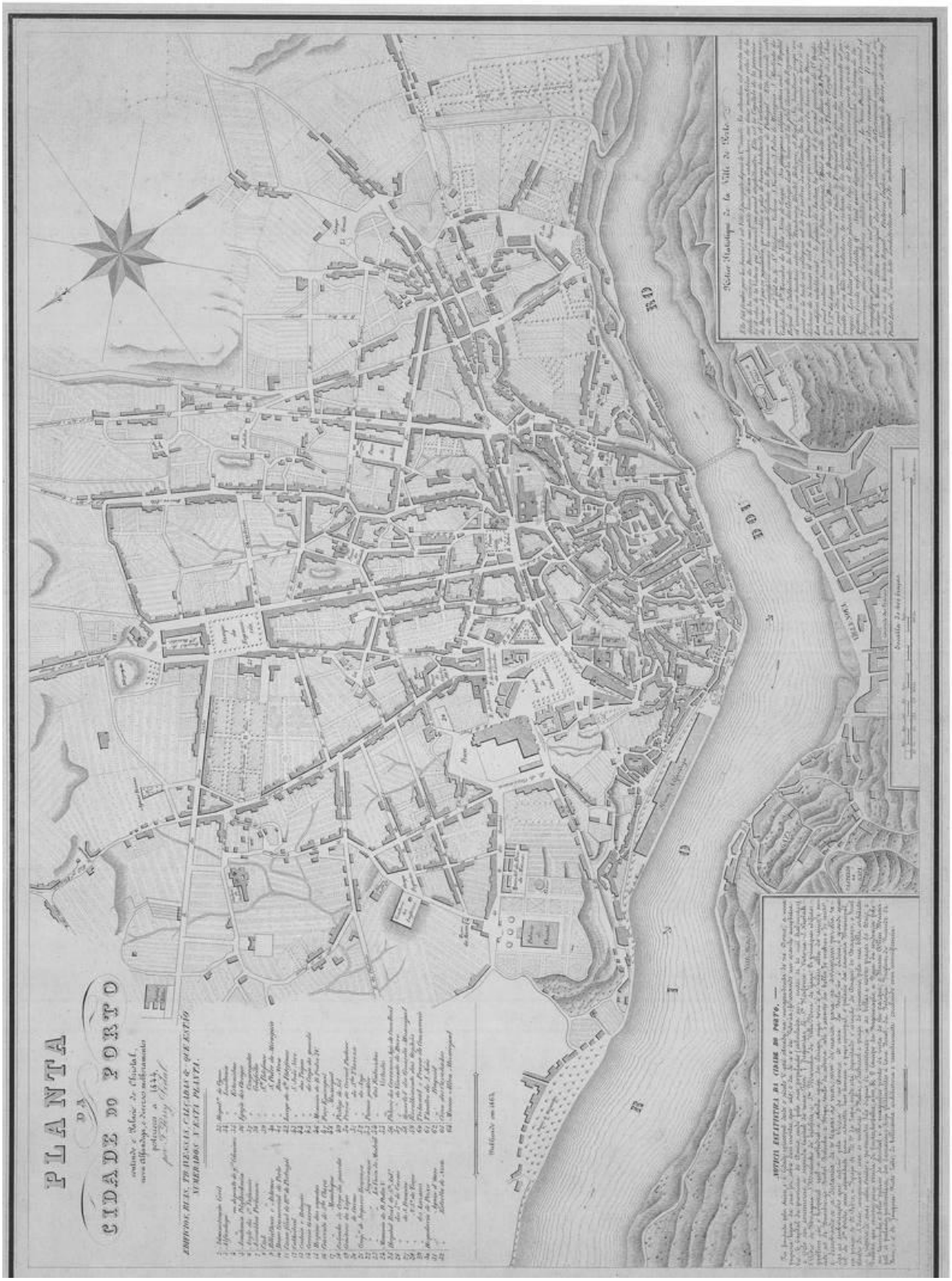
Anexo 2 – Planta Geral do Porto antes de 1824. Planta desenhada por José Francisco de Paiva. Não acrescenta muita informação à de 1813. Tem como objectivo conter e planear a expansão da cidade bem como a sua iluminação.



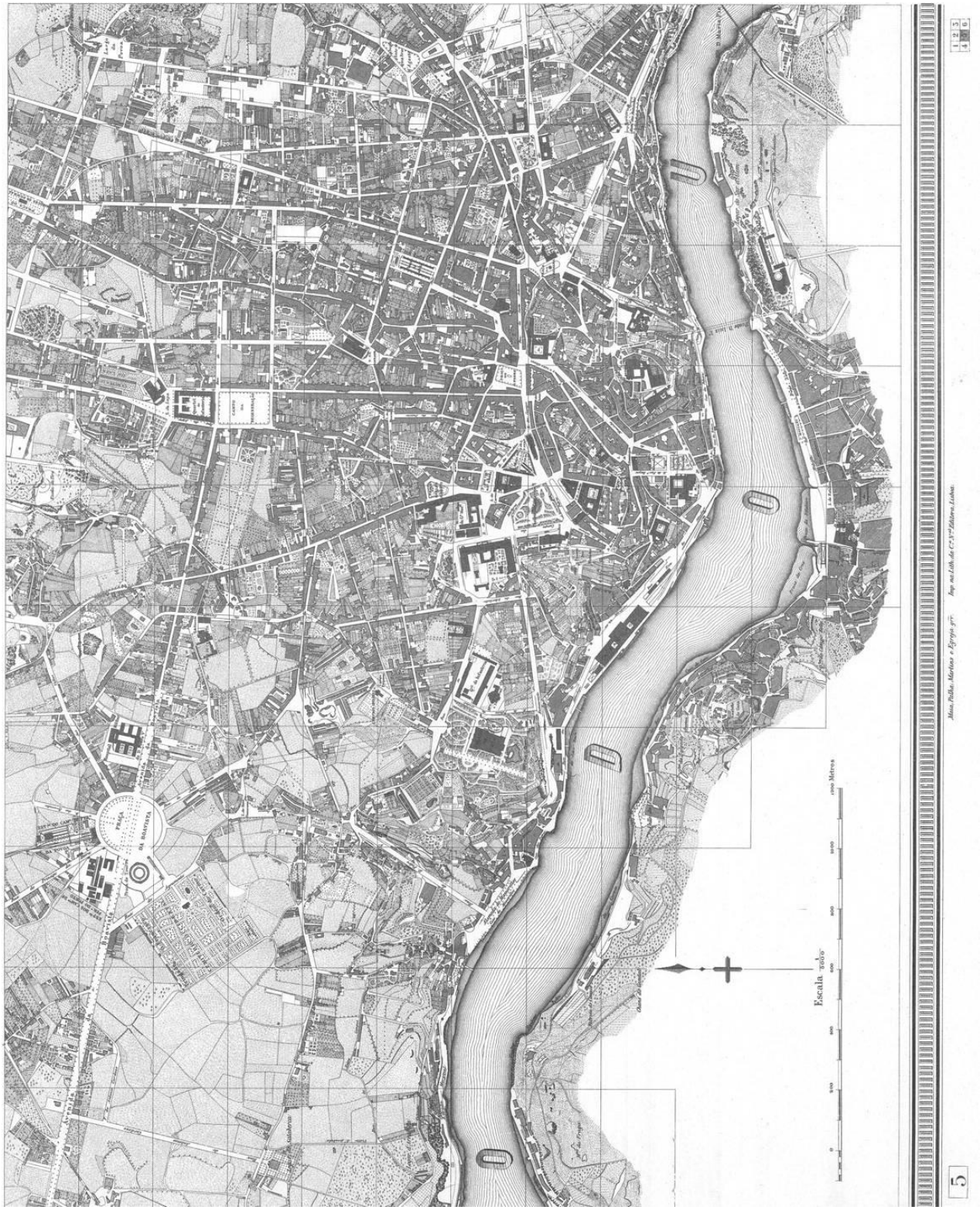
Anexo 3 – Planta Geral do Porto de 1833. Não difere muito da planta de 1813. Planta desenhada por W. C. Clarke. Tem uma perspectiva da barra do Douro em complementaridade. Nela vemos a Torre da Marca.



Anexo 4 – Planta Geral do Porto de 1839. Planta desenhada por J. Costa Lima.



Anexo 5 – Planta Geral do Porto de 1865.



Anexo 6 – Excerto da Planta Geral do Porto de 1892.

Índice de Imagens

Figura 1 – Vista parcial da cidade do Porto no século XX – Arquivo fotográfico Fotografia Alvão.
Figura 2 – Gravura da Cidade do Porto no ano de 1791 – Arquivo da Biblioteca Nacional Digital (B.N.D.)
Figura 3 – A cidade e suas muralhas – In "Porto Antigo"
Figura 4 – Vista da cidade e Ponte Pênsil em 1878 realizada por Isidore Deroy (1797-1886) - Arquivo B.N.D.
Figura 5 – Vendedor de Aves em 1800 - Arquivo B.N.D.
Figura 6 – Cais de Gaia com o Porto ao fundo. Gravura de 1817 – Arquivo B.N.D.
Figura 7 – Limites da Freguesia de Santo Ildefonso em 1956 desenhadas sobre a planta do Porto de 1892. – Planta cedida pelo professor orientador. – Arquivo Histórico Municipal do Porto (A.H.M.P.)
Figura 8 – Pormenor de um perfil de 1793 no qual vemos o perfil da Igreja de Santo Ildefonso. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 9 – Homem e mulher dos arrabaldes do Porto, vindo da romaria do Sr. de Matosinhos. - Arquivo B.N.D.
Figura 9a – Galinheira no Porto. - Arquivo B.N.D.
Figura 10 – Mercado do Bolhão, inaugurado a 9 de Julho de 1862. - Arquivo A.H.M.P.
Figura 11 – Casa projectada para a Rua "Bella da Princeza" em 1830. – Livro planta das casas do A.H.M.P.
Figura 12 – "Ilha" na rua de Santa Catarina nº 957 no ano de 2010. – Foto de Autor
Figura 13 – Exemplos de acrescentos de um piso na Rua (nº 1200, 1998, 1996). – Foto de Autor. Localização dos edifícios na Planta da Cidade de 1892. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 14 – Exemplo do que poderá ter sido umas instalações laborais no fundo do quintal. – Foto de Autor.
Figura 15 – Planta do Porto de Vidal (1892). – Arquivo A.H.M.P.
Figura 16 – Pormenor do vaso em granito. – Foto de Autor.
Figura 16a – Pormenor da platibanda. – Foto de Autor.
Figura 17 – A proliferação da presença de ferro nas fachadas. – Foto de Autor.
Figura 17a – A proliferação da presença de ferro nas fachadas. – Foto de Autor.
Figura 18 – Casas de pequeno porte e possíveis oficinas. – Foto de Autor.
Figura 18a – Casa de pequeno porte. In "Formar a modernidade". FAUP. 2001. Foto José Manuel Rodrigues.
Figura 19 – Brasão da Família Almada. – Arquivo B.N.D.
Figura 20 – Alegoria ao Marquês de Pombal realizada em Paris entre 1762 e 1769 por António Fernandes Roiz (1727 1807). – Arquivo B.N.D.
Figura 21 – Planta da Cidade do Porto e vista da Torre da Marca em 1833. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 22 – Planta da Cidade do Porto de 1892 com a Rua Passos Manuel assinalada. - Arquivo A.H.M.P.
Figura 23 – Planta da Cidade do Porto de 1813 com a Rua Formosa assinalada. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 23a – Planta da Cidade do Porto de 1892 com a Rua Formosa assinalada. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 24 – Planta da Cidade do Porto de 1839 com a Rua Fernandes Tomás assinalada. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 24a – Planta da Cidade do Porto de 1892 com a Rua Fernandes Tomás assinalada. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 25 – Planta da Cidade do Porto de 1824 com a Rua Firmeza assinalada. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 25a – Planta da Cidade do Porto de 1892 com a Rua Firmeza assinalada. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 26 – Planta da Cidade do Porto de 1839 com a Travessa das Almas assinalada. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 26a – Planta da Cidade do Porto de 1892 com a Travessa das Almas assinalada. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 27 – Estátua de Santa Catarina presente na sacristia da Capela das Almas. – Foto de Autor.
Figura 27a – Estátua de Santa Catarina presente no cruzamento da Rua de Santa Catarina com a Rua Passos Manuel. – Foto de Autor.
Figura 28 – Planta de 1774 que mostra a Quinta propriedade do Capitão-mor de Arouca e o futuro alinhamento da Rua Santa Catarina cortando em linha recta "tudo o que for necessário". – Arquivo A.H.M.P.
Figura 28a – Possível localização e limite da Quinta do Capitão-mor de Arouca (1774) sobre a planta da cidade de 1839. – Arquivo A.H.M.P. – Montagem de Autor.
Figura 29 – Igreja de Fradelos em 2009. – Foto de Autor.
Figura 30 – Igreja de fradelos e sua envolvente em 1905. – Foto de Alberto Ferreira – Tipografia Peninsular.
Figura 31 – Perfil de nivelamento do primeiro troço da Rua Santa Catarina em 1778. Troço compreendido entre o actual Largo de Santo Ildefonso e a antiga Viela das Pombas. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 32 – Perfil, virado a nascente, realizado por Pinheiro da Cunha da Rua Santa Catarina em 1778. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 33 – Sobreposição dos dois perfis (figura 31 e 32) demonstrando a coincidência dos dois projectos. – Arquivo A.H.M.P. – Montagem de Autor.
Figura 34 – Projecto de perfil virado a nascente da Rua Santa Catarina em 1784. – Arquivo A.H.M.P.

Figura 35 – Planta do Porto de 1833 (Planta Redonda) destacando-se a zona provável de aplicação do projecto na fig. 34. – Arquivo A.H.M.P. – Montagem de Autor.
Figura 36 – Perfil e Planta altimétrica do arruamento (Bela da Princesa) até à Praça de Aguardente (Marquês de Pombal) no ano de 1806. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 37 – Projecto do perfil para a rua da Bela da Princesa até à Praça de Aguardente (Marquês de Pombal) no ano de 1796. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 38 – Sobreposição da informação da fig. (s) 36 e 37 de modo a verificar se ambos os projectos, separados por uma década, coincidem. – Arquivo A.H.M.P. - Montagem de Autor.
Figura 39 – Nivelamento do início da Rua de Santa Catarina. Sobre o novo nível da rua estão escritos sobre a quem pertencia as terras atravessadas. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 40 – Perfil de 1793 do encontro das ruas de Santo António com Santa Catarina e a escadaria da Igreja de Santo Ildefonso. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 40a – Planta de 1793 do encontro das ruas de Santo António com Santa Catarina e a escadaria da Igreja de Santo Ildefonso. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 41 – Planta de 1794 da Rua de Santo António, escadaria e largo de Santo Ildefonso. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 42 – Planta de 1795 que levanta hipóteses de início/término da Rua de Santo António no seu contacto com a Rua de Santa Catarina e escadaria e largo de Santo Ildefonso. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 43 – Planta de 1857 que indica a direcção do trânsito. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 44 – Pormenor da Planta da cidade de 1982 onde se verifica a configuração final da escadaria da Igreja de Santo Ildefonso. – Arquivo A.H.M.P.

Figura 45 – Gravura da Rua de Santo António antes de 1852. No detalhe podemos ver como estava resolvida a escadaria da Igreja de Santo Ildefonso. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 46 – Fotografia Alvão no início do século XIX onde vemos o obelisco na escadaria. - Arquivo fotográfico Fotografia Alvão.
Figura 47 – Planta de 1807 onde se vê o Monte de Santa Catarina. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 48 – Planta de 1819 do local antes designado de Monte de Santa Catarina agora cortado por um arruamento. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 49 – Planta de 1839 onde já aparecem marcadas edificações na rua que corta o Monte de Santa Catarina. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 50 – Planta de 1840 do local antes designado de Monte de Santa Catarina agora com um desenho de Jardim Publico entre a Rua Santa Catarina e a Rua 24 de Agosto. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 51 – Planta de 1841 do local antes designado de Monte de Santa Catarina agora com uma rua que corta o Monte. Nesta planta vemos igualmente a localização de uma fonte na rua de Santa Catarina. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 52 – Planta de 1859 que mostra um desenho de Jardim Publico para o local em análise. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 53 – Planta de 1866 que mostra o loteamento do cotovelo da actual rua da Alegria. Parece aqui ser definitivamente abandonada a ideia de usar este terreno como Jardim. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 54 – Pormenor da Planta da cidade de 1892 mostrando no local em estudo uma marca/alinhamento no edificado que é uma herança, creio, dos antigos alinhamentos da então Rua 24 de Agosto cruzando com o loteamento mostrado na figura 53. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 55 – Sobreposição da figura 53 e 54 demonstrando as constantes destas. – Arquivo A.H.M.P. – Montagem de Autor.
Figura 56 – Planta de 1801 que mostra em projecto o alinhamento de um troço da actual Rua de Fernandes Tomás. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 57 – Sobreposição da planta de 1801, na figura 56, com a imagem do Google earth de 2009. – Arquivo A.H.M.P. – Montagem de Autor.
Figura 58 – "Mapa geographico" do Sitio de Fradelos de 1810. Nela vemos ainda não executado o alinhamento da Rua Fernandes Tomás. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 59 – Planta de 1838 que mostra o prolongamento da Rua das Musas em direcção a poente. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 60 – Planta de 1838 que mostra a travessa das Almas antes do alinhamento. Nela podemos ver também o projecto de alinhamento da mesma. - Arquivo A.H.M.P.
Figura 61 – Planta sem data que mostra o alinhamento previsto para a "Rua do Duque" que ligaria a Praça da Regeneração, a actual Praça da Republica, à Rua de Santa Catarina. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 62 – Excerto da Planta da cidade anterior ao ano de 1824 onde podemos ver marcado o alinhamento de uma rua transversal à então Rua da bela da Princesa. – Arquivo A.H.M.P. – Montagem de Autor.
Figura 63 – Planta de 1854 mostrando dois possíveis alinhamentos para uma nova rua que ligaria a Rua do Bonjardim à Rua de Santa Catarina. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 64 – Planta de 1861 mostrando o alinhamento de uma nova rua. A crer pela exactidão da mesma, tendo como referencia a igreja de Fradelos, não coincide com a actual Guedes de Azevedo. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 65 – Planta de 1855 mostrando dois possíveis alinhamentos para corrigir o troço da Rua Firmeza entre a Rua de Santa Catarina e a Rua da Alegria. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 66 – Excerto da Planta da cidade de 1892. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 67 – Diversidade do tipo e padrão do azulejo encontrado nas fachadas dos edifícios ao longo da rua. – Foto de Autor.
Figura 68 – Capela das Almas em 2010. Foto trabalhada digitalmente para demonstrar como era antes da colocação dos emblemáticos azulejos que a caracterizam. – Foto de Autor – Montagem de Autor.
Figura 69 – Interior da capela. Nave única com um coro alto. – Foto de Autor.
Figura 69a – Interior da capela. Nave única com um altar-mor. Os altares laterais são trabalhados em talha dourada. – Foto de Autor.
Figura 70 – Capela das Almas nas Plantas Gerais do Porto de 1813, 1824 e 1839. Permanência de um adro de fronte á Capela. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 71 – Local da Capela nas Plantas Gerais do Porto de 1865 e 1892. Desaparecimento do adro de fronte á Capela. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 72 – Casa projectada e aprovada pela Câmara sobre a esquina de Santa Catarina com a rua de São Marçal em 1824. – Planta das Casas - Arquivo A.H.M.P.
Figura 73 – Vitral virado a poente (Rua de Santa Catarina) por cima da entrada da igreja. – Foto de Autor.
Figura 74 – Vista da fachada sul e nascente da capela. Desembocadura da travessa das Almas na Rua Fernandes Tomás. – Foto de Autor.
Figura 75 – Interior da capela. Nave lateral, com entrada independente à face da rua, à nave principal. – Foto de Autor.
Figura 75a – Interior da capela. A nave lateral culmina num espaço de sacristia. – Foto de Autor.
Figura 76 – Interior da capela. Escada de ligação ao primeiro piso que contem aposentos bem como o acesso ao coro alto da igreja. – Foto de Autor.
Figura 77 – Interior da capela. Coro alto da igreja com o órgão e vitral virado a poente. – Foto de Autor.
Figura 78 – Fachada poente da capela. – Foto de Autor.
Figura 79 – Interior da capela. Oratório. – Foto de Autor.
Figura 79a – Interior da capela. Oratório, colocado na parede a norte e sensivelmente a meio da nave da igreja. – Foto de Autor.
Figura 80 – Interior da capela. Instalações sanitárias. – Foto de Autor.
Figura 81 – Capela antes da colocação dos azulejos. Desenho de um álbum de Victoria Vila Nova, pseudónimo de Joaquim Cardoso Villanova, de 1833. – In "Capela das Almas – Uma jóia da azulejaria portuguesa." De Alexandrino Brochado. Livraria Telos Editora, 1985.
Figura 83 – Fachada poente. São Francisco recebe os estigmas de Cristo. – In "Capela das Almas – Uma jóia da azulejaria portuguesa." De Alexandrino Brochado. Livraria Telos Editora, 1985.
Figura 84 – Fachada poente. Coroação de Santa Catarina. – In "Capela das Almas – Uma jóia da azulejaria portuguesa." De Alexandrino Brochado. Livraria Telos Editora, 1985.
Figura 85 – Fachada sul. São Francisco faz um milagre. – In "Capela das Almas – Uma jóia da azulejaria portuguesa." De Alexandrino Brochado. Livraria Telos Editora, 1985.
Figura 86 – Fachada sul. A morte de São Francisco. – In "Capela das Almas – Uma jóia da azulejaria portuguesa." De Alexandrino Brochado. Livraria Telos Editora, 1985.
Figura 87 – Fachada sul. Cristo solta-se da cruz para abraçar São Francisco. – In "Capela das Almas – Uma jóia da azulejaria portuguesa." De Alexandrino Brochado. Livraria Telos Editora, 1985.
Figura 88 – Fachada sul. Súplica de Santa Catarina no *ato* de ser degolada. – In "Capela das Almas - Uma jóia da azulejaria portuguesa." De Alexandrino Brochado. Livraria Telos Editora, 1985.
Figura 89 – Fachada sul. A vitória de Santa Catarina anunciada por um anjo. – In "Capela das Almas – Uma jóia da azulejaria portuguesa." De Alexandrino Brochado. Livraria Telos Editora, 1985.
Figura 90 – Fachada sul. Santa Catarina discute com os sábios de Alexandria. – In "Capela das Almas – Uma jóia da azulejaria portuguesa." De Alexandrino Brochado. Livraria Telos Editora, 1985.
Figura 91 – Interior da capela. Almas do Purgatório. – In "Capela das Almas – Uma jóia da azulejaria portuguesa." De Alexandrino Brochado. Livraria Telos Editora, 1985.

Figura 92 – Interior da capela. Virgem com o Menino. – In "Capela das Almas – Uma jóia da azulejaria portuguesa." De Alexandrino Brochado. Livraria Telos Editora, 1985.
Figura 93 – Igreja durante o culto. Sexta-feira de tarde. – Foto de Autor.
Figura 94 – Exterior da pensão do castelo em 2009. Em primeiro plano um conjunto de dois quartos num volume destacado.
Figura 95 – Localização do lote onde se localiza a pensão na planta do Porto de 1892. Notória a presença da ilha com 24 casas descrita em documentos. - Arquivo A.H.M.P.
Figura 96 – Parque de estacionamento da pensão em 2009. Ao fundo a Rua de Santa Catarina. – Foto de Autor.
Figura 97 – Exterior da pensão do castelo em 2009. Fachada, de entrada, virada a norte. – Foto de Autor.
Figura 97a – Exterior da pensão do castelo em 2009. Fachada virada a nascente. – Foto de Autor.
Figura 98 – Projecto para a nova fronte do lote, voltada para a Rua de Santa Catarina, no ano de 1941. – Arquivo da Pensão do Castelo – Foto de Autor.
Figura 98a – Portaria. Projecto de 1941. – Foto de Autor.
Figura 98b – Projecto para a nova fronte do lote, voltada para a Rua de Santa Catarina, no ano de 1941. – Arquivo da Pensão do Castelo – Foto de Autor.
Figura 99 – Planta, corte e alçados de um projecto de 1943 para os aposentos do "chaufeur" e portaria. – Arquivo da Pensão do Castelo – Foto de Autor.
Figura 100 – Entrada para pensão e pensão ao fundo em 2009. – Arquivo da Pensão do Castelo – Foto de Autor.
Figura 101 – Plantas, cortes e alçado do projecto para a "pérgola". Este projecto de 1941 foi parcialmente edificado conforme a plantas desta figura. – Arquivo da Pensão do Castelo – Foto de Autor.
Figura 102 – Plantas do projecto para a "pérgola". Este projecto de 1943 não foi executado. – Foto de Autor.
Figura 103 – Entrada principal no lote. O "corredor" rampeado de entrada é ladeado pelo parque de estacionamento e pelo jardim. – Foto de Autor.
Figura 104 – Gruta – em betão – que contem estátuas de faraós. – Foto de Autor.
Figura 105 – Conjunto de fotos gerais e de alguns pormenores da capela. – Foto de Autor.
Figura 106 – Foto do desenho do jardim. – Foto de Autor.
Figura 107 – Foto da explanada virada a nascente (e rua Santa Catarina) e jardim que antecede a entrada na casa. – Foto de Autor.
Figura 108 – Fonte. – Foto de Autor.
Figura 109 – Jardim situado a poente da casa. Do lado direito da foto podemos ver uma edificação de rés-do-chão composta por 8 quartos. – Foto de Autor.
Figura 105 – Conjunto de alçados e plantas de 1941 aquando foram realizados alguns melhoramentos internos na casa bem como modificações nas fachadas. – Arquivo da Pensão do Castelo – Foto de Autor.
Figura 105a – Conjunto de plantas de 1941 aquando foram realizados alguns melhoramentos internos na casa bem como modificações nas fachadas. – Arquivo da Pensão do Castelo – Foto de Autor.
Figura 106 – Conjunto de fotos do exterior da casa acastelada da pensão. – Foto de Autor.
Figura 107 – Desenhos da calçada nos espaços exteriores do lote. – Foto de Autor.
Figura 108 – As quatros estações – Primavera, Verão, Outono e Inverno – alegorizadas em quatros painéis presentes no muro norte de separação do lote. – Foto de Autor.
Figura 109 – Detalhe da azulejaria presente no exterior da casa e seus jardins. – Foto de Autor.
Figura 110 – Detalhe da azulejaria presente as coberturas ou beirais. – Foto de Autor.
Figura 111 – Detalhe da azulejaria presente no exterior do lote com figuração humana. – Foto de Autor.
Figura 112 – Detalhe da azulejaria presente no exterior do lote com figuração vegetal e animal. – Foto de Autor.
Figura 113 – Detalhe da azulejaria colorida presente no exterior do lote. – Foto de Autor.
Figura 114 – Proliferação do ferro trabalhado no lote. – Foto de Autor.
Figura 115 – Nestas duas fotos vemos dois candeeiros similares. O primeiro reporta-se ao jardim onde se encontra edifício em estudo. O segundo está colocado em frente à câmara municipal de Paris. – Foto de Autor.
Figura 116 – Espaço exterior do lote do lado poente composto por um recinto ajardinado e um campo de jogos a uma cota mais inferior. Está parte do lote não fazia parte do lote inicial do Comendador. – Foto de Autor.
Figura 117 – Fachada do Hotel voltada para a Rua de Santa Catarina. Vista parcial da antiga Viela das Pombas. – Foto de Autor.
Figura 118 – Localização do actual Hotel nas plantas da cidade de 1813, 1824, 1833, 1839, 1865 e 1892. – Arquivo A.H.M.P. – Montagem de Autor.
Figura 119 – Comunicação da intenção de edificação no terreno de um prédio com projecto – alçados para a Rua Santa Catarina e Viela das Pombas – em anexo datado de 1877. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 120 – Pedido de autorização para a construção do mesmo com projecto da figura 119 com a devida ampliação. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 121 – Anúncio ao Grande Hotel do Porto no Diário de Noticias de 1895. – Arquivo do Grande Hotel do Porto.
Figura 122 – Anúncio ao Grande Hotel do Porto no Guia Oficial dos Caminhos-de-ferro. – Arquivo do Grande Hotel do Porto.
Figura 123 – Planta e alçado da fonte que existia do lado norte da Viela das Pombas. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 124 – Explanada com vista sobre a cidade. – Arquivo do Grande Hotel do Porto.
Figura 125 – Planta de implantação do Hotel aquando o novo projecto de ampliação de 1912. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 126 – Alçados do projecto de ampliação do hotel em 1912. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 127 – Cozinha do Grande Hotel do Porto nas primeiras décadas do século XX. – Arquivo do Grande Hotel do Porto. Fotografia Alvão.
Figura 128 – Explanada do Grande Hotel do Porto nas primeiras décadas do século XX. – Arquivo do Grande Hotel do Porto. Fotografia Alvão.
Figura 129 – Sala de Refeições do Grande Hotel do Porto nas primeiras décadas do século XX. – Arquivo do Grande Hotel do Porto. Fotografia Alvão.
Figura 130 – Sala do Grande Hotel do Porto nas primeiras décadas do século XX. – Arquivo do Grande Hotel do Porto. Fotografia Alvão.
Figura 131 – Cortes longitudinais do projecto de ampliação do hotel em 1912. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 132 – Cortes transversais do projecto de ampliação do hotel em 1912. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 133 – Detalhe, em corte, do saneamento e instalação sanitária de um quarto do hotel. – Arquivo A.H.M.P. Figura 134 – Corredor do Grande Hotel do Porto nas primeiras decadas do século XX. – Arquivo do Grande Hotel do Porto. Fotografia Alvão.
Figura 135 – Quarto do Grande Hotel do Porto nas primeiras decadas do século XX. – Arquivo do Grande Hotel do Porto. Fotografia Alvão.
Figura 136 – Plantas gerais do projecto de ampliação do hotel em 1912. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 136a – Plantas gerais do projecto de ampliação do hotel em 1912. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 137 – Recepção do Grande Hotel do Porto nas primeiras decadas do século XX. – Arquivo do Grande Hotel do Porto. Fotografia Alvão.
Figura 138 – Fachada e Rua Santa Catarina nos anos 40 do Século XX. – Arquivo do Grande Hotel do Porto. Fotografia Alvão.
Figura 139 – Sala de leitura em 2010 e em inícios do século XX. – Foto de Autor / Arquivo do Grande Hotel do Porto. Fotografia Alvão.
Figura 140 – Restaurante em 2010 e em inícios do século XX. – Foto de Autor / Arquivo do Grande Hotel do Porto. Fotografia Alvão.

Figura 141 – Jardim de Inverno em 2010 e em inícios do século XX. – Foto de Autor / Arquivo do Grande Hotel do Porto. Fotografia Alvão.
Figura 142 – Escola preparatória EB 2/3 Augusto Gil. Campo de Jogos. – Foto de Autor.
Figura 143 – Localização da actual Escola nas plantas da cidade de 1813, 1824, 1833, 1839, 1865 e 1892. – Arquivo A.H.M.P. – Montagem de Autor.
Figura 144 – As duas entradas para a escola. Na imagem da esquerda a entrada por Santa Catarina e à direita pela Rua da Alegria. – Foto de Autor.
Figura 145 – Possíveis limites do lote aquando a abertura do Colégio da Estrela e da Actual Escola Augusto Gil sobre a planta geral do Porto de 1892. – Arquivo A.H.M.P. – Montagem de Autor.
Figura 146 – Notícias e anúncios ao Colégio no Jornal "A Voz do Tamega" de 1919. Na primeira imagem são anunciados os bons resultados de suas alunas.
Figura 147 – Noticias e anúncios ao Colégio no Jornal "O Primeiro de Janeiro" anunciando os resultados "bons e excelentes" de suas alunas. – Arquivo da Escola EB 2/3 Augusto Gil.
Figura 148 – Perspectiva isométrica da parte voltada a poente do Colégio João de Deus. – Arquivo da Escola EB 2/3 Augusto Gil.
Figura 149 – Contrato de Arrendamento celebrado em Outubro de 1919 por um período de 3 anos com uma renda de 400 escudos Arquivo da Escola EB 2/3 Augusto Gil.
Figura 150 – Novo Contrato de Arrendamento celebrado em Novembro de 1919 por um período de 10 anos com uma renda de 150 escudos. – Arquivo da Escola EB 2/3 Augusto Gil.
Figura 151 – Contrato de Arrendamento celebrado em Outubro de 1928 por um período de 3 anos com uma renda de 450 escudos. – Arquivo da Escola EB 2/3 Augusto Gil.
Figura 152 – Projecto de ampliação de 1929 do Colégio João de Deus com a construção de um ginásio e novas salas de aulas. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 152a – Lavabo anexo ao Dormitório. – Arquivo da Escola EB 2/3 Augusto Gil.
Figura 153 – Pátio norte da escola Augusto Gil. Ao fundo um dos alçados do projecto de ampliação de 1929. – Foto de Autor.
Figura 154 – "Grande Hall" do projecto de 1929 do novo volume do Colégio. – Foto de Autor.
Figura 155 – Ginásio, por baixo do "Grande Hall", do projecto de 1929 do novo volume do Colégio. – Foto de Autor.
Figura 156 – Dormitório, por cima do "Grande Hall", do projecto de 1929 do novo volume do Colégio. – Foto de Autor.
Figura 157 – Novo volume da escola construído em 1956. O Ultimo piso foi uma ampliação posterior a 1956. – Foto de Autor.
Figura 158 – Projecto de 1936 para a nova escadaria de entrada no Colégio pela Rua Santa Catarina. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 159 – Memoria Descritiva do projecto de 1936 para a nova escadaria de entrada no Colégio pela Rua Santa Catarina. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 160 – Fachada virada a poente da nova escadaria de entrada no Colégio pela Rua Santa Catarina. – Foto de Autor.

Figura 161 – Vistas do conjunto de escadaria (de entrada do Colégio por Santa Catarina) e salas do projecto de 1936 e seu estado avançado de degradação. – Foto de Autor.
Figura 162 – Vistas do conjunto edificado da Escola Augusto Gil. – Foto de Autor.
Figura 162a – Vistas do conjunto edificado da Escola Augusto Gil. – Foto de Autor.
Figura 163 – Conjunto de fotos mostrando a diversidade da azulejaria que encontramos dentro da Escola. – Foto de Autor.
Figura 164 – Sala de Musica, Sala de Desenho e Auditório. – Foto de Autor.
Figura 165 – Cantina e cozinha e balneários da Escola. Situam-se no bloco edificado em 1930. – Foto de Autor.
Figura 166 – Fotos de partes do percurso de entrada por Santa Catarina. – Foto de Autor.
Figura 167 – Loja Reis e filhos e o início da Rua de Santa Catarina em 2010. – Foto de Autor.
Figura 168 – Postal com Rua 31 de Janeiro em 1904. Do lado direito vemos o prédio de esquina com a fronte do seu rés-do-chão original. - Arnaldo Soares, Série Geral, Postal n.º 239
Figura 169 – Postal com Rua 31 de Janeiro. Do lado direito vemos o prédio de esquina com a nova fronte da Loja Reis & Filhos. – Postais - Arquivo A.H.M.P.
Figura 170 – Alçados do projecto do prédio que alberga no rés-do-chão a Loja Reis & Filhos. Este desenho data de 1823. – Livro das Casas - Arquivo A.H.M.P.
Figura 171 – Rua de Santa Catarina no início do século XX. Do lado esquerdo – o primeiro edifício – vemos o rés-do-chão com o mesmo desenho que o projecto de 1823.
Figura 172 – Rua de Santa Catarina antes do cortejo de carnaval de 1905. In "O bilhete-postal ilustrado e a história urbana do Porto." De José Manuel da Silva Passos - Caminho, Lisboa, 1994.
Figura 173 – Fotografia do início do século XX. Esquina da Rua 31 de Janeiro e Santa Catarina. In "O bilhete-postal ilustrado e a história urbana do Porto." De José Manuel da Silva Passos - Caminho, Lisboa, 1994.
Figura 174 – Largo de Santo Ildefonso. In "O bilhete-postal ilustrado e a história urbana do Porto." De José Manuel da Silva Passos - Caminho, Lisboa, 1994.
Figura 175 – Esboços da fachada e tectos da Loja Reis & Filhos. In "Lojas do Porto." De Luís Aguiar Branco. Edições Afrontamento, 2009.
Figura 176 – Sobreposição do alçado original com o esboço de Luís Aguiar Branco. In "Lojas do Porto." De Luís Aguiar Branco. Edições Afrontamento, 2009. – Montagem de Autor
Figura 177 – Esboço da planta e corte da Loja por de Luís Aguiar Branco. In "Lojas do Porto." De Luís Aguiar Branco. Edições Afrontamento, 2009.
Figura 178 – "Balizamento" no início da rua. – Foto de Autor.
Figura 179 – Café Majestic em 2010. – Foto de Autor.
Figura 180 – Localização do actual Café nas plantas da cidade de 1824, 1833, 1839, 1865 e 1892. – Arquivo A.H.M.P. – Montagem de Autor.
Figura 181 – Esquina da Rua de Santa Catarina com a Rua Passos Manuel. Foto do inicio do século XX. In "A cidade do Porto na obra do fotógrafo Alvão : 1872-1946." Fotografia Alvão, Porto, 1993.
Figura 182 – Fachada estilo Arte nova do Café Majestic. – Foto de Autor.
Figura 183 – Interior do Café. Animação cultural. In "www.cafemajestic.com"
Figura 183a – Recriação do ambiente cultural do Café. In "www.cafemajestic.com"
Figura 184 – Interior do Café. Após o restauro em 1994 o espaço este mantém a traça original até aos dias de hoje. - Fotografia Beleza.
Figura 185 – Foto de 1916 do Jardim Passos Manuel cujo Café tinha acesso pelas traseiras. - Fotografia Estrela Vermelha
Figura 185a – Pormenor da planta do Porto de 1892 onde se vê a planta do jardim. Assinalado a vermelho está o edifício que continha o Café. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 186 – Memória descritiva de 1921 aquando a mudança da fachada do edifício para a nova fronte do café. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 187 – Alçado, corte e planta da nova fronte do edifício. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 188 – Armazéns Nascimento. Actualmente dividem o edifício dois estabelecimentos, a FNAC e o C&A. – Foto de Autor.

Figura 189 – Plantas do projecto de 1914 do Arquitecto Marques da Silva. In “Marques da Silva : o aluna, o professor, o arquitecto.” De Mário João Mesquita, Inês Sarmento e Domingos Tavares. Porto. IMS, 2006.
Figura 190 – Alçados e cortes do projecto de 1914 do Arquitecto Marques da Silva. In “Marques da Silva : o aluna, o professor, o arquitecto.” De Mário João Mesquita, Inês Sarmento e Domingos Tavares. Porto. IMS, 2006.
Figura 191 – Conjunto de esquiços do Arquitecto Marques da Silva para o projecto dos Grandes Armazéns Nascimento. In “Marques da Silva : o aluno, o professor, o arquitecto.” De Mário João Mesquita, Inês Sarmento e Domingos Tavares. Porto. IMS, 2006.
Figura 192 – Esquina da Rua Santa Catarina com A Rua Passos Manuel durante o carnaval de 1906. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 193 – Edifício oitocentista que ficava na esquina da Rua Santa Catarina com A Rua Passos Manuel. In “A cidade do Porto na obra do fotógrafo Alvão : 1872-1946.” Fotografia Alvão, Porto, 1993.
Figura 194 – Armazéns Nascimento século XX. – Arquivo A.H.M.P.
Figura 194a – Armazéns Nascimento fotografado por Teófilo Rego em 1953. - Arquivo Teófilo Rego.
Figura 195 – Rés-do-chão dos Armazéns Nascimento na Rua Santa Catarina. – Foto de Autor.
Figura 196 – Esquina da Rua de Santa Catarina com a Rua Passos Manuel. Foto do inicio do século XX. Pormenor da “Photographia” Alvão. In “A cidade do Porto na obra do fotógrafo Alvão : 1872-1946.” Fotografia Alvão, Porto, 1993. – Montagem de Autor.
Figura 196a – Instalações da Fotografia Alvão em 2010. – Foto de Autor.
Figura 197 – Publicidade à “Photographia” Guedes. – Arquivo da Associação do Comércio Tradicional.
Figura 198a – Antiga Casa de Fotografia Teófilo Rego na Rua de Santa Catarina. – Foto de Autor.
Figura 199 – Antigo Liceu Portuense onde até há poucos anos funcionou a D.G.E.M.N. – Foto de Autor.
Figura 199a – Antigo Liceu Portuense. Detalhe do brasão apagado. – Foto de Autor.
Figura 200 – Esquina da Rua de Santa Catarina com a Rua Passos Manuel. Foto do inicio do século XX. In “A cidade do Porto na obra do fotógrafo Alvão : 1872-1946.” Fotografia Alvão, Porto, 1993.
Figura 200a – Esquina da Rua de Santa Catarina com a Rua Passos Manuel. Foto de 2010. – Foto de Autor.
Figura 201 – Capa do disco “Espera-me na Casa Inglesa.” Musica que continha na sua letra referencias ao edifício abordado neste item.
Figura 202 – Esquiço da fachada, planta e cortes ao nível do rés-do-chão. In “Lojas do Porto.” De Luís Aguiar Branco. Edições Afrontamento, 2009.
Figura 203 – Rede de eléctricos em 1913. Planta do Manual do viajante em Portugal de L. de Mendonça e Costa.
Figura 204 – Rua de Santa Catarina nos anos 30 do século XX. Dois tipos de eléctricos a circularem pela rua. In “Lojas do Porto.” De Luís Aguiar Branco. Edições Afrontamento, 2009.
Figura 205 – Revivalismo da linha do eléctrico na Rua de Santa Catarina. Carreira 22 Carmo.
Figura 205a – Eléctrico turístico “City Tour”. – Foto de Autor.
Figura 206 – Casa de Saúde de Santa Catarina. – Foto de Autor.
Figura 207 – Projecto para o edifício em 1825.
Figura 208 – Rés-do-chão com o mesmo desenho idêntico ao do projecto de 1825.
Figura 209 – Edifício no início do século XX ainda sem o rés-do-chão alterado.
Figura 210 – Sobreposição do alçado original com o esboço de Luís Aguiar Branco.
Figura 211 – Esboço do alçado da Livraria por Luís Aguiar Branco.
Figura 212 – Fotografias dos alçados da Livraria Latina em 2010. – Foto de Autor.
Figura 212a – Busto de Luís Vaz de Camões. Único busto (publico) do escritor na cidade na época e até então. – Foto de Autor.
Figura 213 – Externato de Nossa Senhora da Paz. – Foto de Autor.
Figura 214 – Shopping Center Via Catarina, antigo edifício do jornal “ O Primeiro de Janeiro”. – Foto de Autor.
Figura 215 – Detalhes de elementos da fachada que não foram modificados no projecto do Shopping. – Foto de Autor.
Figura 216 – Teatro Baquet, na Rua de Sá da Bandeira. In “A cidade do Porto na obra do fotógrafo Alvão : 1872-1946.” Fotografia Alvão, Porto, 1993.

BIBLIOGRAFIA

- ALVÂO, Domingos – A cidade do Porto na obra do fotógrafo Alvão : 1872-1946. Fotografia Alvão, Porto, 1993.
- BASTO, Artur de Magalhães – *Porto do Romantismo*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1932.
- BRANCO, Luís Aguiar – Lojas do Porto. Edições Afrontamento, 2009
- BROCHADO, Padre Alexandrino. Capela das Almas – Uma jóia da azulejaria portuguesa. Livraria Telos Editora, 1985.
- BROCHADO, Padre Alexandrino. O Porto e as suas Igrejas Azulejadas. 1990.
- BROCHADO, Padre Alexandrino – Santa *Catarina – Historia de uma Rua,* Livraria Telos Editora, Porto, 1996.
- CRUZ, J. S. Paulo – *A Arte do Ferro Porto*, Edições Asa, 1997
- CRUZ, Maria Antonieta – *Os Burgueses do Porto Na Segunda Metade do Século XIX*. Fundação Eng. António de Almeida. Porto, Março 1999.
- FERNANDES, José A. Rio – Porto: cidade e comércio, Porto, Arquivo Histórico da CMP, 1997.
- FERNANDES, Francisco Barata – Transformação e Permanência na Habitação Portuense, As formas da casa na forma da cidade. FAUP publicações. Porto, 1999.
- FERRÃO, B. J. Projecto e transformação urbana do Porto na época dos Almadas (1758/1813). Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina. Faup. Porto, 1989.
- FREITAS, Eugénio Andrea da Cunha e; *Toponímia Portuense*. Contemporânea. Porto, 1999.
- FONSECA, Ricardo. *O Carro Eléctrico no Porto,* Editada pela Sociedade de Transportes Colectivos do Porto, Porto, 1995. Pp. 61.
- Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal do Porto, Plano Director da Cidade do Porto. Porto, 1962.
- GARRETT, Antão de Almeida; História da Evolução dos Planos Gerais de Urbanização da Cidade do Porto; FEUP; Porto; 1974.
- GARRETT, Antão de Almeida; Plano Regulador da Cidade do Porto; separata da revista Civitas, 8º ano. Porto; 1952.
- MACHADO, Maria de Fátima Pereira, O Porto de D. Manuel e D. João III (1518-1530). Dissertação de mestrado. Porto, 1997.
- MANDROUX-FRANÇA, – -T.: "Quatro Fases da Urbanização do Porto no Século XVIII". Boletim Cultural da Câmara Municipal. 1- Série. Voo. 2.Oporto, 1984.
- MARQUES, Hélder; FERNANDES, José A. Rio; MARTINS, Luís P. "Percursos nos espaços e memórias". Porto, Afrontamento, 1990.
- MENDES, M.: "Porto: École et Projects 1940-1986. Experiénces Simultanées de l' évolution de l' Architecture", Architectures à Porto. Pierre Mardaga. Liège, 1990.
- MESQUITA, Mário João; SARMENTO, Inês; DOMINGOS, Tavares. "Marques da Silva : o aluno, o professor, o arquitecto."Porto. IMS. 2006.
- MONTEIRO, João Pedro – O Azulejo no Porto, Estar editora, Lisboa, 2001
- MORAES, A. C. da C.: Os Melhoramentos da Cidade do Porto. Porto, 1916.

- NONELL, Anni Gunther, "Porto". In Guia Expresso das Cidades e Vilas Históricas de Portugal, vol. l, Lisboa Expresso. 1996.

- NONELL, Anni Gunther, *Porto, 1763 / 1852. A Construção da Cidade entre Despotismo e Liberalismo*. Faup, 1998.

- OLIVEIRA, J. M. Pereira de; O Espaço Urbano no Porto: Condições Naturais de Desenvolvimento; Instituto de Alta Cultura – Centro de Estudos Geográficos; Coimbra, 1973.

- PACHECO, Hélder – Tradições e agires: as freguesias do Porto. "Povos Culturas", Lisboa, 3, 1988.

- PASSOS, José Manuel da Silva – O bilhete-postal ilustrado e a história urbana do Porto. Caminho, Lisboa, 1994.

- PEREIRA, Gaspar Martins, Famílias Portuenses na Viragem do Século (1880-1910). Porto, 1995.

- Plano Director da Cidade do Porto. Dir. Robert Auzelle, 3 vol. Câmara Municipal, Gabinete de Urbanização. Porto, 1962.

- Plano de Salubrização das Ilhas do Porto. Câmara Municipal. Porto, 1956.

- Plano de Melhoramentos, 1956-66, Direcção dos Serviços do Plano de Melhoramentos, C.M.P.,1966.

- Porto Património Mundial: Processo de Candidatura do Centro Histórico do Porto à UNESCO – livro II; Porto / CMP; 1ª Edição; 1998.

- RAMOS, L. Oliveira (coord.) - História da cidade do Porto, Porto, Porto Editora, 1994.

- REAL, M. L, TAVARES, R.: "Bases para a compreensão do desenvolvimento urbanístico do Porto", in A Cidade em Portugal: onde se vive, "Povos e Culturas", num. 2. Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 1987..

- RIO FERNANDES, J. A.: O Comércio na Cidade do Porto (uma abordagem geográfica). Tese Doutoramento em Geografia Humana, Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Porto, 1993.

- SILVA, Francisco Ribeiro da - O Porto entre as Luzes e o Liberalismo, Lisboa: Edições Inapa, 2001.

- TAVARES, Rui, "A Carta Topográfica da Cidade do Porto de 1892 - Uma base cartográfica para a gestão urbanística municipal". In Uma Cartografia Exemplar. O Porto em 1892. Exposição Comemorativa do 1° Centenário da Carta Topográfica de A. G. Teles Ferreira. Porto, Arquivo Histórico Municipal. 1992.

- VALADA, Rui. *"Espaço público: uma aposta para o futuro"*. In FERREIRA, António Fonseca, Sociedade e Território nº 37/38. "20 anos de (re)visitas sobre nós, 20 anos de (actual)idade.

- VASCONCELOS, Domingas. A Praça do Marquês de Pombal na Cidade do Porto, FAUP, Porto, 2008

- TAVARES, Rui, "A Carta Topográfica da Cidade do Porto de 1892". In Porto -Projectar a Cidade, 4. Porto, Arquivo Histórico Municipal. 1992.

SITES:

www.monumentos.pt
www.ippar.pt
www.purl.pt
www.grandehotelporto.com